

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

**IDENTIDADE E HOSPITALIDADE EM QUESTÃO: UM
OLHAR SOBRE UBERLÂNDIA, MG**

MARCIA CAPARELLI

**SÃO PAULO
2005**

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

**IDENTIDADE E HOSPITALIDADE EM QUESTÃO: UM
OLHAR SOBRE UBERLÂNDIA, MG**

MARCIA CAPARELLI

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Políticas e Gestão em Hospitalidade e Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário R. Salles

**SÃO PAULO
2005**

C238i

Caparelli, Marcia

Identidade e hospitalidade em questão: um olhar sobre
Uberlândia – MG / Márcia Caparelli. – 2005.

223f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade
Anhembi Morumbi, São Paulo, 2005.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Rosário R. Salles

Bibliografia: f.156

1. Identidade 2. Hospitalidade - Aspectos sociais. 3.
Hospitalidade - Administração. 4. Hospitalidade Turística.
I. Título.

CDD 647.94

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Selmane Felipe de Oliveira

Prof^a Dr^a Senia Bastos

Prof^a Dr^a Maria do Rosário R. Salles

Dedicatória

*À minha mãe e ao meu pai, testemunhas
e personagens dessa História.*

Agradecimentos

Nenhum trabalho se concretiza sem o apoio e o suporte das pessoas que nos cercam. Agradeço aos que tornaram possível essa realização:

À minha família, que esteve presente em todos os momentos e que compreendeu as ausências, a falta de tempo, a correria... Especialmente aos meus filhos Mauro Sérgio, Paulo Víctor e Ana Carolina que me auxiliaram na digitalização dos mapas e figuras, além de darem suporte nas ocasiões em que deles necessitei.

À Profª Drª Maria do Rosário R. Salles, pela presença firme, pela orientação precisa e capaz.

Aos demais professores da Universidade Anhembi Morumbi, sempre pacientes e incentivadores, especialmente a Profª Drª Sênia Bastos e a Profª Drª Ada de Freitas Maneti Dencker, participantes da banca de qualificação, pelas considerações valiosas para o andamento do trabalho de pesquisa.

Agradeço a Nancy e sua família, que tão gentilmente me receberam em São Paulo, exercendo a hospitalidade para comigo nesses dois anos de curso.

À Profª Drª Beatriz Ribeiro Soares e ao Prof. Dr. Selmane Felipe de Oliveira, pela acolhida, pelas sugestões e pelas entrevistas que tanto enriqueceram a reflexão desta pesquisa.

Finalmente, quero agradecer a todos os meus entrevistados, cuja participação foi fundamental para o desenvolvimento e riqueza deste trabalho.

A outra parte da cidade é do lado de cá do riacho. Bem mais tranquilo. A gente vai para a escola, joga futebol, senta de vez em quando para beber refri na venda do Seu Sebastião da Venda e vai, se quiser, até o centro da cidade. Há o Uberlândia Tênis Clube, o Praia Clube, o Cinema Éden, o Eldorado, onde o Nô conseguiu emprego de baleiro, as escolas, inclusive a minha, a Rádio Educadora, a Avenida Afonso Pena, a Praça Tubal Vilela com o maior e mais bonito chafariz do mundo, a torre da Matriz, que provocou a primeira guerra de Uberlândia contra Araguari, a metalúrgica dos Crosara, a Estação da Mogiana, o pátio de manobras dos trens, o viaduto sobre esse pátio, de onde eu e a Nice cuspimos uma vez nas locomotivas. Falam muito do desenvolvimento da minha cidade. Todas noites, no rádio, meu pai ouve o Cobiça Cheque prometendo indústrias para todos os lugares no país. Muitas delas já chegaram. Eu gosto de quase todas. Uma das minhas preferidas é a fábrica de guaraná Mineiro, na Vasconcelos Costa. A que detesto: a fábrica de móveis, que levou os dedos de seu Grilo numa serra e que já ocupa com toras, metade do nosso campinho de futebol e fica meses sem pagar os salários, inclusive o do meu pai, o que deixa minha mãe louca. (Sérgio Capparelli)

RESUMO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, fundada na metodologia da história oral, e com os recursos dos referenciais teóricos das Ciências Sociais Aplicadas, tem como objetivo analisar as redes de sociabilidade da cidade de Uberlândia, Minas Gerais e da região do Triângulo, com base em depoimentos de moradores antigos e recentes, focando questões como a da mineiridade, a da identidade e a da hospitalidade. Tentou-se delinear o que é ser mineiro em Uberlândia e no Triângulo e procurou-se refletir sobre alguns estereótipos presentes nos discursos sobre Uberlândia, como de que seus habitantes são esnobes, fúteis, e preocupados com a aparência e que, por esses motivos, migrantes e pessoas que a visitam não se sentem bem recebidos. Foram entrevistados moradores, divididos em dois grupos, o dos moradores mais antigos e o dos mais recentes, sem preocupação estatística. Cada grupo foi subdividido em três subgrupos, com base nas classes sociais (A, B, e C) e nas idades (mais de 60 anos, entre 41 e 60 e entre 20 e 40 anos). As entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas para posterior análise. Foi feita a opção por colocar as falas dos entrevistados ao longo da dissertação e não apenas em um capítulo isolado de análise de dados. As principais conclusões apontam que Uberlândia é uma cidade preocupada com o progresso, onde talvez mais do que em outras cidades do mesmo porte, a questão econômica preside as relações humanas: tudo parece resumir-se em progresso, empreendimento e dinheiro, em detrimento do humano, das relações e da preservação cultural. Essa tendência foi marcante ao longo da história da cidade e foi percebida pela maioria dos entrevistados. Quanto à mineiridade, concluiu-se que esse é um construto, uma idéia que permeia a representação a respeito de Minas Gerais, sem que as pessoas tenham claro o que seja propriamente a mineiridade. Por isso, não se pode concluir que determinada cidade seja ou não tipicamente mineira. Os entrevistados nascidos em Uberlândia, mostraram orgulho por sua origem, mas recusaram o rótulo de mineiros típicos. Em relação à hospitalidade, a partir dos discursos dos entrevistados, foi possível perceber que a cidade possui uma rede de sociabilidade própria, uma hospitalidade voltada para as questões econômicas. Talvez por isso, exista uma ênfase no turismo de negócios, uma vez que a cidade não oferece outros tipos de atrativos.

Palavras-chave: Uberlândia. Hospitalidade. Identidade. Sociabilidade. Mineiridade.

ABSTRACT

The aim of this research is to understand the processes of receiving and welcoming newcomers into Uberlândia in the area known as “Triângulo Mineiro” in the state of Minas Gerais, Brazil. Based on the oral reports given by long term as well as recent residents of the city, this is a qualitative study. The regional identity, known as “mineiridade” was examined in order to determine the elements that make up the concepts of hospitality and identify the naturals of the region. This study aimed at understanding why the assertion that residents of Uberlândia are futile, snobbish and vain prevail to the point that newcomers feel unwelcome. Interviews were conducted with eighteen residents split in two groups: the first group was made up by long term inhabitants and the second was geared to short term inhabitants. Each group was distributed into three sub-groups defined by social class (A, B and C) and by age (over 60, from 41 to 60 and from 20 to 40 years old). The tapes were transcribed for further analysis. The main conclusions were that Uberlândia, more than comparable metropolitan areas, is really a city concerned with progress. Economic issues define human relationships so that the attainment of progress and money making takes precedence over human and cultural aspects. This tendency has been strongly felt throughout decades of city history and it was perceived by the subjects of this research. Regarding the ideology of “mineiridade”, the way people from the state of Minas Gerais perceive themselves, it is as pervasive as it is unclear what it amounts to in objective terms. For that reason, it was not possible to conclude whether Uberlândia is typically “mineira” or not. The subjects recognize themselves proudly as “mineiros”, but consistently refused to include “the typical mineiro” label. Their discourse pointed to the idea that Uberlândia shows a different and specific kind of hospitality, mostly concerned with economical aspects. Perhaps this could explain the emphasis on tourist events related to Business, since the city lacks other attractions.

Key Words: Uberlândia. Identity. Hospitality. Sociability. Mineiridade.

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1. Um olhar sobre Uberlândia.....	13
2. Caracterização da Pesquisa.....	15
3. Referencial Teórico.....	19
3.1 Identidade e Diferença.....	20
3.2 Hospitalidade e Sociabilidade.....	22
4. Procedimentos Metodológicos.....	25
Capítulo 1 – O Nariz da bruxa	30
1. O Triângulo Mineiro: caracterização geográfica.....	30
2. O Triângulo Mineiro: fragmentos históricos.....	34
3. Uberlândia no Triângulo Mineiro.....	45
3.1 A construção de estradas.....	49
3.2 A interiorização da capital.....	52
3.3 O Distrito Industrial.....	53
3.4 A Universidade Federal.....	55
3.5 Urbanização.....	57
3.6 O turismo em Uberlândia.....	69
Capítulo 2 – Ser mineiro no Triângulo e em Uberlândia.....	74
1. A mineiridade como construto ideológico.....	74
2. Identidade Regional do Triângulo Mineiro: o discurso da diferença.....	83
3. Ser mineiro em Uberlândia.....	89
Capítulo 3 – As redes de sociabilidade no Triângulo Mineiro e em Uberlândia.....	100
1. O mito da hospitalidade mineira.....	100
2. O que seria uma cidade hospitaleira.....	105
3. As redes de sociabilidade no Triângulo Mineiro.....	106
4. As redes de sociabilidade em Uberlândia.....	109
5. A questão da hospitalidade em Uberlândia.....	125
Conclusão.....	136
Referências Bibliográficas.....	139
Bibliografia.....	145
Anexo 1 Roteiro de perguntas feitas aos entrevistados da pesquisa.....	155
Anexo 2 Entrevistas com os sujeitos da pesquisa.....	156
Anexo 3 Entrevistas com os Professores Dr ^a Beatriz Soares e Dr. Selmane Felipe Oliveira.....	208
Anexo 4 Depoimento da Sr ^a Esmeralda de Castro Maia.....	221

Lista de abreviaturas e siglas

FCA – Ferrovia Centro Atlântica.....	27
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.....	31
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	31
FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	32
PRODECER – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados.....	42
ACIUB – Associação Comercial e Industrial de Uberlândia.....	48
MDM – Monsanto, Deltapine e Maeda.....	54
UnU – Universidade de Uberlândia.....	55
UFU – Universidade Federal de Uberlândia.....	55
ESAMC – Escola Superior de Marketing e Comunicação.....	56
UNIMINAS – União Educacional Minas Gerais.....	56
UNIESSA – União de Ensino Superior em Serviços de Administração.....	56
UNIPAC – Universidade Antônio Carlos.....	56
UNITRI – Centro Universitário do Triângulo.....	56
UNIUBE – Universidade de Uberaba.....	56
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano.....	67
ICASU – Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia.....	68
PNMT – Política Nacional de Municipalização do Turismo.....	69
PNT – Política Nacional do Turismo.....	69
COMDETUR – Conselho Municipal de Desenvolvimento do Turismo.....	69
EMBRATUR – Instituto Brasileiro do Turismo.....	70

Lista de figuras

Figura 1 – Visualização da nomenclatura aplicada aos sujeitos da pesquisa...	27
--	----

Lista de fotos

Foto 1 – Sede da fazenda de João Pereira da Rocha, um dos geralistas que se apossaram de terras expropriadas aos aldeamentos indígenas.....	38
Foto 2 – Praça matriz de Uberaba no início do século XX.....	40
Foto 3 – Estação Ferroviária de Uberlândia (1930).....	49
Foto 4 – Traçado urbano de Uberlândia (1930).....	58
Foto 5 – Praça Sérgio Pacheco, esquina com Av. Afonso Pena.....	59
Foto 6 – Parque do Sabiá – Estádio João Havelange.....	62
Foto 7 – Rua de um bairro de classe média em Uberlândia.....	66
Foto 8 – Praça Sérgio Pacheco esquina com Av. Afonso Pena.....	67
Foto 9 – Av. Floriano Peixoto esquina com Av. João Naves de Ávila.....	68
Foto 10 – <i>Center Shopping, Center Convention, e Hotel Plaza Shopping</i>	70
Foto 11 – Av. Rondon Pacheco, uma das avenidas do Projeto Linha Verde.....	72

Lista de mapas

Mapa 1– Confluência entre os rios Grande e Paranaíba, vistos pelo satélite.....	31
Mapa 2 – Microrregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	32
Mapa 3 – Área dos quilombos e seus principais núcleos no oeste mineiro em 1748.....	35
Mapa 4 – Municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.....	46
Mapa 5 – Principais rodovias que cruzam Uberlândia.....	52
Mapa 6 – Mapa Turístico: Projeto Linha Verde.....	71

Lista de quadros

Quadro 1 – Níveis educacionais brasileiros.....	26
Quadro 2 – Classificação dos entrevistados desta pesquisa.....	27
Quadro 3 – Principais características do uberlandense.....	98
Quadro 4 – Principais problemas de Uberlândia.....	133
Quadro 5 – Principais qualidades de Uberlândia.....	135

Lista de tabelas

Tabela 1 – Participação dos Municípios, segundo as faixas de tamanho populacional.....	44
Tabela 2 – Percentual de migrantes por região de origem	44
Tabela 3 – Motivo de mudança para Uberlândia.....	63
Tabela 4 – Comparativo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Uberlândia.....	67

Introdução

1. Um olhar sobre Uberlândia

São seis horas da manhã em Uberlândia. Um a um, os despertadores vão tocando, acordando seus habitantes para o novo dia que começa. No Conjunto Luizote de Freitas, na zona oeste da cidade, Luiz se levanta. Após a rotina matinal de higiene e alimentação, toma um ônibus amarelo para ir à Universidade, onde faz o Curso de Biologia, no Campus Umuarama, do outro lado da cidade. Se for um pouco mais cedo, conseguirá um lugar para sentar-se no veículo, que, ao longo do trecho, ficará superlotado. O coletivo passará pelo Bairro Jardim Patrícia, uma ilha de classe média situada no intervalo entre o Conjunto Luizote de Freitas e os Bairros Dona Zulmira e Taiaman, onde moram pessoas de baixa renda como Luiz. Passará pela Rodoviária, atravessará o Bairro Osvaldo, o Martins, cruzará o centro e deixará Luiz no Terminal Central, na Praça Sérgio Pacheco. Lá, outro ônibus amarelo o levará até o Terminal Umuarama.

Bem próximo ao centro, na região mais antiga da cidade, que abriga os velhos casarões em suas ruas estreitas e tortas e leva o nome de Fundinho, Dona Teresinha sai bem cedo para comprar o pão. Da porta de sua casa, enxerga os altos prédios do centro da cidade, já que a Praça Clarimundo Carneiro e a Tubal Vilela ficam bem próximas. Mas a partir da Praça Clarimundo Carneiro, o desenho em tabuleiro de xadrez recebe as características reproduzidas por toda a cidade, até mesmo nos conjuntos da periferia¹. O Fundinho ainda é a última lembrança que se tem da antiga São Pedro do Uberabinha, que nos seus primórdios, nos albores do século XX, tornara-se Uberlândia, cheia de sonhos de progresso. Se D. Terezinha olhar pela porta da cozinha de sua casa, verá os contornos dos Bairros Tabajaras, Lídice, Jardim Karaíba, com duas universidades particulares, e o Cidade Jardim, que se prolonga quase até a rodovia para a cidade de Prata. Nesse mesmo sentido, estão os Bairros Planalto e outra série de conjuntos habitacionais.

¹ No Brasil, a discussão sobre a expansão urbana emerge, sobretudo, no final da década de 1970. A crítica ao chamado “modelo brasileiro” é marca característica das pesquisas que surgem nesse período e se, por um lado, procuram demonstrar as relações entre as características particulares da metropolização e a reprodução do capital na economia brasileira, por outro, procuram evidenciar uma dinâmica social que reproduz e acentua as desigualdades sociais. Surge, então, o modelo “periférico” caracterizado pela segregação social das camadas populares de mais baixa renda e suas características contextuais de habitação associadas às regiões mais distantes e desvalorizadas da cidade. (OJIMA, 2005, p. 1).

Do outro lado da cidade, na zona leste, Pedro também acorda, no Bairro São Jorge IV, um conjunto habitacional para trabalhadores de baixíssima renda. Tomará um ônibus verde, que o levará ao terminal Santa Luzia, onde tomará outro ônibus, amarelo, que o conduzirá ao Terminal Central e, de lá, até a obra onde trabalha, no Bairro Jardim Karaíba, onde está ajudando a construir uma mansão. O ônibus que parte do Bairro São Jorge atravessará diversos conjuntos habitacionais: o São Jorge III, o II, o I... O Bairro Aurora, o Jardim Laranjeiras, o Granada, o Gravatás e, finalmente, o conjunto habitacional Santa Luzia. Todos têm o mesmo tipo de casinhas modulares, que vão sendo, aos poucos, reformadas na proporção dos parques rendimentos de seus moradores... No Terminal Santa Luzia, Pedro tomará um ônibus amarelo, superlotado de estudantes, trabalhadores, funcionários das indústrias, que se dirigem aos seus locais de trabalho. O ônibus atravessará o Conjunto Segismundo Pereira, o Bairro Santa Mônica, o Bairro Santa Maria, passará em frente ao Center *Shopping* e ao Centro Administrativo, subirá a Avenida João Naves de Ávila e chegará ao Terminal Central. Pedro tem, pelo menos, o consolo de saber que tomará três ônibus, mas pagará apenas uma passagem, uma vez que o sistema de transportes é integrado. Quando seu ônibus passar em frente ao Campus Santa Mônica da Universidade Federal, a metade dos passageiros irá descer: são os estudantes que descem barulhentos e se dirigem às aulas.

No outro extremo da cidade, na direção norte, fica o Distrito Industrial. Para lá se dirige uma parcela substancial da população para o início do expediente profissional e de lá surge Gracielle, em direção à Universidade, no Campus da Educação Física, onde estuda. Seu ônibus atravessará o Conjunto Cruzeiro do Sul, o Residencial Gramado, o Bairro Marta Helena, chegará ao Terminal Umuarama, onde Gracielle tomará o ônibus amarelo, em direção ao centro. Este descerá a Avenida João Pinheiro, atravessará o Bairro Brasil, na direção contrária à realizada por Luiz, o Bairro Aparecida (antiga Vila Operária) e chegará ao Terminal Central. A Praça Sérgio Pacheco, onde está situado o Terminal e onde fica o Fórum da cidade, apresenta uma miríade de barraquinhas de vendedores ambulantes, pontos de ônibus, bancos e um camelódromo. Agora de manhã reina uma certa calma, mas ao meio-dia todo o burburinho e a confusão do trânsito de veículos e pedestres estarão instalados.

Às sete e meia da manhã, Antônio Carlos sobrevoa a cidade, no avião que vem de São Paulo. Ele é um dos inúmeros executivos que fazem o percurso quase semanalmente, em busca dos seminários, congressos e oportunidades de negócios entre São Paulo e Uberlândia. Lá do alto, tem-se uma visão de uma cidade privilegiada: limpa, ordeira, com ruas simetricamente distribuídas e largas avenidas paralelas. Altos prédios, fábricas, um amplo *shopping center*. Tudo isso cercado pelos conjuntos habitacionais, distantes, longe dos olhos e

das preocupações dos administradores. Lá do alto, as pessoas não se assemelham a formiguinhas: elas desaparecem na ilusão do progresso e da riqueza. A esposa de Antônio Carlos vai buscá-lo no aeroporto, saindo de carro do condomínio fechado onde vive, no Jardim Karaíba. No caminho, deixará as crianças no colégio. O interessante é que, para ela, que está ao volante, existe um “abre-te sésamo” que anula todos os obstáculos: do Jardim Karaíba ao aeroporto, ela toma a Avenida Rondon Pacheco, atravessa a BR 040 em praticamente cinco minutos, porque Uberlândia foi construída com privilégios para os carros, em detrimento dos pedestres. Atravessará quase toda a cidade, passará pelo Bairro Custódio Pereira. Atrás do aeroporto, ainda verá a cidade indo para longe, pelo Bairro Ipanema e pelo condomínio Mansões Aeroporto. Note-se a pretensão contida no nome do condomínio: “mansões”, um conjunto de chácaras para a classe média alta.

Antônio Carlos e sua esposa não se encontrarão com Luiz, com Pedro, com Terezinha, com Gracielle ou, se o fizerem, provavelmente nem se cumprimentarão. Talvez se cruzem no sábado, no *shopping*, quando estarão vestidos com suas melhores roupas, para tomar um chope ou olhar as vitrines das lojas. Seguirão suas vidas sem perceber um aspecto em comum entre eles: nenhum deles nasceu em Uberlândia. Cada um precisa encontrar algum tipo de acolhida, testar a hospitalidade dos habitantes dessa cidade. Este estudo tem por objetivo compreender o traçado dos caminhos humanos em Uberlândia, no seu esforço de crescer e de continuar sendo o pólo dominante na região do Triângulo Mineiro.

2. Caracterização da pesquisa

Até 1968, época da mudança de minha família de Uberlândia para a cidade de São Paulo, não tinha tomado conhecimento das características que me faziam diferente das demais pessoas com as quais passava a conviver. Lembro-me muito bem de meu primeiro dia de aula, ao ser apresentada às minhas novas colegas. Todas, invariavelmente, me perguntavam: — Você é mineira, não é? Fascinou-me saber que meu jeito de falar e de ser, mesmo à primeira vista, identificava minha origem. Pouco tempo depois, já entrosada, dei-me conta de que existia, nas pessoas, um conjunto de idéias pré-concebidas, sobre um comportamento que eu, como mineira que era, “deveria” ter. Ouvi relatos a respeito de várias situações em que essas pessoas haviam entrado em contato com os mineiros. Elas se referiam ao nosso modo de ser e ao nosso modo “exageradamente hospitaleiro de receber”, à insistência em oferecer quitutes e

quitandas² e em não deixar que as visitas saíssem de nossas casas sem que tivessem tomado, pelo menos, um cafezinho.

Mais tarde, morando novamente em Uberlândia, freqüentemente ouvi conversas de pessoas que se haviam mudado recentemente para a cidade e que se sentiam infelizes por não encontrarem aqui a acolhida que esperavam. Diziam, nessas ocasiões, que a sociedade uberlandense era “fechada” para os que vinham de fora. Esse fato causa estranheza tanto por sua persistência quanto pela incoerência entre o tão propalado mito da hospitalidade mineira face a uma realidade de exclusão³.

Buscando entender este fenômeno, pude perceber aspectos históricos e geográficos que influenciaram na construção de uma identidade diferenciada das outras regiões de Minas Gerais. Apesar de ser uma cidade mineira, onde se imagina existirem elementos que a identificariam com uma tradição convencionalmente chamada de “mineiridade”, sua história, com a conseqüente busca de construir uma imagem de cidade moderna, progressista, inspirada em São Paulo, assumiu características específicas. Na verdade, não se trata propriamente da construção de uma cidade modernista, mas de um “discurso pela modernidade” que permeia todas as ações administrativas e políticas da cidade e faz com que se supervalorize o novo em detrimento do tradicional, do “ultrapassado”.

Por isso mesmo, e em nome dessa modernidade, todo o patrimônio edificado que estabelecia uma ponte com o passado foi, ao longo de muitos anos, posto ao chão. As políticas públicas municipais, salvo algumas raras exceções, não têm incentivado sua preservação. Nesse aspecto, Uberlândia também se diferencia de outras cidades mineiras que, com um certo custo, têm conservado sua memória histórica. Por outro lado, no imaginário dos que visitam a cidade, deveria haver um padrão comportamental que se pretenderia caracterizar como “mineiro”, ao lado de uma identidade singular, no que se refere à alimentação, aos hábitos, à maneira de receber os hóspedes; assim, o visitante desavisado frustra-se, por não encontrar em Uberlândia o que se poderia chamar “um rosto mineiro”. Em lugar do fogão à lenha, da gastronomia típica e das tradições culturais, ele encontra um “*shopping center*”, ruas superlotadas como as de uma capital, índices de violência comparáveis aos das grandes

² Quitanda, do quimbola. *kitanda*, “feira”, “venda” Bras. MG Biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro. (HOLANDA, 2001)

³ Carvalho e Baptista (2004, p. 26) explicam que o conceito de exclusão foi primeiramente adaptado cientificamente por René Lenoir no livro *Les Exclus*, editado na França, em 1974. Segundo os autores, o termo ganhou importância com as crescentes crises instaladas na sociedade, tais como as mudanças econômicas e, conseqüentemente, o agravamento do desemprego, os movimentos migratórios e as crises do Estado-providência. O termo exclusão remete à idéia de um castigo regulador da vida coletiva, por expulsão da cidade.

idades brasileiras e — o que é principal — um povo que é considerado frio, esnobe e reticente pelos que aqui chegam.

Logo de início, coloca-se a dúvida central, que acabou constituindo a questão de pesquisa que norteou a busca de uma “identidade mineira”: o que é a suposta “mineiridade”? O que a caracteriza? O que é uma cidade tipicamente mineira? Por que o visitante estranha o comportamento do povo e os aspectos da cidade? Embora este trabalho não tenha como objetivo central uma discussão já empreendida por outros autores (Arruda, 1990, Abdala, 1997; Rocha, 2003), sobre “mineiridade”, baseia-se nas contribuições existentes, mas para indagar o que identifica o uberlandense como “mineiro” ou o que o diferencia.

Para começar a responder a essas questões, é necessário traçar algumas linhas que parecem ter direcionado o relacionamento de Uberlândia com seus visitantes, bem como as formas de o uberlandense receber aqueles que ali aportam. Dessa maneira, o projeto de pesquisa foi organizado no âmbito do Programa de Mestrado em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, baseado em algumas perguntas, tais como: o que leva as pessoas a considerarem uma determinada cidade como pouco “hospitaleira”? O conceito que as pessoas têm de “receber bem” está atrelado à representação que elas têm sobre mineiridade? Até que ponto a idéia corrente de Uberlândia ser uma cidade progressista afeta o conceito de hospitalidade de seus moradores e corresponde, efetivamente, a uma maneira muito própria da identidade local?

Assim, trata-se de tentar entender como se deu a inserção da cidade na região e no entorno, além dos processos políticos, econômicos e sociais que se consolidaram no espaço urbano de Uberlândia, fazendo com que a cidade se transformasse em um centro regional de expressiva importância no contexto de Minas Gerais. Para atingir tal objetivo, foi necessário considerar o papel desempenhado pela elite⁴ local na elaboração de projetos políticos que (re)criaram o espaço da cidade e produziram imagens que representavam o progresso e a modernidade. Nesse contexto, foram criadas formas e rituais espaciais que reforçaram o discurso político, no que diz respeito à reprodução de valores e símbolos⁵ que materializassem

⁴ O conceito de elite é definido por Bobbio (1991, p. 386) como “a teoria segundo o qual, em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um círculo restrito de pessoas; o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros de um grupo.”

⁵ Símbolo, nesta pesquisa, será usado como sinônimo de “elemento gráfico ou objeto que representa e/ou indica de forma convencional um elemento importante para o esclarecimento ou a realização de alguma coisa; sinal, signo” (HOLANDA, 2001). O signo, por sua vez, veicula a ideologia e a estrutura social do grupo em que se insere o indivíduo que o utiliza. Essa posição pode ser expressa de maneiras diversas e por intermédio de signos sociais, que representam os lugares ocupados pelos indivíduos e a valorização ou desvalorização que recebem, em decorrência desses lugares sociais ocupados. Para Peirce (1960, p. 5) signo ou *representamen* é “qualquer objeto que representa outro para alguém, numa determinada situação, para um determinado fim.” O signo é fundamentalmente ideológico, porque é por ele que as sociedades visualizam ou representam seus valores.

a “cidade metrópole”, moderna, limpa e ordenada, instrumento de hegemonização regional e de homogeneização social. Procurou-se compreender, igualmente, a constituição de uma identidade em transformação; e de que forma esse processo foi percebido pelas pessoas, que são, ao mesmo tempo, sujeitos dessas transformações.

Assim, esta dissertação se propôs a investigar a relação entre os conceitos de hospitalidade e de “mineiridade”, na constituição da identidade local, tais como percebidos pelos moradores mais antigos da cidade e pelos que chegaram mais recentemente a Uberlândia. Para atingir esses objetivos, foi necessário entrevistar moradores antigos e recentes, a fim de investigar, a partir de seu discurso, a representação que fazem a respeito do que seja ser uberlandense, ser mineiro e ser hospitaleiro.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em investigar as relações de hospitalidade geradas pelo encontro dos diferentes atores que participam da construção da identidade da cidade de Uberlândia, identificando, a partir dos discursos dos moradores antigos e recentes da cidade, o que eles entendem por mineiridade e a concepção que têm sobre Uberlândia ser ou não uma cidade tipicamente mineira e ser ou não uma cidade hospitaleira. Procurei levantar, a partir do discurso dos entrevistados (moradores antigos e recentes), as representações a respeito das características que identificam o uberlandense, assim como a rede de sociabilidade resultante. Objetivava, igualmente, verificar como os moradores vindos de outras cidades percebem diferenças na hospitalidade de Uberlândia, em relação à de suas cidades de origem ou de outras cidades mineiras.

Assim, considerei como hipótese central para a pesquisa, que a construção da imagem da cidade de Uberlândia, ao longo de sua história, foi associada a um discurso de “modernidade”, que valorizava a aparência e os valores burgueses. Nesse contexto, foi propagada uma idéia de que seus habitantes demonstram um certo descaso em relação ao migrante e ao turista. Um dos elementos que parece comprovar essa idéia é a tradição oral que diferencia os “uberlandenses”, que são as pessoas nascidas e criadas em Uberlândia, dos “uberlandinos”, pessoas que vieram de outras cidades e adotaram Uberlândia como sendo o lugar para se morar e para se construir a vida. Essa terminologia é explicada por Rocha (2000, p. 9):

[...] dizer que em Uberlândia, uberlandense é minoria pode ser um exagero mas o certo é que há uberlandinos em todo o lugar. Esses são os que vieram “de fora” (...) o termo uberlandino reflete o tempo em que havia rejeição aos forasteiros que hoje são aceitos com mais facilidade [...]

Em termos de Lingüística, todas as vezes que uma determinada língua emprega duas palavras para identificar uma mesma coisa, é porque, necessariamente, não se trata da mesma coisa. Assim, por que haver duas palavras para definir quem mora em Uberlândia, se não houvesse uma diferença de enfoque veiculada pelos dois vocábulos?

Além disso, a visão de que existe um conjunto de características que define o que seja mineiridade e, por conseguinte, a hospitalidade mineira, e que essas características estejam presentes, de forma homogênea, em toda Minas Gerais, parece errônea, uma vez que o Estado apresenta diferentes regiões culturais desvincilhadas de divisões geopolíticas arbitrárias, que sofreram e ainda sofrem diferentes influências.

A diversidade cultural estabelecida no Estado de Minas Gerais é um elemento importante nesta pesquisa, porque, como será discutido mais à frente, a mineiridade não pode ser considerada como algo estabelecido, único e imutável. Até mesmo o nome do Estado, não sem motivo, é flexionado no plural: minas gerais, muitas minas, muitos rostos, muitas maneiras de ser.

3. Referencial Teórico

A base teórica compulsada para alicerçar as reflexões deste trabalho foi constituída, principalmente, por Soares (1995), que analisou o processo de transformação do espaço urbano de Uberlândia nos últimos 50 anos; Oliveira (2002), estudioso a respeito das contradições e conflitos sociais no espaço urbano e a problemática da ideologia burguesa; Lourenço (2002), que estudou o povoamento do Triângulo Mineiro entre os anos de 1750 a 1861; Arruda (1999), que analisou as estratégias políticas e culturais empreendidas por artistas e escritores, intelectuais e políticos como resultado da re-significação e atualização do mito da mineiridade, e Abdala (1997), que forneceu dados significativos a respeito da gastronomia como um fator da hospitalidade mineira. As reflexões a respeito de identidade foram baseadas, principalmente, em Woodward (2000), Rajapagolán (2002) e Hall (2005). No que diz respeito à teoria da hospitalidade, buscou-se a base em Lashley (2004), Camargo (2003), Matheus (2003), além de Carvalho e Baptista (2004). Logicamente, diversos outros autores foram pesquisados, citados ao longo do trabalho, incluindo-se antropólogos, lingüistas, poetas, todos constituindo um arcabouço teórico que presidiu as conclusões desta pesquisa.

3.1 Identidade e diferença

A noção de identidade, nos últimos anos, tem despertado grande interesse entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. O tema tem recebido especial atenção, na última década, talvez em função das conseqüências (positivas e negativas) da globalização. Dentre os diversos estudos já desenvolvidos sobre o assunto, pode-se encontrar reflexões respaldadas em vertentes teóricas opostas, denominadas como vertentes “essencialista” e “não-essencialista”. De forma sucinta, pode-se dizer que uma visão essencialista de identidade, fundamentada tanto na História quanto na Biologia, baseia-se na idéia de que as identidades são fixas, imutáveis e possuidoras, como o próprio nome sugere, de uma essência.

De acordo com Woodward (2000, p. 15), essa visão é usada, freqüentemente, por movimentos étnicos, religiosos ou nacionalistas que “reivindicam uma cultura ou uma história comum como o fundamento de sua identidade” Firma-se, assim, a noção de uma identidade una, estável, imutável; uma essência com a qual as pessoas nascem e morrem. Essa visão traz sempre a possibilidade de se categorizarem pessoas como “pertencentes” ou não a determinados grupos; leva também a posicionamentos, via de regra, preconceituosos. Para esta pesquisa, é dentro da perspectiva essencialista que o construto da “mineiridade” tem sido definido e re-definido, motivado sempre por questões políticas. Esse construto tem sido usado para (re)definir subgrupos (dentro de um grupo regional). De acordo com essa perspectiva essencialista, alguns serão incluídos como “pertencentes” a determinado lugar ou grupo e outros serão classificados como “forasteiros”.

Já na visão “não-essencialista”, a identidade é vista como relacional, como construto firmado a partir da “marcação simbólica” da diferença, relativamente a outras identidades. Numa perspectiva não-essencialista, a identidade é vista como algo que está sempre em processo de reconstrução; é cambiante e, como mostra Rajagopalan (2002, p. 83), algo a ser reivindicado, e não “que pudesse ser encontrado *in natura*, e que fosse fixo e imutável”. Woodward (2000, p. 12), ao discutir questões ligadas à identidade, aponta, de forma clara, como são construídas as noções essencialistas de identidades nacionais. A autora mostra, por exemplo, como a noção de “inglesidade”, atribuída aos ingleses é validada pelo mundo:

[...] por outro lado, os grupos dominantes nessas sociedades também estão em busca de antigas certezas étnicas — há, por exemplo, no Reino Unido, uma nostalgia por uma “inglesidade” mais culturalmente homogênea, e nos Estados Unidos, um movimento por um retorno aos “velhos e bons valores da sociedade americana [...]

Ao que parece, as visões essencialistas buscam no presente, na sociedade globalizada e tecnicista da atualidade os valores do passado, que, de forma estereotipada, permanecem como características de um determinado povo. Assim, ao que parece, as "-idades" (inglesidade, brasilidade, mineiridade) são construtos ideológicos associados a determinadas comunidades para permearem suas relações sociais, políticas e interpessoais.

Assim, o conceito de identidade e o conceito de mineiridade foram discutidos, nesta pesquisa, dentro de uma perspectiva não-essencialista. Isto significa olhar para a questão da mineiridade, não como uma coisa única e fixa, mas como um "construto" em constante processo de mutação, e que pode ser percebido de maneiras diferentes, nas várias regiões do Estado de Minas Gerais.

O conceito de identidade está fortemente atrelado a um outro conceito, o de diferença. Segundo Woodward (2002, p. 39), “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, que ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social”. Assim, discutir questões de identidade é levantar também uma discussão sobre as diferenças entre indivíduos, grupos e culturas, em diferentes contextos de tempo e de espaço. É também tentar entender aspectos e fatores que contribuem para os sistemas de classificação das sociedades; sistemas que elegem determinados grupos e excluem outros.

Segundo a mesma autora (2000, p. 41), “a marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação”. Esse tema parece importante para um debate sobre a forma como as sociedades se organizam; a forma como, a partir de certos construtos, as sociedades definem e redefinem categorias, numa perspectiva convenientemente essencialista, para incluir ou para excluir grupos de indivíduos. Esse é um dos pontos salientados por Woodward, quando mostra que a diferença tanto pode ser trabalhada de maneira positiva — de forma a considerar a questão da diversidade como algo enriquecedor — quanto de maneira negativa, podendo ser usada para marcar a exclusão ou a marginalização daqueles que serão definidos como “forasteiros”.

Os diversos estudos (Hall, 2005; Woodward, 2000; Silva, 2000 e 2001, dentre outros) que têm levado à problematização desse tema têm propiciado reflexões acerca do convívio entre pessoas cujas identidades foram constituídas em diferentes épocas e lugares. Contudo, Silva alerta para o fato de que o conceito de “diferença” não deve ser entendido apenas como aquilo que é “diferente”, nem se pode reduzir o conceito de identidade à questão da diferença. Para o autor, a questão não consiste em apontar as diferenças apenas, mas, sim, em identificar as conexões possíveis, advindas da multiplicidade. Assim, a questão da diferença, para Silva,

não se refere à diferença entre x e y, mas à forma (ou às formas) pelas quais x se relaciona com y.

Quando se traz essa discussão para o contexto dos estudos culturais, em geral, associa-se, automaticamente, um conjunto de fatores que afetam as percepções e as discussões sobre indivíduos, grupos de indivíduos e de culturas situados em diferentes contextos de espaço e de tempo. Por exemplo, quando se diz que se é brasileiro, as diferenças são apagadas, ou, talvez, costuradas, para que se firme e se reafirme, convenientemente, uma identidade fixa, que ofereça aos vários grupos de indivíduos que vivem no Brasil um certo sentimento de pertença.

Até mesmo nas questões lingüísticas, as diferenças dialetais são ignoradas, na construção do mito da “Língua Portuguesa única” no Brasil e em Portugal. Esse preconceito faz com que a única língua considerada “correta, boa” seja a que se aproxima dos padrões lusitanos e qualquer variante dialetal é marginalizada. Hoje, os estudos da Sociolingüística têm procurado desmistificar essa idéia de uma língua única e aceitar que as diferenças entre lugares, entre pessoas e entre situações determinem diferenças lingüísticas (Lemle, 2002).

Essa temática da pretensa unicidade como identidade motiva a compreensão e a discussão sobre como se estabelecem relações de influência, de controle e de poder entre grupos distintos nos ambientes sociais. É o que se verá nesta pesquisa, em relação à construção de identidades regionais, mais especificamente, do conceito de mineiridade, de identidade regional do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, incluindo-se aí a identidade da cidade de Uberlândia, objeto desta investigação.

3.2 Hospitalidade e sociabilidade

As relações de sociabilidade desenvolvem-se entre os grupos que compõem as diferentes sociedades⁶. Em geral, são os estudos qualitativos que se ocupam das relações de sociabilidade, que representam um conjunto de crenças, valores, estilos de vida, visões de mundo de um grupo social. Falar em redes de sociabilidade é referir-se a um terreno etnográfico; são conceitos da Antropologia Social ou da Sociologia mais voltada para o

⁶ Para Guiraud (1983 p. 143), a sociedade é um sistema de relações entre os indivíduos que tem por fim a procriação, a defesa, as trocas, a produção etc. Para esse fim, a situação dos indivíduos no seio do grupo e de grupos no seio de uma coletividade deve ser significada. Tal é o papel das insígnias e das tabuletas que indicam a relação com tal categoria social: clã, família, profissão, associação, etc. Os ritos, as cerimônias, as festas, as modas, os jogos são modos de comunicação pelos quais o indivíduo se define relativamente ao grupo e o grupo relativamente à sociedade, ao mesmo tempo que manifestam o papel que cada um assume e a parte que neles toma.

entendimento das relações que se estabelecem dentro de determinados grupos, como o de idosos ou jovens, por exemplo. Não se trata de uma macro-sociologia das classes sociais, mas de uma pesquisa etnográfica das relações dentro dos grupos que constituem a sociedade. A noção de redes é também complexa, hoje se refere aos estudos das migrações internacionais para mostrar os vínculos nas cadeias migratórias.

A expressão “redes sociais” constitui uma ferramenta de análise das questões sociais. O foco de análise desloca-se do indivíduo ou da estrutura para as posições concretas ocupadas pelo indivíduo e pelas organizações em uma determinada sociedade. As redes sociais são fundamentais na articulação dos processos migratórios porque enfatiza a solidariedade dentro dos grupos migrantes como uma das características que configuram e sustentam as redes. As redes migratórias apresentam um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados. Assim, o conceito de redes de sociabilidade será importante nesta pesquisa, porque se pretende investigar as redes existentes na cidade de Uberlândia, ou seja, “a estrutura de sociabilidade presente em cada um dos atores de uma interação” (FONTES e EICHNER, 2004, p. 6).

Outro conceito fundamental que alicerçou a reflexão aqui apresentada foi a noção de hospitalidade, associada à de sociabilidade. Hospitalidade é uma palavra de origem latina “*hospitalitas-atis*” e pode ser entendida como o ato de acolher, hospedar determinada pessoa ou grupo. Também designa a qualidade do hospitaleiro, a boa acolhida, a recepção, o tratamento afável e cortês, a amabilidade, e a gentileza. No entanto, o conceito de hospitalidade, em si, é muito amplo e pode receber diferentes abordagens, de acordo com os diversos pontos de vista oriundos do conhecimento acadêmico. Neste trabalho, o propósito é discuti-la como decorrente das relações sociais estabelecidas em determinado espaço, no caso, a cidade de Uberlândia. Quando se fala em hospitalidade espacial, pretende-se deixar claro que o espaço em si nada representa sem as pessoas que nele interagem e constroem uma vida para si e para os que nele aportam.

Para Raffestin (1997, p. 2), a hospitalidade possui um caráter espacial mas está fundamentada ideologicamente. Ele considera que a cidade não é um conjunto morfológico de prédios, ruas e casas, mas uma “construção social”. O autor afirma que existem limites que definem espacial e culturalmente as comunidades; a partir desses limites, começa o que é

considerado “estrangeiro”. O que vai romper esses limites é justamente a hospitalidade, considerada, pelo autor, como uma ponte entre esses dois mundos.

Os estudos de Lashley (2004) fazem uma análise de sociedades pré-industriais e modernas e afirmam que o conceito do que é ser hospitaleiro em relação a forasteiros tem variado através do tempo e entre as sociedades. Lashley analisa a hospitalidade em seu contexto social, privado e comercial. No domínio social, considera que muitas sociedades possuem obrigações culturalmente definidas e particularmente fortes para recepcionar os forasteiros. A hospitalidade doméstica (privada) envolve todos os pequenos gestos realizados no cotidiano de cada lar e de cada família, engloba todas as atitudes de atenção do hospedeiro para com o próximo, atitudes que são condicionadas culturalmente. Não é objetivo desta pesquisa analisar o contexto comercial da hospitalidade, uma vez que ele diz mais respeito à hotelaria e à prestação de serviços aos turistas. A pesquisa concentrou-se na região de intercessão entre os domínios social e privado, que caracteriza as relações de sociabilidade que se pretende focar.

O conceito de representação social também foi básico para as reflexões contidas neste trabalho, porque a questão da identidade, seja ela individual ou coletiva, está diretamente ligada a sistemas simbólicos. Os construtos identitários são produzidos sempre no âmbito de um sistema de representação, que incluem esses conjuntos simbólicos. E é via discurso que esses sistemas de representação acabam por construir os lugares a partir dos quais as identidades serão reivindicadas.

De acordo com Woodward (2000, p. 17),

[...] a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos [...]

Corroborando com as idéias de Woodward, Hall (2005, p. 49), evidencia que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” O autor nos mostra, também, que o conceito de “nação”, por exemplo, deve ser compreendido não apenas em uma dimensão política; uma nação, para o autor é, antes de qualquer coisa “um sistema de representação social.” Assim, o conceito de mineiridade é, antes de tudo, uma representação construída a partir das ideologias que permeiam o convívio entre mineiros e habitantes de outros lugares do Brasil.

Uma outra perspectiva teórica sobre o conceito de representação é apresentada por Moscovici (1978). A teoria das representações sociais de Moscovici nasceu em 1961, com a publicação de “A Representação Social da Psicanálise”, e sugere que exista um pensamento social como resultado das experiências, das crenças e das trocas de informações presentes na vida cotidiana. Para o mesmo autor (1978, p. 25),

[...] Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são e que nos tornam comuns. Encarada de modo passivo, ela é compreendida a título de reflexo, na consciência social ou coletiva, de um projeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante; a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem [...]

A partir das noções postuladas pelos teóricos aqui resenhados, parece seguro dizer que as representações sociais ocorrem via discurso (linguagem) e estão sempre atreladas ao social; incluem imagens, informações, experiências e conhecimentos (além dos desejos e do simbólico que estão no plano do inconsciente) que podem ou não ser transmitidas e perpetuados ao longo dos anos, dependendo das conveniências políticas, econômicas, sociais e éticas de cada momento vivido pelas sociedades.

4. Procedimentos metodológicos

A metodologia usada nesta investigação foi a de uma pesquisa de base qualitativa, de cunho analítico-descritivo, realizada com o objetivo de observar, registrar e sistematizar os dados coletados basicamente por meio de fontes secundárias e de pesquisa de campo com utilização de roteiro de entrevistas.

A partir dos discursos dos entrevistados, foi possível perceber a rede de sociabilidade própria, uma hospitalidade própria da cidade e delinear o que seja essa rede, o que seja essa hospitalidade. Algumas questões nortearam a pesquisa, como por exemplo, até que ponto a identidade de Uberlândia afeta a hospitalidade de seu povo? Como se configuram suas redes de sociabilidade, tendo em vista a identidade local e quais as possíveis leituras que se pode fazer dessas relações, do ponto de vista da hospitalidade? Como se pode definir o que é ser mineiro e o que é ser uberlandense? Dessa forma, foi possível delinear a representação feita

pelos moradores antigos e recentes de Uberlândia sobre o que seja ser mineiro e o que seja ser uberlandense. De modo complementar, foram utilizadas também as bases teóricas de pesquisas já desenvolvidas na área, para que se pudesse traçar um perfil cultural da cidade.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com moradores antigos e recentes da cidade, selecionados de acordo com a classe social (A, B e C) e idade (61 anos ou mais, entre 41 e 60 anos e entre 20 e 40 anos). Ao todo, foram dezoito sujeitos, escolhidos pelo cruzamento desses critérios.

Para o estabelecimento do nível sócio-econômico, foi utilizada a proposta de Lomônaco (1970), que toma como critérios para estabelecimento desse nível a profissão e o nível de escolaridade dos sujeitos. O autor estabelece uma escala de profissões, em termos de prestígio social, em seis níveis, desde o primeiro (engenheiros, médicos, advogados) até o último (empregadas domésticas, lavadeiras etc.). No Quadro 1, foi incluída uma cópia da escala do nível educacional feita pelo autor, avaliado numa escala de seis pontos:

1)	Curso universitário completo, ou alguns anos de universidade
2)	Curso completo de 2º ciclo, nível médio
3)	Alguns anos de 2º ciclo, nível médio
4)	Curso completo de 1º ciclo, nível médio
5)	Curso primário completo
6)	Curso primário incompleto

Quadro 1 – Níveis educacionais brasileiros

Fonte: LOMÔNACO (1970)

O primeiro grupo de entrevistados foi composto por nove sujeitos moradores antigos da cidade, divididos em três subgrupos: (a) moradores de classe alta, um com mais de sessenta anos, um entre quarenta e um e sessenta anos e um entre vinte e quarenta anos; (b) moradores de classe média, um com mais de sessenta anos, um entre quarenta e um e sessenta anos e um entre vinte e quarenta anos e (c) moradores da classe trabalhadora, um com mais de sessenta anos, um entre quarenta e um e sessenta anos e um entre vinte e quarenta anos. O segundo grupo de entrevistados foi composto por nove sujeitos moradores recentes na cidade divididos em três subgrupos da mesma forma que o primeiro. Para a especificação da classe social a que pertencem os indivíduos dos subgrupos, foi levado em conta o nível sócio-econômico dos entrevistados, de acordo com adaptação da proposta de Lomônaco (1970) exposta anteriormente, divididos em classe alta, classe média e classe trabalhadora, sendo a classe alta composta por indivíduos com curso superior completo; classe média, sujeitos com curso superior incompleto e escolaridade de nível médio (2º grau), e classe trabalhadora composta por indivíduos com níveis de escolaridade primária completo ou não, e nível médio

incompleto. Foram considerados moradores recentes na cidade os que ali residem há cinco anos ou menos. O quadro 2 resume a caracterização dos sujeitos.

Grupo 1: Moradores antigos		Grupo2: Moradores recentes	
1A001	Mais de 60 anos	2A001	Mais de 60 anos
1A002	41 a 60 anos	2A002	41 a 60 anos
1A003	20 a 40 anos	2A003	20 a 40 anos
1B001	Mais de 60 anos	2B001	Mais de 60 anos
1B002	41 a 60 anos	2B002	41 a 60 anos
1B003	20 a 40 anos	2B003	20 a 40 anos
1C001	Mais de 60 anos	2C001	Mais de 60 anos
1C002	41 a 60 anos	2C002	41 a 60 anos
1C003	20 a 40 anos	2C003	20 a 40 anos

Quadro 2 - Classificação dos entrevistados desta pesquisa

Sempre que foi feita referência a eles, foi usada a denominação entrevistado + número do grupo (1, moradores antigos ou 2, moradores recentes) + letra (A, classe alta; B, classe média; ou C, classe trabalhadora) + número precedido de dois zeros, referente à idade (001, mais de 60 anos; 002, entre 41 e 60 anos; ou 003, de 20 a 40 anos), conforme o exemplo da figura 1:

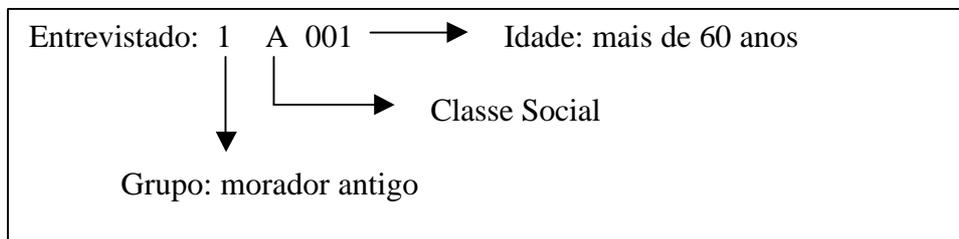


Figura 1 - Visualização da nomenclatura aplicada aos sujeitos da pesquisa

A escolha dos sujeitos foi feita de acordo com a conveniência da pesquisadora, com base nos critérios acima delineados, ou seja, definidos os critérios, foram procuradas pessoas que pudessem preencher o perfil desejado. Por opção, no primeiro grupo, entrevistei primeiro uma senhora (1A001) que faz parte das famílias fundadoras da cidade, que, em 2005, completou 80 anos, forneceu dados muito significativos a respeito de Uberlândia no passado. O entrevistado 1A002, também propositadamente escolhido, é figura política influente na cidade, ex-deputado e um dos principais articuladores da campanha de emancipação do Triângulo Mineiro. Os demais entrevistados foram escolhidos por amizade e/ou disponibilidade para responder ao questionário, sempre seguindo os critérios estabelecidos. Inicialmente, a entrevista foi livre. Após a explicação dos motivos da entrevista e obtida a permissão do entrevistado, o gravador era ligado permitia-se que ele falasse à vontade. As

primeiras gravações foram muito longas, o entrevistado divagava muito. Assim, houve necessidade de direcionar as informações por intermédio de um questionário que, de certa forma, garantisse as respostas às questões de pesquisa. Assim, foi elaborado um questionário com dez perguntas (Anexo 1), que foram respondidas oralmente, gravadas em fitas de áudio e transcritas (Anexo 2). A transcrição procurou respeitar a linguagem original dos entrevistados, mas sem a preocupação de registro fonético da linguagem.

Além dos entrevistados, foi necessário conversar com a Prof^ª Dr^ª Beatriz Ribeiro Soares (geógrafa) e com o Prof. Dr. Selmane Felipe Oliveira (historiador), citados ao longo do texto. Gentilmente aceitaram o convite e as entrevistas feitas com eles foram extremamente enriquecedoras, porque trouxeram informações que ainda não foram publicadas. Ambas fazem parte dos anexos deste trabalho (Anexo 3). A Senhora Esmeralda de Castro Maia que morou em Uberlândia na década de 1930, na época em que seu pai foi chefe da Estação da Mogiana⁷, forneceu fotografias e informações a respeito da referida Estação por meio de carta (Anexo 4). Todas as vezes, neste trabalho, em que foram reproduzidas falas das entrevistas, tanto dos sujeitos de pesquisa quanto dos pesquisadores entrevistados, os trechos foram formatados em itálico.

Não houve preocupação com representatividade estatística, uma vez que o objetivo foi trabalhar qualitativamente, a partir de depoimentos orais. Foi escolhida a metodologia da história oral, devido ao fato de ela possibilitar a reconstrução de aspectos de personalidades individuais inseridas na consciência coletiva. Como pretendia analisar as representações dos moradores a respeito de Uberlândia, os depoimentos orais foram uma rica fonte de informações, sobretudo a respeito de como a cidade foi-se desenvolvendo para chegar ao que é hoje. É bem verdade que existem trabalhos de pesquisadores e de teóricos a respeito da cidade e eles foram computados, mas os depoimentos dos entrevistados foram a fonte mais importante na formulação das conclusões, porque representam os sentimentos das pessoas a respeito da cidade. Por isso mesmo, optei por citar as falas dos entrevistados, não em um capítulo isolado (a tradicional “análise dos dados”), mas ao longo do trabalho, sempre que essas falas complementavam, concordavam ou divergiam das opiniões dos pesquisadores consultados. Com isso, pretendeu-se dar um enfoque mais humanista à pesquisa, propiciando uma pluralidade de versões e de olhares sobre Uberlândia. Na descrição dos dados, muitas vezes, a minha experiência como natural de Uberlândia, como moradora por tantos anos, os

⁷ Segundo o *site* institucional da empresa, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, com sede em Campinas, foi criada em 1872 por um grupo de fazendeiros paulistas. Em 1895, a linha tronco alcança Uberabinha-MG (Uberlândia), totalizando 744 km. Atualmente, a FCA (Ferrovia Centro Atlântica) assume totalmente a exploração das linhas da Companhia Mogiana, de Boa Vista Nova (Campinas) a Araguari.

casos ouvidos dos meus pais em velhas conversas guardadas na memória, a experiência haurida pelo tempo em que morei fora de Uberlândia, puderam ajudar na construção desse conceito de identidade mineira e uberlandense. Por menos que se queira, não se consegue falar da própria cidade de forma isenta.

Além das entrevistas, foram necessários, para a consecução dos objetivos desta pesquisa, outros procedimentos, tais como consulta a bibliotecas da cidade, para coleta de dados históricos e geográficos; pesquisa no Arquivo Público Municipal, para a coleta de fotos; pesquisa na Universidade Federal de Uberlândia e no Centro Universitário do Triângulo, para coleta de dados em teses e dissertações elaboradas a respeito da caracterização econômico-cultural da cidade. É oportuno, nesse momento, registrar a carência de trabalhos a respeito da imigração estrangeira no Triângulo Mineiro, principalmente, em Uberlândia. O material existente restringe-se a crônicas publicadas no jornal local, anuários de empresas que retratam o perfil de seus fundadores e livros biográficos.

A partir dessas considerações de ordem metodológica, a dissertação foi organizada em três capítulos. O capítulo primeiro trata da construção histórica da Região do Triângulo Mineiro e da cidade de Uberlândia. O capítulo segundo tenta caracterizar o que é ser mineiro no Triângulo e em Uberlândia. Nele, são discutidas as questões da mineiridade e da formação da identidade da região e de Uberlândia, em especial. O capítulo terceiro define as redes de sociabilidade no Triângulo Mineiro e em Uberlândia. Ao longo do trabalho, as perguntas de pesquisa foram sendo respondidas e foram retomadas nas considerações finais.

Não obstante a modéstia que caracteriza um trabalho acadêmico e as minhas inevitáveis limitações, espera-se que esta pesquisa constitua uma contribuição para os estudos a respeito de hospitalidade e também para o entendimento das características e das redes de convivência que se estabelecem em Uberlândia.

Capítulo 1 - Triângulo Mineiro: o “nariz da bruxa”

*Saí menino de minha terra.
Passei trinta anos longe dela.
De vez em quando, me diziam:
Sua terra está completamente mudada,
Tem avenidas, arranha-céus...
É hoje uma bonita cidade!*

Meu coração ficava pequenino,

*Revi afinal o meu Recife.
Está de fato completamente mudado.
Tem avenidas, arranha-céus.
É hoje uma bonita cidade.*

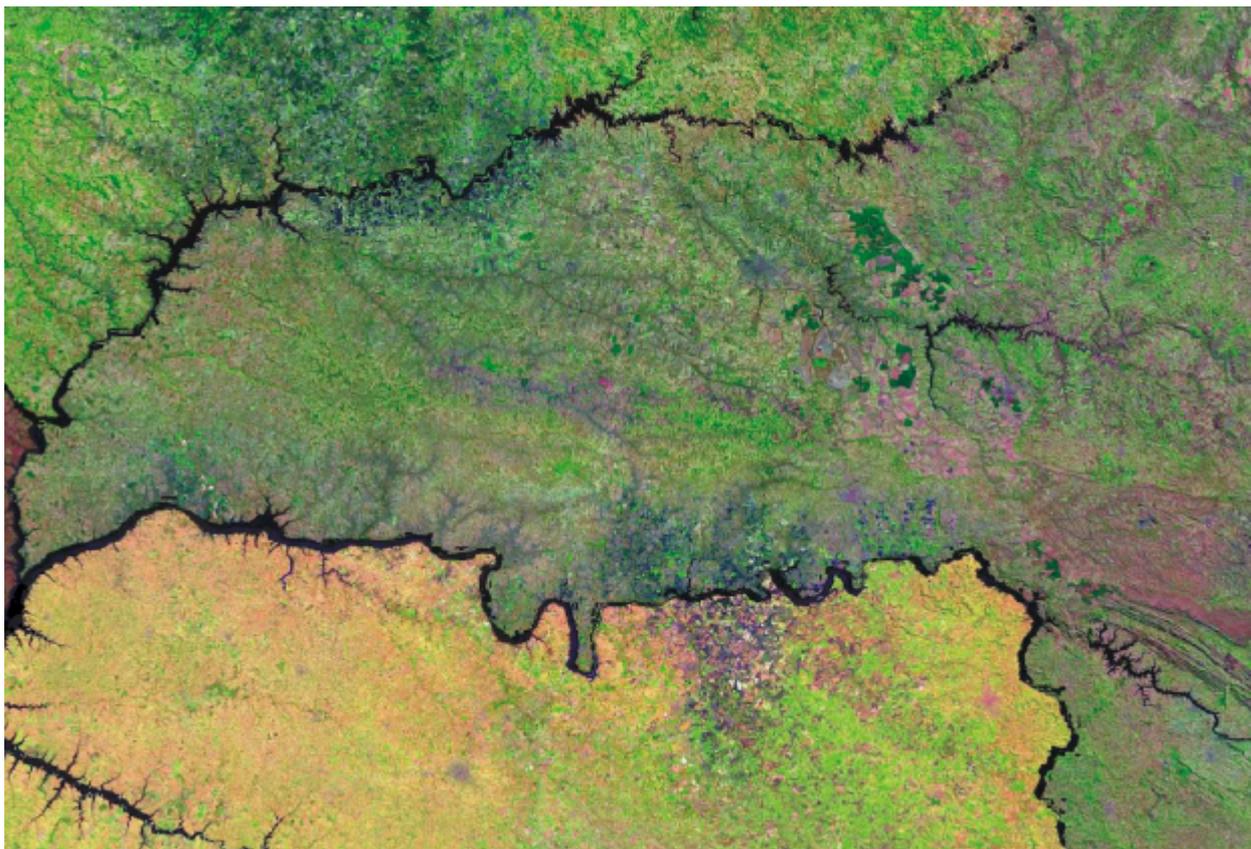
Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!
(BANDEIRA, 1986, p. 283)

Durante a infância, na escola, aprendi que o Triângulo Mineiro era a região que se parecia com um nariz, um enorme nariz, meio adunco, irregular, cheio de “barbelas”, que povoou minha imaginação. A professora, reforçando essa idéia, perguntava na classe: “Onde moramos?”. E respondíamos: “No nariz da bruxa”.

Hoje, esse mesmo nariz ainda impressiona a pesquisadora adulta, com suas curvas de rios, com suas cidades, com o seu "progresso" e com a vida que se vive aqui. Impressiona-me a tal ponto que resolvi escrever sobre essa terra e sobre a sua gente.

1. O Triângulo Mineiro: caracterização geográfica

Essa semelhança com o nariz é marcada pela forma geográfica das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, cercada por dois rios, o Rio Paranaíba, ao norte, na divisa com o Estado de Goiás e o Rio Grande, ao sul, na divisa com o Estado de São Paulo, cujas curvas desenhavam as “barbelas” de minha infância. No passado, esses dois rios praticamente isolavam o território, considerado de difícil acesso. (Ver Mapa 1).



Mapa 1 – Regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, vistas pelo Satélite.

Fonte: EMBRAPA (2005)

Adaptado por Mauro Caparelli

Esta pesquisa considera a divisão político-administrativa que divide o Estado de Minas Gerais em doze mesorregiões geográficas, dentre as quais está a do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, localizada na parte ocidental do Estado, em uma área de aproximadamente 91.284km². A região limita-se, a leste, pela Serra da Canastra; a oeste, pela confluência dos Rios Paranaíba e Grande; ao sul, por São Paulo e ao norte, por Goiás. A vegetação típica é o cerrado, considerado o segundo maior bioma brasileiro.

A regionalização⁸ do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, segundo definição do IBGE, foi elaborada para fins administrativos e de planejamento estadual, com base em parâmetros que obedeceram, principalmente, aos fatores hidrográficos e orográficos (Soares, 1995). De acordo com esses critérios, a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, constitui-se na IV mesorregião geográfica homogênea do Estado de Minas Gerais. O Mapa 2 mostra a referida mesorregião, que é composta por sete microrregiões denominadas de acordo

⁸ A região de influência econômica e cultural de Uberlândia compõe-se por uma área que se estende pelo sul e sudoeste de Goiás, nordeste de Mato Grosso do Sul, sudoeste de Mato Grosso e uma franja horizontal da bacia do Rio Grande, no norte de São Paulo onde divide área de influência com os núcleos de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto. (SILVA, *et al*, 2002, p. 195) (Ver mapa 2)

com as suas cidades-pólo: Araxá, Frutal, Ituiutaba, Patos de Minas, Patrocínio, Uberaba e Uberlândia.



Mapa 2 – Microrregiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba
Fonte: FIBGE (2005)
Adaptado por Mauro Caparelli

De acordo com Diégues Jr (1980), entende-se como meio físico uma série de energias e condições externas, vindas do cenário natural de uma região e que atuam sobre o homem e influem na adaptação cultural; criam um sistema de relações entre o homem e seu *habitat*, formando o ambiente adequado ao desenvolvimento da vida humana. Não se pode prescindir do conhecimento das condições do meio físico, quando se empreende o estudo da cultura de uma população. O ambiente condiciona o desenvolvimento da cultura. Suas relações com o meio físico vão refletir no grau cultural do respectivo grupo. Da mesma forma, o ambiente condiciona a vida humana, primeiro pelo clima e pelo solo e, depois, em decorrência da vegetação, do relevo e dos demais elementos que constituem o espaço físico. Cada grupo humano procura adaptar-se às condições que o ambiente lhe oferece. A esse respeito, Diégues Júnior (1957) assinala que

[...] o estudo das ciências antropológicas não dispensa a base geográfica, isto é, o meio em que se desenvolvem os fatos culturais. Habitat e cultura se relacionam. O conceito de área cultural, tão importante na etnologia contemporânea, revela juntamente a importância da base física em que se desenrola a cultura; área cultural se conceituando, portanto, como uma área geográfica onde se encontram elementos culturais relativamente uniformes e tendo continuidade em sua distribuição [...]

A hipótese do autor é que, no caso da ocupação do Brasil, as condições do meio tiveram considerável importância. A esse quadro natural se ligou o processo de ocupação humana e, com ele, o da formação de regiões caracteristicamente culturais. Para Sena (2003), a construção simbólica é parte integrante do fenômeno de determinada região, constituída pelas paisagens culturais, pelos espaços ideológicos, pelas imagens e emblemas regionais, pelas crenças e valores locais. Essas realidades simbólicas transformam o homem abstrato num homem inserido em um determinado tempo e lugar. Por outro lado, do ponto de vista do processo de construção simbólica de uma região, tanto a literatura regionalista quanto o discurso político, a interpretação histórica ou a explicação sociológica regional são expressões da auto-imagem da região. Portanto, para se compreender as diferentes manifestações culturais de Minas Gerais, é necessário buscar pistas históricas na formação do povo mineiro.

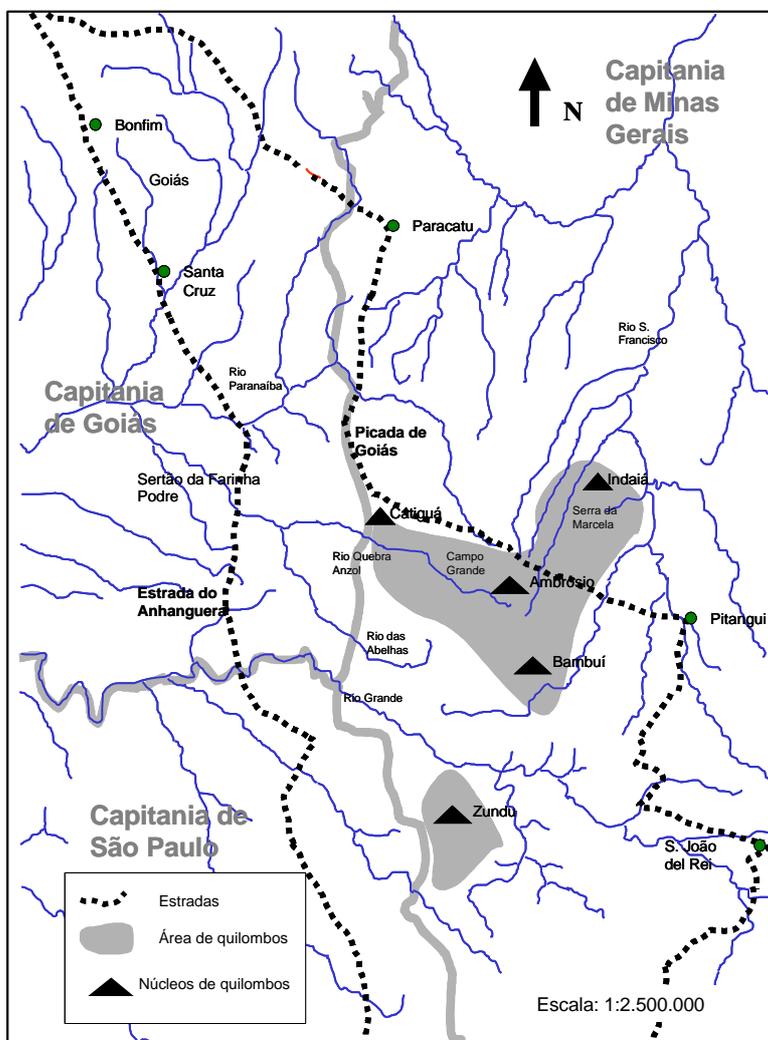
2. O Triângulo Mineiro: fragmentos históricos

De acordo com Côrtes *et al* (2000), existe um consenso entre os historiadores de que o caráter do povo mineiro foi forjado no período agudo da mineração. A exploração do ouro na região mudou drasticamente o panorama social, cultural e econômico da antiga província. Contingentes demográficos numerosos e diversificados, vindos de toda parte da colônia e de outros países, foram atraídos para o “novo Eldorado”, trazendo consigo distintas atividades produtivas. Do Rio de Janeiro, chegavam os escravos e de São Paulo saíam levas de bandeirantes em busca do ouro e pedras preciosas. Do sul, os tropeiros gaúchos, fornecedores de carne bovina e de muares usados no transporte; do Nordeste, os fazendeiros, trazendo da Bahia e de Pernambuco o gado e os produtos agrícolas e, ainda, os curraleiros do Maranhão e do Pará. Não se pode esquecer da contribuição dos imigrantes portugueses que, segundo Arruda (1999), trouxeram consigo valores tradicionais de festas em louvor a santos, o culto da vida doméstica e o apego ao patriarcalismo. Diegues Júnior (1980 p. 35) assinala que “a esses grupos de portugueses juntaram-se os estrangeiros que foram em grande número nas Minas, principalmente negociantes, usuários ou intermediários, vários deles judeus ou israelitas”.

As áreas de mineração constituíram-se em ponto de confluência de diferentes indivíduos que possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura marcada pela diversidade, acrescidas, posteriormente, de influências advindas de italianos, sírio-libaneses, franceses e japoneses.

Rocha (2003), baseada em estudos de Diégues Jr. (1980), divide as diferentes regiões culturais de Minas em Região Central, que constituiu-se no berço da mineração, lugar onde o discurso da mineiridade teve seu início; Região Norte e Nordeste que, devido às relações com a Bahia, tem como habitante típico o caboclo, semelhante ao nordestino em suas características físicas, no seu linguajar, nos hábitos alimentares e no modo de vida; Região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba cujas características foram influenciadas pelas estreitas relações econômicas, sociais e culturais com os Estados de São Paulo e Goiás; e Sul de Minas, região ligada mais a São Paulo, foi influenciada pelo trabalho livre dos imigrantes na exploração cafeeira. Com base nessa perspectiva, a pesquisa orienta-se no sentido de compreender a formação da identidade da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba que será, doravante, designada neste trabalho como “Triângulo Mineiro”.

O outrora denominado “Sertão da Farinha Podre”⁹ teve como primeiros habitantes os índios Caiapós e Araxás, que dificultavam a passagem de mineradores e de tropeiros. Por isso mesmo, esses índios foram expulsos para as regiões mais afastadas, ou, simplesmente, exterminados.



Mapa 3 – Área dos Quilombos e as Estradas do Anhangüera e Picada de Goiás (1736).
Fonte: LOURENÇO (2002).

provinha da região central do Estado, onde se localizavam as minas e originou um dos mais importantes núcleos de povoamento da região, o vilarejo do Desemboque, às margens do Rio Araguari. As rotas de acesso às minas de ouro de Goiás e Mato Grosso, tais como “Picada de Jacuí”, “Picada de Goiás Velha”, “Picada do Desemboque” fizeram, durante muito tempo, a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro ao Planalto Central. O Triângulo Mineiro foi-se constituindo como um ponto de passagem estratégico entre o sertão e o litoral.

Os bandeirantes e sertanistas pioneiros que chegaram à região, na primeira década do século XVII, tinham por objetivos a captura de índios e a procura de metais preciosos. A vinda para a região deu-se por duas vias: a primeira, nos finais do século XVII, provinha de São Paulo, pela denominada estrada do Anhangüera, atravessava o Rio Grande, uma vez que seguia para a região de Goiás, à cata de ouro e pedras preciosas. (No mapa 3, pode-se visualizar o traçado das estradas de acesso a Goiás e a Mato Grosso).

A segunda via de acesso à região aconteceu na metade do século seguinte:

⁹ Apenas em 1882 a região passou a chamar-se Triângulo Mineiro

Devido à sua importância, a região passou a ser foco de disputa entre três capitânicas: São Paulo, Goiás e Minas Gerais. A história dessas disputas é descrita por Brandão (1989, p 17):

[...] o espaço territorial mineiro foi desmembrado da Capitania do rio de Janeiro em 1709, passando a se chamar ‘Capitania Unida de São Paulo e Minas Gerais dos Cataguás’. Em 1720 se desmembra de São Paulo, surgindo a ‘Capitania de Minas Gerais’, entretanto a região do Triângulo Mineiro continuaria sob jurisdição de São Paulo até 1744. Assim, as primeiras concessões de sesmarias, em terras triangulinas, geralmente ao longo da ‘Picada de Goiás’, foram feitas por São Paulo. Em 1744 ocorre a emancipação política de Goiás e, em 1749, a de Mato Grosso, passando o Triângulo Mineiro a pertencer ao governo goiano. As terras entre os rios Grande e Paranaíba serão alvo de freqüentes disputas entre as capitânicas de Minas e Goiás que desenrolar-se-ão até 1816 [...]

Assim, no ano de 1816, o Triângulo Mineiro passou a pertencer, definitivamente, a Minas Gerais. Este fato histórico seria, mais tarde, um argumento bastante utilizado pelos adeptos da emancipação da região, com a conseqüente luta pela criação do Estado do Triângulo Mineiro. Um dos entrevistados desta pesquisa, defensor ferrenho da idéia, afirmou categoricamente em sua entrevista:

[...] mas o vínculo nosso que poderia ter sido feito com Minas Gerais quando nós fomos “doados” da Capitania de Goiás para a Capitania de Minas Gerais (e a doação foi feita já através de um suborno, por um ato de corrupção) [...] Então foi feita a separação por um alvará régio. Pois bem... nessa brincadeira, nós ficamos vinculados a Minas Gerais sem que houvesse a vontade daqueles que aqui estavam. Ora, se mudamos de paulistas pra goianos e de goianos pra mineiros... eu te pergunto... sempre querendo uma identidade, por que não tê-la, por que não reivindicar isso, por que não buscar essa identidade? Qual é o vínculo que temos com Minas Gerais? ...mas de qualquer forma, nós estamos hoje em um contexto, até fomos levados, há 180 anos, ou um pouco mais, nós fomos levados à condição de mineiros, já fomos goianos, já fomos paulistas... [...] (1A002)

Como percebido pelos dizeres do entrevistado, esses primeiros movimentos de colonização provavelmente caracterizaram uma certa ausência de raiz na mentalidade do povo do Triângulo Mineiro. Como a região já pertenceu a três Estados diferentes, fica difícil estabelecer a identificação dos seus moradores. Uberlândia vem mostrando-se flexível à adoção dos componentes característicos da modernidade, sendo que a fácil aceitação de inovações parece ser conseqüência do fato de estar a referida cidade localizada em uma região considerada, no passado, “boca do sertão”, isto é, um lugar sem um passado fortemente cristalizado.

Para Brandão (1989, p. 38), a região do Triângulo Mineiro é marcada pela “ausência de resistências culturais enraizadas” e, justamente por isso, permeável, quase sem nenhuma resistência, à entrada dos processos de modernização.¹⁰ Historicamente, liga-se mais a São Paulo, nos ideais de progresso e de industrialização. No entanto, em termos de alimentação, a população identifica-se mais com Goiás do que com o restante de Minas Gerais (a galinhada, a guariroba, o frango com pequi¹¹ são comidas típicas da região, muito mais que o tutu, o leitão à pururuca). No futebol, a torcida é mais identificada com o Corinthians (time paulista) e com o Flamengo (time carioca) do que com o Atlético e com o Cruzeiro (times mineiros).

Como visto anteriormente, a delimitação geográfica de um determinado lugar é influenciada pelo tipo de processo pelo qual se realizou seu povoamento. Para Prado Junior (1986, p. 35), as regiões que têm origem em atividades de mineração, na maioria das vezes, desenvolvem-se mais isoladas, sem contigüidade com outras vilas vizinhas, pois fatores geológicos (a existência de determinado recurso mineral) determinam a localização dos novos núcleos. Os povoamentos são feitos para extração da riqueza e, muitas vezes, quando esta se acaba, as cidades tornam-se verdadeiros povoados-fantasma. Já as localidades que se originam de atividades pecuárias, ao contrário, alastram-se por contigüidade com alguns núcleos, para os quais prestam uma atividade econômica complementar, mantendo continuidade geográfica com eles.

A região do Oeste Mineiro, onde se situa o Triângulo Mineiro, pode servir como um exemplo desses dois tipos de colonização, realizada a partir do século XVIII. Os arraiais cuja principal atividade era a pecuária tiveram um desenvolvimento mais vagaroso, em torno das picadas Velha e Nova de Goiás e, em contrapartida, os povoamentos decorrentes da extração do ouro já haviam sido implantados mais a oeste, em lugarejos mais remotos: Jacuí e Desemboque.

A partir da derrota dos quilombos, em 1769, o governo português passou a conceder sesmarias a exploradores que desejassem viver nas terras mais distantes do interior brasileiro. Alguns exploradores descobriram, nos chapadões situados entre as nascentes do rio Quebra-Anzol e do rio das Velhas, fontes de águas salitrosas, que passaram a usar como bebedouros para o gado. Como, na época, o sal era um bem de difícil aquisição, com a notícia de que havia na região fontes naturais de água salgada próximas à região de Araxá houve um grande

¹⁰ A introdução de inovações encontraria grande resistência em uma sociedade com um passado cristalizado, atrasando, dessa forma, o processo de desenvolvimento econômico e de urbanização (SANTOS, 1994).

¹¹ Pequi é uma fruta típica da região do cerrado, muito usada para fazer pratos típicos como “arroz com pequi” e “frango com pequi”, tanto no Triângulo Mineiro quanto em Goiás.

afluxo de colonos geralistas¹² para a região. Quem eram esses homens que para aqui vinham em busca de uma vida melhor? Eram, em sua maioria, segundo Lourenço (2002, p. 65), "criadores de gado, roceiros sem terra ou que haviam abandonado terras esgotadas, e até mesmo muitos devedores insolventes e foragidos da justiça, (que) acorreram à região, há pouco tempo desobrigada dos quilombos". A partir dessas primeiras comunidades rurais, surgiram cidades como Araxá, e Uberaba.



Foto 1 - Sede da fazenda de João Pereira da Rocha, um dos geralistas que se apossaram de terras expropriadas aos aldeamentos indígenas
Fonte: LOURENÇO (2002)

A ocupação da região estruturou-se com base em parentelas, em todas as fases do processo, desde a organização das expedições até o assentamento das fazendas (Foto 1) e arraiais. Na maioria das vezes, o migrante, após tomar posse das novas terras, voltava à sua cidade para buscar a família e iniciar a

construção da nova fazenda e, mais tarde, outros parentes, amigos, compadres estabeleciam-se em propriedades vizinhas, ao contrário do que acontecia nas migrações para as regiões de mineração. Lourenço (2002, p. 74) apresenta de forma resumida a rede de colonização migratória que se iniciou no Desemboque e chegou até Uberlândia, foco desta pesquisa:

[...] As terras férteis [...] continuaram atraindo famílias de povoadores. Os Alves Gondim, vindos de Tamanduá e Formiga; os Prata, de Tamanduá, que se apossaram das fazendas Buriti, Correias, Água Comprida, Quatis, Nunes e Alagoas, adquiridas do pioneiro João Batista de Siqueira; e entre os rios Uberaba Falsa e Tejuco, instalaram-se as parentelas dos Rodrigues da Cunha, Marquês e Pereira dos Santos [...] Em 1821, João Pereira da Rocha, vindo de Paraopeba, apossou-se de uma sesmaria a ele concedida entre o rio das Velhas e o rio Uberaba Legítimo. Acompanhado de alguns camaradas, montou benfeitorias e plantou roças, voltando, em seguida, a Paraopeba para buscar a família, escravos e protegidos. Seus treze filhos legítimos e mais dois naturais se estabeleceram em suas terras e, além disso, cedeu posses em seus domínios a outros dependentes. Algum tempo depois, José Alves de Resende, conhecido de João Pereira da Rocha e vindo também de Paraopeba, afazendou-se em

¹² Geralistas – habitantes das Gerais. Dedicaram-se, principalmente, à pecuária.

terras vizinhas [...] Pereira da Rocha vendeu parte de suas terras aos irmãos Carrejo, de quem logo se aparentou casando-se com uma prima deles [...]

Eram comuns os casamentos entre parentes, como uma estratégia de manter a propriedade. Uma das entrevistadas desta pesquisa faz alusão a esse costume, que ocorriam no início da formação da cidade de Uberlândia e mesmo anos depois:

[...] Os casamentos, antigamente, se realizavam muito entre as pessoas da família. Na minha família foram muitos os casamentos... antigamente, não é? até não dava muito certo, porque tinham alguns problemas de saúde mas se usava muito e eles tinham muito medo de deixar os filhos casarem com moças de famílias desconhecidas que não iam ter os mesmos costumes [...] (1A001)

Além de constituírem uma estratégia de manutenção do patrimônio do clã, esses casamentos também tinham como motivo a falta de opções, uma vez que as famílias praticamente dominavam grandes extensões de terra e não havia outros homens ou mulheres nas redondezas, com quem os jovens pudessem casar-se.

Alguns desses migrantes traziam consigo alguns escravos ou bens recebidos por herança, mas, na maioria das vezes, tinham poucos recursos financeiros. Pela dificuldade em comprar escravos, esses homens procuravam ocupar suas fazendas com posseiros pobres (agregados), transformados, assim, em meeiros. Essas primeiras fazendas foram-se desenvolvendo e transformando nas diversas cidades que hoje formam o Triângulo Mineiro. Cidades distantes umas das outras, separadas por grandes latifúndios. Bacelar (2003, p. 191), afirma que

[...] A formação da rede urbana triangulina apresenta-se como uma típica rede urbana criada no sertão com a marca da propriedade rural e das grandes propriedades. Seus grandes latifúndios produziram uma rede urbana com grandes distâncias entre seus nós urbanos [...]

Por isso, entre as cidades da região, as distâncias são muito grandes, marcadas pelas imensas fazendas que as circundam. Até 1840, a região tinha somente dois municípios: Araxá na região do Alto Paranaíba e Uberaba na região do Triângulo Mineiro. Ao longo de um século, com o crescimento econômico e intenso povoamento, esses dois enormes municípios foram se desdobrando. Soares, em entrevista para esta pesquisa, alude ao caráter hegemônico que Uberaba, no passado, exerceu na região.

[...] o papel que teve Uberaba no século XIX e que quando chega a estrada de ferro, Uberaba começa a dividir poder, porque Uberaba era tudo isso e

quando chegam os trilhos Uberaba tem que dividir com Araguari e depois vai ter que dividir com Uberabinha e assim vai dividindo poder [...]



Foto 2 - Praça matriz de Uberaba no início do século XX
Fonte - PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA
(2005a)

Araguari e Uberlândia transformaram-se em importantes entrepostos intra-regionais, enquanto Uberaba, apesar de diminuir sua hegemonia comercial, tornou-se centro do setor pecuário, particularmente, pela produção e comercialização de gado da raça zebuína. (Foto 2). Moura (1983, p. 13) fala da “tríplice epopéia do milho, do zebu e do comércio”, ao referir-se à formação de cidades como

Patos de Minas, Uberaba e Uberlândia. A diferenciação da atividade econômica estabelecida nas cidades da região trouxe consigo conseqüentes diferenças na forma de organização social e de cultura.

Com base na política econômica, a hegemonia das cidades se alternaram, porque, no processo de formação urbano-regional, os surtos de produção de riqueza foram intensos e resultaram em um revezamento/alteração de núcleos urbanos na dominação político-econômica da região. Ao longo dos anos, Uberlândia tornou-se um pólo migratório, com um fluxo de pessoas vindas de todos os lugares, não só do Estado de Minas e do restante do País mas também, de outros Países. A imigração estrangeira e as migrações entre Estados constituíram fenômenos demográficos significativos do final do século XIX no Brasil, influenciados por fatores internos (fim do trabalho escravo, secas nos estados nordestinos) e externos (o movimento de expulsão de populações protagonizado por diversos países europeus). Esses fatores provocaram transformações em muitos Estados brasileiros, especialmente no Sudeste e no Sul, entre eles, Minas Gerais, embora em menor escala que os demais estados da região. A entrevistada 1A001 cita algumas famílias de imigrantes estrangeiros que se mudaram para a região e, posteriormente, para Uberlândia.

[...] Algumas famílias vieram da região de Formiga, inclusive o nosso fundador, veio dessa região e chegou aqui para ter uma fazenda. Começou

com uma gleba de terra e como era usual construir uma igreja, construiu a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Vinha muita gente também de Estrela do Sul porque era uma cidade mais antiga... de Paracatu que tem duzentos e tantos anos, é uma cidade muito mais antiga, então as famílias vinham de lá, dessas regiões daqui mesmo. Uma das famílias importantes que veio pra cá foi a família Oliveira Marques, Rodrigues da Cunha... Vieram também muitos imigrantes por volta de 1915/16, veio muita gente da Itália... os Crosara, os Pavan, Anconi, Magnino, os Capparelli... Uma pessoa importante era o Dr. Vittorio Alessandri, que veio com uma família muito grande, também italiano. Eles moraram uns tempos em Monte Alegre, depois vieram pra cá. Vieram também muitos libaneses, sírios... os Thoufi, os Abraão, os Coury, os Attiê... Veio muita gente de Ituiutaba, de Uberaba. Ah... os Vilella que vieram da cidade de Prata...[...]

O Jornal Correio de 04 de janeiro de 2006 traz, na coluna Crônica da Cidade, de autoria do historiador Antônio Pereira, uma alusão à migração estrangeira em Uberlândia. Na época, havia na cidade uma pensão, de propriedade de Arzelina Augusta da Silva, que se chamava Pensão Itália. Após a Guerra, o nome foi mudado para Pensão Brasil. A coluna do jornal afirma que a referida pensão funcionava como um verdadeiro “*consulado para a italianada da roça*”:

[...] Nos fins do século XIX, chegaram a Uberabinha as primeiras famílias de italianos que se estabeleceram no Sobradinho iniciando uma atividade agrícola com lances de epopéia. Dificuldades por falta de dinheiro, de alimentos, de comunicação, por aí afora. Entre as primeiras famílias, vieram os Zanatta. Seu patriarca era o Fernandinho, casado com Margarida Bandieri, ambos de Treviso. Júlio, um dos filhos do casal, casou-se com Maria Buiatti e tiveram uma porção de filhos como era o costume. Giuseppe Capparelli chegou à região para trabalhar na construção de uma estrada de ferro que iria para o oeste. Projeto que não se realizou. Morou no Prata algum tempo, voltou para a Itália, veio para o Brasil de novo, agora para São Pedro de Uberabinha. Era 1916. Comprou a esquina da Av. João Pessoa e João Pinheiro onde instalou pequena venda para atender viajantes da Mogiana, sua residência e uma pequena pensão que denominou Brasil. A pensão atendia os viajantes da estrada de ferro mais o pessoal da roça, da região do Sobradinho - quase tudo boa gente - italianada. A pensão Brasil ficava aos cuidados de dona Arzelina Augusta da Silva, tia do Tubal Vilela, uma paulista de Queluz, que funcionava como um autêntico consulado para italianada da roça. Ali vinha nascer gente, casar-se gente, batizar-se gente e até morrer gente [...]

Além das razões que serão arroladas posteriormente e que atraíram para a cidade um fluxo de imigrantes, é necessário apontar outros fatores que contribuiram para esse processo. Estudos como os de Martine (1996) e Silva (2001) mostram que existe uma estreita relação entre a redistribuição espacial da população e as oscilações no mercado de trabalho, uma vez que as pessoas são atraídas para determinadas localidades e aí se fixam em função do fortalecimento das atividades econômicas. Essa tendência tem-se mostrado a mesma em todo

o território nacional, não apenas no Triângulo Mineiro. Em âmbito nacional, o fluxo migratório teve início em 1930, como um reflexo da crise internacional gerada pelo *crash* da Bolsa de 1929. Martine (1996, p. 62), divide o processo migratório no Brasil em dois grandes movimentos:

[...] Numa visão de conjunto, pode-se enxergar dois grandes movimentos na redistribuição espacial da população brasileira, durante o meio século anterior a 1980. Essas duas tendências redistributivas simultâneas e aparentemente contraditórias envolveram a ocupação progressiva dos espaços interioranos e a concentração em cidades cada vez maiores [...]

Nos anos 1930 e 1940, o movimento migratório interiorano privilegiou a Região Centro-Sul, principalmente São Paulo, Paraná e Santa Catarina; em sentido contrário, a população expulsa do campo iniciou a migração para as cidades, também privilegiando o sul, devido à industrialização. Dessa forma, aconteceu, no Brasil, um movimento paradoxal de interiorização e urbanização ao mesmo tempo, que predominou da década de 1940 até meados da década de 1960. A partir dessa época, com a construção de Brasília, o Governo Federal implementou projetos de colonização do Centro-Oeste. Martine (1996, p. 63), afirma que

[...] Paralelamente, a abertura de estradas e o desenvolvimento dos meios de comunicação vinham facilitando progressivamente as migrações inter-regionais. Assim, iniciou-se uma migração de nordestinos que, movidos pela seca, pelo crescimento demográfico e pelas crescentes disparidades inter-regionais nas condições de vida, passaram a alimentar os dois principais tipos de fluxo nacionais. Ou seja, passaram a contribuir tanto para o processo de migração urbana como para as migrações em direção às novas fronteiras [...]

A partir de 1965, o Regime Militar então vigente adotou uma estratégia que favorecia a modernização dos setores produtivos e que investia fortemente na melhoria de infraestrutura. Essa estratégia beneficiou a Região do Triângulo Mineiro e, ao mesmo tempo, criou os pólos de desenvolvimento e de migração em algumas cidades, esvaziando outras, que deixavam de oferecer oportunidades de trabalho. Houve, portanto, uma refuncionalização da rede urbana regional. Essas transformações de natureza econômica e político-social que ocorreram nos municípios do Triângulo Mineiro nos últimos trinta anos devem ser analisadas, segundo Bessa e Soares (2002), a partir dos investimentos que o Governo Federal realizou na região, na década de 1970, principalmente o POLOCENTRO¹³ (1975) e o PRODECER¹⁴

¹³ Plano de desenvolvimento implantado pelo governo federal que teve como objetivos incentivar e apoiar a ocupação racional das áreas do cerrado na região do Centro Oeste brasileiro. (SILVA, 2000)

(1980). As políticas governamentais incentivaram a ocupação e o aproveitamento de áreas do cerrado que ainda não estavam integradas ao processo produtivo e, juntamente com a modernização da agropecuária, provocaram o desenvolvimento de um complexo agroindustrial regional.

Ao mesmo tempo, as técnicas de modernização agrícola influenciaram a concentração da propriedade e do uso da terra, porque, por um lado, a mecanização reduziu a necessidade de mão-de-obra no campo e, por outro, incentivou a especulação latifundiária, expulsando os pequenos produtores, que se dirigiram, ou para as cidades menores, mais próximas às fazendas ou para os grandes centros, em busca de trabalho e de oportunidades para suas famílias.

A população rural no Triângulo Mineiro diminuiu, de acordo com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – FIBGE - (1970-2000), cerca de -56,2% no período entre os anos de 1970 e 2000, sendo essa redução superior a do Estado, que foi de -40,8%. Em 1970, o percentual de população rural era de 42,5% (465.183 habitantes) e decaiu para 10,9% em 2000 (203.559 habitantes), isto é, nesse período, a população rural perdeu cerca de 261.624 habitantes. A esse respeito, Soares (1995, p. 118) expõe que a

[...] refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro orientou-se principalmente pela modernização do campo, que expulsou uma parcela significativa da população rural; pelo dinamismo de algumas aglomerações; pela intensificação dos fluxos de transportes e comunicações, bem como pela diversificação dos serviços, que possibilitaram uma maior diferenciação entre as cidades [...]

Em razão desses processos, foi observado um dinamismo social e econômico que caracterizou algumas cidades como pólos de migração, tanto urbana quanto rural. A partir de 1970, constatou-se que a população que reside em cidades com até 20.000 habitantes decresceu de 32,9% (360.612), em 1970 para 19,1% (356.026) em 2000 e as cidades entre 100.000 a 500.000 habitantes tiveram um aumento populacional de 91,3%. A Tabela 1 mostra a participação dos municípios do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, segundo as faixas de tamanho populacional no conjunto total de população, entre 1970 a 2000. Esse fenômeno é explicado em decorrência da ampliação dos papéis desempenhados pelas cidades locais e médias da região, que passaram a atrair população dos centros urbanos menores.

¹⁴ Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, cujo objetivo era produzir cereais para o mercado mundial, incorporando técnicas e equipamentos modernos. (SILVA, 2000)

Tabela 1- Participação dos Municípios, segundo as faixas de tamanho populacional

Faixa de Tamanho	1970	%	2000	%	Evolução 1970-00 (%)
Até 20.000	360.612	32,9	356.026	19,1	-1,3
20.001 a 100.000	485.173	44,3	533.409	28,6	9,9
100.001 a 500.000	249.385	22,8	476.802	25,5	91,3
Acima de 500.001	-	-	500.488	26,8	-
Total	1.095.170	100,0	1.866.725	100,0	70,5

Fonte: BESSA e SOARES (2002)

A tabela 2 mostra os percentuais dos 87.461 migrantes responsáveis pelas famílias, por região de última residência, não naturais do município de Uberlândia, em 2001. Nota-se que a maior proporção dos migrantes é oriunda do próprio Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, 44%, ou seja, 38.482 pessoas vieram de cidades próximas a Uberlândia.

Tabela 2- Percentual de migrantes por Região de origem (2001)

Região	%
Norte	2
Nordeste	5
Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba)	13
Espírito Santo e Rio de Janeiro	1
São Paulo	9
Sul	2
Centro Oeste (-Goiás)	3
Somente Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	44
Goiás	21

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (2005)

Nesse contexto, Uberlândia tornou-se a cidade que mais cresceu no Triângulo Mineiro, na década de 1970 até o ano 2000, quando apresentou um incremento demográfico médio total de 301,3%, ou seja, a população total do município cresceu cerca de quatro vezes, passando de 124.706 habitantes, em 1970, para 500.488 habitantes em 2000, o que corresponde a um aumento de 375.782 habitantes. (BESSA e SOARES, 2002).

As cidades com população acima de 100.001 habitantes são as mais urbanizadas da região. Essas cidades comandam a rede urbana do Triângulo Mineiro. Uberlândia encontra-se no topo da hierarquia urbana regional, apresentando-se como uma “grande cidade média”. Em seguida, vem Uberaba, Patos de Minas e Araguari, que são propriamente "cidades médias", isto é, cidades capazes de manter, com regularidade, interações com suas áreas de polarização e também com cidades hierarquicamente superiores, a exemplo de São Paulo, Brasília, Goiânia e Belo Horizonte

As pequenas cidades até 20.000 habitantes são as chamadas “cidades locais” e distinguem-se pela sua influência estritamente local. Apesar de possuir um nível urbano

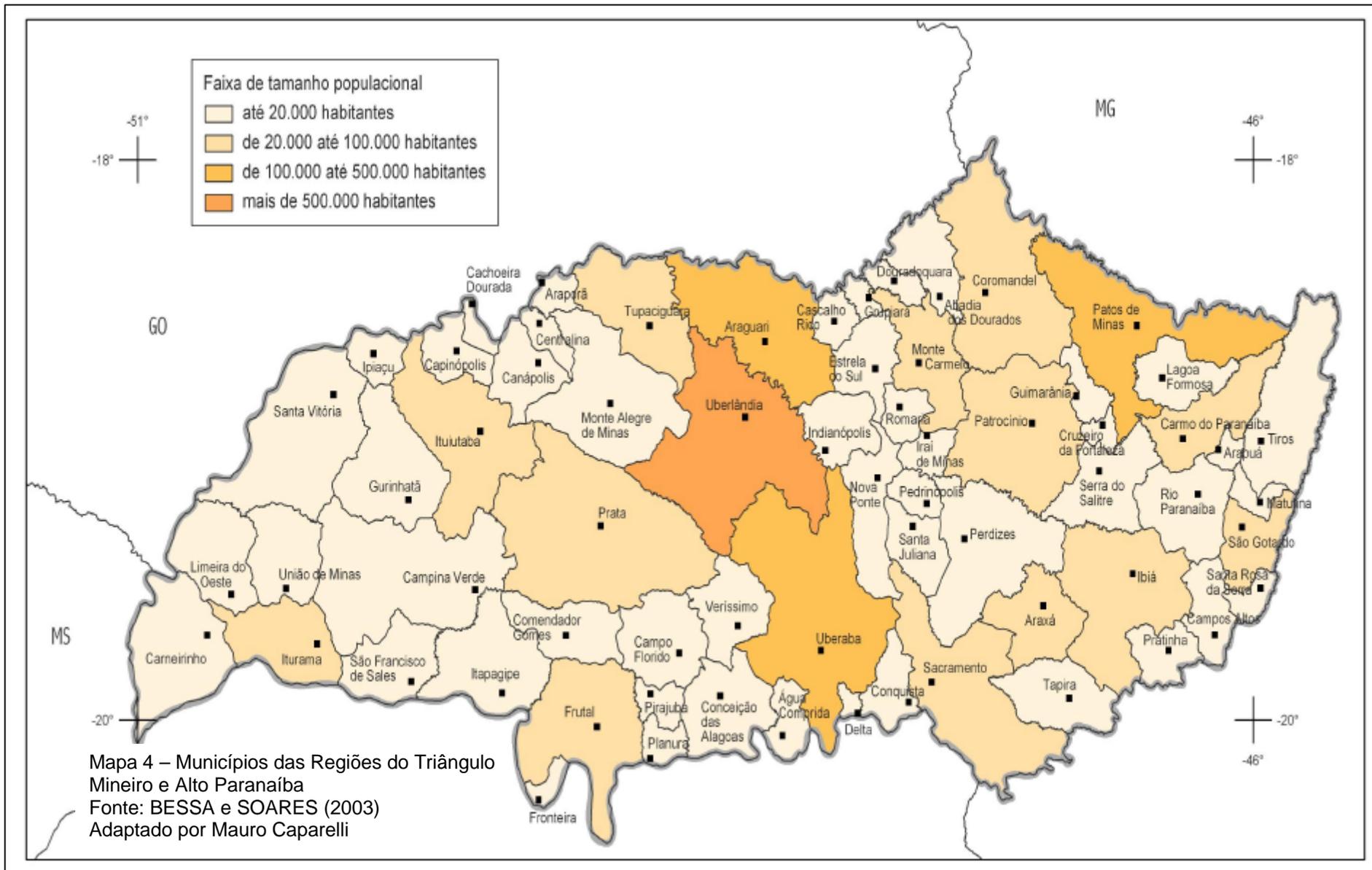
elementar são fundamentais para o seu entorno, ou seja, as vilas e o campo. As cidades com tamanho populacional entre 20.001 a 100.000 habitantes são denominadas “grandes cidades locais”, sendo diferenciadas das “cidades locais” em razão de um acúmulo maior de funções urbanas. (BESSA e SOARES, 2002). O Mapa 4, na próxima página, permite a visualização dos municípios que compõem o Triângulo Mineiro, organizados de acordo com o número de habitantes. No próximo item, será estudada com mais profundidade a formação histórica da cidade de Uberlândia.

3. Uberlândia no Triângulo Mineiro

Uberlândia (de *uber* = fértil e *land* = terra), a cidade enfocada por essa pesquisa, nem sempre teve esse nome. Sua antiga denominação, São Pedro de Uberabinha, estava relacionada ao rio que corta a cidade. Esse fato começou a incomodar os moradores, no início do século XX, porque sugeria que a cidade seria uma "Uberaba menor". Os intelectuais da cidade começaram, assim, um movimento para mudança do nome, num processo que não foi tão tranqüilo, segundo Silva (2005, p.14):

[...] A velha Livraria Kosmos, nos princípios do século passado, reunia todas as tardinhas os intelectuais da tranqüila Uberabinha (...) A Livraria Kosmos (...) editava também um jornal chamado “O Brazil” (com ‘z’ mesmo), cujo gerente era o cronista Pedro Salazar Pessoa Filho (...). Zacarias Alves de Melo, proprietário da livraria mais o Pedro Salazar lançaram um plebiscito a ser respondido pelas pessoas cultas do lugar [...]

Interessante a informação de que o plebiscito deveria ser respondido não por todos os cidadãos da cidade, mas pelas pessoas “cultas”. Quais seriam os critérios que definiriam essa “cultura”? Segundo Holanda (2001), a palavra “plebiscito”, do latim *plebiscitu*, na Roma antiga, identificava um decreto do povo reunido em comícios. Modernamente, nomeia uma resolução submetida à apreciação do povo a respeito de uma proposta que lhe seja apresentada. Assim sendo, embora tivesse esse nome, a consulta popular da época queria saber apenas a opinião de uma fatia da população, sem deixar claros os critérios aplicados na identificação dessas pessoas que iriam votar. Provavelmente, pessoas “cultas” seriam aquelas de poder econômico e influência política.



No entanto, mesmo essa consulta parcial foi embargada pelo chefe político da época, o Coronel Carneiro, que, segundo Silva (2005, p.14), ameaçou os promotores do plebiscito de retaliação e eles cancelaram o projeto:

[...] Era 1910. Apareceram alguns nomes, mas logo que saiu “Uberlândia”, que ganhou o gosto do público, indicado por João de Deus Faria, que justificava a sua indicação com o significado da palavra “terra fértil”, o Tenente Coronel da Guarda Nacional José Theófilo Carneiro, conhecido como “Seu Zeca”, estrilou.

Mandou chamar o Pedro Salazar.

“Menino, lhe chamei para lhe dizer: você e Seu Zacarias parem com esse negócio de mudança do nome da cidade. O nome de Uberabinha é intocável. Se vocês continuarem com essa história, vou recomendar aos meus correligionários que não assinem mais o seu jornal nem comprem nada na livraria.”

Salazar comunicou ao Zacarias as ameaças do Coronel e, no dia seguinte, O Brazil publicou uma nota meio desenxabida extinguindo o plebiscito [...]

As iniciativas de mudar o nome da cidade foram retomadas por volta de 1928, quando o próprio Coronel que havia embargado o processo “tinha entendido que não era muito agradável ser uma Uberaba pequena para sempre”. No entanto esse mesmo Coronel decidiu sozinho (não mais via plebiscito) que a Uberabinha deveria chamar-se “Maravilha”. Para tanto, semeou por toda a cidade uma flor com o mesmo nome e telegrafou ao então Presidente do Estado Antônio Carlos, pedindo a mudança:

[...] No dia 22 de setembro de 1929, escreveu ao Presidente do Estado, Antônio Carlos pedindo a mudança. E despachou mais correspondências para políticos influentes, congressistas, chefes de partidos, secretários de governo etc. Mais para o fim do mês zarrou para a capital. Queria acompanhar a votação do projeto de lei que mudava o nome da sua “maravilhosa cidade” [...] (Silva, 2005, p.14).

Se, antes, a mudança do nome da cidade teria o referendo popular, na verdade aconteceu de maneira arbitrária, porque o próprio Coronel Carneiro decidiu que a cidade deveria chamar-se Maravilha. No entanto, quando um político amigo argumentou que “Maravilha era nome de vaca” e pediu que fosse sugerido um outro nome, o próprio Coronel lembrou-se do nome Uberlândia e telegrafou ao Presidente do Estado: “Ontem resolvi propor aos senadores Camillo e Padre João Pio trocar o nome Maravilha para o de Uberlândia que será apresentado hoje” (SILVA, 2005, p.15). Chama a atenção o uso do verbo na primeira pessoa do singular — “*resolvi*” — como se uma decisão a respeito do nome de uma cidade pudesse ser tomada por uma única pessoa. Assim, em 19 de outubro de 1929, o nome da cidade passou a ser Uberlândia. Nessa crônica, narrada por Silva, são ressaltados três aspectos

que fazem parte do contexto local: o “bairrismo” de seus moradores expresso no “incômodo” das pessoas com o nome “Uberabinha”; a arbitrariedade da sua elite, expressa na não aceitação de um plebiscito; e a escolha de nomes “pomposos” para a cidade que pudessem vislumbrar sua “grandiosidade”. O conceito de “uberidade” da terra, que seria um elemento importante na criação do nome “Uberlândia” (terra fértil), é um construto ideológico, porque, antes da implantação da tecnologia no campo, o cerrado, ao contrário da região de Uberaba, no vale do rio Grande, era conhecido como um solo árido e pobre.

O desenvolvimento de Uberlândia está diretamente ligado às atitudes políticas e aos empreendimentos da iniciativa privada. Os elementos que a tornaram um centro regional, no século XX, alicerçaram-se sobre alguns grandes pilares, usados pela elite local como instrumentos para a consecução de recursos e de investimentos que visavam o seu crescimento.

Quem é a elite local que governa a cidade de acordo com seus interesses? Trata-se, segundo Oliveira (2002, p. 75), “de uma classe forte e unida, que não deixa transparecer as possíveis divergências entre setores dominantes do campo e da cidade.” A Associação do Comércio e Indústria de Uberlândia – ACIUB, fundada em 1933, representa a união das forças da indústria, do comércio e da agropecuária; constitui a burguesia que sempre dominou a política local com um discurso de união e de trabalho conjunto em benefício do “progresso”. Tradicionalmente, os representantes políticos da cidade (prefeitos, vereadores e deputados) são eleitos com o apoio da ACIUB. Na atualidade, ainda que esse quadro se mantenha, nota-se uma maior heterogeneidade dos grupos econômicos e políticos e também o surgimento de novas estruturas de poder, que tendem a atuar de maneira relativamente autônoma na cidade. (SOARES, 1995).

Os projetos de crescimento, denominados por Machado (1990, p. 16) como “projetos políticos”, tinham por objetivo colocar Uberlândia como principal centro urbano na região do Triângulo Mineiro. Concordando com as idéias de Machado, Oliveira (2002, p. 24), afirma que os projetos políticos justificavam-se, “na medida em que eles representavam a vinda de pessoas e de investimentos para o município, e também porque representavam a luta pela conquista da liderança da região”. Esses projetos estão na base de todo o discurso de empreendedorismo que preside as ações políticas da cidade no seu desenvolvimento e no relacionamento entre as diversas classes sociais que compõem a população.

Constituíram-se em "projetos políticos" as lutas pela construção de estradas, pela interiorização da capital federal, pela implantação de um Distrito Industrial e da Universidades Federal, e por um espaço urbano disciplinado com uma arquitetura "moderna"

e imponente, de cimento armado. Mais recentemente, com o processo de globalização que levou à internacionalização do sistema produtivo e dos serviços, a Prefeitura Municipal criou o projeto “Uberlândia – Portal do Cerrado” com o objetivo de fornecer condições para que a cidade pudesse inserir-se na nova ordem tecnológica globalizada. A proposta era transformar a cidade em um pólo tecnológico, voltado para o setor agrícola e com um melhor aproveitamento das áreas de cerrado, inclusive para atividades turísticas. Outro fator importante nesse projeto foi o esforço engendrado pela Prefeitura e pela iniciativa privada para transformar Uberlândia em um pólo receptor de turismo de negócios e eventos. A seguir, será feito um pequeno resumo de cada um desses projetos, que será importante para a reflexão proposta por esta pesquisa.

3.1 A construção de estradas

Um dos principais fatores que fizeram de Uberlândia um centro regional são os eixos de circulação que passam pela cidade e formam um entroncamento rodo/ferroviário.



Foto 3. Estação Ferroviária em Uberlândia, (1930)
Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

O elemento propulsor do desenvolvimento da cidade foi, no final do século XIX, a instalação da estrada de ferro Mogiana, que ligou o Estado de São Paulo ao Triângulo Mineiro. Segundo um dos entrevistados desta pesquisa, a construção da estrada de ferro foi um fator primordial para a convivência das pessoas, uma vez que a estação (Foto 3) passou a ser um ponto de encontro e de lazer, onde as

pessoas ficavam sabendo as principais notícias, além de receberem pessoas e mercadorias:

[...]. Um trem chegava por volta das 20h em Uberlândia. Um pouco antes começava a se formar na plataforma da estação um “footing” iniciado pelas pessoas que iam em busca de jornais e revistas do dia, saídos de São Paulo,

pela madrugada. As notícias já eram conhecidas pelo “Repórter Esso”, agora, seriam as fotos dos jornais. Assim, eles e elas iam para a plataforma da Mogiana tanto para ver os jornais, como para saber quem chegava de outras cidades [...] 1B001.

Hoje em dia, devido à ênfase dada ao transporte rodoviário em detrimento do transporte ferroviário, principalmente a partir dos anos 1950, a Estação Ferroviária em Uberlândia não tem mais essa conotação a que o entrevistado se referiu, uma vez que o trem de ferro serve somente para transporte de cargas. A Sr^a Esmeralda de Castro Maia, em depoimento para esta pesquisa, lembra-se de outras curiosidades a respeito da Estação da Mogiana.

[...] Outra curiosidade que existia era que as pessoas (principalmente as moças) vinham na estação passear. As moças não pagavam ingressos para entrar na Estação mas os homens sim, isto é, fora os que passavam pela roleta. Iam pela manhã e à noite quando o trem não atrasava muito. As moças daquela época, se saíam de manhã, iam com uma roupa, à tarde com outra e à noite com uma terceira ou quarta roupa. Não saíam com a mesma de forma alguma. Quando os alunos da Escola Marista de Uberaba iam a Uberlândia fazer competições esportivas, era uma festa. A Estação ficava cheia para vê-los, pois saíam em desfile com banda tocando e eram rapazes muito bonitos. As disputas não eram muito amigáveis, sempre ocorriam brigas, principalmente se havia baile. As moças não dançavam com os rapazes de Uberaba e nem de Araguari, o mesmo ocorrendo com os rapazes se vinha alguma moça desses lugares [...]

No excerto seguinte pode-se notar a importância que a estrada de ferro teve para a economia da região e, conseqüentemente, para a vida dos que aqui aportavam.

[...] O nome do meu pai é José Alves Garcia e o da minha mãe, Josefina Garcia. Meu pai em Portugal, tomava conta de turmas que trabalhavam na lavoura, na colheita de abóbora, batata, uva e várias atividades. Quando veio para o Brasil, o primeiro serviço dele foi trabalhar na Estrada de Ferro Mogiana. Depois foi carroceiro, transportando mercadorias da estação da Mogiana para várias empresas de Uberlândia [...] CERQUEIRA, 2002, p. 24)

Dessa forma, percebe-se que os primeiros imigrantes estrangeiros vieram para a cidade de Uberlândia, para trabalharem na Cia. Mogiana e só mais tarde mudaram de atividade, passaram a dedicar-se ao comércio.

O desenvolvimento da cidade intensificou-se com a construção das estradas de rodagem, a partir de 1912, por iniciativa privada da Cia. Mineira de Autoviação Intermunicipal, pertencente a Fernando Vilella de Andrade, e da construção da Ponte Afonso Pena, pelo Governo Estadual (1910). Essas estradas interligaram Goiás e Mato Grosso ao

Triângulo Mineiro, principalmente a Uberlândia, que se tornou um entroncamento-chave na malha rodoferroviária e um pólo comercial.

A “centralidade” do município na região sempre foi apresentada como estratégia de Uberlândia para se tornar um entroncamento rodoviário, porque a cidade possuiria, de acordo com a elite local, um “aspecto geográfico favorável”. No entanto, pode-se considerar que essa condição estratégica foi historicamente construída, porque, ao se examinar o mapa da região, percebe-se que, do ponto de vista da natureza, a cidade não é melhor localizada que inúmeras outras como Araguari, por exemplo. No entanto, essa representação de Uberlândia como “centro” foi, de alguma maneira, incorporada por alguns moradores da cidade. Um dos entrevistados desta pesquisa alude a esse fator como uma vantagem:

[...] Uberlândia é quase que o centro geográfico do País, do Brasil. É entre Uberlândia e Tupaciguara [...] (1A002)

De qualquer modo, pode-se dizer que o esforço para que Uberlândia se tornasse um entroncamento rodoviário, possível a partir de alianças políticas, teve resultados positivos. O município é servido por uma expressiva malha rodoviária que contribuiu para torná-lo um importante entreposto comercial distribuidor de produtos agropecuários do Centro Oeste e Norte do Brasil e, ao mesmo tempo, intercambiar produtos industrializados para essas mesmas regiões.

O Mapa 6 mostra as principais estradas que ligam a cidade ao restante do País: a BR 452 –Araxá – Uberlândia – Itumbiara – Goiânia; a BR 050 – São Paulo – Uberlândia-Catalão- Brasília; a BR 479 – Uberlândia – Prata – Mato Grosso do Sul; a BR 365 – Cuiabá – Jataí – Ituiutaba – Uberlândia – Montes Claros- Bahia e a BR 153 – Uberlândia – São José do Rio Preto.



Mapa 4 - Principais rodovias que cruzam Uberlândia

Fonte: SOARES (1995)

Dentre essas rodovias, a mais antiga é a BR 050, que integra, desde o início dos anos 1960, o Triângulo Mineiro com a porção mais desenvolvida da economia paulista, e a BR 365, no sentido leste, que permitiu a projeção de Uberlândia pelos cerrados mineiros, desde o início dos anos 1970. Essa integração possibilitou a acumulação de capitais regionais, expressos em diversos setores de atividades, entre eles, os comércios varejista e atacadista e o setor agroindustrial. Um outro fator importante na construção da cidade foi a construção de Brasília, como se verá no próximo item.

3.2 Interiorização da capital federal

Decorrente da preocupação com o progresso brasileiro, a política de interiorização do desenvolvimento do País teve como um de seus marcos a construção de Brasília, um projeto que teve o apoio das lideranças uberlandenses e constituiu-se em fator fundamental para o crescimento da cidade e da região. A política de interiorização perpetrada pelo governo Juscelino Kubitschek foi, segundo Soares (1995, p. 65), “o grande impacto político, econômico, social e cultural no Triângulo Mineiro”, pois criou condições para o desenvolvimento agroindustrial e a efetiva ocupação do cerrado brasileiro.

No início do processo de interiorização da capital, as forças políticas uberlandenses tinham esperança de que a cidade fosse escolhida como a capital federal. Oliveira (2002, p. 23) cita uma publicação do Diário de Belo Horizonte que, em 1946, apoiava esse anseio: "Uberlândia, a próspera cidade mineira seria elevada à categoria de Distrito Federal." Após essa frase de efeito, o artigo enumera as características da cidade que a capacitariam a tornar-se a capital do País:

[...] As vantagens seriam inumeráveis. A capital da República sairia do litoral e se localizaria no centro do País, segundo os princípios da estratégia moderna. Além disso, andaria mais rápido o progresso para o *hinterland*, evitando-se o êxodo das populações para as grandes cidades... [...]

O excerto deixa claros os anseios de crescimento das forças políticas da cidade. Chama a atenção o fato de a "interiorização" estar de acordo com os "*princípios da estratégia moderna*", leia-se ideologia de Juscelino Kubistcheck, que pretendia incrementar o desenvolvimento do País na direção da interlândia, aqui no artigo escrita em Inglês.

Em 1950, as esperanças se desvaneceram, com a decisão de se construir a capital no Planalto Central, mas, ao mesmo tempo, as forças políticas uberlandenses aplaudiram a decisão, porque a cidade seria profundamente beneficiada, por "estar no caminho" de todo o progresso que viria com a construção de Brasília. E isso realmente aconteceu, porque a cidade teve o seu perfil bastante modificado, tanto em termos do comércio quanto na industrialização, marcada sobretudo pela criação do Distrito Industrial.

3.3 O Distrito Industrial

O Brasil do início do século XX paulatinamente transformou o perfil de suas cidades, com o processo de industrialização incentivado, sobretudo, pela política do Governo Vargas. Segundo Oliveira (2002), no período em que se fazia a transição da economia agrária para a industrial, a burguesia do País criou um discurso de que a salvação brasileira seria a modernização por intermédio das indústrias. Na década de 1940, Uberlândia contava com poucas indústrias. As principais eram as charqueadas, os curtumes, as indústrias de calçados e de tecidos e as máquinas de beneficiar arroz e algodão.

Em 1959, foi criada a Comissão de Defesa dos Interesses de Uberlândia, com a finalidade de encabeçar a luta pela criação do Distrito Industrial no município (Soares, 1995).

Após um processo conturbado, que envolveu uma competição com Uberaba para se definir qual das cidades teria primeiro a sua cidade industrial, Uberlândia inaugurou-a em 1965, por força de uma intensa luta política.

O processo de industrialização solidificou ainda mais a força política da elite uberlandense e, em 1970, o regime militar nomeou um uberlandense, Rondon Pacheco, para Governador do Estado de Minas; nesse governo, foram implantados diversos distritos industriais, entre eles o Distrito Industrial de Uberlândia, em 1972. Como conseqüência, a fama do “Eldorado econômico” atraiu um número cada vez mais crescente de migrantes para a cidade. Uberlândia teve seu desenvolvimento acelerado e começou a firmar sua supremacia em relação às demais cidades da Região.

Como visto anteriormente, a formação da rede de agroindústrias em Uberlândia tem relação intrínseca com a expansão da mecanização da área do cerrado na década de 1970, que permitiu a instalação de empresas ligadas ao processamento de grãos, de carnes e de hortifrutigranjeiros. Segundo Bessa (2001, p.189),

[...] as agroindústrias uberlandenses apresentam um crescimento acentuado, o que incluiu maior articulação entre os setores agropecuários e a indústria, e mudanças organizacionais estratégicas, que privilegiam a diversificação e os novos investimentos. Nessa perspectiva, observa-se a diversificação dos incentivos, a introdução de novos cultivos e o encadeamento com o setor agropecuário, tanto com o setor de insumos e máquinas quanto com os setores de beneficiamento, comercialização, armazenagem, acondicionamento e transporte [...].

A partir dos anos 1980, a cidade se insere na nova ordem tecnológica globalizada com a instalação de empresas nacionais e multinacionais, como a ABC-Inco (Grupo Algar), Resende Alimentos (Grupo Sadia) e Planalto, de capital local; Brasfrigo, Braspelco, Perdigão, de capital nacional; Cargill, Nestlé, Souza Cruz, Daiwa Têxtil do Brasil de capital estrangeiro. Foram instaladas também, um expressivo número de cerealistas, frigoríficos, distribuidoras de bens de consumo, armazenamento de grãos, e transportadoras.

De acordo com Bessa (2001), paralelamente à instalação de agroindústrias, ocorreu a introdução de indústrias diretamente relacionadas às demandas do campo, ou seja, indústrias para a agricultura, associadas ao segmento da biotecnologia animal e às indústrias de insumos e equipamentos agrícolas. Em Uberlândia, destacam-se empresas voltadas para o segmento genético, particularmente, no campo da biotecnologia avícola como a Monsanto, a Novartis, Agrocere/Monsanto, a MDM (Monsanto, Deltapine e Maeda) e a Aventis.

A viabilização da cidade como pólo tecnológico¹⁵ foi possível graças a existência, em Uberlândia, de infra-estrutura básica necessária à sua implantação, como energia, telecomunicações, transportes, saúde e educação, uma vez que, nesse contexto, a força de trabalho qualificado é um fator imprescindível. A seguir será analisado outro projeto pensado pelas elites uberlandenses que deu suporte a essa estrutura espacial-produtiva: a implantação de uma Universidade Federal em Uberlândia.

3.4 A Universidade Federal

Segundo Soares (1995) e Oliveira (2002), uma das principais motivações para que Uberlândia reivindicasse a criação de uma faculdade de Medicina, foi a antiga rivalidade entre Uberlândia e Uberaba uma vez que, na década de 1950, Uberaba era a sede cultural da região. Esse desejo, contudo, não era unânime, porque a ACIUB priorizava a industrialização. Apesar disso, os dois projetos, tanto o da industrialização quanto o da implantação de faculdades, foram levados a contento. Oliveira (2002, p. 34) faz, a esse respeito, a seguinte reflexão:

[...] Mais uma vez, a cidade mobilizou-se em torno de um projeto político importante para o seu desenvolvimento. De fato, ela não trocou a luta para tornar-se centro cultural por outra, a do centro industrial. Ao contrário, ela lutou pela realização de todos os seus projetos [...]

A partir de 1957, foi constituída uma comissão pró-instalação de escolas superiores em Uberlândia e foram criadas as primeiras faculdades: Direito (1959), Filosofia, Ciências e Letras (1960), Ciências Econômicas (1962), e Engenharia (1965). A reivindicação pela escola de Medicina veio mais tarde, quando um grupo de médicos lançou em 1966, uma campanha pela sua instalação. A Faculdade de Medicina entrou em funcionamento em 1968.

A Universidade de Uberlândia – UnU, foi criada no final dos anos 1960, a partir da junção de nove escolas superiores, algumas particulares e, outras, autarquias federal e estadual. Para viabilizá-la foi criada uma fundação com objetivo de efetivar sua federalização, o que foi conseguido por Rondon Pacheco junto ao governo militar do então Presidente Costa e Silva. Em 1978, tornou-se a Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

¹⁵ Lima (1994, p. 386) conceitua pólo tecnológico como “lugares especializados que participam dos circuitos espaciais de produção mundial, ou seja, são pólos com elevado nível de virtualidades locais, integrados aos mercados internacionais, quase sempre desconectados dos interesses de sua própria região. Quando há elevada propulsão e expansão territorial das atividades, o ambiente inovador domina o entorno do distrito original e se reveste como caracterizante da vida urbana.”

Ao longo dos anos, Uberlândia assistiu a várias redefinições de suas funções visto que, tanto a cidade como a região, foram sendo expostas a constantes modernizações. Primeiramente, as de caráter técnico e, mais recentemente, as inerentes ao período técnico-científico-informacional advindos com a globalização e revolução tecnológica. Santos (1993, p. 123), em seus estudos acerca da urbanização brasileira, afirma que “as cidades médias são, crescentemente, *locus* do trabalho intelectual, como o lugar onde se obtêm informações necessárias à atividade econômica. Serão, por conseguinte, cidades que reclamam cada vez mais trabalho qualificado.” Outros fatores, como o redirecionamento da política governamental voltada para o ensino, principalmente a partir do governos I e II de Fernando Henrique, contribuíram para o aumento das faculdades em Uberlândia. Essa política privilegiava a criação de universidades particulares. Nesse contexto, várias instituições de ensino superior privado foram implantadas: o Centro Universitário do Triângulo UNITRI; a União Educacional Minas Gerais – UNIMINAS; Faculdade Politécnica de Uberlândia; Escola superior de Marketing e Comunicação – ESAMC; a Universidade de Uberaba – UNIUBE; a Universidade Antonio Carlos – UNIPAC; a União de Ensino superior em Serviços de Administração – UNIESSA; a Faculdade Católica, entre outras.

A implantação das universidades foi decisiva na caracterização de Uberlândia como pólo migratório da região. Os entrevistados desta pesquisa forneceram dados que podem enriquecer a reflexão a respeito do papel da educação no incremento do fluxo migratório na cidade. Esse contingente de migrantes começou a vir para Uberlândia já nos primeiros anos do século XX. Aos poucos, a cidade foi crescendo e tornando-se um pólo de migração que, aos olhos da entrevistada começou com a necessidade de escolas:

[...] Quando começou a ter escolas aqui em Uberlândia, os fazendeiros traziam os filhos e filhas pra estudarem aqui. Foi a época em que floresceu o internato do Liceu de Uberlândia, o internato do Colégio Nossa Senhora, que recebia jovens mocinhas de toda essa região aqui, e elas eram muito bem educadas pelas Missionárias de Jesus Crucificado para serem “mocinhas da sociedade”, “senhoritas”. Outra escola que teve internato durante muitos anos e que recebia, principalmente, filhos de fazendeiros, notadamente de Goiás, foi o Colégio Brasil Central. Lá havia internato pra moças e pra rapazes [...] (1A001)

Com o declínio dos internatos, começam a surgir as "pensões para estudantes", lembradas pela mesma entrevistada. Hoje, além dos pensionatos, proliferam na cidade as repúblicas de estudantes que vêm de todas as cidades da região e mesmo de outros Estados.

[...] *Depois começaram a aparecer pequenos “pensionatos” para rapazes e as moças ficavam mais nos colégios. Em 1932/33 até 1939/40 eu freqüentava a casa de uma família aqui que se mantinha com um desses pensionatos pra rapazes. Chegavam a ter dezoito rapazes hospedados lá e eles vinham para estudar porque aqui em Uberlândia tinha bons cursos ginasiais que era o ensino principal da época. Depois, se quisessem fazer faculdade, iam pra Belo Horizonte, São Paulo ou Rio [...] (1A001)*

Não há dúvida de que a educação e as Universidades tiveram um fator decisivo no aumento da população da cidade e, ainda hoje, essa influência é significativa. Estima-se em 25.000 o total de alunos de nível superior, sendo que a grande maioria veio de outras cidades. Também os professores e até mesmo seus administradores são, em sua maioria, provindos do Estado de Minas Gerais e de outros Estados. A seguir, será comentado o processo de urbanização da cidade que a transformou na Uberlândia de hoje.

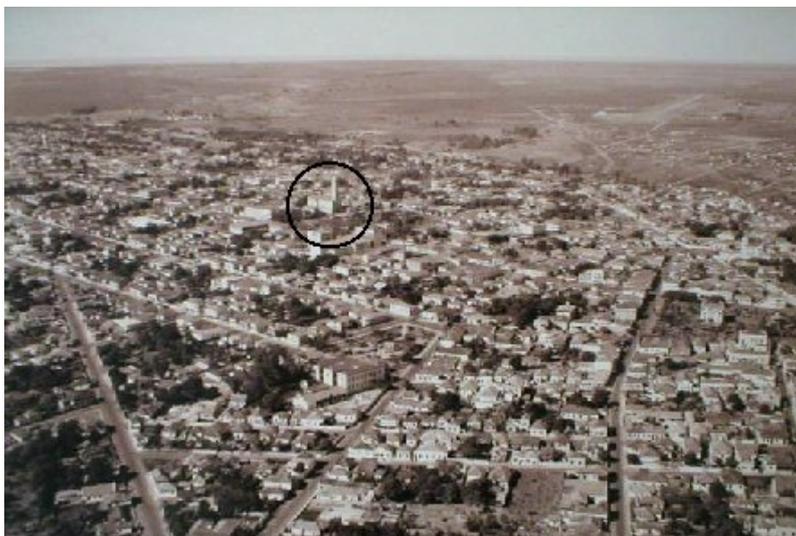
3.5 A Urbanização

Inicialmente, o desenvolvimento de Uberlândia, como na maioria das cidades brasileiras estabelecidas até a virada do século XX, aconteceu de forma natural, sem nenhum planejamento (SOARES, 1995). A morfologia urbana do município, naquela época, resultava em ruas estreitas e tortuosas com construções precárias que causavam “má impressão”, segundo o discurso progressista de seus governantes, sendo motivos de preocupação dos políticos locais, que tinham como meta reorganizar o espaço urbano da cidade. A partir da instalação da ferrovia, em 1895, a cidade se desloca para esse novo espaço concretizando o desejo dos planejadores daquela época, que era o de criar uma cidade que espelhasse a ordem, a limpeza, o progresso e a modernidade.

O Plano Urbanístico de 1908 consistia na ampliação do perímetro urbano a partir do núcleo antigo da cidade e a criação de uma nova área central, com um conjunto de largas e extensas avenidas arborizadas, formando um tabuleiro de xadrez¹⁶. Soares (1995, p. 86) analisa esse plano da seguinte forma:

¹⁶ O plano em xadrez é, segundo Soares, (1995, p. 58). "geralmente considerado como o plano ordenado por excelência, o que respeita as diretrizes de uma autoridade central – proprietário ou poder político – capaz de impor a regularidade ou coerência do esquema. Caracterizaria as cidades ‘fundadas’, em oposição às “espontâneas” e é particularmente evidente nas experiências de colonização, desde a Sicília grega às cidades americanas ou, nas de urbanização recente, certos novos bairros operários ou lotes de periferia”

[...] A preocupação constante com a imagem da cidade estava presente no pensamento político, e o referido plano deveria cumprir esse objetivo, ou seja, deveria “criar uma cidade cuja imagem expressasse a modernidade e a ordem, em um espaço homogêneo e asséptico, que não se assemelhasse ao velho Fundinho, antigo, de ruas estreitas e tortuosas” [...]



Vista aérea. No detalhe a Igreja Nossa Senhora Terezinha (Praça Tubal Vilela)

Foto 4 - Traçado urbano de Uberlândia em 1930

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

A foto 4 mostra a Praça Tubal Vilela, local para onde foi deslocado o novo centro. As novas ruas chegavam até a Estação Ferroviária e se estendiam pelo Bairro Operário. Vários tipos de serviços e equipamentos urbanos foram implementados como estação telegráfica, praças, escolas públicas, normas para arruamento, construção de residências, passeios, dentre

outros. Com a implantação de infraestrutura básica nas avenidas e a construção de praças arborizadas, foi possível erguer prédios comerciais e de serviços, modificando o uso e a ocupação do solo; dessa forma, foi deslocado o antigo núcleo central, que se localizava no Bairro Fundinho, para essa nova área, caracterizando um processo espacial de descentralização.

Desse modo, como uma estratégia de adequação à meta de progresso e de modernidade, a cidade transformou-se, não só na sua concepção como também no modo de vida de seus habitantes e as velhas casas desapareceram; em seu lugar, foram traçadas novas avenidas e erguidos palacetes, além de grandes edifícios de cimento armado e vidro, que simbolizassem uma cidade “moderna”. Tudo isso teve uma consequência na forma de as pessoas se relacionarem com sua história e com sua cultura e também na questão da hospitalidade em Uberlândia, conforme será discutido nos capítulos seguintes. A não preservação do patrimônio de uma cidade, muitas vezes, pode representar para seus moradores, uma “crise dos valores” e dos “fundamentos da urbanidade”. Para Monnet (1996, p. 222), “é assim que o patrimônio mantém seu lugar na representação da crise urbana (...); não respeitar o patrimônio é considerado como indicador de uma sociedade que perde suas

referências e como fator de perda de identidade de uma cidade.” Essa idéia está nitidamente representada na fala da entrevistada 1A001:

[...] Uberlândia poderia ter um patrimônio histórico valioso, Igrejas, capelas, e muitas casas antigas estariam de pé e conservadas até hoje, mas, a título de modernização, foi tudo derrubado. E alguma coisa que poderia ter se constituído em uma jóia de arquitetura também destruído, por exemplo, foi o antigo Fórum Municipal da cidade, um prédio lindo com umas colunas romanas na frente, muito bonito, tinha uma fachada impressionante, e logo que passava a porta principal tinha uma escadaria que se bifurcava em duas, estilo daqueles palacetes coloniais americanos, foi destruído aqui na Praça Tubal Vilela pra fazer o prédio da Receita Estadual [...] A Estação da Mogiana que era um prédio muito bonito, muito sólido, poderia ter sido transformada em um museu, ou em uma biblioteca, enfim, poderiam ter dado um uso digno para um prédio que teve uma função durante tantos anos, importante, qual a de ser a estação ferroviária de Uberlândia, foi destruída e perdeu-se completamente a memória da “praça da estação” e isso fez com que a cidade perdesse muito dos seus encantos que poderiam ser considerados tradição e tradicionais. [...]

Hoje, esse espaço da antiga Estação da Mogiana a que a entrevistada se refere é a Praça Rondon Pacheco, um aglomerado de viadutos, um espaço para vendedores ambulantes,



**Foto 5 - Praça Sergio Pacheco, esquina com Av. Afonso Pena.
Fonte: a autora**

denominado "camelódromo", um terminal de ônibus coletivo denominado "Terminal Central", e um prédio em concreto armado, destinado ao Fórum, construído nos padrões dos edifícios de Brasília. É considerado, hoje, como um lugar feio, perigoso, cheio de assaltantes e não é frequentado como espaço de lazer.

A foto 5 mostra o local como ele é hoje. Pode-se notar a “invasão” de ruas e viadutos, que fizeram perder toda a característica de uma praça. Por volta de 1970, foi feito um projeto paisagístico para o espaço, por Burle Marx, que previa o aproveitamento de todas as árvores, com uma área destinada a um jardim botânico que preservaria as espécies típicas do cerrado. O projeto não foi

totalmente implementado por motivos políticos: na gestão seguinte, o prefeito de partido político contrário "desmanchou" o que já estava pronto e construiu viadutos, para priorizar o trânsito de veículos no local. Na gestão posterior, o ex-prefeito, novamente eleito, desmanchou o viaduto e abriu ruas, ficando o espaço como é ainda hoje.

Frúgoli Jr. (2000), em estudos a respeito do "centro tradicional" de São Paulo, elegeu como problema principal de investigação a disputa pelo espólio da "centralidade", dado o seu valor simbólico e material. O autor analisa que a mobilização organizada de determinados atores envolvidos na tarefa de adequar o espaço aos seus projetos (econômicos, políticos e sociais) nem sempre são explícitos. Questiona, também, quais os efeitos dessa competição sócio-espacial sobre as classes populares. Em Uberlândia, no caso, a praça analisada anteriormente, o trânsito de veículos teve prioridade sobre o que poderia ter sido uma imensa área verde, destinada ao lazer da população. O embate entre os dois prefeitos foi transformado em anedota na cidade, mas é uma evidência de como o espaço público pode ser tratado como algo pessoal, como alvo de disputa de poder. Esse privilégio para o carro em detrimento do indivíduo talvez seja um dos principais fatores para Uberlândia ser considerada inóspita para as pessoas que aqui aportam e mesmo para seus moradores.

Ultimamente, aos domingos, foi instituída no local uma feira de artesanato, alguns shows denominados "Arte na Praça" e bailes populares aos sábados à noite, como uma tentativa de se resgatar o antigo espírito de um espaço de encontro e de lazer para a população. Também o entrevistado 1A002 expressa sua opinião a respeito da relação de Uberlândia com seu patrimônio:

[...] *Eu tenho uma visão diferente para o fato da não preservação...A elite que comandou Uberlândia por muitos anos era uma elite rural... uma elite despreparada culturalmente e ela não tem essa coisa de preservação de nada... por isso é que talvez eles tenham feito essa "deterioração". [...]* Uberlândia, nunca teve um administrador que fosse industrial, nem um intelectual, talvez por isso não se preservasse, sei lá...digamos assim... os "pré-históricos", não se preservasse a cultura e a memória [...]

Para esse entrevistado, a dificuldade não é saber "o quê" está sendo preservado (que ele chama de "pré-históricos"), mas, sim, "quem" está decidindo o que deve ou não ser preservado que, na sua opinião, é *uma elite despreparada culturalmente*.

Além da questão de preservação do patrimônio, outro aspecto a discutir é a imagem que se desejava criar para Uberlândia, no processo de seu crescimento. Ao longo dos anos, diferentes epítetos foram criados e eram veiculados pela imprensa local, pelos políticos e

jornalistas, tais como “Uberlândia, Cidade Jardim”, na década de 1930/40, e, mais tarde, “A Nova Iorque do Centro-Oeste” “Urbe Sertaneja”, “Portal do Cerrado”, “Metrópole Regional”, num esforço discursivo de propagação dos ideais progressistas. Muitas vezes, o excesso de adjetivação é uma estratégia para se esconder a ausência de substância do que se diz. Dessa forma, Uberlândia, que na década de 1950, tinha poucas praças, ser chamada de Cidade Jardim era, no mínimo, um paradoxo. Soares, em entrevista para essa pesquisa afirma:

[...] Então são essas coisas que eu acho que é parte daqueles projetos, daquela elite... de modernização dessa cidade. E aí ela perde pra Uberaba e pra Araxá [...] essa coisa tradicional, que é característica de uma sociedade agrária e a nossa é uma sociedade urbana, industrial... e aí ela tem que criar uma outra cidade mesmo... Lembro-me daquela história de “cidade jardim”... de cidade jardim, não tinha nada mas cria esse imaginário, acho então que é isso... essa eficiência dessa elite que tem um pé no campo mas não tem como a de Uberaba que faz questão de mostrar que tem [...]

Na década de 1960, com a construção de Brasília e com a abertura de estradas interligando a nova Capital Federal a São Paulo, Uberlândia, como foi visto, conheceu um rápido crescimento. Começou, então, uma nova fase de crescimento da cidade, seu núcleo central se expandiu, englobando áreas circunvizinhas e formou outros embriões de núcleos comerciais nos bairros que geraram melhoramentos na infraestrutura dessas áreas.

A partir de 1970, com a aceleração do crescimento populacional e com a expansão do perímetro urbano pela necessidade de abertura de novos loteamentos, tornaram-se evidentes algumas contradições na cidade, tais como a carência de moradias, a degradação do meio ambiente, as demandas por escolas, transporte, segurança pública e saúde. Esses problemas foram agravados pelos grandes vazios urbanos, resultados da especulação imobiliária, ligada aos interesses políticos de quem estava no poder na ocasião. Um dos entrevistados dessa pesquisa faz alusão a esse processo de especulação, que ele denomina como “*perversa*”:

[...] Uberlândia passou por várias gestões de governantes donos de imobiliárias. Então, quando mais expandida a cidade, mais terreno se venderia. E nessa ótica perversa, vender terreno passa ser um bom negócio [...] (1B001)

As duas principais conseqüências dessa especulação foram a verticalização da cidade, com a construção de inúmeros arranha-céus e um processo de deslocamento da população de baixa renda para os conjuntos habitacionais. Tais conjuntos recebiam grande volume de verbas públicas para a infraestrutura (água, luz, esgoto, linhas de ônibus, telefone etc). Como

os líderes políticos da época eram também donos de grandes propriedades, alguns inclusive, donos de imobiliárias, os primeiros conjuntos habitacionais (Luizote de Freitas e Segismundo Pereira, por exemplo) foram planejados de forma a beneficiar os loteamentos desses políticos, que ficavam na região intermediária entre o centro da cidade e os conjuntos habitacionais. Com isso, seus terrenos valorizaram-se de forma muito rápida.

Quanto à verticalização, o principal objetivo da construção de grandes edifícios era a



Foto 6 - Parque do Sabiá – Estádio João Havelange
Fonte: UBERLÂNDIA (2005)

ampliar o uso do espaço urbano e, ao mesmo tempo, espelhar a imagem "moderna" e progressista da cidade: "Os altos edifícios se constituíram em importantes signos na estética urbana de Uberlândia" (SOARES, 1995, p. 127). No mesmo sentido ideológico, foram construídas outras obras de grande porte, nos moldes de Brasília, em concreto armado, como o Fórum Municipal, já citado, a Estação

Rodoviária, e o Estádio João Havelange (Foto 6) com capacidade para 75.000 espectadores e que pouquíssimas vezes foi utilizado desde a sua inauguração. Obras como o Estádio João Havelange e o Parque do Sabiá, foram pensadas também com o propósito de aumentar as opções de lazer da população e como um meio de atrair turistas para a cidade.

Nessa mesma linha de pensamento, foram construídos os *shopping centers*. Inicialmente, foi construído o *Ubershopping*, que ficava num bairro mais afastado, de acordo com as pretensões da especulação imobiliária vigente nos empreendimentos de Uberlândia. Quando, alguns anos mais tarde, foi criado o outro *shopping*, escolhido propositalmente para deslocar o centro antigo para outro espaço mais "moderno", não sem motivo denominado *Center Shopping*, o *Ubershopping* perdeu toda a sua clientela e, atualmente, é alugado para uma universidade particular. Junto ao *Center Shopping*, foi construído o *Carrefour*, o Centro Administrativo e, mais recentemente, o *Center Convention* Uberlândia.

A partir de 1990, a cidade começou a crescer de maneira desenfreada, com implantação crescente de indústrias, aumento da população, diversificação do comércio e de serviços e dilatação do seu entorno, pela proliferação de novos conjuntos habitacionais destinados à população de baixa renda, cada vez mais periféricos (SOARES, 1995). Um dos

motivos de Uberlândia ser o pólo de migração mais destacado na região tem sido o mito do "Eldorado" econômico que se veiculou desde a sua fundação.

[...] *A gente percebe que tem um interesse muito grande em sempre estar na mídia, enfim, no marketing nacional e eu comentava com meus colegas que eu achava isso muito ruim por sinal, essa atitude, tanto da prefeitura quanto dos políticos da cidade porque o que isso acarreta pra cidade? Eu acho que o aumento da pobreza, porque você tanto fala na cidade de Uberlândia, por exemplo, que uma pessoa lá do nordeste ouve falar tanto na cidade vem pra cidade e ele acha que vai chegar aqui e encontrar o "Eldorado"... então uma coisa que eu sempre comentei com eles e achava isso totalmente errado e via que a cidade estava tendo um crescimento que não estava preparada ainda [...]* (2A002)

[...] *todo mundo conhece o Armazém Martins, todo mundo conhece aquela cidade que "aparece na televisão" constantemente... eu tenho um amigo no Ceará que pergunta "o que é que a sua cidade faz que vira e mexe aparece na televisão? [...]"* (Soares, entrevista)

A idéia de uma cidade empreendedora, com oportunidades para todos, foi veiculada pelos políticos, pelos meios de comunicação e mesmo pela tradição oral. Com isso, muitos saem de suas cidades em busca de trabalho, mais especificamente de emprego. Conforme demonstrado na Tabela 3, a maioria dos 87.461 migrantes responsáveis pelas famílias, em 2001, vieram para Uberlândia em busca de trabalho (64,6%); o segundo motivo de maior incidência foi o dos que vieram acompanhar parentes (21,5 %), que já haviam migrado anteriormente. A análise das redes sociais estabelecidas em Uberlândia indicam que os grupos tendem a migrar para lugares onde possuem contatos prévios: amigos, parentes e conterrâneos. Um exemplo é o depoimento de um imigrante português residente na cidade:

[...] *Papai veio para Uberlândia tentar a vida, a chamado de meu tio José Agostinho, em março ou abril de 1914. Ele deixou mamãe em Portugal, com quatro filhos. Veio no intuito de ganhar dinheiro e mandar para mamãe sustentar os filhos [...]* (CERQUEIRA, 2002, p. 38)

Tabela 3- Motivo da mudança para Uberlândia

Motivação para mudança	%
Trabalho	64,6
Parentes	21,5
Educação	7,4
Saúde	3,2
Outros	3,4

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (2005)

Um dos entrevistados dessa pesquisa afirmou enfaticamente que Uberlândia seria o grande foco de emprego:

[...] Uberlândia tem muito disso, é uma cidade pras pessoas tocarem a vida. Pras pessoas correrem atrás, aqui seria perfeito porque aqui tem “em-pre-go” mais do que os outros lugares, tem um oferecimento maior... Aqui tem mais emprego porque até agora a política tem sido melhor. Foi o que eu escutei, quer dizer, a cidade está em desenvolvimento então muitas indústrias se instalam aqui, muitas indústrias procuram aqui [...] (2B003)

Na entrevista, a palavra “emprego” foi pronunciada com toda ênfase, escandindo-se as sílabas, o que bem demonstra a importância atribuída a ela pela entrevistada. Também o entrevistado (1C001) fala a respeito:

[...] Naquela época, Uberlândia era muito famoso, tinha uma fama muito grande... porque as outras cidades era muito “fraca” de serviço. Meu pai era “braçal”. Naquela época a gente falava “braçal”, hoje já é diferente... hoje é “serviço geral” né? Ele chegou aqui e encontrou serviço logo, não um emprego fixo, mas um serviço [...]

Esse entrevistado faz uma diferenciação muito interessante entre o “*emprego fixo*” e o “*serviço*”, sobretudo na área dos trabalhadores não qualificados. O que todos procuram é o “*emprego*”, que transmite a idéia de estabilidade, carteira assinada, direitos trabalhistas, mas o que a maioria consegue é o “*serviço*”, temporário, sem direitos, o que seria ponto de reflexão para um outro momento, um outro trabalho. Segundo o entrevistado 2C002 morador recente da cidade, pertencente à classe trabalhadora,

[...] Uberlândia é uma cidade grande, tem mais serviço, tem mais trabalho, o comércio é mais forte. No meu caso, eu já estou velho, eu não acho emprego mais, eu não tenho emprego fixo, nem nada, mas eu cheguei aqui e encontrei o que fazer. Trabalho como autônomo, então vou levando a vida porque eu ganho o suficiente que dá pra despesa tranqüilo, porque se eu estivesse numa cidade pequena eu não estaria desse jeito [...]

Como se vê, ele encontrou “*serviço*” em Uberlândia, embora não tenha conseguido o tão sonhado “*emprego*”, já que trabalha como autônomo. Fala semelhante foi apresentada pelo entrevistado 2C003, que mencionou a dificuldade encontrada pelo migrante em colocar-se no mercado:

[...] A partir do momento que você não conhece ninguém o mercado de trabalho não te dá trabalho... você tem que procurar... no meu caso que sou mestre de obras eu tive que começar trabalhando de servente. Trabalhei

quarenta e tantos dias de servente. Se eu tenho um trabalho agora é porque comecei como servente [...]

Mesmo possuindo experiência para uma função mais qualificada, o entrevistado viu-se obrigado a desempenhar uma função mais simples no início e só mais tarde pôde reivindicar a tarefa para a qual estava efetivamente preparado. Na outra vertente social, a dos negócios, a cidade também é vista como uma geradora de oportunidades. O entrevistado 2B002 apresenta uma outra idéia a respeito das oportunidades oferecidas por Uberlândia:

[...] Uberlândia atrai as pessoas pelos negócios, o business. É uma cidade que tem características extremamente empreendedoras e adversas do País como por exemplo... os maiores atacadistas em gêneros alimentícios estão em Uberlândia, a fábrica da Cargill, a fábrica da Souza Cruz, grupos como o Grupo Algar... e isso atrai pessoas, empresários com conhecimentos em tecnologia. [...] O que me atrai em Uberlândia, como eu disse, é a oportunidade de negócios, a oportunidade de projeção... porque você não se projeta em Uberlândia, você se projeta nacionalmente, você se projeta em circuito nacional [...]

A idéia que as pessoas têm sobre Uberlândia ser o “Eldorado” é um mito, porque a cidade convive com diversos problemas sociais. Todavia, é um mito bastante enraizado na população. A palavra mito, usada muitas vezes neste trabalho, tem recebido diversas definições. Segundo Holanda (2001), o termo mito tem origem grega *mýthos*, ‘fábula’, e latina, *mythu*. Inicialmente, significava “narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos e em Antropologia, nomeia uma

[...] narrativa de significação simbólica, transmitida de geração em geração e considerada verdadeira ou autêntica dentro de um grupo, tendo gerado a forma de um relato sobre a origem de determinado fenômeno, instituição, etc., e pelo qual se formula uma explicação da ordem natural e social e de aspectos da condição humana [...]

Assim, quando se fala em mito nesta pesquisa, pode-se tomar a palavra segundo a acepção de Velloso (1983, p. 12), “como um tipo bastante especial de discurso fictício ou imaginário, sendo por vezes até sinônimo de mentira.” Não é, contudo, uma mentira consciente, porque, à força de ser repetido, o discurso vai mais e mais se parecendo com a verdade, de forma que as pessoas realmente passam a acreditar nele. O entrevistado 1A002 morador nascido na cidade, fala de maneira bastante apaixonada sobre a razão que ele atribui ao crescimento populacional da cidade:

[...]Você pode reparar que no início vinham pra cá só os pais e os filhos que faziam faculdade, que vinham de outras cidades que não tinham, a não ser Uberaba que já era um centro também universitário muito mais antigo que Uberlândia, só que, talvez, pelo conservadorismo de Uberaba, não tinha espaço pra ficar lá dentro e saíam... e Uberlândia não... [...]

O entrevistado usa expressões como "lançar-se", "ser atirado", "buscar", que estão



**Foto 7 - Rua de um bairro de classe média em Uberlândia.
Fonte: a autora**

bem relacionadas à já mencionada ideologia progressista de Uberlândia. Também menciona as palavras "foco" e "centro", muito repetidas no discurso a respeito da cidade, veiculadas pela mídia e pelas forças políticas locais. Se Uberlândia cresceu de forma intensa em decorrência de ser geradora de empregos e de oportunidades, hoje, o quadro é bem diferente, com uma grande parcela da população em

subempregos, como, aliás, acontece em todo o Brasil. Uberlândia, hoje, é muito semelhante as outras cidades do País: muros altos, portões eletrônicos, cercas elétricas, como se vê na foto 7, edifícios com circuito interno de tv, condomínios fechados, representações do poder econômico e da identidade de uma elite e de uma classe média sitiadas pela pobreza que foi "empurrada" para as periferias e que enfrenta os mesmos problemas de todas as outras cidades grandes: tráfico de drogas, violência, favelas, desemprego. Para Machado (1991, p. 42), a pobreza verificada na cidade de Uberlândia, é:

[...] uma assertiva que contraria o discurso da classe dominante uberlandense, para a qual a pobreza urbana inexistente ou se mantém invisível, constituindo-se, por isso, em uma cidade modelo para a região e, porque não, para o País. É o que se salienta no artigo da Revista Veja, intitulado "Na rota da Fortuna": "Uberlândia, um dos mais fortes pólos de expansão econômica de Minas, não conhece crises, uma cidade onde não existe pobreza visível nas ruas, como também criminosos que raramente a povoam"; ou, como afirma outro artigo da mesma revista, intitulado "Crise à Distância": "sem favelas, nem mendigos e desempregados, Uberlândia começou como entroncamento de caminhos e hoje é uma cidade modelo" [...]

Que “modelo” foi esse, cujo discurso “empreendedor” e “progressista” esqueceu o social, o humano e a qualidade de vida na cidade? O Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Sócio-Econômicos da Universidade Federal de Uberlândia apresenta uma tabela comparativa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Uberlândia entre 1970 e 2000.

Tabela 4 - Comparativo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Uberlândia

Índice	Município de Uberlândia				Estado (MG)	Brasil
	1970	1980	1991	2000	2000	2000
Total	0,567	0,746	0,777	0,83	0,766	0,757
Renda	0,587	0,954	0,726	0,768	0,711	0,72
Longevidade	0,49	0,6	0,758	0,782	0,736	0,71
Educação	0,625	0,683	0,848	0,92	0,85	0,83
Rank no Brasil			76°	134°	11°	
Rank no Estado	3°	1°	3°	7°		

Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (2005)

A tabela 4 mostra que, embora Uberlândia tenha apresentado melhoria total no período entre 1970 a 2000 (elevação de 0,263 pontos percentuais) quando comparada com as demais cidades de Minas Gerais, caiu da terceira para a sétima posição no Estado e, no País, da 76ª para 134ª posição. Se isso acontecia em 2000, pode-se prever que, em 2005, provavelmente a queda tenha sido mais acentuada, uma vez que o crescimento populacional da cidade

intensificou-se.

Na foto 8, pode-se ver as barracas de camelôs que povoam a cidade consequência de uma situação de sub-emprego crônico e de uma desigualdade social que não se consegue mais esconder, e que desmentem a imagem “grandiosa” que se pensou para o lugar. O importante é que se perceba a contradição existente entre o discurso das elites e a realidade.



Foto 8 – Praça Sérgio Pacheco em Uberlândia
Fonte: a autora.

Essa questão talvez permita o entendimento dos motivos pelos quais a cidade tenha tido, mais uma vez, o seu centro deslocado para um novo espaço: o *Center Shopping*.

Um outro ponto a refletir, como decorrente do discurso progressista de Uberlândia é a maneira pela qual os governos municipais agem em relação ao grande contingente de migrantes que aqui chegam como mendigos e sem-teto. O aumento populacional

proporcionado pelas migrações era, até pouco tempo atrás, visto como um “trunfo” e as pessoas que vinham de fora eram bem recebidas. No entanto, esse quadro mudou quando passaram a ser migrantes de mão de obra não especializada, como pode ser visto em uma reportagem da revista *Veja* (1987, p. 69 apud Soares, 1995, p. 230) que exemplifica o tipo de intervenção adotado pela Secretaria de Ação Social:

[...] duas Kombi circulam pelas ruas à cata de mendigos que porventura escaparam da triagem feita regularmente na rodoviária, pela prefeitura. Encontrado esmolando, o indigente é levado para a sede da ICASU, ganha uma refeição, uma passagem rodoviária e uma escolta até o ônibus que o levará de volta a seu lugar de origem [...]

Esse fato foi muito criticado na época; esse tipo de exclusão escancarada, normalmente, é rejeitado não só pelos meios de comunicação como também pela maioria da sociedade em geral. O que é tolerado é uma “exclusão mais sutil” (CARVALHO e BAPTISTA, 2004, p. 26), como o desprezo pelos dramas pessoais que atingem as pessoas que chegam como migrantes. Em Uberlândia, a proliferação das favelas também é atribuída ao número excessivo de migrantes pobres que aqui aportam, como se verá nos próximos capítulos.



Foto 9 – Av. Floriano Peixoto esquina com Av. João Naves de Ávila

Fonte: a autora

O que se pode concluir, no momento, é que Uberlândia é uma cidade complexa, porque concentra atividades econômicas, sociais e culturais muito diversas, não existindo uma única função como em muitas cidades brasileiras. Tudo ocorreu de forma muito rápida, com pessoas e atividades vindas de fora e a questão da hospitalidade e crescimento não se coadunaram. Apesar da

existência, hoje em dia, de entidades assistenciais que intentem incluir os menos favorecidos na sociedade, são insuficientes para abarcar todo o contingente de indivíduos que aqui chegam com a esperança de um futuro melhor.

Finalizando a análise dos projetos políticos pensados para Uberlândia, a seguir serão colocadas algumas questões a respeito do turismo na cidade.

3.6 O turismo em Uberlândia

A atividade turística em Uberlândia está alicerçada em três bases principais. A primeira, a presença de grande número de empresas nacionais e multinacionais já citadas neste trabalho, além de vários centros de formação profissional. A segunda, a queda do nível de emprego no setor industrial tradicional nos últimos anos e a ascensão das áreas ligadas ao setor de serviços e, portanto, a necessidade de se encontrar novas perspectivas econômicas para que a cidade permanecesse como pólo de desenvolvimento na região. E a terceira, a política governamental do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1996-1999), que procurou tratar o turismo de uma forma profissional e criou um dos principais documentos do setor, a Política Nacional do Turismo – PNT. O principal projeto da Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo, o “Uberlândia Portal do Cerrado”, de 1997, foi criado com o objetivo de incentivar o turismo local. Soares, em entrevista para esta pesquisa, evidencia a tendência da elite uberlandense em querer acompanhar o que é considerado “moderno”:

[...] a sociedade muda muito, mas os eventos permanecem... o Camaru, a Feniub... aí eu acho interessante você mostrar que a Feniub muda de feira de indústria pra feira de negócios, ela vai acompanhando o tempo todo porque o tempo inteiro essa elite quer acompanhar o que tem de moderno, é o estádio? Vamos fazer um estádio, é o tecnopolo? Vamos fazer um tecnopolo... é a cidade universitária? Vamos fazer uma universidade... mesmo que não tenha nada, vamos construir alguma coisa não é? [...]

A partir dessas colocações, pode-se entender as mudanças de enfoque, sempre associadas à questão do “ser moderno”. Uberlândia muda o tempo todo, de acordo com o contexto brasileiro e mesmo mundial, como é o caso do turismo. Assim, em conjunto com a iniciativa privada, e por meio do Conselho Municipal de Desenvolvimento do Turismo – COMDETUR, houve algumas tentativas de se viabilizar o turismo, como a criação de um Distrito Turístico na Cachoeira do Sucupira,¹⁷ onde seriam implantados parques temáticos com infraestrutura de lazer, hospedagem e eventos. Na análise da Prefeitura, o Distrito

¹⁷ “Sucupira” é uma cachoeira do Rio Uberabinha e fica próxima à cidade de Uberlândia. É um local onde os habitantes costumavam ir aos domingos para fazer piqueniques com suas famílias. Hoje em dia, é considerado um lugar perigoso e poluído, com uma penitenciária construída bem próximo.

Turístico seria, a exemplo do que foi o Distrito Industrial, “um elemento catalisador de investimentos, de forma organizada e produtiva.” Esse projeto, elaborado pela Torres & Baldacci¹⁸ foi considerado inviável.

Outras iniciativas foram implementadas como a declaração do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR – colocando Uberlândia como Município Prioritário para o Desenvolvimento do Turismo; o projeto *City Tour* Escolar; a publicação da revista infantil *Cerradinho*, uma espécie de “gibi”, em uma tentativa de ensinar as crianças das escolas municipais o espírito da hospitalidade, a valorização do ecossistema e da cultura local. Outras ações foram concentradas, principalmente, no desenvolvimento do Turismo de Negócios e Eventos que, segundo as autoridades municipais, era a “vocação da cidade”. Dentre essas ações, junto com a iniciativa privada, pode-se destacar a criação do “Uberlândia *Convention and Visitors Bureau*”, com o objetivo de divulgar a cidade como pólo de atração turística nesse segmento; a construção de uma infraestrutura turística básica com a construção de



Foto 10 - Center Shopping, Center Convention e Hotel Plaza Shopping
Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA (2005a)

novos hotéis que pudessem proporcionar o aumento da oferta do número de leitos e de salas de reuniões, e a modernização dos hotéis já existentes com a criação de “*offices rooms*”, oferta de equipamentos modernos, como computadores, *Internet* etc. Nessa mesma ocasião, foi inaugurado o Centro de Convenções do *Center Shopping*, um espaço

para 1.200 pessoas.

Mais tarde, o *Center Convention* foi ampliado e eleito por dois anos consecutivos (2001 e 2002) o melhor centro de convenções do País, com capacidade para 4.000 pessoas, consolidando Uberlândia como pólo receptor de eventos. O *Center Convention* faz parte do maior complexo comercial da região, que reúne ainda o *Center Shopping* e um hotel, de padrão internacional, o *Plaza Shopping*. (Foto 10)

¹⁸ Torres & Baldacci Associados   uma das principais empresas nacionais de consultoria para implantação de parques, responsável inclusive pelo projeto Parque do Gugu.

receberiam maior cuidado de infraestrutura, como uma estratégia de se “maquiar” a cidade para o turista.



**Foto 11 – Av. Rondon Pacheco, uma das avenidas do “Projeto Linha Verde”
Fonte: a autora**

Cruz (2003, p. 49), ao analisar o turismo nas grandes cidades, cita uma reflexão de Urry (1996), que pode auxiliar na compreensão desse fenômeno em Uberlândia. Para Urry, a estratégia de criação de shoppings, resorts e condomínios fechados seria uma forma de escape aos problemas sociais decorrentes da urbanização (miséria, favelização, violência) e constituiriam verdadeiras

“bolhas” de proteção para as classes privilegiadas, numa estratégia que assemelha a uma cirurgia do espaço, em que “se não é possível (ou talvez não se deseje) arrumar a casa toda, arruma-se parte dela, por onde, então, o hóspede será convidado a circular”. O que interessa no momento é discutir, à luz das ações municipais expostas acima, o modelo excessivamente econômico e direcionado a um público restrito que “contamina” essas ações, “deixando entrever um subtexto segundo o qual o meio ambiente, o patrimônio cultural e o sistema de lazer de uma localidade devem ser pensados para o turista.” (CAMARGO, 2003, p. 10). No caso de Uberlândia, não é arriscado afirmar que esse é o modelo de planejamento que predomina. Um exemplo é a entrevista dada pelo Secretário de Turismo em 2002:

[...] Segundo Kenner Garcia, das pessoas que visitam Uberlândia, 80% são turistas de negócios, atraídas por diversos fatores, entre os quais pode-se destacar a presença de grandes empresas na cidade, tais como Algar, Martins, Souza Cruz, Monsanto e a recém-chegada BPO. “Temos que buscar uma identidade neste segmento para Uberlândia e o turismo de eventos e negócios é o que está mais próximo de nossa realidade. Não quero dizer que não haverá turismo de lazer na cidade. Tem que haver, mas acredito que o lazer que vamos precisar, em curtíssimo prazo, é o entretenimento noturno porque precisamos atender esses executivos de negócios [...] (BARCELOS e RAMOS, 2002, p. 21)

A problemática que se coloca para Uberlândia é que, se a cidade é considerada inóspita para os próprios moradores e para os migrantes que aqui chegam, se a criação da

imagem de “moderno” sempre esteve associada a uma postura elitista de seus moradores (uma das questões que será discutida mais à frente), como transformar a cidade em um pólo receptor de turistas? A resposta para essa questão pode estar na identificação das mudanças necessárias, não só na mentalidade dos moradores mas, principalmente, na dos seus governantes, pois, conforme afirma Denker (2003, p. 110), “é preciso que a qualidade da vivência do visitante esteja relacionada com a qualidade de vida do anfitrião”, ou como afirma Oliveira (2004, p. 2), em sua análise a respeito das políticas públicas voltadas para o turismo em Uberlândia:

[...] é pertinente nesse debate incluir a temática da hospitalidade. Talvez a mudança de comportamento diante do turista – mesmo objetivando o retorno financeiro de um destino turístico – leve também a uma transformação na vida cotidiana dos uberlandenses, quando a valorização de aspectos como solidariedade, respeito, emotividade e ética pudesse efetivamente contribuir para a construção de uma verdadeira cidadania no município [...]

Apesar da questão do turismo não ser o foco desta pesquisa, as colocações aqui feitas têm o objetivo de dar suporte a algumas reflexões sobre a questão de Uberlândia ter sido caracterizada por muitos dos entrevistados como uma cidade inóspita, sem opções de lazer e com dificuldades de relacionamento com migrantes e, por conseguinte, com os turistas.

Neste primeiro capítulo, foram discutidas as questões históricas e geográficas a respeito da região do Triângulo Mineiro, e, mais especificamente, de Uberlândia no Triângulo Mineiro, e foram ressaltados aspectos considerados importantes na construção de sua identidade. Agora, no capítulo 2, objetiva-se esboçar uma discussão a respeito das redes de sociabilidade que se estabeleceram entre as diferentes regiões que formam o Triângulo Mineiro e o município de Uberlândia.

Capítulo 2 - Ser mineiro no Triângulo e em Uberlândia

“Quando você vem de fora, você larga suas raízes lá e precisa construir outras aqui. Ao construir outras aqui, você constrói meio que um emaranhado com outras raízes e dá uma coisa diferente”
(Soares, entrevista)

Neste capítulo, será analisada a construção da identidade da região do Triângulo Mineiro e da cidade de Uberlândia. Inicialmente, será discutida a questão da mineiridade, aqui considerada, segundo a visão não-essencialista, como um construto ideológico; em seguida, serão apresentados os dados históricos que contribuíram para a elaboração do discurso da diferença na região, para, finalmente, delinear o que é ser mineiro na região do Triângulo Mineiro e na cidade de Uberlândia.

1. A “mineiridade” como construto ideológico

A “mineiridade”, ou identidade mineira, é definida por Bomeny (1991, p. 56), como a “formulação de um conjunto específico de valores atribuídos a um grupo”, no caso, o povo mineiro e, segundo Dulci (1999), traduzida a partir da conjunção de diversos elementos que caracterizam o povo mineiro, tais como o apego à tradição; a valorização da ordem; a prudência; a aversão por posições extremistas e, portanto, a moderação; o espírito conciliador; a habilidade e a paciência como estratégias para o alcance de objetivos políticos com menor custo.

Rocha (2001, p. 4), em pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2001, afirma que a definição de um “modo de ser do mineiro”, construtora de uma identidade e de um sentimento de pertencimento, tem no ensaio “A Voz de Minas”, de Amoroso Lima, uma de suas maiores expressões. Segundo a mesma autora, Amoroso Lima trata a mineiridade “como um discurso ideológico baseado na harmonia e no consenso, que não leva em conta os conflitos e contradições tão presentes em qualquer organização social.” Para a autora, a mineiridade, neste sentido, “torna-se algo objetivo e externo aos sujeitos que a configuram, já que essencializa, fixa e enrijece alguns atributos que, acredita-se, serem naturais àqueles que

nascer em Minas criando, assim, o estereótipo.” Amoroso Lima, portanto, teria uma visão essencialista da identidade mineira, ou seja, basta nascer em Minas Gerais para se possuir características intrínsecas de um mineiro. Corroborando com as idéias de Rocha, Cerri (1996) afirma que, ao se buscar uma identidade a partir de uma região, corre-se sério risco de desconsiderar que inexitem identidades puras, verdadeiras ou estáticas, uma vez que as identidades são construídas pelas classes sociais em diferentes momentos históricos.

Além do mais, Rocha (2001) parte do pressuposto de que a identidade mineira é uma construção discursiva engendrada pelas elites para resolver as diferenças internas e fortalecer Minas no cenário político nacional. Ao mesmo tempo, tal discurso serviria, também, como estratégia para garantir interesses regionais. O objetivo do discurso da mineiridade era o de forjar uma unidade, privilegiar o consenso e excluir ou ignorar os conflitos existentes em Minas Gerais desde o início do século XIX.

Arruda (1990, p. 102) discute os regionalismos gaúcho e mineiro. Para ela, o regionalismo gaúcho mostrou-se separatista, enquanto o mineiro afirmou-se pela integração. “Não deixa de ser curioso que o Estado de Minas, provavelmente o mais diferenciado do ponto de vista interno, produza uma visão regional tão integrada.” Para a autora, enquanto o Rio Grande do Sul nas ocasiões em que procurou desmembrar-se do restante do Brasil empreendeu guerrilhas e revoluções, Minas Gerais procurou manter sempre o discurso da união. Oliveira (2002) tem uma postura diferente a respeito do regionalismo mineiro e que contraria o pensamento de Arruda. Para o autor, o movimento separatista triangulino é tão importante que, em determinado momento, um político da região (Rondon Pacheco) transforma-se em governador de Minas, por causa desse movimento. Ele não foi eleito, mas foi imposto pelo Governo Federal para “abafar” o movimento separatista. Mesmo assim, o discurso da “integração” tornou os políticos mineiros famosos por serem conciliadores, diplomáticos que, na linguagem popular, sempre “colocavam panos quentes nos conflitos”, desde que, é claro, houvesse vantagens para Minas Gerais, após as negociações. Essa característica pretensamente conciliadora, aliada ao fato de o povo mineiro ser considerado, na cultura popular, como precavido, arguto, levou o imaginário popular de outros Estados a criar várias expressões que definem, humoristicamente, o mineiro como sendo o político “que está sempre em cima do muro”, ou como bem aponta Sabino (1967, p. 71) em sua crônica Minas Enigma: “Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. Mas compra bonde. Compra. E vende pra paulista.” Por mais que tais expressões tentem definir o povo mineiro, estão longe de definir o que seja claramente a mineiridade.

Sabino (1967, p. 71) inicia sua crônica dizendo: “Se sou mineiro? Bem, é conforme, dona. (Sei lá por que ela está perguntando?) Sou de Belzonte, uai. Tudo é conforme. Basta nascer em Minas para ser mineiro? Que diabo é ser mineiro, afinal?” É interessante como a linguagem veicula essas características presentes na representação do que seja ser mineiro: a expressão “*tudo é conforme*”, seguida do que está entre parênteses evidencia a característica “precavida” do mineiro; por ser seguida da interjeição “uai”, a linguagem pretende caracterizar o mineiro, que não é apenas o que nasceu em “Belzonte”, mas, sobretudo, alguém que tem um “modo de ser” mineiro.

Dentro da perspectiva não-essencialista, pode-se identificar, claramente, como o construto da “mineiridade” vai ser reivindicado ou não, de acordo com os interesses políticos da cada momento histórico. Não se pode restringir a mineiridade à simples idéia de “integração” dentro do Estado, assim como não se pode defini-la apenas pelas expressões citadas anteriormente.

De alguma forma, esse conceito de mineiridade tornou-se um produto comercializado politicamente e também pelo turismo: juntamente com a imagem das cidades históricas, das montanhas, das estâncias hidrominerais, “vende-se” também o fogão a lenha, a comida típica, o pão de queijo, o jeito mineiro de receber e de hospedar os visitantes, por mais difícil que seja definir, de maneira precisa, esse “jeito mineiro”. Um exemplo poderia ser o do projeto Estrada Real, de revitalização da antiga estrada entre Parati e Diamantina, que tem “vendido” a cultura mineira como um pacote turístico. E realmente, quem compra o pacote de viagem está procurando pela imagem de mineiridade, constituída pelos fogões a lenha, o trem de ferro, o folclore, a paisagem, enfim, tudo o que constitui o que se considera como cultura mineira.

A respeito da forma de receber os visitantes, existe uma tradição oral de que o mineiro recebe bem, com uma mesa farta, com longas conversas ao pé do fogão a lenha, que suas casas têm quartos de hóspedes abertos a todos os visitantes. Isso foi verdade num momento histórico em que não havia hotéis nem o corre-corre dos dias atuais. Os viajantes não tinham, literalmente, onde ficar, a não ser nas fazendas. Na sociedade atual, esse comportamento é bem mais raro, principalmente porque as cidades (pelo menos as maiores) são providas de hotéis e as pessoas, muito ocupadas, não têm mais disponibilidade de tempo e de emoções para receber em suas casas. No entanto, a representação do mineiro como hospitaleiro permanece no imaginário das pessoas. O entrevistado 2A001 refere-se à “*aura de hospitalidade*” como sendo uma característica inerente ao mineiro. Resta saber o que ficou de

real do “mito” da hospitalidade mineira. Em algumas cidades pequenas provavelmente essa prática ainda permaneça.

[...] *Conceitualmente mineiro é quem nasce em Minas Gerais, no entanto, mineiro possui uma “aura” de hospitalidade, de ser hospitaleiro, de ser tranqüilo, de sentar na porta da calçada e bater papo, contar sobre a vida do outro etc [...]*

César (2000, p. 4), citando o filósofo espanhol Ballesteros, afirma que a construção da identidade de um povo está alicerçada no encontro de um ser humano com outro, mais que em qualquer outra característica. Assim, César define o mineiro como “aquele alguém que não tem pressa de escutar a prosa, aquele alguém que atende o compadre, que concebe as pessoas como relações e que acolhe o outro como elemento constitutivo da própria autoconsciência.” O mais interessante em seu artigo é a afirmação de que a arte (literatura, cinema, teatro) contribui para a preservação e a manutenção da imagem de determinado povo. Assim, para ele,

[...] Minas é infinidade de poemas e contos e "causos", que não se pode condensar somente em Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Adélia Prado e Carlos Drummond de Andrade. Certo que não... E com relação às imagens fotográficas, esculturais, plásticas, grafitadas?! Como a mineiridade se transforma e se plasma em imagem de brasilidade? [...]

Essa afirmação parece confirmar a hipótese de que a mineiridade é um construto cultural-ideológico que, inicialmente político, foi-se sedimentando no imaginário popular e preservado pelos meios artísticos. Nesse sentido, citando Souza (2001), o autor faz a distinção entre mineiridade, que englobaria um traço de dignidade (que teria nascido com Tiradentes) e “mineirice”, que seria um comportamento estereotipado e pejorativo em relação aos mineiros.

Para esta pesquisa, é importante que se perceba se o conceito de mineiridade tem uma essência em si ou se apenas foi construído de maneiras diferentes nas diversas regiões do Estado. Em síntese, a mineiridade tem sido considerada como uma construção ideológico-tradicional a respeito do modo de ser do mineiro: um ser humano considerado como conciliador, precavido, mediador de conflitos, que se alimenta de modo peculiar (a comida mineira), que fala de forma específica, com um sotaque diferenciado, resumido sobretudo pela interjeição “uai”; um ser humano que tem uma forma especial de receber as visitas, de conversar com as “comadres” e “compadres” e de ver a vida. Isso parece remeter ao mineiro da zona rural (e das pequenas cidades), perdido hoje nas grandes cidades, que sepultaram no concreto dos edifícios e do asfalto qualquer resquício desse homem calmo e tranqüilo. Vários

poetas escreveram a respeito do esfacelamento de suas cidades em nome do progresso. Manuel Bandeira amaldiçoa quem foi responsável pelo progresso de Recife (“Diabo leve quem pôs bonita a minha terra!”), poucos reconhecem no Rio de Janeiro violento de hoje a “cidade maravilhosa” da tradição, ou a “São Paulo da Garoa”; e Carlos Drummond de Andrade (1983, p. 725) afirmou que não mais visitaria Belo Horizonte, porque havia-se transformado em “Triste Horizonte”:

[...] Não voltarei para ver o que não merece ser visto,
o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser.
(...)
Não quero mais, não quero ver-te,
Meu Triste Horizonte e destroçado amor [...]

Ao que parece, o conceito de mineiridade está inegavelmente ligado ao passado, a um tipo de vida que, se existiu, não existe mais, pelo menos nas cidades que se tornaram grandes e perderam o seu “jeito mineiro de ser”. Oliveira tece algumas considerações a esse respeito, reafirmando a idéia de que “mineiridade” como discurso de homogeneidade é um mito. Em sua entrevista, deixa isso bem claro:

[...] *E mesmo essa coisa de hospitalidade mineira também é um mito... desce lá na rodoviária de BH pra você ver... é o lugar mais perigoso que tem. Que hospitalidade mineira é essa? Ah mas é marginal...Marginal não é mineiro não? Quem que é mineiro? O seu pai, a sua tia? Porque construíram uma imagem da família mineira que não existe... aquela coisa do mineiro, de tomar cafezinho... você construiu um mito... [...] isso é complicado porque quando você fala alguma coisa os outros falam que você falou porque você é mineira, se você está calada, eles falam que você é calada porque é mineira, e se você fala demais, eles falam que você fala demais porque é mineira... se você toma posição, você tomou posição porque é mineira... se você ficou em cima do muro, é porque você é mineira. Eles lá de São Paulo estão te lendo como mineira assim como você pode ir a Paracatu e tem um cara na porteira que pode estar com um “laptop” na mão e aí você fala... “ah ele tá com um palitinho no canto da boca porque é mineiro” quer dizer, você quer ler isso, você já vem com o preconceito de que mineiro é desse jeito [...]*

Essa fala interessou-me sobremaneira, porque, por ser mineira, vivenciei muito isso em São Paulo. Muitos comportamentos atribuídos ao fato de eu ser mineira, eram nada mais que comportamentos meus, o meu jeito de ser.

Os entrevistados desta pesquisa parecem confirmar o que foi dito acima. Em primeiro lugar, nenhum deles conseguiu dizer com clareza o que significava ser mineiro. Um fato a se

destacar é que alguns dos entrevistados entenderam a pergunta como se fosse valorativa, ou seja, como se fosse para dizer se ser mineiro era bom ou ruim.

[...] *Ser mineiro é um orgulho. É um orgulho porque é...a própria palavra te traz uma sensação boa, lembranças boas, tem muita história [...]* (1A003)

[...] *Ser mineiro é bão demais Eu acho que não é só pra mim não... Eu acho que todo mineiro tem orgulho de ser mineiro né? Porque nosso Estado produz muito... é muito farturento... as culturas melhor do Brasil estão em Minas Gerais [...]* (1C001)

[...] *Ser mineiro é um privilégio porque Minas é um Estado que oferece tudo não é? [...]* (2C001)

Essas afirmativas foram feitas tanto por mineiros quanto por entrevistados oriundos de outros Estados. As razões apresentadas para os juízos de valor foram atreladas a dois troncos principais: a tradição mineira “*sensação boa, lembranças boas, muita história*” uma representação idealizada do passado mineiro, nascido do drama dos Inconfidentes, e a riqueza do Estado, resquício, talvez, de um passado glorioso de riquezas minerais. A manutenção de um vínculo com o passado assume importância na construção da identidade, uma vez que o mito da mineiridade tem origem nesse mesmo passado lembrado como memorável.

Um segundo aspecto que emerge das respostas dos entrevistados é a indefinição do que seja propriamente a mineiridade. (“*O mineiro tem um jeito, tem um trejeito*”...). Os entrevistados, em sua maioria, mostraram não ser claro para eles o que seja ser mineiro. Alguns se referem à introspecção proverbialmente atribuída às pessoas do Estado de Minas e já discutida nos parágrafos anteriores:

[...] *Eu faço a idéia do mineiro como sendo uma pessoa tranqüila, transparente e, ao mesmo tempo, desconfiada que está sempre com umas “cartas na manga”, um pé adiante e outro atrás, pra ver se vai dar certo ou se não vai dar certo [...]* (1A001).

Esta resposta foi dada por uma senhora bem idosa, que parece ter assimilado bastante o construto do mineiro cauteloso, “*com um pé adiante e outro atrás*”, mas também a resposta de alguns entrevistados mais jovens evidenciou a mesma idéia:

[...] *Inicialmente eu acho que os mineiros são introspectivos. É uma pessoa que “usa” da introspecção. Ele é fechado. Ele não vai pro lado externo, ele vai pro lado interno. Ele se protege se introjetando. Eles usam a introspecção Isso talvez se você pensar em termos de realidade, de um povo que vive entre*

montanhas, quer dizer, é uma maneira cultural de refletir esse espaço geográfico em que ele vive. Então ele não é uma pessoa atirada, é o contrário do nordestino, que é uma pessoa que vai à luta, que se expõe, que conquista espaço, não é? Que vai a busca de algo. Então eu acho que a característica básica do mineiro, no meu modo de entender, e por conviver por 20 anos, é a introspecção. Ele se fecha, ele se defende. Eu acho que esta é a questão básica. Uma outra (característica) assim que eu vejo muito forte é uma identidade cultural em que, às vezes, é desconfiado [...] (1B002)

Este entrevistado, por ser de outro Estado e de outra região do Brasil (é nordestino), atribui a introspecção mineira a uma identificação com a geografia da região: seria o fato de Minas Gerais ter montanhas que, de certa forma, teria "enclausurado" a personalidade mineira. É uma afirmativa interessante, que pretende ser uma leitura do povo mineiro a partir de sua geografia. Outros entrevistados também aludiram ao caráter tranqüilo e cauteloso que eles percebem nos mineiros:

[...] Para mim ser mineiro... bom, ser mineiro é ser assim, sossegado [...] (1B003)

[...] Um povo assim meio que com medo [...] (2B003)

[...] Eu acho que o povo mineiro é muito passivo, muito calmo [...] (2C001)

Essa representação de mineiro como precavido, cauteloso, “meio com medo”, sossegado mas esperto, como foi dito anteriormente, foi passada de geração a geração, sem que as pessoas tenham muito claro o que seja isso. Algumas expressões ligadas a Minas Gerais confirmam essa hipótese: "mineiro é o que come quieto", "mineiro está em cima do muro". Outros entrevistados vincularam a característica do "sossegado" ao estereótipo do "caipira", do "cigarro de palha", do "uai" do "trem bão":

[...] fumar cigarro de palha, falar uai... mas eu não vejo muita gente assim, não, é mais nos filmes [...] (1B003)

[...] Ser mineiro é o “trem bão” o “uai”... é ser gente simples, é ser gente honesta, presa à suas características não é? Ser mineiro é o “uai” mesmo... a gente sempre tem... nas minhas viagens, tanto no Brasil quanto fora, a gente sempre brinca que a gente aqui em Minas, a gente é caipira, Minas e Uberlândia, a gente é caipira... quando os outros chamam a gente pra sentar, a gente agacha, quando a gente chama o outro pra conversar a gente fala nós “vamo proseá”, então vale uma “boa prosa” [...] (2B002)

Na verdade, esses depoimentos falam de um mineiro do cinema ("*é mais nos filmes*"), estereotipado, mas raramente encontrado fora da mídia, o que confirma que "mineiridade" é um conceito muito abstrato, embora sempre presente no discurso de mineiros e de não mineiros. Um dos entrevistados disse claramente que a mídia exagera e caricaturiza a mineiridade em alguns personagens, sobretudo nos programas humorísticos:

[...] *Eu não identifico aqueles personagens da TV (Nerso da Capitinga, Filó) como povo mineiro não* [...] (2B001)

Uma outra vertente dos entrevistados associa "mineiridade" à culinária, ao pão de queijo, ao queijo, como se fosse a única alimentação existente no Estado:

[...] *tem uma cozinha diferente* [...] (1A003)

[...] *Ser mineiro é ser diferente do baiano. É ter seu jeito peculiar, sua culinária* [...] (2A003)

[...] *Mas quando eu vou a Brasília ou ao Rio e falo que sou mineiro, todo mundo pede um pão de queijo ou um cigarro de palha e fala uai* [...] (1B003)

Se cada povo tem sua comida típica, talvez a idéia de mineiridade esteja realmente atrelada à culinária, embora, certamente, o mesmo discurso estereotípico esteja presente, porque em Minas não se come apenas queijo e pão de queijo, assim como na Bahia não se come apenas acarajé e vatapá e em Goiás não se come apenas frango com pequi. Também o sotaque mineiro foi lembrado por alguns, não apenas as palavras "uai" e "trem", mas a entonação dialetal veiculada pela mídia de forma repetitiva:

[...] *Se você pegar os interioranos de São Paulo, na região de Sorocaba, ele tem um sotaque muito mais arrastado do que o mineiro. (...) o mineiro da capital ou (...) de Cataguases, Leopoldina, Juiz de Fora porque lá eles falam "concês", "vosmecês", "nós" e aqui a gente puxa muito mais para o "nóis", quer dizer, nós damos um acentozinho a mais no ó e parece que colocamos um i...não é?* [...] (1A002)

[...] *Ser mineiro é o "uai" mesmo...* [...] (1B002)

Todas essas respostas confirmaram que a questão da mineiridade não está clara para os mineiros e não mineiros, no entanto, é como se fosse alguma coisa presente na fala dos entrevistados, como se fosse um "ente" estabelecido, mas sobre o qual não se tem uma idéia

nítida. Os entrevistados têm uma representação de mineiridade, mas de forma abstrata, difusa e não conseguiram defini-la com clareza.

[...] *Eu acho que o mineiro, mineiro tem uns traços específicos... eu não sei dizer o que seria [...]* (1C003)

Por outro lado, quando perguntados se se consideravam "um mineiro típico" e por quê, os entrevistados deram respostas que parecem confirmar as representações estereotipadas sobre mineiridade, tais como:

[...] *Eu me considero mineira mas não me considero uma mineira típica porque passei alguns anos estudando fora e isso influenciou demais a minha formação pessoal, a minha personalidade [...]* (1A001)

Essa resposta traz a idéia de que a mineiridade se dilui pelo contato com pessoas de outras regiões e que estaria vinculada ao fato de se ter nascido em Minas, de se ser de Minas e não propriamente a uma forma especial de se comportar.

[...] *Eu me considero uma mineira típica, sim, em razão do Estado não é? Por eu estar no Estado de Minas Gerais [...]* (1A003)

[...] *Não me considero esse mineiro típico. Sou mineiro nascido na Av. Fernando Vilela, esquina com Rivalino Pereira em Uberlândia e no ano de 1940. "Esse mineiro típico" é tihoso, medroso, inseguro e por isso é bem mais poderoso economicamente. Sempre poupador, por temer o futuro caso lhe seja cobrado algum conhecimento maior, ele acaba se fazendo frio negociador, seja nos negócios e na política. Esse outro tipo de mineiro uberlandense é mais arrojado, desprendido e tem consciência de suas possibilidades [...]* (1B001)

Nessa resposta, chama a atenção o pronome "esse", que demonstra uma idéia preconcebida de "ser mineiro". Em seguida, o entrevistado define o que ele entende por "esse" mineiro típico: *tihoso, medroso inseguro, poupador de economias*. Esse construto do "mineiro típico" é contrastado com o que o entrevistado considera mineiro de Uberlândia, que será discutido mais à frente. Para o entrevistado, também o mineiro de Uberlândia é caracterizado pelo demonstrativo esse: *esse outro tipo de mineiro uberlandense*. Algumas outras respostas mantiveram o caráter de indefinição relacionado à representação da mineiridade:

[...] *Eu? Não sei... Eu sou mineiro, mas se sou típico, não sei. Eu gosto de pão de queijo, adoro Ouro Preto... quero até fazer faculdade lá, mas não sei se é por ser mineiro [...]* (1B003)

[...] *É preciso considerar duas coisas... quando eu estou em reuniões em São Paulo, eles me chamam de "mineirinho" pela tranquilidade, pelas colocações, pelas opiniões tranquilas, ponderadas e eles me chamam de mineiro, no entanto é preciso considerar as duas coisas. Eu me considero mineiro... eu tenho um pouco de São Paulo mas eu tenho um pouco da "mineirice" também [...]* (2A001)

Esse entrevistado fala na "mineirice" como um jeito mineiro de ser, que ele percebe em si mesmo. Como já foi discutido muitas vezes, mineiridade e ser mineiro têm sido confundidos com possuir trejeitos, sotaques e estereótipos. Outra entrevistada afirmou que

[...] *Não me considero mineira, nem tipicamente mineira. É interessante, mas quando você entra em contato com pessoas que são de fora ainda tem aquela coisa de querer se aproximar do outro e pra se aproximar do outro você pega um sotaque, você usa de um gesto, você acaba usando uma gíria, então você perde seus traços de ser tipicamente mineira [...]* (1C003)

O que se pode inferir de todas essas respostas é que a questão da mineiridade não está clara na mente de todos, mas ela existe, até mesmo pela relutância dos entrevistados em se definirem como "mineiros típicos". A pergunta havia sido feita com a intenção de se verificar a representação deles a respeito do que é um "mineiro típico" e as respostas mostraram que os entrevistados não se sentem à vontade com o rótulo "típico", embora se sintam mineiros, ou seja, nascidos em Minas, pertencentes a Minas Gerais.

2. Identidade regional do Triângulo Mineiro: o discurso da diferença

A identidade regional do Triângulo Mineiro tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, tais como a Geografia, a História, a Antropologia, entre outras, e por pesquisadores como Machado, (1990); Soares, (1995) e Oliveira, (2002), dentre outros. Por esses estudos, percebe-se que alguns elementos que caracterizaram a formação geográfica e histórica do Triângulo Mineiro fizeram com que a região criasse e preservasse uma identidade sócio-econômica específica, reforçada pela força política regionalista de sua elite.

Dentre esses elementos, alguns merecem destaque e se referem a discursos específicos que são produzidos na região: a tentativa de separar-se do Estado de Minas Gerais o território do Triângulo Mineiro; a rivalidade entre Uberlândia e Uberaba e a questão da não identificação da região com o restante do Estado de Minas. Nesta pesquisa, o propósito é tentar delinear, a partir do discurso dos entrevistados, as representações do que seja ser mineiro, ser mineiro no Triângulo Mineiro e ser mineiro em Uberlândia.

Soares (1995, p. 45) afirma que o regionalismo no Triângulo Mineiro resultou em movimentos reivindicatórios vinculados à identidade territorial da região. A respeito da questão da separação da região do Triângulo Mineiro do Estado de Minas Gerais, a autora assegura que

[...] esses movimentos, pensados por políticos e elites regionais e difundidos pela imprensa, surgem pendularmente, seja pela ausência de laços econômicos, sociais e culturais com Minas Gerais; por projetos nacionais de subdivisão territorial do País; por reivindicações de base econômico/financeiras; por auto-sustentação da região; ou ainda por divergências políticas entre as suas principais cidades [...]

Soares (1995) afirma, ainda, que o discurso da não integração da região no Estado de Minas Gerais, seja por motivos de interesses das elites regionais em manter seus privilégios de apropriação da riqueza produzida na região, seja por motivos de natureza eleitoral, foi o mais importante instrumento de reforço do caráter regional do território triangulino.

Nesse sentido, o discurso da modernidade e do desenvolvimento econômico, baseado no modelo de São Paulo, seria o contraponto ideal para marcar as diferenças entre o Triângulo Mineiro e as demais regiões do Estado de Minas Gerais. As bases históricas de seu regionalismo expressam as relações políticas de grupos unidos por interesses econômicos, políticos e sociais. Outras cidades de projeção, como Uberaba, Araxá e Ituiutaba, também tiveram participação importante nesses movimentos mas as forças política e econômica de Uberlândia sempre foram as mais expressivas.

Segundo Oliveira (2002, p. 20), o movimento separatista buscou na própria história regional elementos que justificassem sua autonomia. Para ele, uma das formas de contestação usada pelos defensores da emancipação era contrariar os valores da "mineiridade". Esses valores eram usados pela capital mineira como discurso aglutinador e anti-separatista e, portanto, apelativo da "união" do Estado. Outra forma de contestação, usada para reivindicar a autonomia da região, era apelar para o fato de o Triângulo Mineiro já ter pertencido aos

Estados de São Paulo e Goiás. Isso, para o autor, demonstra que “a maioria das pessoas não se importa em deixar de ser mineira.”

Não se trata apenas de uma questão política, mas também cultural: de alguma forma, essas pessoas identificam-se mais com um padrão progressista e empreendedor nos moldes paulistas do que com a pretensa “calma” e morosidade da vida mineira. Isso significa enxergar a mineiridade no seu traço de tradição retrógrada, de algo que ficou no passado e que não se coaduna com os ideais de progresso e de modernização do mundo globalizado. Assim, parece que ser triangulino equivale a ser moderno e ser mineiro equivale a ser tradicional.

Em duas entrevistas, foi detectado um aspecto que mostra a confusão existente na questão da identidade: embora as pessoas defendam a idéia de separação, por motivos econômicos, relutam em perder a identidade mineira. Uma delas chegou a dizer que não deixaria de ser mineira, seria apenas triangulina do Triângulo “mineiro”, ou seja, ela não deseja deixar de pertencer a Minas Gerais:

[...] É uma forma de você estar progredindo sem deixar de ser mineiro porque seria Triângulo “mineiro”. Então, eu não tenho nada contra e se precisasse assim de assinar alguma coisa pelo movimento separatista, eu assinaria. Isso seria uma forma de demonstrar que eu sou a favor, nesse sentido do progresso, porque a gente não perde as raízes pelo fato de serem Estados diferentes, apesar das culturas serem diferentes [...] (1A003)

Para essa entrevistada, as vantagens da separação estariam ligadas à questão econômica (impostos, progresso). Em sua opinião, o novo Estado continuaria chamando-se Triângulo “mineiro”, ou seja, a idéia de ser de Minas está muito mais forte no seu imaginário do que ela admitiria de forma consciente. Fala, inclusive, que não gostaria de “perder suas raízes” mineiras, caso houvesse a separação do Estado. Outro entrevistado também faz uma afirmação semelhante:

[...] mas eu não ia deixar de ser mineiro. Só ia ser mineiro do Triângulo Mineiro. Eu ia ser um mineiro triangulino [...] (1C001)

Essas duas falas permitem que se reflita acerca da força do sentimento de pertença a um determinado lugar ou a um determinado grupo, que está muito arraigado nas pessoas e nem sempre é fácil abrir mão de um signo de identidade¹⁹, seja ele o nome, a família, a

¹⁹ Castells (1999, p. 23) propõe a idéia de que, para a maioria dos atores sociais na sociedade em rede, o significado, ou seja, a identificação simbólica praticada por tais atores, organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) auto sustentável ao longo do tempo e do espaço.

nacionalidade, a religião, as convicções... Politicamente, havia dois motivos básicos que “justificariam” a reivindicação dos triangulinos por sua autonomia: primeiro, a falta de atenção e de recursos por parte do governo mineiro, principalmente em relação à distribuição dos impostos arrecadados. Um segundo motivo seria o “invejável crescimento” e, portanto, a independência econômica da região. Desse modo, o movimento separatista do Triângulo Mineiro é analisado por Oliveira (2002, p. 46), da seguinte maneira:

[...] E, na medida em que não estavam ligados historicamente a Minas Gerais, pretendiam a independência e não a anexação a outro Estado (...). Entretanto, sabemos que esse discurso não condiz com a realidade. Primeiro porque o Triângulo Mineiro é mineiro desde 1816, sendo assim questionável negar a sua relação histórica com Minas Gerais. Segundo, sabemos que as primeiras campanhas separatistas do Triângulo Mineiro reivindicavam a sua anexação ao Estado de São Paulo. E por último, todas as campanhas triangulinas aconteceram em momentos em que o Estado mineiro não estava dando a devida atenção à região, e elas terminavam, normalmente, quando suas principais reivindicações eram atendidas. Senão como explicar as idas e vindas deste movimento durante a história? [...]

Assim, segundo o autor, a campanha separatista foi um importante elemento ideológico²⁰ para levar toda a região — independentemente das diferenças e das contradições sociais — a lutar contra um “inimigo comum”: o Estado de Minas Gerais. Inimigo, no sentido fiscal, já que o principal objetivo era reter as divisas dentro do território do Triângulo Mineiro.

O discurso da “opressão política” de que se queixavam os triangulinos, e que era exercida pelos grupos ligados à capital, seria a maneira mais eficiente de “se lutar por espaços de poder maiores do que aqueles concedidos por Belo Horizonte. Assim, seria mais fácil alcançar tal poder se o Triângulo Mineiro fosse um Estado” (Bacelar, 2003 p. 26). Os entrevistados desta pesquisa colocaram a questão dos impostos como um forte argumento pela criação de um novo Estado:

[...] *Eu sou uma pessoa muito preocupada com o movimento separatista, porque acho que Uberlândia é uma cidade completamente esquecida do governo de Minas [...]* (1A001)

²⁰ Oliveira (2002) e Soares (1995), em seus trabalhos, utilizam o conceito de ideologia como o explicado por Jurham, (1986, p. 28) “O conceito de ideologia possui uma clara inspiração marxista, em cuja tradição aparece como conceito particularmente tenso e carregado. Prende-se, de um lado, à clássica oposição infra estrutura/superestrutura e à questão da determinação em última instância pelo econômico. De outro lado, remete diretamente à problemática política, à questão da hegemonia e da eficácia das idéias e representações na luta de classes, aos efeitos e processos de ocultamento de mecanismos de dominação que a ideologia promove”. Portanto, neste trabalho, todas as vezes em que esses autores são citados, é dentro dessa perspectiva que o conceito de ideologia deve ser visto.

[...] Impostos que nós pagamos. Qual o retorno desse imposto? Em termos de administração pública, nós hoje, dizem as más línguas, nós contribuímos com 23% do total do ICMS arrecadado em todo o Estado de Minas Gerais. Olha só que força que tem essa região. A nossa população é em torno de 10% da população de Minas Gerais. Ora, se nós produzimos 23%, o dobro, nós valem o dobro dos mineiros, com certeza, em termos de produção. Se você paga 2, o mineiro deveria estar pagando isso e não está. [...] (1A002)

[...] Não tenho nada contra o movimento separatista...é uma idéia interessante e, pra cidade, ela ia trazer muitos benefícios na questão de impostos, de progresso... porque a gente sabe que Uberlândia sustenta outras cidades de Minas que não tem... que não geram a arrecadação, não produzem, e a gente perde com isso porque não vem pra cidade o que a gente arrecada [...] (1A003)

Esses três primeiros entrevistados pertencem ao primeiro subgrupo, dos moradores antigos e pertencem à classe alta. O terceiro entrevistado é o mais jovem e, mesmo assim, compartilha a opinião dos outros dois de seu grupo, que são mais idosos.

No segundo subgrupo, o dos entrevistados que pertencem à classe média, não houve um consenso tão acentuado: o entrevistado 1B001 considera a criação do Estado do Triângulo Mineiro uma utopia; o entrevistado 1B002 não apresentou uma opinião a respeito; o entrevistado 1B003 expressa, na linguagem coloquial dos jovens, uma opinião contrária à separação:

[...] Acho uma babaquice. Não tem nada a ver separar. A gente não vai deixar de ser mineiro só porque separou, isso é coisa dos políticos, para poupar o ICMS. Se tivesse um plebiscito, eu votaria contra [...] (1B003)

No terceiro subgrupo, o da classe menos privilegiada da população, não se mencionou a questão dos impostos. Ao que parece, confirma-se em nossas entrevistas a afirmação de que o movimento separatista está mais ligado às elites da região. À parte da questão político-fiscal, resta uma reflexão: se o movimento separatista surgiu nas elites, pode-se afirmar que todos as pessoas nascidas na Região do Triângulo Mineiro não se sentem mineiras, ou seriam apenas alguns segmentos elitistas que teriam divulgado essa idéia, não partilhada por todos os cidadãos mineiros do Triângulo Mineiro e não, propriamente, triangulinos? Indo mais longe, essa idéia separatista teria guarida em cidades menores, como Campina Verde, Prata, Capinópolis, Tiros, Lagoa Formosa? É assunto para uma outra pesquisa, mas, de qualquer forma, é um ponto de reflexão para o construto da identidade no Triângulo Mineiro. Uberlândia, Uberaba e Araxá, com um perfil de cidades maiores (embora nas duas últimas o

aspecto tradicional ainda tenha muita força), talvez tenham incorporado mais rapidamente o discurso separatista, por motivos políticos. Três entrevistados mencionaram a questão de Uberlândia aspirar a ser a capital, caso o novo Estado fosse criado:

[...] *No orkut tem uma comunidade chamada “Uberlândia é a capital” [...]*
(1A003)

[...] *Eu gostaria muito de ver capital do Triângulo Mineiro aqui dentro de Uberlândia. Ela já teve pra vir né [...]* (1C001)

[...] *Vamos levar pro lado do humor agora... quando você está em cidades como Uberaba, por exemplo, você está saindo de lá e o pessoal vem e pergunta pra você: “Você está indo pra capital?” ou seja, eles falam: “que vontade que tem o povo de Uberlândia, os políticos, de se tornar capital de Estado, separar do Estado de Minas, formar um Estado do Triângulo Mineiro e ser a capital” então isso já virou “chacota” na região [...]*
(2A002)

Nesta pesquisa, um dos sujeitos entrevistados é um dos articuladores da campanha e defensor ferrenho da separação. Quando perguntado se se considerava um mineiro típico, respondeu prontamente:

[...] *Eu me sinto até meio ofendido quando me chamam de mineiro...com certeza, eu prefiro ser triangulino [...]* (1A002)

Como se percebe, sua fala foi reproduzida aqui apenas como uma amostra do sentimento daqueles que defendem a separação da região, que não é a opinião de todos os entrevistados. E é bem verdade que, atualmente, a campanha perdeu bastante de sua força. Para os fins desta pesquisa, o importante é se pensar como se construiu a identidade da região e, mais especificamente, da cidade de Uberlândia.

Foram levantados pelos entrevistados alguns problemas sociais e políticos que poderiam advir da separação. Para alguns, aumentaria o peso da máquina administrativa e poderia, inclusive, haver uma intensificação da violência, porque, caso fosse criado um novo Estado, o fluxo migratório aumentaria ainda mais.

[...] *Em uma ocasião eu achei que seria interessante que houvesse a separação do Triângulo Mineiro, mas hoje, eu acho que isso não seria conveniente porque seria mais um governador, mais uma Câmara de Deputados, mais representantes da região no Senado e mais despesas e as pessoas não medem as conseqüências do governo ter que fazer tantas despesas, de gastar tanto com essas pessoas que vão servir para compor o “staff” de um novo Estado. Portanto, eu hoje, não penso mais em*

separação porque só acarretaria em despesas e mais despesas, onerando mais a pessoa que paga imposto [...] (1A001)

[...] Seria bom e ruim. Bom, porque teria mais emprego, pelo dinheiro ficar mais aqui. Seria ruim, porque iria vir muita gente de outra cidade pra cá e lá vem mais violência [...] (1C002)

Chamou a atenção a fala de um entrevistado que afirmou que o processo separatista já existe de fato, se não de direito, porque, para ele, o Triângulo já é independente de Minas. Argumentou dizendo que não são apenas razões políticas ou tributárias que concorrem para esse fato, mas propriamente culturais, uma vez que os habitantes são “rotulados” (palavras dele) como “do Triângulo” e não como “de Minas Gerais”. Pode-se não concordar com sua opinião, mas ela reflete um pensamento bastante veiculado em Uberlândia e na região.

[...] Eu acho que o Triângulo Mineiro é independente de Minas com certeza e se um dia isso vier a acontecer a “Minas” vai sofrer muito com a perda dessa região porque ela é e será cada vez mais independente. Ela só não é independente por questões políticas, porque por questões econômicas ela não tem nada a ver com o Estado de Minas Gerais. Nós temos uma influência e as pessoas rotulam, nós que moramos aqui na região do Triângulo Mineiro, rotulam não como Minas mas sim como Triângulo Mineiro. Quer dizer, o País inteiro conhece. E as pessoas que a gente “conquistou” pelo País afora, refere a nós como Triângulo Mineiro e não como mineiros [...] (2B002)

Talvez seja pelo fato de o movimento separatista tenha surgido das elites, como uma estratégia político-econômica de reter divisas e aumentar o poder da região nas reivindicações junto ao Governo Federal, que o sentimento de que o Triângulo Mineiro seria um Estado não foi partilhado por todos e, talvez por isso, o movimento separatista tenha perdido sua força.

3. Ser mineiro em Uberlândia

Em artigo publicado no Jornal Correio de Uberlândia de 06 de outubro de 2005, o colunista Hélio Mendes (2005, p. 5), ex-diretor do Comitê Separatista do Triângulo Mineiro, reflete a respeito da identidade de Uberlândia no contexto do Estado de Minas Gerais:

[...] O crescimento de um País, de um Estado, de uma cidade, de uma empresa está muito ligado à noção de identidade que cada qual constrói - o que gera um questionamento constante. A questão, que ora se coloca, é quem somos o morador de Uberlândia, do Triângulo Mineiro. A meu juízo, há uma dúvida. Não somos mineiros na plenitude, não somos goianos, nem

Paulistas, e há várias afirmações de que somos triangulinos. Mas o Triângulo Mineiro não é um Estado, é uma região de um Estado. Esta indefinição tem levado uma falta de identidade, que tem prejudicado o nosso engajamento econômico, político e cultural com o Estado de Minas. O governador é nosso quando acerta, mas quando erra não é nosso. Não cultivamos na plenitude os valores dos mineiros, porque somos mais paulistas, o comércio é com São Paulo. Se permanecermos nesta posição só teremos a perder [...]

Essa fala do jornalista tem sido muito repetida não apenas na tradição oral a respeito da cidade, mas também por alguns autores que analisam o fato de alguns uberlandenses identificarem-se mais com São Paulo. No entanto, como já se discutiu neste trabalho que o conceito de mineiridade está ideologicamente ligado aos estereótipos da mídia e que as pessoas não conseguem definir claramente o que seja ser mineiro, resta verificar em que sentido Uberlândia seria ou não uma cidade mineira.

Foi perguntado aos entrevistados desta pesquisa se eles consideravam Uberlândia uma cidade tipicamente mineira. A primeira reação da maioria dos entrevistados foi o estranhamento diante do vocábulo "típico", como já havia acontecido em relação à expressão "mineiro típico", o que mostra que os rótulos dificilmente são bem aceitos pelas pessoas.

[...] Eu não considero Uberlândia uma cidade tipicamente mineira porque de muitos anos até esta data, Uberlândia vem sofrendo influência, principalmente, de São Paulo, no comércio, na economia (...). Tudo isso fez a cidade perder suas características e fez a cidade ficar mais agitada. Outra coisa é um comércio muito intenso com outras cidades aqui perto porque Uberlândia tem uma quantidade de firmas que são exportadoras e distribuidoras, então a frota à gasolina e diesel é muito grande... então não tem aspecto de cidade mineira [...] (1A001)

Para essa entrevistada, o contato de Uberlândia com outros lugares, seja devido ao comércio, seja decorrente do aumento da população, modificou suas características e ela perdeu o "*aspecto de cidade mineira*", embora a entrevistada não deixe claro que aspectos seriam esses. Parece haver um imaginário de cidade mineira, pacata, com uma igreja no centro da praça, pessoas sentadas à porta das casas, conversando à tarde... Essa representação nostálgica de uma cidade "pretensamente feliz", como sugere Monnet (1996, p. 220), "encarna uma ilusão que não deixa lugar para os aspectos negativos do passado (...) e a modernidade deixa de ser um valor positivo." Não se pode simplesmente afirmar que cidade se torne "pior" porque progrediu, mesmo porque o progresso é uma aspiração natural do ser humano. O que se critica nas grandes cidades é o progresso a qualquer preço e apesar do homem, numa deterioração da sua qualidade de vida.

[...] *Eu considero Uberlândia uma pequena São Paulo, com a agitação, com os problemas de engarrafamento de trânsito, os problemas de dificuldades de tratamento de saúde, e de quase que, assim, uma super população para a área construída da cidade [...]* (1A001)

A mesma entrevistada compara Uberlândia com Uberaba, o que parece confirmar a idéia de “cidade mineira” como sendo a de uma cidade mais calma, com mais qualidade de vida. A comparação é um artifício usado pelos entrevistados para explicar a diferença entre o que consideram como cidade mineira e Uberlândia:

[...] *Uma diferença enorme entre você passar um dia em Uberlândia e passar um dia em Uberaba, mesmo que seja no centro de Uberaba. A cidade de Uberaba é muito mais tranqüila. Muito mais. É considerada até tendo uma qualidade de vida muito melhor. Lá você pode fazer tudo com mais vagar e aqui você tem que fazer tudo correndo e com muita agitação [...]* (1A001)

A entrevistada 1A003 considera mineiras as cidades históricas, como Ouro Preto, Mariana, embora inclua nesse grupo Belo Horizonte. Na sua opinião, Uberlândia recebeu influências de Goiás e de São Paulo, o que a teria descaracterizado como uma cidade "mineira".

[...] *Uberlândia não é uma cidade tipicamente mineira...ela tem mais influências de outros Estados como Goiás e São Paulo do que das raízes mesmo como Ouro Preto, Belo Horizonte, Mariana, e outras “cidadezinhas” [...]* (1A003)

Observe-se o uso do diminutivo “cidadezinhas”, que ela não usou de forma pejorativa, mas que, ainda assim, soa estranho, já que considerou Belo Horizonte como uma cidadezinha. Seria uma conotação afetiva ou um lapso que, de forma inconsciente, atribuiu uma nuance negativa ao que ela considera uma cidade mineira? Parece que, segundo sua fala, cidades mineiras seriam “pequenas” e as de outros Estados, maiores e mais progressistas. Essa mesma idéia está presente na opinião do entrevistado 1B002, que afirma que Uberlândia é "menos Minas Gerais" que as cidades históricas:

[...] *Quando estive em Ouro Preto eu tive uma lição de história (...)e percebi que aquilo lá é que era Minas Gerais. Isso daqui, Uberlândia, é muito menos Minas Gerais. Para você ter uma idéia, essa região daqui tem muito mais vínculos, quer dizer, é um vínculo muito mais forte com São Paulo ou Brasília do que com Belo Horizonte. [...]*

Esse entrevistado provém do nordeste, o que talvez explique esse seu imaginário de que haveria “uma” Gerais, como já se falou. Quando se vive em um lugar, tem-se uma idéia pré-concebida a respeito de outro, como nós, mineiros, temos uma idéia de que existe um gaúcho, um baiano, um pernambucano etc. Certamente as pessoas que vivem nesses Estados conseguem perceber uma diversidade que escapa aos nossos olhos.

O entrevistado 1B001, nascido na cidade, apresenta razões que ele considera históricas para que Uberlândia não seja propriamente uma cidade mineira. Para ele, a estrada de ferro trouxe o progresso; ele se refere, de maneira ufanista, ao fato de Uberlândia ter-se tornado “o *portal do desbravamento do centro-oeste*”. Expressões como essa são comuns em Uberlândia, da mesma forma que os epítetos a ela atribuídos, como os já referidos “Metrópole Regional”, “Portal do Cerrado” e outros semelhantes.

[...] Uberlândia não é uma cidade “tipicamente mineira”. Uberlândia ao receber a Cia. Mogiana de Estrada de Ferro tornou-se o portal para o desbravamento do centro-oeste. Até na década de 50 do século passado, o sal usado no Mato Grosso saía de Uberlândia. Sem falar de remédios e outros insumos básicos para o desenvolvimento social, como veículos e combustíveis [...] Porém, Uberlândia só veio ter um contato maior com o Estado de Minas Gerais no meio da década de 70, quando funcionaram as estradas BR-262 e BR 452. Até então, era muito mais fácil estar em São Paulo que Belo Horizonte. [...] Menos comprometida com o “tradicional mineirismo” e pensada pelas necessidades usuais de uma região isolada, se formou num pólo mercantil expandindo seus limites para o norte e oeste, se firmando nesse nicho de distribuição de produtos, que faz dela hoje, o grande centro de atacadistas do País [...]

Para esse entrevistado, Uberlândia não seria “*tipicamente mineira*” porque é progressista. Será que se poderia depreender de sua fala que as outras cidades de Minas Gerais não progridem e que progresso está associado à cidade de São Paulo? Nota-se, subentendida, a mesma idéia mencionada anteriormente, de que uma cidade mineira é um lugar calmo e tranqüilo. No mesmo sentido, o entrevistado 1B003, jovem, afirma que Uberlândia “*não se parece Minas*”, porque não tem casas antigas e “*o povo é apressado*”

[...] Não sei, acho que não...aqui o povo é apressado, quase não tem casas antigas, as pessoas gostam mais de aparecer. Aqui não parece Minas, parece mais São Paulo, ou Ribeirão... É, acho que parece com Ribeirão Preto, em São Paulo [...] (1B003)

A idéia de que o contato com pessoas de outras localidades teria mudado Uberlândia, no sentido de deixar de ser mineira está presente em algumas falas.

[...] *Antigamente eu acho que Uberlândia podia ser considerada tipicamente mineira porque ela guardava os nossos traços aqui mas com esse processo modernização, de industrialização tudo... o processo de informação é muito amplo, então, infelizmente o que é de fora sempre vem. Hoje, infelizmente, Uberlândia não é mineira, tem traços e pessoas... tudo ... de outras cidades que estão aqui hoje. Ela deixou de ter, vamos dizer assim, os caracteres específicos dela [...]* (1C003)

[...] *Não considero Uberlândia uma cidade tipicamente mineira, ao contrário. Eu acho que Uberlândia pelo fato de ser uma cidade onde tem muitos forasteiros não tem nada a ver com a mineiridade, ou seja, as tradições mineiras, aqui, existem muito pouco aqui, não existem com muita frequência. Uberaba, por exemplo, é uma cidade tão próxima daqui, eu acho que o sentido de mineiridade, de ser mineiro é muito mais acentuado do que aqui em Uberlândia, justamente por esse fato não é?* [...] (2A002)

Para essa última entrevistada, o que teria mudado a cidade seria a grande leva de migrantes, que ela denomina "forasteiros". Não há dúvida de que essa palavra conota um sentimento de rejeição e de exclusão para com os migrantes. Ser forasteiro significa não pertencer a determinado lugar ou a determinada comunidade. Houve, por outro lado, um pequeno grupo que considerou Uberlândia como uma cidade mineira, um referindo-se ao fato de estar “no meio” do Estado e outros ligando mineiridade à comida mineira, mesmo que com uma certa relutância. Observe-se a repetição do advérbio de modo “*infelizmente*”. A entrevistada lamenta as mudanças sofridas pela cidade. Alguns entrevistados consideraram Uberlândia uma cidade mineira:

[...] *Uberlândia é uma cidade muito mineira. Aqui nós estamos bem no meizinho do Triângulo Mineiro [...]* (1C002)

[...] *Eu acho que Uberlândia é uma cidade tipicamente mineira porque tudo que você conhece dentro de Uberlândia, tem tudo de Minas. [...] a comida, até o lazer, tudo que você vai ver, não foge da característica mineira não... eu acho que não... [...]* (2C002)

[...] *Acho que Uberlândia é uma cidade tipicamente mineira devido ao pão de queijo que é famoso, a pamonha, essas coisas, então eu identifico sim. A comida, eu acho que é mineira [...]* (2B001)

Como se vê, de dezoito entrevistados, apenas três consideraram Uberlândia uma cidade tipicamente mineira. Um complemento à idéia de que a influência de outros lugares, a agitação e o contato com os migrantes teriam "descaracterizado" a cidade como mineira, seria a resposta à pergunta que foi feita aos entrevistados logo em seguida, sobre com que outro

lugar Uberlândia se pareceria. A entrevistada 2C002 comparou Uberlândia com o sul do País, exatamente pela idéia separatista. Como vive em Uberlândia há apenas dois anos, essa fala é importante, por mostrar que ela já teve contato com as idéias de separação da Região, seja pela mídia, seja por conversas com habitantes da cidade:

[...] Eu acredito que Uberlândia mesmo, ele se parece muito com alguma região do sul. Aqueles que acham que nem brasileiros são. Sabe aqueles que lutam e batalham pra pegar o País assim e dividir? [...]

A maioria das respostas confirmou o que havia sido dito no item analisado. A maioria dos entrevistados comparou Uberlândia com São Paulo, justamente pelo seu caráter de cidade agitada, violenta e preocupada com o progresso. O entrevistado 1B001 comparou-a com Campina Grande e com Curitiba, duas cidades que têm as mesmas características de Uberlândia, no sentido de valorizarem a vitalidade, o arrojo na busca de realizações:

[...] Creio que Campina Grande na Paraíba e Curitiba no Paraná, observados os traços culturais de cada região, mais se aproximam dessa tendência uberlandense [...]

Essa idéia de que Uberlândia é a cidade das oportunidades aparece de maneira mais ingênua no entrevistado 1C003, que, no seu linguajar simples, expressa o mesmo ufanismo em relação à cidade:

[...] Conheço muita cidade grande como Itumbiara, Ituiutaba, uma cidade boa, Uberaba, uma cidade boa mas não tem o que nós temos aqui não. Nenhuma dessas que eu falei. Industria como a Souza Cruz, não tem, uma Granja Resende, uma Granja Planalto, um Martins que é umas empresonas grande... essas empresas tudo vão dar mais de 1000 empregos... Não posso falar nada que não seja bom de Uberlândia porque é a cidade que me deu tudo que eu precisei né? que eu tenho, por exemplo, apesar de ser pouca coisa mas foi tudo tirado daqui [...]

Observe-se que as "cidades grandes" que ele diz conhecer são cidades do interior, uma em Minas Gerais, outra em Goiás, ambas menores que Uberlândia. Observe-se que ele fala das "empresonas", seguidas do adjetivo "grande" que oferecem "mais de 1000 empregos"... Afirma, ainda, que Uberlândia lhe deu "tudo o que ele precisou"... Se for comparada essa frase com o restante de sua entrevista, ele afirma que trabalha como autônomo, tem um "serviço" (e não um emprego, com direitos trabalhistas assegurados) e vive uma vida muito simples. Essa fala do entrevistado confirma o que foi dito por Soares em entrevista para esta

pesquisa. Também ela, quando realizou sua pesquisa, nos anos 90, alguns entrevistados consideraram Uberlândia o lugar "que lhes dera tudo":

[...] eu fiz umas entrevistas com gente de baixa renda, que também vêm pra cá e acham que chegam meio que ao "Eldorado". Um senhor que eu fiz uma entrevista, que foi até meu funcionário que falou... "Olha eu cheguei aqui com uma troca de roupa com quatro filhos nas costas... hoje eu tenho uma casa...meus filhos estão empregados... quer dizer... eu consegui tudo que eu queria." Eu tenho funcionários que vêm e conseguem acumular alguma coisa no "mundo deles"... os filhos estão na escola, são atendidos no hospital...as necessidades deles também são completamente diferentes daqueles que compõem a elite ou daqueles que dão sustentáculo a ela, não é? [...]

Quanto às características que poderiam delinear "o uberlandense", a tradição oral da cidade veicula a idéia de que seus habitantes são esnobes, fúteis, preocupados com as aparências. Tal idéia já fez parte, inclusive, de uma reportagem numa revista de circulação nacional, como será analisada mais à frente nesta pesquisa. No próximo capítulo, esse aspecto da personalidade do uberlandense será bastante discutido. Agora, o que se pretende é mostrar como os entrevistados caracterizam "o uberlandense", como delineiam sua identidade. A entrevistada 1A001, a mais idosa de todas, definiu o uberlandense como um ser dual, mineiro por nascimento e paulista por convicções:

[...] Eu defino uberlandense como uma pessoa que nasceu aqui mas assimilou toda a força de trabalho, toda a correria, toda a argúcia, interesse em ganhar a vida logo, do paulista. O uberlandense, pra mim, é nascido em Minas e formado interiormente em São Paulo [...] (1A001)

O entrevistado 1A002 confirma essa idéia de arrojo do uberlandense, comparando-o aos habitantes de outras cidades da região:

[...] Eu acredito que a característica do uberlandense seria pela própria representação da cidade, ele é mais desafiador, ele é mais investidor, ele é mais... ele se lança mais ao perigo. Uberlândia só se tornou maior do que as outras cidades que eram mais velhas, tipo Araguari, tipo Uberaba, Coromandel, Estrela do Sul, Paracatu, que são muito mais velhas, porque Uberlândia é mais atirada entendeu? Busca-se mais em Uberlândia, do que em outras cidades, então Uberlândia é um centro, é um foco de toda a região [...]

Interessante nessa fala a repetição da palavra "mais". Geralmente, esse advérbio tem que estar junto de algum adjetivo: mais desafiador, mais investidor... Só que o entrevistado,

empolgado, acabada deixando o "mais" sozinho na frase, o que pode representar a idéia de que os uberlandenses, para ele, sejam sempre "mais" em todos os aspectos. Essa idéia de Uberlândia ser "mais" está presente em quase todas as falas das elites da cidade, como será discutido no próximo capítulo. A mesma idéia está presente na fala do entrevistado 1B001:

[...] O uberlandense primitivo foi mais arrojado em decorrência das necessidades e oportunidades que lhe chegaram como entreposto para o Centro-Oeste, antes da criação de Brasília. Mas mesmo ao se criar Brasília, Uberlândia foi sólido apoio para sua construção. Tanto que, grandes nomes em Brasília, Goiânia e Mato Grosso têm raízes em Uberlândia, a partir dos supridores como Casa Capparelli, Teixeira Costa, J. Alves Veríssimo, depois Irmãos Alves, Pneus OK, Armazém Martins, muitos distribuidores de medicamentos e outros que surgiram da antiga Associação dos Viajantes Profissionais do Brasil Central, que comemorava estrondosamente o Dia do Viajante, primeiro de outubro. O uberlandense tornou-se um caixeiro viajante [...]

Esse entrevistado, um senhor idoso, em sua entrevista, trouxe muitas informações sobre a cidade nos tempos mais antigos. Já o entrevistado 1B002 comparou a população uberlandense a uma "matilha de cachorros". O coletivo "matilha", geralmente atribuído a cachorros, designa um grupo de cães de caça. Dessa forma, consciente ou inconscientemente, o entrevistado traz um quê de caçador à sua representação do uberlandense: caçador de oportunidades, caçador de riqueza, de *status*, de progresso. Para ele, a principal característica da população, além do arrojo, seria a criatividade. Também entre os entrevistados da classe C a idéia do Uberlandense arrojado e empreendedor fez-se presente.

[...] A característica do uberlandense é a criatividade. O uberlandense tem uma noção... vamos dizer assim... é como se fosse uma matilha de cachorro... a matilha de cachorro daqui é "empreendedora"... e até por questão não só genética... a gente vê coisas aqui em Uberlândia... grandes sedes de grandes negócios de projeção internacional e a sede e o dono, o empreendedor desses negócios, mora em Uberlândia. Isso não quer dizer que ele é nascido em Uberlândia... ele se arraigou a Uberlândia [...]

[...] O uberlandense pra mim é uma pessoa muito disposta, de muita capacidade... quem criou a Granja Resende? Um homem de Uberlândia. Assim do nada [...] (1C001)

[...] Na maioria, eu acho que o povo uberlandense tem muita garra, muita força de vontade. É otimista, acredita que vai melhorar. O uberlandense corre atrás de crescer na vida, de ser alguém [...] (1C002)

Dos dezoito entrevistados, seis consideraram os uberlandenses de forma negativa, como "chatos", "esnobes" "preocupados com a aparência". No próximo capítulo, serão levantadas as razões desse discurso que permeia as relações entre uberlandenses e os que aqui chegam.

[...] *Ah! Uberlandense é muito metido a besta. Olham as pessoas de nariz empinado, valorizam a aparência. As meninas só querem saber dos carinhas que têm carro, são superligados em marcas de roupa... em beleza... Não é só os velhos, não, as meninas também. Elas, principalmente, me irritam, porque são muito fúteis. Quando a gente acha uma menina com uma cabeça melhor é que veio de fora para estudar. Se for de fora e morar aqui há muito tempo já fica metida também [...]* (1B003)

[...] *Pra mim a principal característica do uberlandense é que ele é um chato [...]* (1C003)

[...] *O uberlandense é um pouco mais introvertido, um pouco mais reservado, mais fechado e é um povo assim...muito vaidoso. É um povo muito preocupado com estética, com beleza também. [...]* (2A003)

[...] *Aqui o povo é estressado, nervoso, sabe, não posso generalizar, lógico, de jeito nenhum mas é tipo um "ar" assim... — "a minha cidade é melhor que a sua... eu sou "a pessoa"...entende, eu tenho um shopping que é melhor, tem muitas coisas assim pequenas mas que dá pra você ver nitidamente, assim sabe, então a gente sente é... superioridade mesmo sabe? [...]* (2B003)

[...] *A característica principal do Uberlandense é... eles se sentem como se estivessem na capital e o pessoal da região está no interior. Mais ou menos eu acho que eles se sentem assim. Ele se julga que está morando na capital e que ele é da capital, porque, infelizmente, as outras cidades vizinhas são tudo cidadezinhas pequenas, não é? [...]* (2C001)

Quando se resumem as respostas os entrevistados, pode-se listar as características do uberlandense. Numa vertente que se poderia denominar positiva, apareceram expressões como "arrojado", "empreendedor", "com garra". Na vertente que se poderia chamar negativa, apareceram as críticas quanto ao modo de ser dos nativos da cidade: *esnobes*, *chatos*, *preocupados com as aparências*. O quadro 3 apresenta um resumo das principais características atribuídas aos uberlandenses. Nota-se que entre os mais jovens (os entrevistados nº 003 de cada grupo) a avaliação é mais negativa; entre os mais velhos, a representação de um povo empreendedor foi mais freqüente.

Entrevistados	Moradores antigos		Moradores recentes
1A001	trabalhador arguto interessado em ganhar a vida nascido em Minas e formado interiormente em São Paulo	2A001	um pouco mais “solto” menos preso à história da sua terra
1A002	desafiador investidor lança-se mais ao perigo mais atirado entendeu? lutador	2A002	um pouco arrogante muito cheio da razão não receptivo
1A003	com garra empreendedor tudo que vem pra cá vai pra frente e tem uma marca...	2A003	um pouco mais introvertido um pouco mais reservado mais fechado muito vaidoso. dá muito valor à cultura ao lazer muito preocupado com estética, com beleza também.
1B001	arrojado um caixeiro-viajante	2B001	educado, bacana. Não tive nenhum problema aqui... As pessoas aqui te recebem muito bem.
1B002	dupla personalidade não confiável dissimulado	2B002	criativo. como se fosse uma matilha de cachorro...
1B003	muito metido a besta. de nariz empinado valorizam a aparência interesseiro fútil	2B003	estressado nervoso arrogante
1C001	muito disposto de muita capacidade	2C001	não gosta de dar informações dão muito descaso, muito descrédito, principalmente pras pessoas que vêm de fora... eles se sentem como se estivessem na capital e o pessoal da região está no interior.
1C002	com garra tem muita força de vontade. É otimista corre atrás de crescer na vida, de ser alguém	2C002	come abobrinha e arrota caviar
1C003	um chato. ele não sabe se sociabilizar não receptivo frio. não amigável...	2C003	não respondeu

Quadro 3 - Principais características do uberlandense, segundo os entrevistados

Como se pode observar, entre os moradores mais antigos, as avaliações são positivas, geralmente ligadas ao caráter trabalhador e empreendedor do uberlandense. As duas exceções foram os entrevistados mais jovens dos grupos B e C. No grupo dos moradores mais recentes, as avaliações foram mais negativas, sobretudo em relação à personalidade dos uberlandenses,

que esses entrevistados consideraram esnobes, vaidosos, preocupados com as aparências. No próximo capítulo, será analisado esse discurso sobre a cidade, com maiores detalhes.

Neste segundo capítulo, foram delineadas as características da região do Triângulo e de Uberlândia. A seguir, serão tecidas algumas reflexões a respeito das formas de se viver e de se relacionar na região e na cidade, para que possamos verificar em que sentido o progresso modificou as redes de sociabilidade no Triângulo e em Uberlândia. Dessa forma, será feito a seguir, um paralelo entre as reflexões realizadas até aqui e alguns conceitos de hospitalidade que podem auxiliar na compreensão da dinâmica da sociabilidade e da identidade local.

Capítulo 3 - As redes de sociabilidade no Triângulo Mineiro e em Uberlândia

“O ‘ópio do povo’, hoje, é a propaganda política, cultural, econômica, cuja arma mais eficaz e ilusão mais insidiosa estão no persuadir-nos de que os signos são as coisas; como nos persuadimos de que somos nós mesmos, signos entre os signos, sobre este teatro onde desempenhamos o nosso próprio papel.”
(GUIRAUD, 1983, p. 143)

O conceito de sociabilidade está ligado às maneiras peculiares de convivência em cada sociedade e em cada lugar. Neste capítulo, serão estudadas as redes de convivência, ou de sociabilidade que têm lugar em Uberlândia, dando enfoque aos contextos social e doméstico da hospitalidade.

1. O mito da hospitalidade mineira

Um dos aspectos mais importantes para a caracterização da mineiridade é a questão da hospitalidade mineira. Para tentar entendê-la, será traçado um paralelo entre a análise feita por Camargo (2003) a respeito da hospitalidade doméstica e a de Abdala (1997), que faz uma análise das razões históricas, culturais e econômicas de ser a comida mineira um dos traços marcantes da hospitalidade no Estado.

Camargo (2003, p. 20), ao analisar os domínios da hospitalidade, proposta por Lashley (2004) e referidas na introdução deste trabalho, propõe, no contexto social, um tipo de hospitalidade que ele denomina como doméstica e que envolve quatro aspectos a serem considerados: os cerimoniais e etiqueta; o estatuto do anfitrião e do hóspede; os mitos da hospitalidade, e a privacidade. Será explicitado com mais clareza o que diz respeito a cada um desses aspectos.

Os cerimoniais e a etiqueta são definidos culturalmente em normas cuja rigidez varia de acordo com a flexibilidade de cada sociedade, incluem ações que, à primeira vista podem parecer gentis, mas que servem para preservar os limites entre o hospedeiro e o hóspede. As ações de estabelecer lugares à mesa ou espaços específicos para as visitas, ou mesmo o estabelecimento de critérios para se aceitar determinadas atitudes como “educadas” e rejeitar

outras têm a função de preservar a intimidade do hospedeiro. É assim que Abdala (1997, p. 98) em seu estudo a respeito da hospitalidade mineira, afirma que, nas antigas casas do Estado,

[...] a cozinha era lugar importante, grande, arejada, com seu fogão de barro e situava-se quase sempre fora da casa, coberta por telheiros. Por fazer parte da intimidade, a cozinha era interdita aos estranhos, como atestam vários dos relatos dos viajantes estrangeiros. A sala de visitas era o espaço destinado a receber aqueles que vinham da rua, de maneira extremamente formal. Havia, portanto, uma separação bem marcada nas residências, duas partes distintas: a intimidade e a sala de visitas [...]

Quanto ao estatuto do anfitrião e do hóspede, existe uma reciprocidade entre ambos, porque aquele que recebe também deseja ser recebido em uma outra ocasião. Aqui, interessa ressaltar a idéia disseminada popularmente, no Brasil, de se “pagar uma visita”, ou seja, retribuir uma visita que alguém tenha feito; caso isso não aconteça, a pessoa se isola, porque os amigos se afastam. Mauss (1974, p. 54), ao estudar as civilizações polinésias antigas, estabelece a diferenciação entre o “dom” e a “dádiva”. Segundo o autor, quem doa, de alguma forma, sente-se superior a quem recebe e, muitas vezes, o ato de receber engloba uma atitude de ostentação de riqueza ou de demarcação do lugar que o indivíduo ocupa em determinada sociedade. A função primordial da dádiva é simbólica: cria vínculos sociais, alianças entre indivíduos que desempenham diferentes papéis na sociedade. Abdala (1997, p. 145), analisa que o fato de a hospitalidade mineira estar geralmente associada a uma mesa farta, cheia de quitutes era uma forma de demarcação de riqueza e poder social:

[...] exibir alimentos em profusão e distribuí-los representava um importante símbolo de demarcação de status, numa sociedade na qual as dificuldades de abastecimento eram notórias e a maior parte da população era composta por desclassificados sociais, cuja marca era a miséria. Acrescente-se a estes dados o fato de que não era possível perceber alguma estrutura de classes configurada nos séculos XVIII e XIX em Minas. A existência de múltiplos critérios estratificados dificultava o delineamento de fronteira, forçando essa sociedade a encontrar mecanismos que espelhassem suas diferenças por meio da ritualização [...]

A mesa farta era mais uma representação simbólica das relações sociais, que atendia a um desejo de destaque no grupo social.

[...] O esbanjamento atendia à necessidade de projeção e busca de relevo social. O comportamento ostentatório, característico dos proprietários, auxilia-nos a entender a presença dos rituais da mesa, sempre farta, e das

despesas sempre repletas. Além disso, o reconhecimento de uma tal necessidade de ostentação leva-nos a entender o que se tem afirmado sobre a folclórica figura do gaveteiro mineiro, dentro do qual as pessoas escondiam a comida na gaveta da mesa. Provavelmente, este fato acontecia porque as pessoas não queriam mostrar a comida simples do dia-a-dia [...]

A recepção de pessoas está envolvida por mitos peculiares a cada cultura e, por conseguinte, a cada lugar. Nesse aspecto, interessa a idéia de que a hospitalidade mineira, tal como é difundida na literatura e na mídia, é mais um mito que uma realidade. Da mesma forma que foi discutido, no capítulo anterior, que a mineiridade é um construto ideológico, com estereótipos relacionados com o passado do Estado, pode-se perceber, também, que existe um outro mito que permeia o imaginário sobre Minas Gerais: a idéia de que exista uma “hospitalidade mineira”, quase sempre relacionada a uma mesa farta, com pratos típicos e longas conversas em poltronas distribuídas por amplas varandas. Essa idéia de hospitalidade está ligada, também ao passado histórico e entranhada no imaginário popular do e sobre o Estado, a partir de relatos de viajantes que percorreram o Brasil no século XIX. Esses viajantes, que começaram a percorrer o Brasil em 1809, legaram minuciosos relatos sobre os costumes dos seus habitantes. Arruda (1990, p. 83) afirma que

[...] a diferença entre a afabilidade dos mineiros e a grosseria dos europeus instalados nas terras das gerais foi realçada sobremaneira pelos viajantes (...) os viajantes julgaram encontrar na terra hospitaleira de Minas Gerais grande amabilidade, gentileza, educação, simplicidade e, muitas vezes, certa rusticidade, mas nunca frieza [...]

A partir dos relatos de viajantes estrangeiros²¹, começou a delinear-se uma imagem que associa a hospitalidade mineira ao hábito de servir alimentos, a famosa “comida mineira”. Nas cidades menores, ainda se pode encontrar esse tipo de comportamento para com os que chegam, mas, nas cidades maiores, como Belo Horizonte, Juiz de Fora, Uberlândia, o tipo de vida das pessoas já não comporta essa maneira de receber, pelos motivos que já foram expostos antes. Assim, quando as pessoas reclamam de que determinada cidade não é “hospitaleira”, muitas vezes elas podem estar procurando, nas cidades grandes, as representações do que ficou na sua memória como sendo a “verdadeira” hospitalidade. Outras reflexões podem auxiliar na compreensão da manifestação simbólica da cozinha mineira. Para Abdala (1997), havia uma sutil distinção entre a alimentação destinada aos “de casa”, os

²¹ Arruda (1990) se refere a Auguste de SAINT-HILAIRE, John MAWE, LUCCOCK e GARDNER, que relataram suas viagens pelo interior de Minas Gerais, no século XIX.

membros da família, composta de alimentos mais simples e havia outra, destinada aos visitantes, para quem havia farta exposição de alimentos, com destaque para os assados de carnes nobres e uma profusão de doces, sobretudo compotas de frutas. A autora afirma que, na alimentação do dia-a-dia, predominavam os alimentos cozidos: o feijão, o angu, legumes cozidos, canjiquinha com carne. Todos tinham em comum o fato de serem marcados pelo aproveitamento das culturas do quintal, de partes menos nobres do porco ou da vaca. Os viajantes que chegavam de longe, sem avisar, eram sempre bem-vindos e acolhidos e servidos com o que havia de melhor. A conservação dos alimentos assumiu, portanto, papel primordial nesse período em que a fazenda produzia tudo que fosse necessário, havendo uma relativa fartura. No entanto, não se tratava somente de prevenir cuidadosamente a fome, a falta, mas as surpresas de visitas inesperadas. Daí a importância de quitandas, de carnes na banha e doces, sendo que as compotas duravam décadas inteiras. Ainda hoje, nas pequenas localidades, as mulheres ainda têm o hábito de preparar as “quitandas” para a semana toda. Esse hábito diminuiu muito com o crescimento e com a mudança na vida de seus moradores. As mudanças alimentares foram provocadas pelo nível de instrução e por formas de ressocialização que proporcionam possibilidades de alterações nos modelos tradicionais de alimentação. A partir da segunda metade do século XX, as mudanças que ocorreram foram possibilitadas por alterações na sociabilidade e são expressas por fatores tais como a massificação de produtos, a alteração no conjunto de atividades desempenhadas pelos diversos membros da família, especialmente as mulheres, que não concentram mais as suas atividades no espaço doméstico.

No tocante ao aspecto da privacidade, Camargo (2003, p. 21), afirma que “a privacidade é a anti-hospitalidade”. Nas grandes cidades, em que a vida urbana cada vez mais se torna complexa, as pessoas lutam por uma privacidade em suas vidas, o que faz com que a hospitalidade se restrinja aos familiares ou a grupos especiais de amigos. A solidariedade e a participação das pessoas nas vidas umas das outras, características das pequenas comunidades, perdem-se, porque as relações humanas se modificam. Se, por um lado, o anonimato garante a afirmação de uma liberdade pessoal e uma certa privacidade, por outro, a solidão se estabelece, enfraquecendo os laços sociais. Baptista (2003, p. 162), comenta o uso da metáfora “selva de pedra” para representar a vida nas grandes cidades:

[...] Não é por acaso que muitas vezes escolhemos a metáfora da selva para designar os modos de vida na cidade que, em muitos casos, tendem a reduzir-se à luta pela sobrevivência. Ora, as práticas da hospitalidade, ao mesmo tempo que salvaguardam o direito à privacidade e à intimidade,

potenciam a socialização dos indivíduos separados inevitavelmente pelo mistério da suas subjetividades [...]

Essas considerações interessam a esta pesquisa, porque a maioria dos entrevistados vindos de outras localidades queixaram-se de que Uberlândia, embora seja uma cidade próspera, que oferece oportunidades de emprego e de crescimento pessoal, não é hospitaleira e as pessoas “recebem mal” os visitantes, apresentam o que eles chamam de “nariz empinado”. Na verdade, trata-se muito mais de um caráter de “cidade grande” que Uberlândia assumiu, como já foi discutido no capítulo anterior.

Também fazem parte da hospitalidade doméstica as recepções, festas e, sobretudo, os rituais de conversação e de trocas que acontecem nessas ocasiões. Nessa categoria incluem-se as trocas de visitas. No caso da hospitalidade mineira, esse tipo de hospitalidade estava muito presente nas conversas, geralmente entabuladas nas varandas, na contação de “causos”, na troca de receitas, simpatias, ou seja, todas as relações sociais ocorridas durante o encontro de pessoas. Um dos entrevistados desta pesquisa, um jovem de classe média, expressa uma opinião que condiz com a idéia de que, nas grandes cidades, a hospitalidade doméstica torna-se cada dia mais inviável, se comparada aos padrões do passado. Quando lhe foi perguntado como ele considera a forma pela qual se recebe hóspedes em sua cidade, ele disse:

[...] Recebem, como? Se as pessoas se hospedam na casa delas? Ah, isso eu não sei. Sei como eles tratam as pessoas em geral. Mas acho que esse negócio de receber em casa não tem mais nada a ver. Todo mundo trabalha e corre muito, é melhor as pessoas ficarem num hotel. Veja aqui em casa, não tem quarto de hóspedes, mas mesmo assim as pessoas, meus amigos, adoram dormir aqui. Mas normalmente é difícil ficar na casa dos outros [...] (1B003)

Essa fala resume, de maneira coloquial, a idéia de que a hospitalidade doméstica vai sendo paulatinamente revista, à medida que se alteram as relações sociais nas cidades. Em Uberlândia, a hospitalidade tem sido muito relacionada à hotelaria e ao atendimento ao turista de negócios. Todavia, os estudos têm demonstrado que as atividades de hotelaria e de atendimento aos executivos não são suficientes para a caracterização de uma cidade como hospitaleira. Em seguida, serão apresentadas algumas discussões a respeito do que caracteriza uma cidade como hospitaleira ou não.

2. O que seria uma cidade hospitaleira

Para se determinar sob que critérios uma cidade poderia ser considerada hospitaleira ou não, é necessário tecer algumas considerações a respeito do que seja hospitalidade espacial, que diz respeito a uma relação espacializada entre dois atores: aquele que recebe (o lugar) e aquele que é recebido. Grinover (2003, p. 1), afirma que as pessoas que aportam a determinado lugar, sejam elas viajantes, turistas ou migrantes, têm uma percepção intuitiva dos espaços que constroem esse lugar, e são, portanto, “submetidos a um sem número de percepções, de situações e de processos importantes de informações”. Esses processos são impostos aos indivíduos “por elementos tangíveis e intangíveis que os envolvem e os induzem a comportamentos hospitaleiros ou não.” Aquele que chega necessita de ser incluído em um sistema pré-existente de funcionamento do local:

[...] A hospitalidade é uma qualidade social antes de ser uma qualidade individual. É um fenômeno que implica uma organização, um ordenamento de lugares coletivos e, portanto, as regras de uso desses lugares. Essas regras devem ser observadas e defendidas por meio dos princípios de hospitalidade, como, por exemplo, assegurar a todos os cidadãos o acesso a equipamentos e serviços, transportes públicos, trabalho etc [...] (GRINOVER, 2003, p.1)

No espaço urbano, a hospitalidade supõe que os que chegam sejam acolhidos, incluídos; um espaço que, segundo Godbout (1997, p 15), deve ser “lido, habitado, atravessado ou contemplado” por todos os que nele aportam. Grinover (2003, p. 2) caracteriza como

[...] “cidade hospitaleira”, “rua hospitaleira”, “espaço hospitaleiro” são expressões da linguagem comum que traduzem a idéia do espaço em que se dá a hospitalidade, pois ela resulta de relações sociais entre anfitrião e hóspede inseridos naquele espaço [...]

Uma vez que a hospitalidade espacial é uma consequência das relações sociais que ocorrem em um determinado lugar, vê-se que nas grandes cidades aparecem as evidências cada vez mais acentuadas da quebra do vínculo solidário. Assim, as cidades seriam mais ou menos hospitaleiras, como expressões das relações sociais que nelas são estabelecidas. Matheus (2002, p. 59) reflete sobre a desintegração das relações humanas nas grandes cidades:

[...] Hoje, a cidade contemporânea é caracterizada pela sua desintegração. É uma cidade fragmentária, caótica, dispersa, constituída por áreas congestionadas, com zonas diluídas pelo campo circundante. A dinâmica da integração social se ressentem, pois o homem, em sua vida diária, sofre estímulos tão contraditórios que ele próprio, à semelhança da cidade em que habita, se desintegra e se desconstrói [...]

Assim, pode-se considerar uma cidade como hospitaleira em decorrência da qualidade de vida que ela oferece aos seus moradores e aos que chegam. Essa qualidade pode ser medida pelas suas características gerais, tais como segurança, qualidade ambiental, mobilidade, sinalização, oportunidade de lazer, com sensibilidade em relação às diferenças entre as pessoas, de tal forma que possa ser uma cidade para todos e não apenas para alguns. A seguir, serão tecidas algumas reflexões acerca das redes de sociabilidade na região do Triângulo Mineiro e em Uberlândia, quando se poderá verificar se esses locais podem ou não ser caracterizados como hospitaleiros.

3. As redes de sociabilidade no Triângulo Mineiro

Como consequência da refuncionalização da rede urbana mencionada no capítulo 1, instaurou-se na região do Triângulo Mineiro uma diferença no modo de viver nas localidades menores e nas cidades consideradas como núcleos econômicos. Nas cidades de pequeno porte, há uma população mais homogênea e conservadora, no que diz respeito à linguagem, às crenças, às tradições e aos padrões de comportamento. Essa homogeneidade deve-se ao fato de essas pequenas cidades receberem menor fluxo de migrantes, e serem menos expostas a mudanças vindas de fora, o que mantém uma população relativamente estável, em termos qualitativos e quantitativos e preserva o poder das elites locais por mais tempo. Já nas localidades de porte médio, o fluxo de migrantes é maior, a população mais flutuante, o que faz com que as relações humanas se tornem mais impessoais e anônimas, nos moldes da vida nas grandes capitais (BESSA e SOARES, 2002).

Carvalho e Baptista (2003, p. 29) lembram, em trabalho recente, que a passagem do rural ao urbano conduz a uma mudança e desintegração das relações urbanas tradicionais, utilizando-se dos conceitos de solidariedade mecânica e solidariedade orgânica de Durkheim, no clássico trabalho sobre a Divisão social do trabalho. Assim para os autores:

[...] Se recorrermos à distinção já clássica, que Durkheim fez entre sociedades de solidariedade mecânica e sociedades de solidariedade orgânica, isto é, entre, por um lado, as sociedades –tradicionais- em que predomina a coesão por uma dominação da consciência coletiva sobre a diferenciação por participação individual e, por outro, as sociedades – modernas- em que a coesão social resulta da complementaridade de funções assente numa valorização da pessoa humana, diríamos que a integração assenta na solidariedade orgânica, enquanto que a assimilação se identifica mais com a solidariedade mecânica, ficando a inserção a meio caminho entre ambas. Acresce que, se nos mantivermos dentro dos contornos da ótica durkheimiana, vislumbramos a exclusão apenas como uma transgressão à normalidade da coesão social, coesão que surge sempre como primeira ordem das preocupações [...]

Dessa forma, considerando-se então as sociedades mais tradicionais e as modernas, mais expostas às mudanças, nas cidades pequenas, as pessoas interagem de maneira mais próxima, seja pelos vínculos de parentesco entre os habitantes, seja pelas facilidades de locomoção e de comunicação propiciadas pelos lugares menores, o que conduz à homogeneidade maior se compararmos com as cidades médias ou metrópoles: vizinhos trocam receitas e fofocas, pessoas visitam-se e conhecem-se pelos nomes. Quando alguém mata um porco ou faz uma "quitanda", manda uma "porva" (= prova) para as amigas e as comadres; e o sistema de troca de verduras torna pouco viável o comércio regulamentar, porque, quando não as ganham dos vizinhos, as pessoas podem comprá-las diretamente dos produtores, no quintal ao lado. Nesse caso, a hospitalidade desempenha um papel importante na economia local, uma vez que a redistribuição de alimentos e bebidas a vizinhos ajuda a construir a coesão social. O lado negativo desse modo de vida é a ausência de privacidade, uma vez que a vida de todos é partilhada nas conversas de final de tarde. Já nas cidades maiores, o ritmo de vida impessoal e agitado impede essas relações interpessoais mais "aconchegadas". O entrevistado 2C003 fala a respeito dessa vida de horários diferentes e de pessoas que pouco se encontram, apesar de viverem no mesmo bairro:

[...]Não é fácil fazer amizade lá no bairro onde moro. Sempre que a gente vê um ao outro a gente se cumprimenta. Lá na cidade onde morava, você conhece todo mundo. A partir do momento que um fala bem de você todo mundo ta sabendo... se falou mal... ta "sujo". Mas aqui não encontra os horários. Os vizinhos meus, um trabalha numa firma, outros noutra, um sai 4 horas da manhã, outro às 5... eu saio às sete, então... e hora que chega a noite só quero descansar [...]

Nas pequenas cidades, os vínculos com o campo são mais fortes, porque quase todas as pessoas, mesmo morando nas cidades, possuem pequenos sítios e chácaras, para onde vão nos finais de semana. As áreas de lazer também são restritas, já que o principal divertimento

acontece no campo. É bem verdade que essas pequenas localidades já sentem o efeito da influência da televisão e da Internet, com a conseqüente criação de novos hábitos de consumo. Mesmo assim, as festas religiosas, as exposições agropecuárias, os rodeios ainda permanecem como os principais elementos da rede de sociabilidade nesses lugares. O ambiente urbano, nessas cidades é muito menos artificializado do que nas cidades maiores.

Uma das manifestações culturais mais fortes nessas pequenas cidades é o encontro entre pessoas para fazer pamonha²². Geralmente, num fim de semana, juntam-se amigos e familiares para passarem o dia na casa de um deles, fazendo a pamonha, em grande quantidade, usando até várias "mãos" de milho verde (a mão de milho é uma medida popular, que consiste em 60 espigas). Há trabalho para todos: os homens trazem o milho da roça e cabe a eles o trabalho de ralar; as crianças descascam (tiram da palha) e cortam as "embiras" de amarrar; as mulheres mais velhas cuidam do fogão e as mais novas desempenham todas as funções necessárias: coar, temperar, embalar, colocar para cozinhar. No fim do dia, todos comem a pamonha e levam para casa o que sobra. Não se faz apenas a pamonha, mas também o mingau de milho verde (curau), um bolo salgado de milho (a Chica Doida), o angu de milho verde e muitos outros pratos que são divididos entre todos. O importante é a riqueza de contato humano decorrente dessa atividade: as histórias, os "causos" de assombração, as piadas, as trocas de receitas, as simpatias e benzeções ensinadas, as brincadeiras das crianças. Um verdadeiro encontro de pessoas, que ao final do dia, sentem-se renovadas e felizes. Claro que no meio da tarde algum tocador de viola terá "puxado" as velhas canções sertanejas que fazem parte do patrimônio cultural rural. Assim, o dia de pamonha é o dia de conversar, cantar, comer, "trocar" com os companheiros.

Esse padrão de vida nas pequenas cidades, caracterizado por uma cultura rural, vê-se pressionado pela falta de oportunidades de emprego, que "empurra" os jovens para os grandes centros, primeiro pela necessidade de estudo a partir do segundo grau e, em seguida, pelo "mito" das melhores oportunidades de trabalho. É assim que Uberaba, Patos de Minas e principalmente Uberlândia recebem grandes levas de migrantes que passam a fazer parte de sua estrutura e a vida nessas cidades-pólos adquire contornos de "vida de cidade grande", caracterizada pela impessoalidade, pela tecnologia e por relações pessoais mais afastadas. Dentre essas cidades, o interesse recai sobre Uberlândia, foco desta pesquisa.

²² Pamonha é uma espécie de bolo de milho verde, salgado ou doce, embalado na palha do próprio milho e amarrado com embiras feitas com a palha.

4. As redes de sociabilidade em Uberlândia

Com seu crescimento acelerado, Uberlândia tornou-se o principal foco de migração do Triângulo Mineiro, como já foi dito anteriormente. Neste momento, será feita uma reflexão a respeito das pessoas de e em Uberlândia, ou seja, que conseqüências podem ter advindo, para os uberlandenses, do fato de verem sua cidade crescer praticamente de uma hora para outra, com a chegada dos migrantes de todas as cidades de seu entorno e de outros lugares? Até que ponto foi vantajoso para a cidade ser considerada o “novo Eldorado” econômico, um lugar que oferece empregos, oportunidade e dinheiro? Uma das entrevistadas desta pesquisa, uma senhora de 80 anos, fala do modo de se viver em Uberlândia no "seu tempo":

[...] O que eu me lembro de Uberlândia antigamente, mais definitivamente no final da década de 30 e início de 40, é que havia um círculo de amizade entre os vizinhos, muito interessante. A minha família morava na parte antiga da cidade e as “senhoras” vizinhas, por exemplo, tinham o hábito de se reunir aos sábados nas casas umas das outras, para “amassar” os bolos, os pães, as roscas e faziam uma quantidade muito grande do que elas denominavam de “quitandas”, que era pra abastecer, cada uma a sua casa, pra uma semana inteira. Então havia o dia de irem, três ou quatro, pra casa dos meus pais e lá preparavam todas as massas, e batiam os bolos, punham nas formas e levavam pra assar cada uma na sua casa [...]
(1A001)

Nesse excerto, nota-se a relação entre o encontro de pessoas e a preparação de alimentos, bem semelhante ao que foi descrito na preparação da pamonha, nas cidades pequenas da região, além do que foi dito a respeito da na hospitalidade mineira, no começo do capítulo. O alimento, na verdade, era a "desculpa", porque o importante era o encontro.

[...] Mas isso já havia se passado três ou quatro horas em que elas estavam verdadeiras “comadres”, conversando, contando tudo o que tinha se passado na semana, fazendo projetos pra semana seguinte... então havia uma convivência entre vizinhos e amigos, muito grande [...] (1A001)

Um outro aspecto abordado diz respeito às relações familiares, também descritas pela entrevistada. As famílias encontravam-se muito mais, não só para se visitarem umas às outras, mas para desempenhar atividades em comum, como o bordado e a costura:

[...] e a convivência familiar também. Era usual, toda noite, as filhas irem pra casa dos pais e lá havia uma sessão de costura, de bordado e de conversas e tinha aquelas conversas que as crianças não podiam escutar, que era a hora do “ti-ti-ti”... Enquanto a criançada estava brincando de

“barra-manteiga”, “chicote queimado”, “pique de esconder”, nessa hora, as tias e mães estavam conversando, os pais com genros também, e era tudo separado. Os homens ficavam em uma sala; as mulheres, em outra sala, e ninguém ficava ocioso. Os homens gostavam de jogar cartas e as mulheres tinham os bordados, as costuras... tinha aquela história de “arrematar” as costuras, fazer um chuleado porque não tinha máquina nenhuma pra fazer esse serviço. Então era muita convivência familiar em muitas oportunidades [...] (1A001)

No que diz respeito ao entretenimento, a entrevistada 1A001 mostra que a principal fonte de lazer era a interação entre as pessoas, já que não havia, no passado, o domínio das diversões eletrônicas, como o rádio e a televisão.

[...] O rádio era muito descartado, ouvir música também, em uma “eletrola”, era muito raro. O que “aquecia” as noites era mesmo as conversas. Muito interessante é que às 9 horas da noite tinha que fazer café ou chá e servir os pãezinhos de queijo, os sequilhos, as torradinhas. Tinha um “servicinho” de café e chá antes de todo mundo se despedir e ir pra suas casa. Nove e meia já tinha terminado essa sessão do cafezinho, a criançada ia também, porque tinham que ir dormir para levantar cedo para as aulas no dia seguinte. Mas era muito agradável e isso era um hábito assim de todas as famílias [...] (1A001)

Note-se que a entrevistada usa o verbo “aquecer” para representar as relações humanas. Se, hoje, a maioria das pessoas se queixa da solidão nas grandes cidades, ela acontece porque as pessoas se isolam, seja por motivos de segurança, seja pela ausência de uma troca verdadeira de experiências e de relações. Para a entrevistada, as conversas “aqueciam” as noites. Nessa fala, percebe-se também o uso mineiro do diminutivo –inho, muito corrente na fala popular: um “servicinho” de café, para representar as guloseimas servidas.

Nesse sentido, também o entrevistado 1C001 menciona a falta de distrações no passado, que levavam a um convívio mais rico entre as pessoas: *“Rádio tinha muito pouco, televisão num existia”*. Não é objetivo desta pesquisa tecer mais críticas à televisão, mas não há dúvidas de que ela tem um papel significativo no isolamento e na falta de diálogo entre as pessoas. O entrevistado 1B001 lembra os bailes dos tempos antigos de Uberlândia. Esses bailes recebiam apenas as pessoas da elite e da classe média da cidade

[...] Os bailes juninos do Praia Clube eram esperados como ainda melhores a partir do último realizado. O carnaval, comandado pelo Coronel Hipopota, o rei momo “Hipopot premier et unique”, com sua corte formada pelo “Naghetini”, e outros uberlandenses sem preconceitos, criavam um clima de viver bem em torno de fantasias próprias, sem apego a fantasias

de outros, não obstante, tudo estar sendo copiado. Isto gerava a diferença que fazia com que outras comunidades não entendessem a solidariedade e a cumplicidade da sociedade uberlandense, que “se fechava” nos detalhes de felicidade trabalhada, na quebra do isolamento produzido pelos difíceis acessos aos outros centros [...]

Nos finais do século XIX e início do século XX, era patente a influência francesa nos hábitos sociais e nas conversas entre as pessoas. Da mesma forma que, hoje, algumas pessoas entremeiam palavras inglesas em conversas como forma de ostentação, o francês era a língua predominante na época, o que, talvez, justifique o “slogan” adotado pelo Rei Momo.

A entrevistada 1A001 menciona as "visitas" entre as famílias, que eram muito comuns no seu tempo. Na verdade, o hábito das visitas mútuas era peculiar a muitas outras cidades, como já foi discutido anteriormente.

[...] A gente fazia muita visita também. Era muito comum combinar ir, duas, três irmãs, à casa de uma amiga tal e durante o dia, no sábado e no domingo, também havia muita visita. O pessoal se preparava, se vestia bem, pra ir fazer as visitas. E nessas visitas, sempre tinha uns docinhos, pêssegos em calda, ou mesmo os sequilhos, então isso era muito usual [...]
(1A001)

A própria entrevistada tece um paralelo entre a vida atual na cidade e a antiga, no que diz respeito às visitas mútuas, novamente mencionando a televisão, que impede o diálogo:

[...] Não existe hoje aquela oportunidade de tantas visitas porque, às vezes, a pessoa se sai mal quando vai visitar, principalmente à noite, em dia de semana, porque as mulheres, notadamente, são muito fanáticas pelas novelas. Então quando se chega numa casa pra fazer uma visita, você cria um ambiente de dificuldade... desliga-se o aparelho de TV, ou deixa ligado? Põe mais alto (o som) pra seguir a novela ou não? Depois as pessoas reclamam que não escutaram direito o que tal “artista” disse... então hoje em dia não se pode fazer visitas à noite, pra muita gente, porque a novela é mais importante que receber aquelas pessoas que se deslocaram pra ir a sua casa. Então é melhor visitar domingo à tarde, sábado à tarde [...]
(1A001)

O hábito de fazer e de receber visitas cada vez torna-se menos viável, tendo em vista as múltiplas obrigações que as pessoas têm em seu cotidiano. É, inclusive, considerado inadequado que se visite alguém sem telefonar antes. É bem verdade que muitas pessoas se encontram nos fins de semana, para fazer churrascos, tomar cerveja, assistir juntas a um jogo de futebol, mas o hábito de visitar alguém durante a semana, sem aviso prévio e sem convite,

cada vez se torna mais raro, até porque é muito provável que a pessoa não se encontre em casa.

Naquele tempo, entretanto, as visitas não eram práticas apenas das classes privilegiadas, porque também o entrevistado 1C001 menciona o fato, juntamente com suas lembranças sobre a Uberlândia antiga de sua juventude:

[...] A gente fazia muita visita. Sempre havia visita pra fazer na casa de amigos, de parentes, porque era uma época de pouca diversão, naquela época quase não tinha diversão, tinha, parece que três cinemas aqui em Uberlândia. Era o Cine Éden, o Cine Uberlândia e o Cine Regente. Era os três que tinha. [...]

Com a industrialização, a universidade e o crescimento que tornou Uberlândia um pólo econômico, a cidade mudou com excessiva rapidez e, do ponto de vista de muitos habitantes nativos de Uberlândia, os migrantes, e de acordo com a opinião dos entrevistados, se trouxeram consigo o progresso e o trabalho, trouxeram também os problemas. Isso acontece em qualquer município que troque o *status* de uma cidade pequena do interior pelo de uma cidade grande, com prédios, elevadores, ônibus, todo o movimento que caracteriza uma “metrópole”.

Esse grande contingente de pessoas de outras localidades, que vieram para Uberlândia e superaram em número os habitantes nativos, estabeleceu alguns problemas de relacionamento social entre a população. Se, por um lado, os uberlandenses antigos parecem ter-se ressentido com a invasão dos “forasteiros”, também estes devem ter experimentado sentimentos para com a nova cidade que os recebia. Uma cidade maior, onde eles eram “os estranhos”. Uma cidade em que não conheciam pessoas para visitar, não contavam com amigos com quem sair nem pontos de lazer onde se distraírem. Esse sentimento, que permeia quase todas as pessoas que se mudam de suas cidades, pode ter sido o gérmen da dicotomia estabelecida, na tradição oral da cidade, entre os que aqui nasceram (os uberlandenses) e os que para aqui vieram para ficar, para construir suas vidas e construir uma “nova” cidade (os uberlandinos). Os que chegaram consideravam os uberlandenses esnobes, fechados, bairristas. Eles seriam mesmo assim, ou estariam apenas defendendo algo que acreditavam ser o seu território? Por outro lado, para os que aqui chegavam, novatos, e encontravam tudo diferente do que era na sua cidade, não seria natural um estranhamento inicial, como aquele a que se refere Caetano Veloso (1985) na música Sampa?

[...] Quando me encarei frente a frente não vi o meu rosto

chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho [...]

Para quem chegava, Uberlândia era o novo, o que “apavorava a mente”, mas quem chegava também era “o novo apavorante” para quem aqui vivia, era o rosto que não espelhava Narciso, por isso, o estranhamento era de parte a parte. Todavia, por mais que esse estranhamento mútuo se estabelecesse (e se estabeleceu), os que chegaram vieram para ficar, ajudaram a construir a cidade, incorporaram, muitas vezes, o discurso dos moradores de Uberlândia, que, hoje, tem uma porcentagem mínima de habitantes nativos e uma imensa maioria de migrantes vindos de outras cidades do Triângulo Mineiro, de outras partes do Estado de Minas Gerais e também de outros Estados, principalmente São Paulo e Goiás.

O entrevistado 2C003 fala desse sentimento de se sentir “perdido” na cidade tão maior do que aquela com que ele estava acostumado:

[...] A primeira impressão foi de uma cidade grande né? Ninguém conhece ninguém e fica todo mundo perdido. Eu me senti perdido pelo tamanho da cidade e por não conhecer ninguém [...].

O entrevistado 2A001, ao falar de sua experiência conclui que, na verdade, os problemas que ele enfrentou, de estranhamento da nova cidade, são peculiares a qualquer outra cidade que tenha crescido muito:

[...] Eu vim de uma cidade pequena, onde as pessoas se conhecem, conhecem os pais, conhece os avós, conhece toda a família e uma cidade maior como Uberlândia, e esse problema está cada dia se agravando, as pessoas vão se distanciando por uma série de fatores. Então quando nós viemos pra cá, nós sentimos não pelo fato de Uberlândia não ser uma cidade que recebe bem mas pelo fato de ser uma cidade grande e as pessoas extremamente ocupadas, chegam e já entrar no elevador, sobe e diz boa tarde ou bom dia... mas isso é por uma questão de ser Uberlândia mas uma questão de ser uma cidade maior. É igualzinho, por exemplo, as casas. Uma casa na cidade pequena, você participa da vizinhança. Numa cidade maior... até por questões de segurança e com o grande problema hoje por falta de segurança, as pessoas se recolhem em suas casas e isso prejudica a convivência entre as pessoas. Mas eu não vejo isso como um problema exclusivo da cidade de Uberlândia, eu vejo isso como um problema de cidade grande... porque quanto maior a cidade, menos integração das pessoas [...]

O entrevistado parece perceber que o crescimento de uma cidade provoca um esfriamento das relações humanas, seja por questões de segurança, seja porque a vida se torna

mais apressada, sem que as pessoas tenham disponibilidade temporal e afetiva para relacionar-se umas com as outras. O entrevistado 1A002 tem uma opinião veemente a respeito da relação de Uberlândia com os migrantes:

[...] Você pode reparar que no início vinham pra cá só os pais e os filhos que faziam faculdade, que vinham de outras cidades que não tinham...a não ser Uberaba que já era um centro também universitário muito mais antigo que Uberlândia, só que, talvez, pelo conservadorismo de Uberaba, não tinham espaço pra ficar lá dentro e saíam... e Uberlândia não. Uberlândia recebeu esses que vieram de fora e os agasalhou... (...) quem é mesmo o reitor da Universidade de Uberlândia? É de fora... a maioria dos seus alunos é de fora [...]

É interessante a expressão usada pelo entrevistado: *agasalhou*. Esse verbo remete ao conceito de cidade hospitaleira, aquela que acolhe, que recebe, que providencia um lugar para todos, numa idéia de aconchego, de agasalho. Para esse entrevistado, Uberlândia seria acolhedora para com os migrantes, embora sua opinião não seja compartilhada por todos os outros entrevistados. Complementando essa idéia, a entrevistada 1A001 expressa a sua opinião de velha moradora da cidade, diante da chegada dos "de fora":

[...] Eu acho que a vida na cidade de Uberlândia é muito agitada, e ela não tem as características de outras cidades tradicionais mineiras. É uma cidade que tem um "burburinho" muito grande e, como atualmente ela é uma cidade com um número muito grande de estudantes, também perdeu aquelas características de uma cidade que só pensava na vida familiar, das famílias daqui da própria cidade, as "famílias fundadoras", digamos assim, as primeiras famílias. Mudou muito [...]

A entrevistada mostra a diferença que ela percebe entre a vida na pequena Uberlândia de antigamente e o "burburinho" da Uberlândia de hoje. Chama a atenção da pesquisadora a sua linguagem, que estabelece uma oposição entre as famílias "fundadoras" (já que ela pertence a uma delas) e a população atual. Uma frase simples resume sua opinião: "Mudou muito". A antiga Uberlândia, do Fundinho, das pessoas que se visitavam, dos serões familiares era substituída, de maneira violenta, pelo progresso, pelo aumento da população, que modificava o perfil da cidade de tal forma que os antigos moradores quase não a reconheciam. A entrevistada 1A001 continua expondo seu ponto de vista:

[...] Hoje, há uma diversidade muito grande na população porque a população da cidade é formada de estudantes de toda espécie e muita gente muda pra cá, muitas famílias mudam, muitas mães deixam o marido na fazenda, ou em outras cidades, trabalhando. Tem muita gente de

Coromandel, de Monte Carmelo, Estrela do Sul, que a mãe está na cidade pra cuidar dos filhos e o marido está trabalhando lá. Por exemplo... de Ipiáçu... conheço algumas senhoras que moram aqui em Uberlândia em apartamentos pequenos enquanto os filhos estão aqui estudando. Aí eles se casam aqui, então a coisa já se diversifica e a cidade passa a ser muito cosmopolita no sentido de um “cosmopolitismo da região”. Não é mais uberlandense de Uberlândia, não é mais ituiutabano de Ituiutaba, cada um na sua cidade, as pessoas estão trocando muito e vem muita gente morar em Uberlândia, principalmente por causa das escolas e por ter muita força de trabalho também, o Distrito Industrial, empresas grandes... isso libera muito emprego e muda a característica da cidade... o que foi e o que ela é hoje [...]

Ao dizer que as pessoas não são mais “uberlandenses de Uberlândia e ituiutabanos de Ituiutaba”, a entrevistada alude à questão da identidade cultural de cada povo. Cada cidade tem suas tradições e costumes que a identificam e a migração traz problemas para quem se muda exatamente porque, aos poucos, ele vai perdendo a vinculação com suas origens e assimilando os padrões da nova moradia. É como se o migrante fosse “estrangeiro” nos dois lugares: naquele em que nasceu, porque não consegue mais identificar-se com os costumes originais, e naquele para onde foi, que será sempre o “outro lugar”, até que se estabeleça a adaptação. Talvez seja esse caráter de adaptação que a entrevistada denomina como “cosmopolitismo”. Soares, em entrevista concedida especialmente para esta pesquisa também faz colocações muito semelhantes às da entrevistada 1A001:

[...] Uberlândia [...] cresce pela expansão periférica, “enxuga” o Triângulo Mineiro todo e as pessoas vêm para cá [...] então aqui tem uma Estrela do Sul, tem uma Lagoa Formosa, tem uma Tiros, uma Carmo do Paranaíba, quer dizer, tem mais população de lá aqui do que na própria cidade e se a gente pensar, essas cidades são “a cara” dessa região, então vieram pra cá e vão “se esconder” na periferia [...]

O fato de a pesquisadora ter dito que as pessoas de outras cidades vêm “*esconder-se na periferia*” dá a entender que, para ela, essas pessoas sentem que é possível viver na periferia de Uberlândia como se estivessem em suas cidades e assim, o “choque cultural” seria menor. Em sua opinião, as redes de sociabilidade estão presentes entre essas pessoas que vêm de pequenas cidades e que moram próximas, mas as entrevistas mostraram que isso nem sempre acontece. A maioria das pessoas não consegue encontrar em Uberlândia as possibilidades de reproduzir o modo de vida anterior e, por isso, no início, sentem-se “perdidas” como o entrevistado 2C003.

Oliveira, por sua vez, afirma, também em entrevista, que as pessoas que chegam de fora, para se sentirem aceitas “*vestem-se como os uberlandenses para passear no shopping*”:

o verbo vestir não diz respeito apenas à indumentária, mas também ao modo de ver e de viver na cidade:

[...] Agora, o máximo é quando você não consegue se enxergar. Por isso é que a menina coloca o salto alto e vai pro Shopping e desce em um ponto de ônibus antes do Shopping pra não descer na porta porque ela quer mostrar pros outros que ela não mora na periferia, que ela é burguesa, que ela é patricinha, que ela é bonita não sei mais o quê. E isso é uma aberração [...]

Quando o autor diz que as pessoas "*não conseguem se enxergar*", ele está falando de alienação, de incorporação de um dizer sem que a pessoa perceba que aquele dizer não provém dela, mas de outros. Neste momento da pesquisa, cabem algumas reflexões a respeito de conceitos da Linguística que podem auxiliar a entender as relações sociais vividas pela população da cidade. A Análise do Discurso considera a linguagem no seu caráter social e não apenas comunicativo. No dizer de Ducrot (1975, p. 23),

[...] as relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação, tomada em seu sentido estrito, isto é, a troca de conhecimento: ao contrário, introduz-se entre eles uma grande variedade de relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra. A língua, então, não é apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe, também, a esse encontro, formas bem determinadas. Não é mais somente uma condição de vida social, mas também um modo de vida social [...]

Considerada como um resultado da interação social, a linguagem como que se despe de sua ingenuidade meramente comunicativa de conceitos, para tornar-se o estatuto da troca de relações. Ela não é mais apenas o lugar da intersubjetividade, mas também estabelece para essa intersubjetividade as regras e proposições.

Pêcheux (1990, p. 60) define discurso como “efeito de sentido entre interlocutores, como parte do funcionamento social geral.” Nesse sentido, o discurso não pode ser confundido com o texto, porque o texto é apenas o veículo do discurso. Outros elementos entram em jogo e, dentre eles, os sujeitos do discurso serão discutidos neste tópico. O sujeito, aqui, não é entendido em termos de análise sintática, mas do sujeito como locutor, como aquele que usa a linguagem e detém a subjetividade. O autor apresenta a noção de que o “sujeito” do discurso (aquele que fala) não é o verdadeiro autor do que diz. Todos os discursos, na verdade, são retomadas de outros dizeres estabelecidos no grupo social como “verdades” ou meras “opiniões”. Só que o sujeito, segundo Pêcheux (1990), “esquece” que não é a origem do próprio discurso e acredita que aquilo que fala é a sua opinião e é “a”

verdade. O autor fala em dois esquecimentos: o “esquecimento número um”, o de que o sujeito não é autor do seu dizer, e o “esquecimento número dois”, o esquecimento de ter esquecido. Assim, a maioria das opiniões que as pessoas emitem são, na verdade, repetições do que ouviram e que se instala em suas mentes de forma estereotipada, sem que realmente os falantes reflitam sobre o conteúdo do que estão repetindo. Assim, a “transparência dos sentidos” nada mais é que uma grande ilusão.

O discurso de que Uberlândia é elitista, esnobe e fútil, repetido tantas vezes, transmitido oralmente através do tempo e da história de Uberlândia, de alguma forma, foi incorporado pelos migrantes, sem que tenham consciência exata do porquê de tal discurso. Os migrantes repetem que são mal recebidos, que são “olhados de lado”, que vêem “narizes empinados” para eles. Alguns uberlandenses ressentem-se dessas colocações, já que, no seu ponto de vista, a cidade oferece progresso e oportunidades para os que chegam e assim, eles estariam, para se utilizar um provérbio bastante divulgado em Minas, “cuspiendo no prato em que comeram”. As críticas aos “forasteiros” constantes nas falas dos entrevistados, expõem a resistência da população local não apenas à invasão cultural, mas a uma série de mudanças nos hábitos da cidade, que acabavam supostamente prejudicando os antigos habitantes. O entrevistado 1A002, morador mais antigo e nascido na cidade, fala a esse respeito:

[...] A maioria da população uberlandense é de fora. Não é daqui. O motivo maior dessa “recepção ruim”, é porque uberlandense mesmo é muito pouco. [...] Não são os filhos de Uberlândia que aumentam a essa velocidade, essa população. Então você tem de Uberlândia mesmo, 30, 35% do total dessa população. Os restantes são pessoas que vieram de fora e que imprimiram esse cunho de “receber mal”. Você pode reparar em qualquer situação. O atual prefeito é de Uberaba, não é daqui... sério, tô te contando... os representantes da cidade, políticos, o deputado federal que ficou, ou o que restou, o do PT, é de Tupaciguara. Os três deputados estaduais são de fora... Luiz Umberto é de Tupaciguara, não é daqui, o João Bittar é de Ituiutaba, não é daqui e o Leonídio Bouças é do Sul de Minas, aí ó...Então você vê que o fato de ser inóspita, foi criado por eles mesmos que vieram de fora e transformaram isso aqui. Tenho certeza absoluta, você pode pegar a Câmara dos Vereadores, 90% da Câmara é de gente que veio de fora e não tem nenhum vínculo com a cidade e aí transforma a cidade em uma cidade inóspita com certeza [...]

As falas do entrevistado revelam um antagonismo em relação aos migrantes, que se expressa em sua linguagem. Ao caracterizar os “filhos de Uberlândia”, em oposição aos que ele considera como responsáveis pela queda na qualidade de vida na cidade, talvez ele não tenha consciência clara do que suas palavras representam. Para esta pesquisa, importa salientar que é exatamente esse embate entre uberlandenses e uberlandinos o principal

responsável pela caracterização da cidade como inóspita. O entrevistado traz a questão para o âmbito político, porque afirma que “90% da Câmara é de gente que veio de fora e não tem nenhum vínculo com a cidade e aí transforma a cidade em uma cidade inóspita com certeza”. Para ele, a maioria dos problemas da cidade são provocados pelos que vêm “de fora” e passam a decidir por todos.

Oliveira, em sua entrevista, afirma que os migrantes, para se sentirem melhor aceitos usam a estratégia de incorporar os valores da elite uberlandense e acabam esquecendo que são migrantes:

[...] esse indivíduo que é forasteiro e que incorpora esses valores acaba chegando nessa aberração, ele acaba esquecendo que ele é de fora... mas ele esquece ‘entre aspas’, na verdade ele foi ‘formado’ para isso [...] Então elas acabam tendo duas posturas, ou elas simplesmente negam [esses valores] e não sabem por que e, ao negar, são maltratadas, ou elas os aceitam [...]

Nesse sentido, o entrevistado 2B002, é paulista e reside em Uberlândia há apenas quatro anos. No entanto, quando se refere aos "uberlandenses", ou seja, aos que nasceram em Uberlândia, ele sempre usa o pronome "nós". É como se ele deixasse de ser paulista. Quando foi perguntado sobre o que era ser mineiro, na sua opinião, ele novamente usou o pronome "nós", como se fosse mineiro. Oliveira, na entrevista já mencionada, diz que o fenômeno seria semelhante ao ritual realizado com os "calouros" nas escolas:

[...] É como se as pessoas chegassem em Uberlândia como calouros. Então [os veteranos] vão raspar a sua cabeça, humilhá-las etc. Depois que elas já estão aqui há algum tempo, elas já se sentem "em casa" e, a partir do momento em que se sentem "uberlandenses", passam a tratar os de fora da mesma maneira, passam a achar que é natural [...]

Essa fala demonstra o que foi dito acima: os sujeitos "esquecem" que não são a origem de seu discurso e o reproduzem em palavras e em atitudes, de tal forma que passam a acreditar que não somente são a origem de seu dizer, como também acreditam que esse discurso expressa "a verdade". Reproduzem a relação eu/outro, sem terem consciência de que estão agindo de tal forma.

Uma outra vertente na reflexão desta pesquisa diz respeito aos problemas enfrentados pela população nos dias atuais, problemas que têm origem histórica, na construção da imagem da cidade. Com seu discurso progressista, que buscou a modernidade em detrimento de tudo o mais, Uberlândia parece ter pago um alto preço, no que diz respeito à qualidade de vida de

seus cidadãos, porque, junto com o progresso, como acontece em todas as grandes cidades, veio a violência, veio a pressa, a perda da convivência com vizinhos e amigos, veio o individualismo que caracteriza a vida nas capitais. Como exposto no capítulo 1 e como afirma Oliveira (2000, p. 2), historicamente, Uberlândia “se mostrava como moderna, como a cidade do *asfalto* e das *luzes néon* antes mesmo da década de 50, período que o município de maior destaque na região era Uberaba.” Paradoxalmente, essa própria elite que se dizia empreendedora e moderna, segundo o autor, era conservadora, quando se tratava de questões sociais. Conservadora em assuntos de moralidade, de separação entre as classes sociais, de maneira que ficou tradicionalmente conhecida como “esnobe” e segregadora. Esse conservadorismo explicaria algumas idiossincrasias uberlandenses, que ficaram na memória popular, como o fato de ter existido um clube em que negros eram impedidos de entrar, nos anos 1950—1960; o Bairro Patrimônio era exclusivo para os negros; nos cinemas, havia um balcão ocupado por negros; no “*footing*” da Avenida Afonso Pena, nos anos 1940—1960, um lado da avenida era para os brancos e outro para os negros. Esta pesquisa não se destina ao estudo do racismo, mas a evidência de atitudes preconceituosas (seja em questões de raça ou de origem social) pode ser uma das origens da mitologia popular de que o uberlandense nativo recebe mal os forasteiros, os pobres e os negros. O entrevistado 1C001 relata suas lembranças:

[...] *tinha um clube só dos preto... branco eles não gostava que passasse nem na porta. Chamava “Jandsbar” e era na Mello Viana. No Patrimônio aqui também tinha muito preto, ninguém tinha uma ligação muito boa com esse bairro não. As pessoas dos bairros tinha rixa com outros... por exemplo o Tubalina tinha rixa com o Patrimônio, o Martins também... jovens, não é? Juventude... Por exemplo... se o pessoal do Martins vinha passear no Patrimônio, os daqui não aceitava, implicava ... se os daqui iam pra lá também era a mesma coisa. Existia muita rixa entre os bairros... até hoje ainda existe um pouquinho. Só que agora o pessoal civilizou muito né? igualou muito. Mas existia sim muita rixa... se o pessoal do Patrimônio tava dando uma festa, eles achavam que eles é que estavam mandando... se chegasse um pessoal de outro bairro tinha que ficar muito bonzinho pra não dar briga. Nós sempre moramos no bairro Martins mas o bairro mudou tudo [...]*

O entrevistado 1B001, que foi jornalista na cidade, lembra que os patrocinadores dos programas de rádio pediam o programa só citasse as mercadorias de que eles dispunham, para evitar problemas com a clientela, ávida por novidades. Segundo seu relato, o rádio exercia as funções que, hoje, a televisão desempenha, na formação de opiniões e na determinação de modismos.

[...] Na Rádio Educadora eu era sonoplasta da “Boite Île D’Amour”, um programa que desfilava de segunda até sexta feira, das 22h às 23h a sociedade uberlandense, no clima romântico de boate como foi nos “anos dourados”: Excelentes orquestras, famosos cantores e muito charme necessário para mostrar a elegância dos casais mais bem sucedidos que começavam surgir como novos ricos na região. Produzido por Remy França, a apresentação era do Marçal Costa, um jovem talento do jornalismo que criava também a coluna social do “Correio de Uberlândia”. Os adjetivos usados na descrição de socialites e parceiros da época, ditava de tal sorte a moda que o Sr. *Ciro da Goyana*²³, às vezes procurava o Marçal para sugerir que não citasse algum tecido ou adereço, se não elas, as socialites, lhe tirariam os olhos, caso ele não conseguisse os produtos, tal como descrevera na boate virtual transmitida pela Rádio Educadora [...]

Na atualidade, um programa de rádio que seja transmitido de 22h a 23h não tem audiência, porque a maioria das pessoas está diante da televisão. Naquela época, no entanto, era ouvido pela “alta sociedade” e tinha atuação sobre as opiniões das pessoas, de tal forma que os patrocinadores se preocupavam com o fato de o programa radiofônico mencionar um produto de que eles não dispunham, já que, no dia seguinte, fatalmente todos se empenhariam em adquiri-lo, para “seguir a moda”. Por minha experiência pessoal, lembro-me de que minha mãe contava que, aos domingos à tarde, as pessoas ficavam à janela para prestarem atenção às roupas das pessoas que se dirigiam ao cinema:

[...] Aos domingos, a partir das seis horas da tarde, as famílias “desciam” para o centro, muito bem aprontadas e iam à sessão das sete nos cinemas. Alguns moradores ficavam à janela, observando as roupas, os penteados [...]

Ao que parece, a preocupação com a aparência, que foi uma queixa de quase todos os entrevistados e que praticamente faz parte do anedotário sobre Uberlândia, já acontecia no passado. Até mesmo nas festas religiosas implicavam o uso de uma roupa de ocasião, quase um uniforme, como lembra a entrevistada 1A001, quando fala sobre a tiara emprestada:

[...] As festas religiosas de antigamente eram muito interessantes, mas o que “pegava” maior quantidade de pessoas eram as procissões. As procissões eram o ápice das comemorações. Ir à missa não era tão importante. As missas não eram muito frequentadas mas se falasse que era uma festa de Santo Antônio ou de São Benedito, ou de Nossa Senhora do Rosário, então as pessoas se aprontavam, se vestiam e todo mundo acompanhava a procissão de véu na cabeça e por cima do véu punham uma

²³ A *Goyana* era uma loja de departamentos da época, procurada por clientes da classe alta. Era um dos patrocinadores do programa de rádio

“tiara” e a tiara era um dos enfeites predominantes. Faziam tiaras com flores, feitas a mão, ou então tiaras com pedrinhas. Eu lembro que a minha mãe contava que ela queria ir a uma procissão. Então a minha avó falou assim: — Eu vou levar você, mas eu não tenho uma tiara. Então uma prima da minha avó que se chamava Amélia, disse que emprestava a tiara pra minha avó. E essa prima, não foi acompanhar a procissão. Então, quando a minha mãe passou de véu, tiara e tudo, ela falou assim, bem alto: — Oh, prima Lolota, está gostando da tiara que te emprestei? A minha avó chorou porque, onde já se viu, era assim o “chique”, era uma coisa... tinha que vestir os vestidos mais compridos... pra acompanhar a procissão [...]

Essa fala daria subsídios para um estudo a respeito do papel social da Igreja na sociedade brasileira do passado. As procissões não eram apenas cerimônias religiosas, mas sobretudo sociais. Era o momento em que as pessoas mostravam suas roupas, namoravam, viam e eram vistas. Se, para a instituição era uma forma de demonstrar o poder da Igreja Católica, para as pessoas era um lazer. A entrevistada afirma que “a missa não era tão importante, não era tão freqüentada, mas as festas religiosas, sim, tinham todo o apoio e a participação das pessoas. Note-se que a anedota da necessidade de uma tiara para acompanhar a procissão diz respeito aos hábitos de ostentação que, no dizer da maioria dos entrevistados, permanece até hoje em Uberlândia. O fato de a pessoa se arrumar com uma roupa especial para ir ao *shopping* é uma evidência desse comportamento. A maioria dos entrevistados falou a respeito dessa preocupação com a aparência. Principalmente os que chegam de outras cidades ressentem-se a esse respeito, como se percebe nos excertos abaixo:

[...] Ai... Uberlândia é um bando de esnobes! Porque o pessoal é desse jeito... ficam preocupados com o carro que você anda, com a roupa que você usa, com o cor do seu cabelo, qual a universidade que você estuda, qual o emprego que você tem... então é bem assim, seletista. Então a partir de uma certa idade assim tipo de 16 até uns 20 e poucos, é bem elitizada, seleciona bastante [...] (1A003)

[...] Ah! Uberlandense é muito metido a besta. Olham as pessoas de nariz empinado, valorizam a aparência. As meninas só querem saber dos carinhas que têm carro, são superligados em marcas de roupa... em beleza... Não é só os velhos, não, as meninas também. Elas, principalmente, me irritam, porque são muito fúteis. Quando a gente acha uma menina com uma cabeça melhor é que veio de fora para estudar. Se for de fora e morar aqui há muito tempo já fica metida também [...] (1B003)

[...] A gente daqui se arruma para ir ao shopping, mas o povo de Goiânia não... eles vão do jeito que estão [...] (1C003)

[...] Eu não me sinto um uberlandense mas o interessante é que meu irmão da Bahia esteve aqui essa semana e a gente ia levar ele pro Shopping pra passear. Aí ele estava indo de chinelas “Havaianas” aí eu perguntei “Você

vai pro Shopping “desse” jeito? Se fosse em outra cidade, se fosse em Valadares eu não teria me preocupado, mas aqui [...] (2A003)

[...] O pessoal parece que vive de “aparência”... tem carro zero mas na hora de pagar por uma costura não tem dinheiro. Parece que “come mortadela e arrota peru”... é verdade... (2B001)

[...] Eu sou muito simples... não tenho esse negócio de ter que vestir uma roupa diferente pra ir ao shopping não... eu sou uma pessoa muito simples [...] (2C001)

[...]ele saiu daqui bonitinho, com o celular de 800 reais no bolso, pedalando... [...]

O que chama a atenção neste tópico é que, em Uberlândia, talvez mais do que em outras cidades, a questão econômica preside as relações humanas: tudo parece resumir-se em progresso, empreendimento e dinheiro, em detrimento do humano, do cultural. Várias vezes, na imprensa e na tradição oral, tem-se falado sobre as “patricinhas de *Beverly Hills*” de Uberlândia, uma sátira à supervalorização da aparência e do consumo. Quando o entrevistado 2C003 afirma que a pessoa está com um celular de R\$800 no bolso e “pedalando”, ele próprio ironiza o fato de alguém não ter dinheiro nem para comprar um carro (na cidade, apenas as pessoas de menor poder aquisitivo andam de bicicleta), mas compra um aparelho celular de preço elevado, pelo menos para os padrões do entrevistado. Segundo Oliveira (Anexo 3), essa imagem do uberlandense consumista e capitalista foi engendrada pelas próprias elites, na aplicação da ideologia burguesa aos projetos para a cidade. Em entrevista concedida a esta pesquisadora, o autor diz textualmente:

[...] é a elite uberlandense que está inventando essa imagem, que está inventando o que é periferia e o que é centro, o que é ruim e o que é bom. Araxá tinha ‘footing’ também, mas essa história de ‘footing’... passeio para branco, passeio para negros... no Cine Uberlândia, lugar para branco, lugar para negro, barrar o Pelé no Praia Clube... não é que Uberlândia seja a única cidade racista, mas aqui em Uberlândia você vai ter vários elementos que vão contribuir para a construção dessa identidade. Aí é a minha tese...A construção dessa identidade tem um interesse econômico por trás [...]

Assim, as relações entre as pessoas passa, na cidade, pelo crivo do comercial. Não se trata apenas da aparência física em si, mas de uma imagem de prosperidade que as pessoas sentem necessidade de transmitir para serem melhor aceitas na e pela cidade.

[...] ser uberlandense, mais do que nascer na cidade, passou a significar um projeto de vida, que foi construído pela elite local como o único discurso possível, tentando transformar os seus valores burgueses, a sua postura moderna e a ênfase na aparência das coisas (e das pessoas) na verdadeira imagem da cidade e de sua população [...] (OLIVEIRA, 2000, p. 2).

As afirmações de Oliveira parecem confirmar-se na reportagem da revista VEJA que ironizou a forma de vida da população e propôs para Uberlândia uma metonímia pejorativa, comparando-a com uma *socialite* fútil e poderosa. Ao atribuir à cidade as características de seus moradores, a repórter está sendo irônica e parcial. A figura de linguagem faz parecer que todos os seus habitantes se comportariam da mesma forma.

[...] Rica, poderosa e fútil. Desfila com roupas extravagantes, celular a tiracolo e não perde a chance de dar um pulinho ao *shopping center*. Se a sociedade fosse uma mulher, teria todas essas características [...] (GRANATO, 2000, p. 84. apud OLIVEIRA, 2000, p. 2).

Logicamente que não se pode caracterizar uma população de uma cidade de maneira tão generalista. Tanto é verdade que essa reportagem gerou uma série de protestos e de cartas e *e-mails* para a revista, repudiando a caracterização. No entanto, para algumas pessoas, talvez tenha sido mais importante a cidade ter saído numa revista de âmbito nacional do que o teor da linguagem utilizada. De qualquer forma, o que interessa para este trabalho é o fato de que, mais uma vez, foi validado o discurso que permeia as relações da cidade com seus moradores, um discurso de modernidade e de riqueza, que esteve presente, inclusive, nas entrevistas realizadas com os sujeitos desta pesquisa.

O que se pode concluir de todas essas informações a respeito das redes de sociabilidade de Uberlândia é que, malgrado afirmações negativas de parte a parte, o migrante tem, na cidade, um lugar, desde que ele seja um migrante “produtivo”, que possa acrescentar algo à cidade. O entrevistado 2A002, afirma que, quando chegou à cidade, não se sentiu acolhido, porque estava começando a desempenhar um novo papel dentro da comunidade. Só mais tarde, à medida que foi progredindo, passou a sentir-se aceito na cidade:

[...] *eu posso dizer que aqui em Uberlândia, existe a hospitalidade por interesse. Quando você vem pra trabalhar aqui, você não é bem recebido na cidade e eu falo até como um exemplo próprio porque aconteceu comigo. Eu já estou aqui há quatro anos e quando cheguei na cidade, que eu vim iniciar o trabalho aqui pela empresa, até mesmo colegas e pessoas que eu já conhecia há mais tempo, muitos viraram as costas pra mim, não me deram a ajuda que eu precisava, então eu tive que descobrir praticamente tudo sozinho, eu não tive o apoio de pessoas de dentro da empresa que, como eu já disse, eram*

peessoas que eu conhecia há muito tempo, então foi muito difícil o início aqui pra mim. Hoje eu me sinto bem mais à vontade na cidade com relação principalmente a essa parte de trabalho, eu conheço praticamente tudo que eu tenho que conhecer, mas eu não tive apoio das pessoas [...]

Essa fala está coerente com a do entrevistado 2C003, que teve que, primeiro, trabalhar como servente, para mais tarde, ser aceito como mestre de obras. A maioria da população, já foi dito, veio de outros lugares, sobretudo a população ativa no governo do município: os prefeitos nos últimos vinte anos vieram de outras cidades; os vereadores, em sua maioria, são “de fora”; na Universidade, a grande maioria dos professores e dos alunos vieram de outros lugares. Soares, na entrevista já mencionada afirma:

[...] Nós não podemos falar tanto de forasteiro assim... todos nós somos forasteiros, não é? O forasteiro que é mal recebido é quem não tem renda, quem não faz parte da força de trabalho mais qualificada [...]

Ou seja, não há, na cidade, a preocupação com a origem da pessoa, com a família de que ela procede, mas com a sua possibilidade de trabalho e de produção. Esse comportamento coaduna-se com o discurso do progresso, de ser Uberlândia uma cidade grande, uma “metrópole”. Parece que essa “abertura” para o outro acontece menos em outras cidades da região, como Uberaba e Araxá, em que o comportamento que se poderia denominar “geralista” evidencia atitudes vistas como “tradicionais”. Não foi feito um estudo nas demais cidades da região, que pudesse comprovar esta afirmação. Sobre Uberaba, Soares, na mesma entrevista, afirma:

[...] Em algum momento, alguém é forasteiro nesta cidade... que é diferente de Uberaba, que tem os geralistas desde o século XIX. Estão lá... e aí perguntam: “Você é da família de quem”? “De quem você nasceu”? Eu dei aulas em Uberaba e tinha uma aluna que veio do Rio de Janeiro e o tempo todo eles perguntavam: “Você é da família de quem”? “Quem é seu marido”? E ela ficava indignada com aquilo [...] e aqui em Uberlândia não existe isso [...]

A entrevistada 1A001 também menciona diferenças no modo de ser e de receber pessoas entre Uberlândia e Uberaba:

[...] acho que o uberlandense sempre foi aberto pra receber os visitantes e os amigos. Já, algumas cidades aqui por perto (Uberaba), são mais fechadas no tocante a receber amigos dentro de casa pra hospedar e também tem assim um certo preconceito “se a pessoa era bem conhecida” e se não iam ter

algum transtorno. O uberlandense não, acho que é porque a cidade também sempre recebeu muita gente de fora pra morar em Uberlândia [...]

Uma outra vertente na reflexão desta pesquisa diz respeito aos problemas enfrentados pela população nos dias atuais. Se é verdade que, Uberlândia, hoje, não é mais a Uberabinha do início do século XX, também não é mais a cidade que Soares estudou em 1990, ou seja, o “Eldorado” perdeu bastante do seu brilho, e a cidade convive com problemas sociais de toda cidade grande. Soares afirma:

[...] é lógico que essa cidade no contexto que eu escrevi há dez anos atrás, você tinha esse imaginário, essa imagem que se construiu dela, era muito mais efetiva... eu acho que essas sucessivas crises econômicas... a cidade também assume um patamar de mais de 500 mil habitantes e com 500 mil habitantes começam a aparecer outros problemas...essa expansão periférica enorme... agora, que eu acho que ela é uma cidade muito fragmentada ela é... muitíssimo fragmentada [...]

Essa fragmentação a que a autora faz alusão não diz respeito apenas às grandes distâncias entre os bairros e entre as classes sociais, mas também à qualidade de vida da população, que se vê cada vez mais isolada, mais "cosmopolita". De alguma forma, reproduz-se em Uberlândia o que acontece na maioria das sociedades capitalistas. Antes, as classes dominantes "segregavam" as populações "indesejáveis" nos recintos fechados, de onde não "incomodassem": hospícios, orfanatos, favelas, locais distantes na periferia. Hoje, com o crescimento desordenado das cidades, a elite e a classe média é que estão segregadas nos condomínios fechados, nos carros blindados, nos altos edifícios cercados de grades e vigiados por seguranças, como um recurso para se resguardarem e em Uberlândia não acontece de forma diferente. Lage (2005, p. C1), afirma que “a cidade é um artefato coletivo, onde os diferentes se encontram. Os enormes condomínios fechados são uma ruptura dessa idéia”. Essa dispersão no processo de urbanização traz problemas sociais e culturais, porque acirra o desnível social e preocupa os planejadores urbanos.

5. A questão da hospitalidade em Uberlândia

Toda a discussão anterior, a respeito das redes de sociabilidade em Uberlândia, teve o objetivo de respaldar a discussão a respeito da hospitalidade na cidade. Como a sociedade é algo construído e imaginado pelo seres humanos que nela vivem, a hospitalidade é uma

decorrência do modo pelo qual esses seres humanos de determinado lugar enxergam-se a si mesmos e aos outros. Concretiza-se nas relações entre pessoas, nos atos de convidar, receber e retribuir visitas ou presentes, bem como as formas de visitar, receber e conviver com pessoas de outras sociedades e culturas.

Pode-se perceber que a questão de hospitalidade em Uberlândia está diretamente relacionada com a forma de convivência estabelecida na cidade a partir do progresso e do grande aumento da população. A entrevistada 1A001, em sua entrevista, afirma que, no passado, as relações de hospitalidade eram muito semelhantes às das cidades pequenas:

[...] Eu recebia muitos hóspedes que vinham de São Paulo, de outras cidades também, do Rio de Janeiro... nós, por exemplo, recebíamos, anualmente, uma família que vinha do Rio, eram amigos do meu pai e da minha mãe, que vinham pra nossa casa e ficavam o mês de janeiro todinho, que era o mês de férias. Usava demais hospedar os amigos em casa, por uma temporada. Não se usava, por exemplo, deixar os amigos irem para o hotel e vir em casa só pra tomar as refeições. Elas ficavam na casa da gente, tomavam as refeições e era aquela preocupação em arranjar passeios, levar nas fazendas próximas, pra ver como era a vida nas fazendas, então sempre foi muito prazeroso, pra quem era dona de casa, receber e mostrar a nossa culinária toda, mesmo aquela que não era muito comum, mostrar os pratos mais sofisticados da cozinha mineira [...]

O que teria mudado, então, nessa forma de receber? E quais seriam as causas dessa mudança? Em primeiro lugar, a ideologia de progresso e de empreendedorismo, que tornou Uberlândia um centro econômico, modificou de maneira excessivamente rápida as formas de se conviver na cidade. Aos olhos de alguns habitantes que nasceram em Uberlândia, outra causa teria sido o grande contingente de migrantes que aqui vivem, que constituiriam, para os uberlandenses nativos, o que Godbout (1997) denomina *don-poison*, a “dádiva-veneno”, em que a hospitalidade se volta contra o anfitrião, que, nesse caso, se constitui em problemas sociais. Como foi dito anteriormente, Uberlândia tem uma “fama” de ser uma cidade inóspita e de receber mal os que aqui chegam. A entrevistada 1A001, entretanto, não concorda com a afirmação de que Uberlândia seja inóspita:

[...] Eu não concordo quando as pessoas falam que a sociedade uberlandense é fechada para os que vêm de fora. Acho que hoje em dia as pessoas não têm tempo disponível para receber as visitas que vêm pra Uberlândia. Na maioria das vezes, elas vêm pra trabalhar aqui, e hoje, os uberlandenses também, estão “engolfados” no trabalho, mas, na medida do possível, eles ainda recebem... arranjam hora pra fazer um “jantarzinho”, pra fazer até uma ceia, pra comemorar os aniversários... mas procuram receber nas suas casas [...]

O interessante é que essa mesma senhora fala da hospitalidade nos dias atuais, quando as pessoas preferem fazer suas visitas aos domingos, para não atrapalhar as "novelas" durante a semana:

[...] Então é melhor visitar domingo à tarde, sábado à tarde... eu sei de diversas pessoas aqui em Uberlândia que estão fazendo "brunch" que é receber principalmente no domingo que é uma hora em os aparelhos de TV não "despertam" tanto a não ser o dia de corrida de Formula I. Mas, um brunch reúne os amigos, é um momento muito agradável e o uberlandense já está fazendo brunch...porque assim ele tem como retribuir a atenção de um amigo, se ele não pode ir em um aniversário. Nesse brunch, geralmente, servem uns "waffles", uma torta salgada, uma salada de frutas, uma comida ligeira mas que pode ser feita em casa. Eu sei que muitas pessoas estão adotando [...]

Foi interessante ouvir essas palavras em Inglês, vindas de uma senhora tão idosa: *brunch, waffles...* e a comida mineira? O tutu com torresmo, o frango com quiabo, o proverbial pão de queijo? Se, mesmo entre as famílias mais tradicionais da cidade os hábitos são americanizados, alguma coisa diferente acontece em Uberlândia, no que diz respeito à suposta "hospitalidade mineira..." O entrevistado 1A002, afirma que a comida na região é diferente da comida mineira em geral:

[...] Até as nossas comidas típicas são diferentes das comidas dos mineiros. Eles comem muito porco pururuca, lingüiça... a cozinha mineira, até aqui faz sucesso...quando nós comemos aqui um produto que é mais da região, que é a guariroba, o pequi que é típico de Goiás. Até a pamonha aqui é diferente do que se faz lá. Eu me lembro quando estudava interno em Juiz de Fora e a gente saía às vezes e ia comer milho verde, ia comer pamonha, até o tipo de servir deles é diferente do nosso, das nossas pamonhas daqui [...]

Note-se o uso dos pronomes "nós", para referir-se aos que ele chama "triangulinos" e "eles", para referir-se aos mineiros. O entrevistado faz questão de opor as duas realidades, mesmo quando trata de um assunto proverbial, como a alimentação. Também entre os entrevistados das classes populares, houve menção a visitas e ao ritual de se servir alguma coisa para o visitante, como uma forma de atenção e hospitalidade acolhedora:

[...] Eu gosto muito quando as pessoas vão na minha casa me visitar, mas é raro... eu ofereço um cafezinho com uma coisinha qualquer. O normal [...]
(1C003)

Atualmente, a principal crítica, principalmente dos moradores mais jovens, é que Uberlândia, hoje, não tem espaços de lazer, a não ser o *shopping center*, algumas boates e

alguns bares. Nas cidades menores da Região do Triângulo, ainda permanecem os antigos espaços públicos para encontros, "*footings*" nas praças: as pessoas vestem suas melhores roupas, saem com os filhos e vão à praça passear, conversar e conviver. No passado, Uberlândia teve esses mesmos espaços culturais, embora já naquele tempo, com características de segregação social: como foi dito anteriormente, ao longo da Avenida Afonso Pena, no centro da cidade, havia um lado da rua destinado exclusivamente aos negros, assim como havia espaços de exclusão nos cinemas e nos clubes da cidade. Alguns entrevistados desta pesquisa apresentaram queixas semelhantes, conforme se pode ver nos excertos abaixo:

[...] *Aqui não tem coisas culturais. A gente só pode sair para comer. Quando tem show, é muito caro. Mas já melhorou. Antes era pior. Agora tem alguns eventos que a gente curte, como o último festival de rock no Parque do Sabiá* [...] (1B003)

[...] *Eu acho que a área de lazer é muito boa, os cinemas, os shoppings daqui são bons. Aqui tem muita área de lazer, como as cachoeiras* [...] (1C002)

[...] *Aqui em Uberlândia é difícil reunir amigos e sair. Quando isso acontece eu gosto de ir a barzinho, geralmente na sexta feira. Shopping aqui só pra pati. A gente gosta de ir num bar aqui perto da UFU, chamado "Esquinão"* [...] (1C003)

O que mais chamou a atenção nesse aspecto foi o fato de que quase todos os entrevistados, quando mencionavam a respeito das opções de lazer em Uberlândia falavam primeiro do *shopping center*. Como já foi mencionado no capítulo anterior, os *shoppings* são considerados "não-lugares", porque são espaços segregadores, que excluem determinadas classes sociais e as mantêm desligadas das cidades em que se situam. Todos os *shoppings*, em quase todas as cidades são muito parecidos em seu *design*, nas lojas que trabalham com as mesmas franquias, nas salas de cinema etc. No caso de Uberlândia, o *shopping* congrega a maioria dos cinemas (as antigas salas foram transformadas em igrejas evangélicas), um centro de convenções e um hotel, todos destinados à elite da cidade. As demais classes, quando vão ao *shopping*, o fazem em ocasiões especiais.

Algumas iniciativas têm sido tomadas, nos últimos anos, no sentido de criar ou recriar outros espaços de convivência, como o Mercado Municipal, onde se realiza a Feira Gastronômica uma vez por mês, as praças, onde se realizam feiras de artesanato, que têm sido bem aceitas pela população, mas são eventos ainda incipientes e não se pode tirar conclusões a respeito. As festas populares na cidade, como a congada, poderiam representar uma ocasião

de conagração, mas são isoladas e não são freqüentadas pelos diversos grupos da população.

Além das questões pertinentes ao lazer dos que aportam à cidade, coloca-se um outro ponto à reflexão: é o grande contingente de pessoas que procuram Uberlândia para tratamento médico ou para fazer compras. Um dos entrevistados desta pesquisa (1A002) afirma que, nas cidades circunvizinhas, algumas prefeituras, em vez de construírem seus próprios hospitais e postos de saúde, optam por comprar uma ambulância e remeter os enfermos para o Hospital de Clínicas de Uberlândia, considerado um modelo no Estado.

[...] Por outro lado, a população uberlandense está pagando, hoje, pelo ônus de ter que arcar, muitas vezes, com assistência médica de toda a região e até de fora da região... o Hospital das Clínicas de Uberlândia recebe um volume tão grande de doentes de fora... não é só do Triângulo Mineiro que tem convênio não, são setenta e tantas cidades que o Reitor fez convênio...os prefeitos municipais de outras cidades, ao invés de montarem uma estrutura pra atender os seus munícipes, compram ambulâncias ou “vans” pra jogar aqui os doentes deles, pra serem atendidos aqui e isso sobrecarrega porque o direcionamento do hospital escola foi projetado pra cidade e um número de cidades em volta, que corresponde no máximo, em um milhão de habitantes. E o hospital de clínicas atende a uma população de quase três milhões de habitantes. Tem paciente que vem de São Luiz do Maranhão pra ser tratado aqui. É mais fácil dar a ele um bilhete aéreo pra vir se tratar aqui do que ter o ônus de ter que tratar desse indivíduo lá. O prefeito lá gasta menos pagando a passagem de avião do que se internasse o indivíduo, que iria custar muito mais caro... então isso é um ônus pra nós...são problemas que a cidade tem... e atrás disso vem o quê? [...]

O entrevistado faz menção a um convênio firmado entre a Universidade Federal de Uberlândia e as prefeituras das pequenas cidades, para atendimento aos enfermos. Ao que parece, o contingente de enfermos ultrapassou as previsões iniciais e a população da cidade se ressentiu com isso (por isso, o entrevistado fala em ônus), porque faltam vagas no hospital para os pacientes da cidade. Não obstante o caráter preconceituoso das afirmações desse entrevistado, o que se coloca para reflexão neste trabalho é a maneira pela qual esse visitante que vem fazer tratamento médico é recebido na cidade, qual a hospitalidade que lhe é oferecida. Nesse sentido, de um modo geral, as pessoas reclamam que a cidade é mal sinalizada, que as pessoas não dão informações precisas. Entre os entrevistados desta pesquisa, alegações nesse sentido foram colocadas:

[...] Pra mim, ser hospitaleiro é você ser bem recebido onde você for. Igual quando eu fui pra BH, eu fiquei super surpresa porque as pessoas me trataram super bem, eu fiquei assim perdida, mas as pessoas me trataram super bem, tiveram paciência de me explicar, não tiveram medo, porque

ultimamente as pessoas têm. Em Uberaba também, não é porque é a minha cidade mas todo mundo fala, as pessoas... se você pergunta, se você precisa de ajuda eles estão dispostos a ajudar. Acho que aqui talvez porque seja maior não sei mas lá em Uberaba também e BH nem se fala, então aqui em Uberlândia as pessoas não estão muito dispostas a te ouvir a estar te apoiando, na minha opinião... é o que eu sinto [...] (2B003)

[...] Não sei se você concorda comigo mas o uberlandense mesmo, parece não gosta de informar o que você necessita e muitas vezes eles dão muito descaso, muito descrédito, principalmente pras pessoas que vêm de fora... porque o uberlandense, ele se sente... porque ... acho que eu posso falar, porque eu já moro aqui há dois anos... eles se sentem como se estivessem na capital e o pessoal da região está no interior [...] (2C001)

[...] eu peguei um jornalzinho, sentei na praça e ia passando um senhor e eu perguntei pra ele se ele podia me ensinar onde ficava a rua. Ele falou que não sabia, que ele não conhecia Uberlândia. [...] (2C002)

Essas colocações sobre a falta de informações e de sinalização da cidade foram feitas por moradores que vieram de outras localidades e sentiram esse problema na cidade. Pode-se inferir, então, qual a dificuldade enfrentada por aqueles que estão de passagem, em busca de tratamento médico ou de compras.

Uma vez que autores como Soares (1995) afirmam que, com o progresso, a cidade passou a enfrentar muitas dificuldades e contradições, para verificar como essas questões são vistas pela população, foi perguntado aos entrevistados quais os principais problemas que eles percebem na cidade. Três entrevistados apresentaram como principal queixa a violência urbana que assusta os moradores:

[...] o problema maior da cidade chama-se segurança porque, baseado em informações aqui do delegado regional, que é paciente meu, Uberlândia nos últimos cinco anos, multiplicou por 1000 o índice de violência da cidade. Então, você tem hoje um índice de criminalidade que você já não consegue cercar mais. Tem bairros inteiros dominados por “gangs” aonde... vou citar apenas um exemplo e repetir as palavras dele... o entregador da Brahma só pode fazer entrega naquele bairro se deixar uma caixa de cerveja em um bar tal do Sr. Fulaninho...pra eles tomarem depois... eles dominam por completo e ali eles exploram drogas... etc [...] (1A002)

[...] O maior problema ultimamente é a violência, assalto, assassinato, o meu maior medo é esse, sem contar as drogas. [...] Eu não gosto muito mais daqui. Antigamente, eu gostava. Mas hoje, com a criminalidade tão alta, eu tomei medo e eu tenho vontade de mudar para uma cidade menor, porque tenho muito medo, por causa dos meus meninos [...] (1C002)

[...] até por questões de segurança e com o grande problema hoje por falta de segurança, as pessoas se recolhem em suas casas e isso prejudica a convivência entre as pessoas. Mas eu não vejo isso como um problema

exclusivo da cidade de Uberlândia, eu vejo isso como um problema de cidade grande... porque quanto maior a cidade, menos integração das pessoas [...] (2A001)

Esse é um problema que tem sido alvo de preocupação por parte dos moradores e da administração da cidade. Segundo pesquisas realizadas pela Polícia Militar de Minas Gerais, no ano de 2003, Uberlândia era a terceira cidade mais violenta do Estado:

[...] Em população, o Município é o terceiro maior do Estado, mas também ocupa a mesma posição no ranking de criminalidade, ficando atrás somente de Belo Horizonte e Contagem. Há uma verdadeira escalada na quantidade de crimes violentos (homicídios tentados e consumados, estupros, seqüestros e roubos). Em 2000, foram 9,5 casos para cada grupo de mil habitantes; em 2003, o total subiu para 12,69.[...] (Correio de Uberlândia, 28.11.2004, Caderno Cidade).

Já a Revista Negócios, publicada em novembro de 2005, situa Uberlândia em segundo lugar no *ranking* da violência:

[...] Nas casas, muros altos, grades, alarmes e cercas elétricas. Na rua, medo, janelas e portas dos carros travados. Esse é o retrato da falta de segurança pública em Uberlândia. Os altos índices de criminalidade registrados no último ano apontam a cidade como a segunda mais violenta do Estado, atrás apenas da capital Belo Horizonte. [...] No município, o crime mais comum é contra o patrimônio, sobretudo, o roubo à mão armada. Em 2004, foram registrados mais de nove mil crimes violentos (roubo à mão armada, homicídio, latrocínio, estupro e extorsão mediante seqüestro). Deste total, 6.088 foram crimes de roubo à mão armada. Em cidades do mesmo porte, como Juiz de Fora, o índice no mesmo período foi de 654 roubos à mão armada, ou melhor, 89,26% menor [...]. (Revista Negócios, 11/ 2005).

Segundo Pereira (1999, p. 279), "a violência urbana [...] não pode reconhecer, simplesmente, uma única causa, senão um conjunto causal de múltiplos fatores, os quais interagem no sentido da marginalização humana." Dessa forma, a violência urbana é, na maioria das vezes, um sintoma de que alguma coisa vai mal no organismo social de determinada cidade. No caso de Uberlândia, o crescimento rápido e desordenado poderia ser citado como uma das causas, aliado à facilidade de acesso, que faz parte das rotas de tráfico de drogas, conforme é comumente veiculado pela imprensa. A Revista Negócios apresenta a opinião do Superintendente da Coordenadoria de Defesa Social de Uberlândia a respeito dessas possíveis causas dos altos índices de violência:

[...] alguns fatores contribuem para o aumento da criminalidade na cidade. Entre eles estão a localização geográfica, com cinco BRs que cortam a região, fazendo com que o Município se torne praticamente um trevo, e o crescimento vertiginoso, com os altos índices de migração registrados nos últimos anos. Outros pontos são a estrutura sócio-econômica da cidade e a falta de investimentos em segurança pública durante 20 anos [...] (Revista Negócios, 11/ 2005).

O entrevistado 1A002 apresenta as mesmas opiniões sobre as causas da violência na cidade. Para ele, as principais razões estariam ligadas ao fato de ser uma rota em que se cruza o tráfego rodoviário brasileiro. Esse mesmo argumento, que sempre foi usado como uma forma de conseguir investimentos oficiais, o fato de Uberlândia estar no centro do País e ser servida pela extensa malha viária, hoje volta-se contra a cidade, já que as mesmas estradas que trouxeram o progresso trazem também a violência.

[...] por ser uma rota de cruzamento de todo o tráfego rodoviário do País e de certa forma, muito bem servida de aviões, faz com que aqui se torne um centro das quadrilhas... de grandes quadrilhas... os “chefões” dessas quadrilhas estão aqui, morando aqui... isso facilita muito o ir e vir deles, porque você anda 500 km e já está em São Paulo, ou Goiânia, ou Mato Grosso e isso facilita muito as fugas, então a gente paga um preço muito alto por isso [...] (1A002)

Não é objetivo desta pesquisa aprofundar-se no estudo da violência urbana, mas esses dados têm o papel de auxiliar na reflexão a respeito das redes de sociabilidade existentes na cidade, bem como da representação que as pessoas têm a respeito do lugar onde vivem. Não parece sem motivo a reclamação da grande maioria dos entrevistados, de que o principal problema de Uberlândia, hoje, seja a violência.

Outro item mais apontado como problemático na cidade foi a convivência entre as pessoas; no entanto, esse assunto já foi bastante discutido anteriormente e não há necessidade de retomá-lo neste momento. Chamou a atenção a queixa de um dos entrevistados em relação ao trânsito na cidade.

[...] Eu acho que o trânsito é a pior coisa em Uberlândia porque o trânsito em Uberlândia, eu costumo dizer que é um trânsito burro. O motorista em Uberlândia não tem educação, paciência, principalmente quando estou a pé. De carro não tem problema, até vai bem, mas andar a pé em Uberlândia é o caos porque eles não têm o mínimo de educação, então é a pé que você vê que o trânsito de Uberlândia não tem educação. Você não pode andar no passeio, o pessoal faz a sua garagem e não se importa com os “declives” pra quem está andando, pras pessoas mais velhas... ele não é capaz de fazer o declive só pra garagem dele, ele faz no passeio todo. Eu saio de carro e saio a pé mas eu acho muito mais fácil andar de carro em Uberlândia do que a pé. Porque

you are in the corner and want to cross the street, when you are in the middle of the lane and the signal is red and suddenly the signal turns green and if you do not finish crossing, they come with the car above you and still tease you. They are not capable of waiting... you are the one who has to get out running [...]
(2C001)

Essa fala pertence a um entrevistado mais velho, vindo de uma cidade bem menor e que pertence à classe trabalhadora. Ele afirma que, de carro, os problemas são menores, mas considera quase impossível andar a pé na cidade. Sua fala despertou nossa atenção, porque, como já foi dito anteriormente, Uberlândia foi uma cidade construída para “os carros”, muito mais que para os pedestres, exatamente em decorrência da preocupação com a modernidade, que sempre esteve de permeio na representação a respeito da cidade.

O quadro 03 resume os outros problemas apontados em relação à cidade. Nota-se que a maioria dos problemas apontados estão relacionados ao crescimento da cidade e a conseqüente deterioração das relações humanas que ali se desenvolvem. A maioria dos entrevistados reclama do barulho, da agitação da cidade e das formas de relacionamento entre as pessoas.

Entrevistados	Moradores antigos		Moradores recentes
1A001	Agitação; burburinho; deprecação do patrimônio; violência	2A001	Problemas de cidade grande; segurança; pouca integração entre as pessoas.
1A002	Superpopulação, mendicância Violência; ocupação dos melhores cargos por pessoas que não são da cidade, altos índices de criminalidade	2A002	Excesso de exposição na mídia; aumento da pobreza; falta de estrutura para receber tanto migrantes
1A003	Favelas	2A003	Não apontou problemas
1B001	Desemprego, excesso de migrantes, violência, segregação	2B001	Problemas de relacionamento entre as pessoas, excesso de valorização da aparência
1B002	Expulsão do diferente; Esquizofrenia social	2B002	Não apontou problemas
1B003	Personalidade das pessoas Falta de emprego para quem se forma na universidade	2B003	Rixa para com os forasteiros Violência
1C001	Não respondeu	2C001	Trânsito
1C002	Violência	2C002	Má recepção das pessoas; falta de informação para o migrante; falta de solidariedade
1C003	Não tem emprego para todos Violência	2C003	Dificuldades de relacionamento População orgulhosa

Quadro 4 – Principais problemas de Uberlândia, segundo os entrevistados

A partir das falas dos entrevistados e das idéias representadas no quadro 4, percebe-se que Uberlândia convive hoje com problemas sociais decorrentes do próprio progresso que

tanto buscou. Ao que parece, é difícil conciliar crescimento e hospitalidade, talvez pela deterioração das relações humanas que o progresso traz consigo. À medida que a cidade cresce, a população mais se isola, as redes de sociabilidade rompem-se e evidencia-se uma queda no nível de qualidade de vida.

Quanto às qualidades apontadas pelos entrevistados, notou-se que o que foi considerado como a principal qualidade (o progresso, as oportunidades de trabalho) também pode ser considerado como a principal causa dos problemas que os moradores apresentaram. Os entrevistados apresentam como qualidades de Uberlândia o fato de ela oferecer trabalho. Nesse aspecto, enquanto oferece oportunidades de trabalho, a cidade não pode ser considerada inóspita, já que “acolhe” as pessoas e oferece-lhes os meios de se manterem. Propicia, dessa forma, a inclusão desses indivíduos na sociedade. Os entrevistados reconhecem essa qualidade na população e na cidade:

[...] Eu acho que Uberlândia é uma cidade próspera, muito próspera por sinal, e com perspectivas muito boas pro futuro, realmente uma cidade que, a meu ver, está se preparando para o futuro, para um crescimento ainda maior do que vem tendo, do que teve até hoje, então eu vejo com muito bons olhos essa qualidade da cidade em pensar no seu futuro. Ela está se arquitetando para o futuro [...] (2A002)

[...] Acho a cidade de Uberlândia, bonita, limpa, eu gosto de Uberlândia [...] (2B001)

[...] Os aspectos positivos seriam esses, o oferecimento de emprego, a cidade é muito bem estruturada [...] (2B003)

[...] Uberlândia é uma cidade grande, tem mais serviço, tem mais trabalho, o comércio é mais forte [...] (2C001)

As outras qualidades apontadas pelos entrevistados são decorrentes dessa primeira e estão sumarizadas no quadro 5. O primeiro aspecto que chama a atenção na cidade, mesmo vista do alto, quando se chega de avião, é sua limpeza e organização. É uma característica que distingue a cidade da maioria das outras de igual porte e foi percebida pelos entrevistados.

Entrevistados	Moradores antigos		Moradores recentes
1A001	Progresso Oportunidade para estudantes Comércio intenso	2A001	Oportunidade de comércio Oportunidades de negócios
1A002	Desafio Investimento Uberlândia é “mais” Centro, foco da região Acolhimento aos empreendedores que vêm de fora	2A002	Próspera Uma cidade do futuro
1A003	Promissora Empreendedora	2A003	Dá valor à cultura e ao lazer
1B001	... um pólo atacadista	2B001	Bonita, limpa
1B002	modernidade	2B002	Empreendedora, cidade do <i>business</i>
1B003	Cidade limpa, bonita, sem poluição A Faculdade é boa.	2B003	Emprego Um lugar bom para se viver, apesar da violência Uma cidade bonita
1C001	Oportunidade de trabalho Tudo o que eu tenho a cidade é que me deu.	2C001	Mais trabalho Mais comércio
1C002	Lazer <i>Shopping</i>	2C002	Não apontou qualidades na cidade
1C003	É uma cidade grande É uma cidade universitária	2C003	

Quadro 5 – Principais qualidades de Uberlândia, segundo os entrevistados desta pesquisa

Resta refletir, neste capítulo, a respeito das relações entre Uberlândia e hospitalidade. Se, hoje, os moradores não encontram a hospitalidade que existia antigamente, isso não quer dizer que ela não exista ou que não possa ser produzida. A grande questão é como se construir uma hospitalidade, com tantas pessoas à margem, sem as mesmas possibilidades de lazer e de convivência social. Como atender a necessidades tão diferentes entre si, com conciliar o progresso e a qualidade de vida das pessoas. Não são problemas apenas de Uberlândia, são questões que perturbam administradores em todo o Brasil. Esta pesquisa não tem respostas para tais indagações. Estudos posteriores, realizados por profissionais de outras áreas do conhecimento, talvez possam auxiliar na construção de um projeto de uma cidade mais humana e mais acolhedora. Neste capítulo, procurou-se refletir a respeito das redes de sociabilidade da região do Triângulo Mineiro e da cidade de Uberlândia. Foram conciliadas, em cada aspecto discutido, as pontuações dos estudiosos e as opiniões dos entrevistados desta pesquisa que, na maioria das vezes, coincidiram e, de certa forma, confirmaram algumas das hipóteses formuladas na introdução. A seguir, serão apresentadas as conclusões do trabalho.

Conclusão

Conforme foi dito anteriormente, esta pesquisa foi planejada para tentar refletir sobre identidade e mineiridade, bem como estabelecer a relação existente com a sociabilidade local que produz uma determinada forma de hospitalidade. O enfoque foi a cidade de Uberlândia. Pretendia-se entender por que tantas pessoas a acusam de ser uma cidade inóspita, com pessoas de “nariz empinado” e que só pensam na aparência. Além de entender as causas dessas acusações, intentou-se verificar se elas procediam ou não. O objetivo geral foi discutir as relações de hospitalidade geradas na cidade, a partir dos discursos dos seus moradores antigos e recentes. Assim, esta dissertação se propôs a investigar a relação entre os conceitos de hospitalidade e de “mineiridade”, na constituição da identidade local, tal como percebidos pelos moradores mais antigos da cidade e pelos que chegaram mais recentemente a Uberlândia. Procurou-se levantar, a partir do discurso dos entrevistados (moradores antigos e recentes) as representações a respeito das características que definem o uberlandense, assim como a rede de sociabilidade resultante da interação de seus habitantes. Objetivava, igualmente, verificar como os moradores vindos de outras cidades percebem diferenças na hospitalidade de Uberlândia, em relação à de seus municípios de origem ou de outras localidades mineiras. A maioria dessas questões foi sendo discutida ao longo do trabalho e, neste ponto, serão retomados alguns aspectos, para que se possa fazer um fechamento da pesquisa.

No que diz respeito à mineiridade, o que ficou demonstrado é que ela, como discurso de homogeneidade, é um mito, um construto ideológico e as pessoas não têm clara uma representação do que seja propriamente. A maioria se prende aos estereótipos da mídia ou à questão da culinária, a comida mineira, ou mesmo ao sotaque. Os sujeitos desta pesquisa afirmaram-se mineiros, mas nenhum conseguiu definir o que seria um mineiro típico e rejeitaram o rótulo. Portanto, a visão de que existe um conjunto de características que definem o que seja mineiridade e, por conseguinte, a hospitalidade mineira, e que essas características estejam presentes, de forma homogênea, em toda Minas Gerais, parece errônea, porque o Estado tem muitos rostos e seria ingênuo pretender que todo o povo que aqui vive se comportasse da mesma maneira.

O que se percebeu é que as pessoas entrevistadas sentiam-se mineiras, não queriam separar-se do Estado de Minas, até porque essa idéia perdeu bastante a força nos últimos anos,

mas também sentiam-se identificadas com as idéias progressistas de São Paulo. Talvez pelas razões históricas de a região ter pertencido a três Estados, foi registrada uma indefinição identitária na população de Uberlândia, embora dezessete dos dezoito entrevistados rejeitasse a idéia de deixar de ser mineiro; ou talvez faça parte da identidade mineira essa indefinição.

Outro mito detectado pela pesquisa foi o da hospitalidade mineira, que na verdade, está ligada também a estereótipos fundamentados na história do Estado e que, hoje, nas grandes cidades, influenciadas pela globalização, não é mais encontrada. Talvez ainda exista nos municípios menores, mas não foram objetos desta investigação.

Se não foi possível estabelecer com clareza o que é ser mineiro, procurou-se definir quais seriam as características do uberlandense. A principal conclusão que se pôde formular é que existem dois discursos entre os entrevistados da pesquisa: o primeiro é o que se poderia chamar de “discurso da elite”, ou seja, dos entrevistados das classes A e B, fossem eles nascidos em Uberlândia ou não: caracterizaram o uberlandense de forma ufanista, como arrojado, desbravador, empreendedor etc. O segundo discurso que se contrapõe ao primeiro foi veiculado pelos entrevistados mais jovens e pelos das classes trabalhadoras: caracteriza o uberlandense como esnobe, fútil, que só valoriza as aparências. Nesse sentido, o migrante que tem valor na cidade é aquele que produz, que rende divisas. Talvez por isso mesmo as pessoas se preocupem tanto com a aparência, como uma forma defensiva de ostentação, para serem aceitas.

Quanto à questão de Uberlândia ser ou não uma cidade hospitaleira, pôde-se concluir que a resposta é negativa. Uberlândia, no imaginário de seus habitantes, não é uma cidade hospitaleira, por ter crescido e ter-se tornado uma cidade grande. Os entrevistados queixaram-se, principalmente, da falta de informação, da carência de opções de lazer, do trânsito e da falta de segurança. Quando foram comparadas as falas dos entrevistados dos dois grupos — os moradores mais antigos e os mais recentes — o que se percebeu é que uma parte da população culpa a outra pelos problemas da cidade: a elite, principalmente os entrevistados mais antigos, atribui aos migrantes a culpa pelos problemas na qualidade de vida da cidade. Mesmo os mais jovens queixaram-se de que as pessoas que vêm de fora tiram suas oportunidades de trabalho; já os migrantes, principalmente os de baixa renda, ressentem-se contra os nativos da cidade e contra o tratamento recebido quando chegam.

Essas considerações têm importância para a reflexão a respeito do turismo na cidade. Se Uberlândia é uma cidade inóspita, sem opções de lazer, com espaços de exclusão, que caminhos o turismo poderia trilhar, para ter êxito em tais circunstâncias? Um dos caminhos seria a especialização no “turismo de negócios e eventos”, mas um turismo sem hospitalidade

não tem sentido, por isso, não tem muito futuro na cidade de Uberlândia, a não ser que esse perfil delineado na pesquisa se modifique nos próximos anos. Assim, se Uberlândia pretende tornar-se um pólo de turismo de negócios, seria importante repensar as questões da hospitalidade, para que as pessoas pudessem começar a vê-la como uma cidade hospitaleira e como um lugar bom de se viver.

A partir dos discursos dos entrevistados, foi possível perceber que existe uma rede de sociabilidade própria, uma hospitalidade própria da cidade, mais voltada para as questões econômicas, para as aparências exteriores, para o empreendimento. Todas as vezes em que se buscam imagens de Minas Gerais, a maioria é fotografia ou quadro retratando igrejas, cidades históricas. Essa associação com as cidades históricas apareceu também entre alguns dos entrevistados e parece fazer parte do imaginário a respeito do Estado. Se se pensar dessa maneira, Uberlândia não seria uma cidade mineira. No entanto, há muitas cidades no Estado (e Uberlândia é uma delas) que não se enquadram nesse perfil e isso não as faz menos mineiras que as cidades históricas. Da mesma forma, não se pode associar a idéia de hospitalidade ao fato de se receber uma pessoa em casa ou a de se lhe oferecer determinados tipos de alimentos. Seria restringir o conceito de hospitalidade. Nesse sentido, Uberlândia tem a sua hospitalidade, o seu rosto, o seu jeito de viver e de receber os visitantes.

Não obstante os problemas que a cidade apresenta, decorrentes de seu crescimento e as reclamações a respeito do “nariz empinado” de seus habitantes, Uberlândia é uma cidade que oferece aos seus moradores a possibilidade de construírem suas vidas, de trabalharem e viverem.

Referências Bibliográficas

- ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade: a cozinha e a construção da imagem do mineiro**. Uberlândia: Edufu, 1997.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Triste Horizonte in **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**. O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **Os mitos do “sertão” e do Triângulo Mineiro Mineiro – MG**. As cidades de Estrela do sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Instituto de Geografia/UFU, 2003.
- BANDEIRA, Manuel. Minha Terra In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, p. 138-157.
- BARCELOS, Cecília e RAMOS, Claiton. Turismo de gravatas: o negócio do turismo de gravatas tem movimentado bilhões de reais no Brasil. **Negócios**. Uberlândia, 6 (43): 20-27, 2002.
- BESSA, Kelly C F Oliveira. **Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o lugar na era das redes**. Dissertação (Mestrado) Uberlândia: Instituto de Geografia/UFU, 2001.
- _____. e SOARES, Beatriz R. Considerações sobre a dinâmica demográfica na região do triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia: UFU, 3 (5), jun./2002.
- BOBBIO, Norberto *et al.* **Dicionário de política**. Brasília: UNB/Gráfica Editora, 1991.
- BRANDÃO, Carlos A. **Triângulo Mineiro: capital comercial, geopolítica e agroindústria**. Tese (Doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 1989.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys S. (org.) **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 7-28.
- _____. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, p. 1-24.
- CAPPARELLI, Sérgio. **Antígona entre os lobos**. Mimeo, s. d.
- CARVALHO, Adalberto Dias e BAPTISTA, Isabel. **Educação social** – fundamentos e estratégias. Porto/Portugal: Porto, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CERQUEIRA, Luiz A. Egypto. **Alexandrino Garcia**: perfil de um pioneiro. São Paulo: Museu da Pessoa, 2002.

CERRI, Luiz Fernando. Regionalismo e ensino de História. **Revista de História Regional**. v. 1 (1), São Paulo: Unicamp, 13 de fevereiro de 1996.

CÉSAR, José Renato de Castro. **Antropologia do turismo**. As influências da imagem atual do homem no arquétipo da “mineiridade”, no ambiente e nas interações humanas. Disponível em: <http://www.asminasgerais.com.br/escritores/publicar/asp/ler_artigo.asp?codigo=12391> Acessado em 06/2004.

COMPANHIA MOGIANA DE ESTRADAS DE FERRO. Disponível em: <www.cmef.com.br/pp_fundacao.htm> Acessado em 03/2006.

CÔRTEZ, Gustavo P. **Gerais de Minas**: a expressão popular nas manifestações culturais. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Cultura22.pdf>> Acessado em 10/2005

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002. p.39-56.

DENCKER, Ada de Freitas M. A abordagem científica em Hospitalidade. In: _____, e BUENO, Marielys S. (org.) **Hospitalidade**: Cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 93-112.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. Geografia e tradições populares. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 07 de março de 1954. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/revista/agosto69/al69008b.asp>> Acessado em 05/2005

_____. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Disponível em: <<http://www.cdbrasil.cnpemembrapa.br/>> Acessado em 10/2005.

FONTES, Breno A. Souto-Maior e EICHNER, Klaus. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. A questão social no novo milênio. **Anais do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, 16 a 18.09.2004.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -FIBGE. **Censos demográficos**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970-1991.

GODBOUT, Jacques T. Receber é dar. In: GOTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. **Communications**, (65): 5-19, Paris: Du Seuil, 1997.

GRANATO, Alice. Quero ser ela: o sonho nos arredores da BR-153 é um dia virar a rica Uberlândia. **Veja**, São Paulo, 33 (1): 84, 5 de janeiro de 2000.

GRINOVER, Lúcio. **A comunicação e a hospitalidade em território urbano**. XXVI Congresso da INTERCON, 2003, p. 1-13.

_____.Hospitalidade: um tema a ser reestruturado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, p.25-38.

GUIRAUD, Pierre. **A semiologia**. Lisboa: Presença, 1983.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário do milênio de Língua Portuguesa (versão eletrônica). Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2001

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE **Censo demográfico, 2000**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acessado em 09/2005

_____. **Mapas digitais**. Disponível em: <http://ftp://geoftp.ibge.gov.br/ mapas/malhas_digitais/ municipio_2001/> Acessado em 09/2005.

JURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth.(org.) **Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 17-37.

LAGE, Amarilis. Macrometrópole se espalha e ocupa rodovias. **Folha de São Paulo**. Suplemento Cotidiano, caderno C, p. 1, 31.10.2005.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: _____ & MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade-** perspectiva para um mundo globalizado. Barueri/ SP: Manole, 2004, p. 1-23.

LEMLE, Miriam. Linguagem e sociedade. In: LOBATO, L.M.P.L. (org.). **Linguística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, p. 61-67.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas**. São Paulo: Abril Cultural,1983.

LIMA, Luis C. Os parques tecnológicos e o espaço geográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, maio de 1999, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB/DEN, 1994, p. 386-395.

LOMÔNACO, Joaquim. **Valores profissionais para crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: USP, 1970.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista**. Triângulo Mineiro (1750-1861). Dissertação (mestrado). Uberlândia: Departamento de Geografia/UFU, 2002.

MACHADO, Maria Clara Thomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980)**. São Paulo, (Dissertação de Mestrado) FFLCH/ USP, 1990.

MARTINE, George. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, Rui. B A. e SILVA, Pedro L. B. (org). **Federalismo no Brasil**. São Paulo: Fundap, 1996 p. 61-91.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, p. 57-68.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENDES, Hélio. Emancipação do Triângulo. **Jornal Correio**, 06.10.2005, Caderno Cidade, p. 5, Uberlândia:SABE.

MINAS GERAIS. Disponível em <<http://www.brasilchannel.com.br/municipios/index.asp?nome=Minas+Gerais®ião.htm>> Acessado em 06/2005.

MONNET, Jérôme. O álibi do patrimônio. Crise da cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 24, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, Antonio de Paiva. **História da violência em Minas**. Belo Horizonte: Autor, 1983.

OJIMA, Ricardo. A cidade de risco e a fragmentação urbana: os desafios para a gestão no século XXI. **Revista Eletrônica do IPHAM**. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=98>> Acessado em 11/2005

OLIVEIRA, Bianca Simoneli e SOARES Beatriz R. Cidades locais do Triângulo Mineiro Mineiro e Alto Paranaíba/MG: algumas considerações. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia: UFU, 3 (5), fev./2002.

OLIVEIRA, Selmane Felipe. **Crescimento urbano & ideologia burguesa**. Uberlândia: Rápida, 2002.

_____. **Turismo e Hospitalidade em Uberlândia**. Disponível em <<http://www.profelipe.pro.br/hospitalidade.htm>> Acessado em 10/2005.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1983.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers**. Cambridge, Mass., Harvard Univ. Press, 1960.

PEREIRA, G. J. M. Violência urbana em fim de século: um enfoque do Brasil. **Companhia & Trópicos**, Recife, n.2, v. 27, p.249-283, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA.(a) Secretarias. Disponível em <http://www.uberlandia.mg.gov.br.htm> Acessado em 06/2005.

_____. (b) Uberlândia – Portal do Cerrado. **Relatório de atividades**. Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. Acessado em 03/2005.

RAFFESTIN, Claude. **Reinventar a Hospitalidade**. Mimeo. s.d.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção da identidade e a política de representação. In FERREIRA, Lúcia M. A e ORRICO, E. G. D. (org) **Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.77-115.

ROCHA, Amália. História é feita por nativos e forasteiros. **Gazeta Mercantil**, 28/08/00. Edição Especial – Uberlândia 112 anos, p. 9.

ROCHA, Simone Maria. **Identidade regional, produção e recepção:** a “mineiridade” na televisão. Disponível em <http://www.facom.ufba.br/pos/midia_recepcao/textos/simone_rocha.pdf> Acessado em dezembro /2004.

SABINO, Fernando. **Minas enigma**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEGURANÇA: Uberlândia já é uma das cidades mais violentas de Minas. **Revista Negócios**. Disponível em; <http://www.revistanegocios.com.br>. Acessado em: 11/2005.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2003.

SILVA, Antônio Pereira da. **As histórias de Uberlândia**. Disponível em <<http://www.uberlandiaminas.com.br/historia.html>> Acessado em 10/2005.

_____. Um consulado italiano – Crônica da cidade **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 4-01-2006 Caderno Revista, p. C4.

SILVA, Lilian L. O papel do Estado no processo de ocupação das áreas do cerrado entre as décadas de 60 e 80. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia: UFU, 1(2)24-36, dez/ 2000.

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. (org.) **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA Vitorino A. *et al.* Aglomeração urbana de Uberlândia (MG): formação socioeconômica e centralidade regional. In: HOGAN, Daniel J. *et al* (org). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: Núcleo de Estudos da População/UNICAMP, 2001, p. 195-223.

SOARES, Beatriz R. **Uberlândia:** da Cidade-Jardim ao Portal do Cerrado – Imagens e representações do Triângulo Mineiro. Tese (Doutorado) FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

SOUZA, Filho. **Fantasia de Brasil:** as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Escuta, 1994.

UBERLÂNDIA. Disponível em: <http://www.fussballtempel.net/conmembol/BRA/João_Havelange.html> Acessado em 10/2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Instituto de Economia/Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômicos e Sociais. Uberlândia: **Painel de Informações Municipais**, 2005. Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/cepes>> Acessado em 02/2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **O mito da origem brasileira**: a trajetória de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro:PUC, 1983.

VELOSO, Caetano. Sampa. CD **Este é o Caetano que eu gosto**. São Paulo: Warner Music Brasil, 1995, faixa 09.

VIOLÊNCIA. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 18 nov. 2005. Caderno Cidade, p. C1.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomás Tadeu. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-71.

Bibliografia

ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade: A cozinha e a construção da imagem do mineiro.** Uberlândia: Edufu, 1997.

ALBANO, Celina e MARIS, Stela. **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar.** Belo Horizonte: Território Brasilis, UFMG, 2002.

ANDRADE, Carlos Drumond. Triste Horizonte in **Obras Completas**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ARANTES, Jerônimo. **Como fizeram Uberlândia.** Uberlândia: Departamento de Educação e Cultura, 1972.

_____. **Memórias históricas de Uberlândia.** Formação da Cidade. Uberlândia: Zardo, 1982.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade.** O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ATTUX, Denise E. **Revitalização urbana em centros históricos:** estudo de caso do bairro Fundinho. Dissertação (Mestrado) – Uberlândia: Departamento de Geografia/UFU, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **Os mitos do “sertão” e do Triângulo Mineiro Mineiro – MG.** As cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Instituto de Geografia/UFU, 2003.

BANDEIRA, Manuel. Minha terra. In: **Obras completas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BANDUCCI, Álvaro Jr. e BARRETO, Margarita. (org). **Turismo e identidade local** – uma visão antropológica. Campinas: Papyrus, 2001.

BARCELOS, Cecília e RAMOS, Claiton. Turismo de gravatas: O negócio do turismo de gravatas tem movimentado bilhões de reais no Brasil. **Negócios**, Uberlândia, 6 (43): 20-27, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural.** Campinas: Papyrus, 2002.

BESSA, Kelly C F Oliveira. **Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia:** o lugar na era das redes. Dissertação (Mestrado) Uberlândia: Instituto de Geografia/UFU, 2001.

_____. E SOARES, Beatriz R. Considerações sobre a dinâmica demográfica na região do triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. **Revista Caminhos de Geografia.** Uberlândia: UFU, 3 (5), jun./2002.

- BHABA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- BOBBIO, Norberto. *et al.* **Dicionário de política**. Brasília: UNB/Gráfica Editora, 1991.
- BRANDÃO, Carlos A. **Triângulo Mineiro: capital comercial, geopolítica e agroindústria**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Planejamento Regional) – Belo Horizonte: UFMG, 1989.
- BRASIL. Ministério da Indústria, Cultura e Turismo. **Política Nacional de Turismo (1996-1999)** (mimeo).
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti e BUENO, Marielys S. (org) **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 7-28.
- _____. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade - reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002, p. 1-24.
- CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1970**. São Paulo: Global, 1985.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athenas, 1991.
- CANCLINI, Nestor G. Los usos sociales del Patrimonio Cultural. In: AGUILAR, Criado E. (org) **Patrimonio etnológico – Nuevas perspectivas de estudio**. Consejería de Cultura. Junta de Andalucía. 1999. p. 16-33.
- CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil: 1930-1970**. São Paulo: Global, 1985.
- CAPARELLI, Sérgio. **Antígona entre os lobos**. Mimeo, s. d.
- CARDOSO, Elizabetta. Guimarães. **Educação superior no Triângulo Mineiro Mineiro: o Conservatório Musical de Uberlândia (1957/1969)**. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Departamento de Educação/Centro Universitário do Triângulo – UNITRI, 2004.
- CARVALHO, Adalberto Dias e BAPTISTA, Isabel. **Educação social – fundamentos e estratégias**. Porto/Portugal: Porto, 2004.
- CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **Questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 21-43.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2002.
- CERQUEIRA, Luiz A. Egypto. **Alexandrino Garcia: perfil de um pioneiro**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2002.
- CERRI, Luiz Fernando. Regionalismo e Ensino de História. **Revista de História Regional**. v. 1 (1), São Paulo: Unicamp, 13 de fevereiro de 1996.
- CÉSAR, José Renato de Castro. **Antropologia do turismo**. As influências da imagem atual do homem no arquétipo da “mineiridade”, no ambiente e nas interações humanas. Disponível

em: <http://www.asminasgerais.com.br/escritores/publicar/asp/ler_artigo.asp?codigo=12391> Acessado em 06/2003.

CHAGAS, Carmo. **Política: arte em Minas**. São Paulo: Carthago & Forte, 1994.

CHAGAS, Norma. **Turismo de negócios e eventos: um estudo sobre a realidade de Uberlândia, MG**. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Instituto de Geografia /UFU, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

CHON, Kye-Sung e SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Pioneira, 2003.

COOPER, C., SHEPHERD, R. e WESTLAKE, J. **Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

CÔRTEZ, Gustavo P. **Gerais de Minas: a expressão popular nas manifestações culturais**. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Cultura22.pdf>> Acessado em 10/2005

COSTA, Lamartine. Identidade cultural: semelhança ou diferença? Disponível em <<http://www.academiaolimpicabrasileira.hpg.ig.com.br/identidade%20cultural.doc>> Acessado em 06-2004.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade - reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. p.39-56.

DANIEL, C. Poder local no Brasil urbano. **Espaço e Debates**, São Paulo, n. 24, p. 26-39, 1988.

DENCKER, Ada de Freitas M. (coord). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Thomson Learning, 2004.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

_____. e BUENO, Marielys S. (org) **Hospitalidade: Cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. e VIÁ, Sarah Chucid da. **Pesquisa empírica em ciências humanas**. São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade - reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DIÉGUES JR, Manuel. Geografia e tradições populares. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 07 de março de 1954. Disponível em: <<http://jangadabrasil.com.br/revista/agosto69/al69008b.asp>> Acessado em 12/2005

_____. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. Disponível em: <<http://www.cdbrasil.cnpem.embrapa.br/>> Acessado em 10/2005.

FAISSOL, Speridião (org.). **Urbanização e regionalização: relações com o desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

FERREIRA, Eduardo W. **Triângulo Mineiro Mineiro e Alto Paranaíba: características dos fluxos migratórios (1980/1991)**. Dissertação (Mestrado). Uberlândia: Instituto de Economia/UFU, 1998.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.56-76.

FONTES, Breno A. Souto-Maior e EICHNER, Klaus. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. A questão social no novo milênio. **Anais... VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. Coimbra, 16 a 18.09.2004.

FREITAS, Paulo Sergio R. e SAMPAIO, Roberto C. (Coords). **Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro Mineiro e Alto Paranaíba (1940-1980)**. Uberlândia: UFU/ Departamento de Economia, 1985.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – FIBGE. **Censos demográficos**. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1970-1991.

GODBOUT. Jacques T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. Receber é dar. In: GOTMAN, Anne. La question de l'hospitalité aujourd'hui. **Communications**, (65): 5-19, 1997.

GUIRAUD, Pierre. **A semiologia**. Lisboa: Presença, 1983.

GOMES, Márcio Pereira. O caminho brasileiro para a cidadania indígena. In: GONÇALVES, Geruza M. **Imagens e representações da periferia em Uberlândia: um estudo de caso do setor oeste**. Dissertação (Mestrado) . Uberlândia: UFU, 2003.

GRANATO, Alice. Quero ser ela: o sonho nos arredores da BR-153 é um dia virar a rica Uberlândia. **Veja**, São Paulo, 33 (1): 84, 5 de janeiro de 2000.

GRINOVER, Lúcio. A comunicação e a hospitalidade em território urbano. XXVI Congresso da INTERCON, 2003, p. 1-13.

_____.Hospitalidade: um tema a ser reestruturado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, pp.25-38.

GUERRA, Maria Eliza. **As praças “modernas” de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro Mineiro**. Dissertação (Mestrado) São Carlos: USP, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMEL, Gary e PRAHALAD, C.K. **Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter o controle de seu setor e criar os mercados de amanhã**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

HOBSBAWN, Eric J. e RANGER, Terence (org.) **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOGAN, Daniel Joseph, *et al.* (org) **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, 2001.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário do milênio de Língua Portuguesa (versão eletrônica). Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2001

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico**, 2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acessado em: 06/2005

_____. **Mapas digitais**. Disponível em:
<http://ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/malhas_digitais/municipio_2001/> Acessado em 09/2005.

IRVING, Marta Azevedo e AZEVEDO, Júlia. (orgs). **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

JURHAM, Eunice. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth.(org.) **Aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 17-37.

LAGE, Amarilis. Macrometrópole se espalha e ocupa rodovias. **Folha de São Paulo**. Suplemento Cotidiano, caderno C, p. 1, 31.10.2005.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: _____ & MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade-** perspectiva para um mundo globalizado. Barueri/ SP: Manole, 2004, p. 1-23.

LEMLE, Miriam. Linguagem e sociedade In: LOBATO, L.M.P.L. (org.). **Linguística e ensino do vernáculo**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1978, p. 61-67.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas**. São Paulo: Abril Cultural,1983.

LIMA, Luis C. Os parques tecnológicos e o espaço geográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, maio de 1999, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB/DEN, 1994, p. 386-395.

LOMÔNACO, Joaquim. **Valores profissionais para crianças e adolescentes**. Tese de Mestrado. São Paulo: USP, 1970.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista**. Triângulo Mineiro Mineiro (1750-1861). Dissertação (mestrado). Uberlândia: Departamento de Geografia/UFU, 2002.

LUCAS, Fábio. **Mineiranças**. Belo Horizonte: Oficina dos Livros, 1991.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MACHADO, Maria Clara Thomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980)**. São Paulo, (Dissertação de Mestrado) FFLCH/ USP, 1990.

MARTINE, George. A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, Rui. B. A. e SILVA, Pedro L. B. (org). **Federalismo no Brasil**. São Paulo: Fundap, 1996 p. 61-91.

_____. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v. 11, n.1, jan/jun 1994.

MATHEUS, Zilda Maria. A idéia de uma cidade hospitaleira. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade** - reflexões e perspectivas. Barueri: Manole, 2002, p. 57-68.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MENDES, Hélio. Emancipação do Triângulo. **Jornal Correio**, 06.10.2005, Caderno Cidade, p. 5, Uberlândia:SABE.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YAZIGI, Eduardo (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

_____. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo e outros. **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.brasilchannel.com.br/municípios/index.asp?nome=Minas+Gerais®ião.htm>> Acessado em 06/2005

MONNET, Jérôme. O álibi do patrimônio. Crise da cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 24, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, Antonio de Paiva. **História da violência em Minas**. Belo Horizonte: Autor, 1983.

NAVES, Évora M. R. e COLETA, Marília F. D. Comprometimento Organizacional da Mão-de-Obra na Hotelaria em Uberlândia. **Turismo em Análise**. v. 14 (1): 98-116, mai/2003.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa social**. Introdução às suas técnicas. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1973.

OJIMA, Ricardo. A cidade de risco e a fragmentação urbana: os desafios para a gestão no século XXI. **Revista Eletrônica do IPHAM**. Disponível em: <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=98>> Acessado em 11/2005

OLIVEIRA, Bianca Simoneli e SOARES Beatriz R. Cidades locais do Triângulo Mineiro Mineiro e Alto Paranaíba/MG: algumas considerações. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia: UFU, 3 (5), fev./2002.

OLIVEIRA, Selmane Felipe. A rivalidade entre Uberlândia e Uberaba. **Cadernos de história**. Uberlândia, 4 (4): 89-97, jan./dez. 1993.

_____. **Crescimento urbano & ideologia burguesa**. Uberlândia: Rápida, 2002.

_____. **Minas Gerais na ditadura militar** – lideranças e práticas políticas (1971-1983). Uberlândia: Rápida, 2002.

_____. **Poder e política em Minas Gerais**. Uberlândia: Rápida, 2003.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.77-80.

PAVARINO, Rosana Nantes. Teoria das representações sociais. Pertinência para as pesquisas em comunicação de massa. **Comunicação e espaço público**. Ano VIII, nº 1 e 2, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1983.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers**. Cambridge, Mass., Harvard Univ. Press, 1960.

PEREIRA, G. J. M. Violência urbana em fim de século: um enfoque do Brasil. **Companhia & Trópicos**, Recife, n.2, v. 27, p.249-283, 1999.

PEZZUTI, Pedro. **Município de Uberabinha**. Uberlândia: Livraria Kosmos, 1922.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla. (org). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro Mineiro, 1978.

PORTER, Michael E. **Competição** – estratégias competitivas essenciais. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y sociedad**. Madrid. 27, 1998. Disponível em <www.antropologiasocial.org> Acessado em 04/02/2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA.(a) Secretarias. Disponível em <http://www.uberlandia.mg.gov.br.htm> Acessado em 06/2005.

_____. (b) Uberlândia – Portal do Cerrado. **Relatório de atividades**. Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. Acessado em 03/2005.

RAFFESTIN, Claude. **Reinventar a Hospitalidade**. Mimeo. s.d.

RAMIRES, Júlio C. de L. **A verticalização do espaço urbano de Uberlândia**: uma análise da produção e consumo da habitação, Tese (Doutorado) – DEGEO/USP, São Paulo, 1998.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A construção da identidade e a política de representação. In FERREIRA, Lúcia M. A e ORRICO, E. G. D. (org) **Linguagem, identidade e memória social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.77-115.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**. Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

ROCHA, Amália. História é feita por nativos e forasteiros. **Gazeta Mercantil**, 28/08/00. Edição Especial – Uberlândia 112 anos, p. 9.

ROCHA, Simone Maria. **Identidade regional, produção e recepção**: a mineiridade na televisão. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/pos/midiarecepcao/textos/simone_rocha.pdf> Acessado em 12 /2004.

RODRIGUES, Jane de Fátima S. **Trabalho, ordem e progresso**: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense – setor de serviços – 1924-1964. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: FFLCH - USP/SP, 1989.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil no passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. nº 28, 1999.

SABINO, Fernando. **Minas enigma**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

SANT'ANA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org). **Memória e Patrimônio** – ensaios contemporâneos, Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 46-55.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEGURANÇA: Uberlândia já é uma das cidades mais violentas de Minas. **Revista Negócios**. Disponível em; <http://www.revistanegocios.com.br>. Acessado em: 11/2005.

SENA, Custódia Selma. **Interpretações dualistas do Brasil**. Tese (Doutorado), Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2003.

SILVA, Antônio Pereira da. **As histórias de Uberlândia**. Disponível em <<http://www.uberlandiaminas.com.br/historia.html>> Acessado em 10/2005.

_____. Um consulado italiano – Crônica da cidade **Correio de Uberlândia**. Uberlândia: 4-01-2006 Caderno Revista, p. C4.

SILVA, Lilian L. O papel do Estado no processo de ocupação das áreas do cerrado entre as décadas de 60 e 80. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia: UFU, 1(2)24-36, dez/ 2000

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) **Alienígenas da sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Documentos de identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. (org.) **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA Vitorino A. et al. Aglomeração urbana de Uberlândia (MG): formação socioeconômica e centralidade regional. In: HOGAN, Daniel J. et al (org). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: Núcleo de Estudos da População/UNICAMP, 2001, p. 195-223.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SOARES, Beatriz R. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 1988.

_____, Beatriz R. **Uberlândia: da Cidade-Jardim ao Portal do Cerrado** – Imagens e representações do Triângulo Mineiro Mineiro. Tese (Doutorado) FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

SOUZA, Filho. **Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional**. São Paulo: Escuta, 1994.

STARLING, Heloisa Murgel. **Os senhores das gerais** – Os novos inconfidentes e o golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1986, 375p.

UBERLÂNDIA. Disponível em: <[http:// www. fussballtempel.net/ conmembol/BRA/ João_Havelange.html](http://www.fussballtempel.net/conmembol/BRA/João_Havelange.html)> Acessado em 10/2005a

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Instituto de Economia/Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômicos e Sociais. Uberlândia: **Painel de Informações Municipais**, 2005. Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/cepes>> Acessado em 02/2005.

URRY, John. **O Olhar do Turista**. Lazer e viagens na sociedade contemporânea. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VASCONCELOS, Sylvio. **Mineiridade: Ensaio de Caracterização**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

VELOSO, Caetano. Sampa. CD **Este é o Caetano que eu gosto**. São Paulo: Warner Music Brasil, 1995, faixa 09.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **O mito da origem brasileira**: a trajetória de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro:PUC, 1983.

VIEIRA FILHO, Geraldo. **O ensino superior no município de Uberlândia – 1975/1978**: o papel das lideranças locais e do Governo Federal. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1993.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomás Tadeu. (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-71.

Anexo 1 - Roteiro de perguntas feitas aos entrevistados da pesquisa

Entrevistado:

Naturalidade:

Idade aproximada:

Profissão:

Nível de escolaridade:

Quanto tempo em Uberlândia:

- 1) O que você pensa sobre a cidade de Uberlândia?
- 2) O que é ser mineiro para você?
- 3) Você considera Uberlândia uma cidade tipicamente mineira? Por quê?
- 4) Você se considera mineiro, um mineiro típico? Por quê?
- 5) Na sua opinião, quais são as características mais marcantes do uberlandense? Como você definiria “o uberlandense?”
- 6) Com que outro lugar do Brasil você acha que Uberlândia se parece? Por quê?
- 7) Como você descreveria o modo como os uberlandenses recebem as pessoas vindas de outros lugares?
- 8) Quais são as diferenças entre o modo de receber pessoas aqui em Uberlândia e em outras cidades que você conhece?
- 9) Qual é sua opinião a respeito da cidade de Uberlândia? Quais os problemas e quais as qualidades que você percebe na cidade?
- 10) O que você pensa a respeito do movimento separatista do Triângulo?

Pergunta feita aos entrevistados vindos de fora

- 1) Quando você veio para Uberlândia, o que você esperava encontrar, no que se refere às características da cidade e também de seus moradores?

Pergunta feita somente para os entrevistados mais velhos

- 1) Como era Uberlândia antigamente?

Anexo 2 - Entrevistas com os sujeitos da pesquisa

Moradores Antigos

Classe A

Faixa etária: 61 anos ou mais

Entrevistado: 1A001

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 80 anos

Profissão: Professora Universitária

Nível de escolaridade: Superior completo

Data: 06/09/2005

O que eu me lembro de Uberlândia antigamente, mais definitivamente no final da década de 30 e início de 40, é que havia um círculo de amizade entre os vizinhos, muito interessante. A minha família morava na parte antiga da cidade e as “senhoras” vizinhas, por exemplo, tinham o hábito de se reunir aos sábados nas casas umas das outras, para “amassar” os bolos, os pães, as roscas e faziam uma quantidade muito grande do que elas denominavam de “quitandas”, que era pra abastecer, cada uma a sua casa, pra uma semana inteira. Então havia o dia de ir, três ou quatro, pra casa dos meus pais e lá preparavam todas as massas, e batiam os bolos, punham nas formas e levavam pra assar cada uma na sua casa. Mas isso já havia se passado três ou quatro horas em que elas estavam verdadeiras “comadres”, conversando, contando tudo o que tinha se passado na semana, fazendo projetos pra semana seguinte... então havia uma convivência entre vizinhos e amigos, muito grande... e a convivência familiar também. Era usual, toda noite, as filhas irem pra casa dos pais e lá havia uma sessão de costura, de bordado e de conversas e tinha aquelas conversas que as crianças não podiam escutar, que era a hora do “ti-ti-ti”... Enquanto a criançada estava brincando de “barra-manteiga”, “chicote queimado”, “pique de esconder”, nessa hora as tias e mães estavam conversando, os pais com genros também, e era tudo separado. Os homens ficavam em uma sala; as mulheres, em outra sala, e ninguém ficava ocioso. Os homens gostavam de jogar cartas e as mulheres tinham os bordados, as costuras... tinha aquela história de “arrematar” as costuras, fazer um chuleado porque não tinha máquina nenhuma pra fazer esse serviço. Então era muita convivência familiar em muitas oportunidades. O rádio era muito descartado, ouvir música também, em uma “eletrola”, era muito raro. O que “aquecia” as noites era mesmo as conversas. Muito interessante é que às 9 horas da noite tinha que fazer

café ou chá e servir os pãezinhos de queijo, os sequilhos, as torradinhas. Tinha um “servicinho” de café e chá antes de todo mundo se despedir e ir pra suas casa. Nove e meia já tinha terminado essa sessão do cafezinho, a criançada ia também porque tinham que ir dormir para levantarem cedo pra as aulas no dia seguinte. Mas era muito agradável e isso era um hábito assim de todas as famílias. A gente fazia muita visita também. Era muito comum combinar ir, duas/três irmãs, à casa de uma amiga tal e durante o dia, no sábado e no domingo, também havia muita visita. O pessoal se preparava, se vestia bem, pra ir fazer as visitas. E nessas visitas, sempre tinha uns docinhos, pêssegos em calda, ou mesmo os sequilhos, então isso era muito usual.

Os casamentos, antigamente, se realizavam muito entre as pessoas da família. Na minha família foram muitos os casamentos... antigamente, não é?... 1920 até 1940... até não dava muito certo porque tinham alguns problemas de saúde mas se usava muito e eles tinham muito medo de deixar os filhos casarem com moças de famílias desconhecidas que não iam ter os mesmos costumes.

Eu recebia muitos hóspedes que vinham de São Paulo, de outras cidades também, do Rio de Janeiro... nós, por exemplo, recebíamos, anualmente, uma família que vinha do Rio, eram amigos do meu pai e da minha mãe, que vinham pra nossa casa e ficavam o mês de janeiro todinho, que era o mês de férias. Usava demais hospedar os amigos em casa, por uma temporada. Não se usava, por exemplo, deixar os amigos irem para o hotel e vir em casa só pra tomar as refeições. Elas ficavam na casa da gente, tomavam as refeições e era aquela preocupação em arranjar passeios, levar nas fazendas próximas, pra ver como era a vida nas fazendas, então sempre foi muito prazeroso, pra quem era dona de casa, receber e mostrar a nossa culinária toda, mesmo aquela que não era muito comum, mostrar os pratos mais sofisticados da cozinha mineira... então, aqui em Uberlândia... acho que o uberlandense sempre foi aberto pra receber os visitantes e os amigos. Já, algumas aqui por perto (Uberaba), são mais fechadas no tocante a receber amigos dentro de casa pra hospedar e também tem assim um certo preconceito “se a pessoa era bem conhecida” e se não iam ter algum transtorno. O uberlandense não, acho que é porque a cidade também sempre recebeu muita gente de fora pra morar em Uberlândia, isso até mudou um pouco os costumes da cidade porque vieram pessoas tanto do Nordeste, do Norte, do Estado de São Paulo, Goiás. Goiás é mais aproximado do mineiro porque houve uma certa época que aqui, o “sertão da farinha podre” tinha um relacionamento muito grande com Goiás, então os fazendeiros de Goiás moravam aqui na cidade. Quando começou a ter escolas aqui em Uberlândia, os fazendeiros traziam os filhos e filhas pra estudarem aqui. Foi a época em que floresceu o internato do

Liceu de Uberlândia, o internato do Colégio Nossa Senhora que recebia jovens mocinhas de toda essa região aqui, e elas eram muito bem educadas pelas Missionárias de Jesus Crucificado pra serem “mocinhas da sociedade”, “senhoritas”. Outra escola que teve internato durante muitos anos e que recebia, principalmente, filhos de fazendeiros, notadamente de Goiás, foi o Colégio Brasil Central. Lá havia internato pra moças e pra rapazes. Depois começaram a aparecer pequenos “pensionatos” para rapazes e as moças ficavam mais nos colégios. Em 1932/33 até 1939/40 eu freqüentava a casa de uma família aqui que se mantinha com um desses pensionatos pra rapazes. Chegavam a ter 18 rapazes hospedados lá e eles vinham pra estudar porque aqui em Uberlândia tinha bons cursos ginasiais que era o ensino principal da época. Depois, se quisessem fazer faculdade, iam pra Belo Horizonte, São Paulo ou Rio. Mas essa vida familiar, essa maneira de receber muito bem, de ter uma familiaridade e um carinho com as pessoas, sempre foi uma característica da sociedade uberlandense, da comunidade, porque não tinha diferença de classes sociais, porque tanto podia ser de uma classe mais bem provida financeiramente, quanto gente mais simples, todos procuravam receber bem. Eu não concordo quando as pessoas falam que a sociedade uberlandense é fechada para os que vêm de fora. Acho que hoje em dia as pessoas não têm tempo disponível para receber as visitas que vêm pra Uberlândia. Na maioria das vezes, elas vêm pra trabalhar aqui, e, hoje, os uberlandenses também, estão “engolfados” no trabalho, mas, na medida do possível, eles ainda recebem... arranjam hora pra fazer um “jantarzinho”, pra fazer até uma ceia, pra comemorar os aniversários... mas procuram receber nas suas casas. Não existe hoje aquela oportunidade de tantas visitas porque, às vezes, a pessoa se sai mal quando vai visitar, principalmente à noite, em dia de semana, porque as mulheres, notadamente, são muito fanáticas pelas novelas. Então quando se chega numa casa pra fazer uma visita, você cria um ambiente de dificuldade... desliga-se o aparelho de TV, ou deixa ligado? Põe mais alto (o som) pra seguir a novela ou não? Depois as pessoas reclamam que não escutaram direito o que tal “artista” disse... então hoje em dia não se pode fazer visitas a noite, pra muita gente, porque a novela é mais importante que receber aquelas pessoas que se deslocaram pra ir a sua casa. Então é melhor visitar domingo à tarde, sábado à tarde... eu sei de diversas pessoas aqui em Uberlândia que estão fazendo “*brunch*” que é receber principalmente no domingo que é uma hora em os aparelhos de TV não “despertam” tanto a não ser o dia de corrida de Formula I. Mas, um *brunch* reúne os amigos, é um momento muito agradável e o uberlandense já está fazendo *brunch*...porque assim ele tem como retribuir a atenção de um amigo, se ele não pode ir em um aniversário. Nesse *brunch*, geralmente, servem uns “*waffles*”, uma torta salgada,

uma salada de frutas, uma comida ligeira mas que pode ser feita em casa. Eu sei que muitas pessoas estão adotando...

Eu acho que a vida na cidade de Uberlândia é muito agitada, e ela não tem as características de outras cidades tradicionais mineiras. É uma cidade que tem um “burburinho” muito grande e como atualmente ela é uma cidade com um número muito grande de estudantes, também perdeu aquelas características de uma cidade que só pensava na vida familiar, das famílias daqui da própria cidade, as “famílias fundadoras”, digamos assim, as primeiras famílias. Mudou muito. Hoje, há uma diversidade muito grande na população porque a população da cidade é formada de estudantes de toda espécie e muita gente muda pra cá, muitas famílias mudam, muitas mães deixam o marido na fazenda, ou em outras cidades, trabalhando. Tem muita gente de Coromandel, de Monte Carmelo, Estrela do Sul, que a mãe está na cidade pra cuidar dos filhos e o marido está trabalhando lá. Por exemplo... de Ipiacú... conheço algumas senhoras que moram aqui em Uberlândia em apartamentos pequenos enquanto os filhos estão aqui estudando. Aí eles se casam aqui, então a coisa já se diversifica e a cidade passa a ser muito cosmopolita no sentido de um “cosmopolitismo da região”. Não é mais uberlandense de Uberlândia, não é mais ituiutabano de Ituiutaba, cada um na sua cidade, as pessoas estão trocando muito e vem muita gente morar em Uberlândia, principalmente por causa das escolas e por ter muita força de trabalho também, o Distrito Industrial, empresas grandes... isso libera muito emprego e muda a característica da cidade... o que foi e o que ela é hoje.

Eu faço a idéia do mineiro como sendo uma pessoa tranqüila, transparente e, ao mesmo tempo, desconfiada que está sempre com umas “cartas na manga”, um pé adiante e outro atrás, pra ver se vai dar certo ou se não vai dar certo. Talvez ele esteja perdendo um pouco suas características por causa da convivência com tantas pessoas vidas de fora que vêm morar em Minas Gerais e o mineiro que mora aqui em Uberlândia também está sofrendo essas influências.

Eu não considero Uberlândia uma cidade tipicamente mineira porque de muitos anos até esta data, Uberlândia vem sofrendo influência, principalmente, de São Paulo, no comércio, na economia, por causa das trocas que são feitas entre Uberlândia e São Paulo e por causa da estrada de ferro que nos ligou há muito tempo a São Paulo e a gente fazia um intercâmbio muito grande... Além da estrada de ferro, que hoje só transporta cargas, nós temos as linhas aéreas e o uberlandense sai de manhã pra São Paulo, trabalha lá e volta de noite pra dormir em casa. Tudo isso fez a cidade perder suas características e fez a cidade ficar mais agitada. Outra coisa é um comércio muito intenso com outras cidades aqui perto porque Uberlândia tem uma

quantidade de firmas que são exportadoras e distribuidoras, então a frota à gasolina e diesel é muito grande... então não tem aspecto de cidade mineira. Uma diferença enorme entre você passar um dia em Uberlândia e passar um dia em Uberaba, mesmo que seja no centro de Uberaba. A cidade de Uberaba é muito mais tranqüila. Muito mais. É considerada até tendo uma qualidade de vida muito melhor. Lá você pode fazer tudo com mais vagar e aqui você tem que fazer tudo correndo e com muita agitação. Eu considero Uberlândia uma pequena São Paulo, com a agitação, com os problemas de engarrafamento de trânsito, os problemas de dificuldades de tratamento de saúde, e de quase que, assim, uma super população para a área construída da cidade.

Eu me considero mineira mas não me considero uma mineira típica porque passei alguns anos estudando fora e isso influenciou demais a minha formação pessoal, a minha personalidade. Então eu não me considero uma mineira típica, até pela minha sofreguidão pra trabalhar e pra realizar meus projetos, isso não é nada típico de um mineiro.

Eu defino uberlandense como uma pessoa que nasceu aqui mas assimilou toda a força de trabalho, toda a correria, toda a argúcia, interesse em ganhar a vida logo, do paulista. O uberlandense pra mim é nascido em Minas e formado interiormente em São Paulo, principalmente nos últimos anos em que a TV, a globalização trazida a nós pelos canais de TV, alteraram completamente nosso comportamento. Nós hoje, temos uma convivência com o mundo todo. Quem quiser, dá notícia do mundo nas suas 24 horas e aqui nós temos muitos canais de TV à nossa disposição e nós temos, assim, uma riqueza de estações de rádio, também, uma facilidade de comunicação muito grande... sem falar nas antenas parabólicas que são pouco dispendiosas e as pessoas podem ter em casa e facilita essa convivência com o planeta Terra completamente. Quase que podia dizer com a Via Láctea, porque a gente sabe o que está se passando nas estações espaciais e tudo o mais não é?

Eu sou uma pessoa muito preocupada com o movimento separatista porque acho que Uberlândia é uma cidade completamente esquecida do governo de Minas. Em uma ocasião eu achei que seria interessante que houvesse a separação do Triângulo, mas hoje, eu acho que isso não seria conveniente porque seria mais um governador, mais uma Câmara de Deputados, mais representantes da região no Senado e mais despesas e as pessoas não medem as conseqüências do governo ter que fazer tantas despesas, de gastar tanto com essas pessoas que vão servir para compor o “*staff*” de um novo Estado. Portanto, eu hoje, não penso mais em separação porque só acarretaria em despesas e mais despesas, onerando mais a pessoa que paga imposto.

Algumas famílias vieram da região de Formiga, inclusive o nosso fundador, veio dessa região e chegou aqui para ter uma fazenda. Começou com uma gleba de terra e como era usual construir uma igreja, construiu a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Vinha muita gente também de Estrela do Sul porque era uma cidade mais antiga... de Paracatu que tem duzentos e tantos anos, é uma cidade muito mais antiga, então as famílias vinham de lá, dessas regiões daqui mesmo. Uma das famílias importantes que veio pra cá foi a família Oliveira Marques, Rodrigues da Cunha... Vieram também muitos imigrantes por volta de 1915/16, veio muita gente da Itália... os Crosara, os Pavan, Anconi, Magnino, os Capparelli... Uma pessoa importante era o Dr. Vittorio Alessandri, que veio com uma família muito grande, também italiano. Eles moraram uns tempos em Monte Alegre, depois vieram pra cá. Vieram também muitos libaneses, sírios... os Thoufi, os Abraão, os Coury, os Attiê... Veio muita gente de Ituiutaba, de Uberaba. Ah... os Vilella que vieram da cidade de Prata...

As festas religiosas de antigamente eram muito interessantes, mas o que “pegava” maior quantidade de pessoas eram as procissões. As procissões eram o ápice das comemorações. Ir à missa não era tão importante. As missas não eram muito freqüentadas mas se falasse que era uma festa de Santo Antônio ou de São Benedito, ou de Nossa Senhora do Rosário, então as pessoas se aprontavam, se vestiam e todo mundo acompanhava a procissão de véu na cabeça e por cima do véu punham uma “tiara” e a tiara era um dos enfeites predominantes. Faziam tiaras com flores, feitas a mão, ou então tiaras com pedrinhas. Eu lembro que a minha mãe contava que ela queria ir a uma procissão. Então a minha avó falou assim: ___Eu vou levar você, mas eu não tenho uma tiara. Então uma meia irmã da minha avó que chamava Amélia, disse que emprestava a tiara pra minha avó. E essa tia-avó, não foi acompanhar a procissão Então, quando a minha mãe passou de véu, tiara e tudo, acompanhando a procissão, ela falou assim, bem alto:___ Oh, prima Lolota, está gostando da tiara que te emprestei? (risos) A minha avó chorou porque, onde já se viu, era assim, o chique, era uma coisa... tinha que vestir os vestidos mais compridos... pra acompanhar a procissão. Havia, assim... muita “dispersão” no culto religioso, porque hoje o principal pra nós da igreja são as missas mas a procissão não é fundamental. Então eram construídas muitas igrejas, quando alcançavam uma graça as pessoas que tinham posses, construíam uma igreja. Aqui em Uberlândia, uma igreja que foi construída pra durar anos e anos que era a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, porque tinha as paredes construídas de “adobe” com quase um metro de largura, foi derrubada pra construir a rodoviária e depois se transformou em Biblioteca Pública.

Uberlândia poderia ter um patrimônio histórico valioso, Igrejas, capelas, e muitas casas antigas estariam de pé e conservadas até hoje mas a título de modernização foi tudo derrubado. E alguma coisa que poderia ter se constituído em uma jóia de arquitetura também destruído, por exemplo, foi o antigo fórum municipal da cidade, um prédio lindo com umas colunas romanas na frente, muito bonito, tinha uma fachada impressionante, e logo que passava a porta principal tinha uma escadaria que se bifurcava em duas, estilo daqueles palacetes coloniais americanos, foi destruído aqui na Praça Tubal Vilela pra fazer o prédio da Receita Estadual. E isso foi muito batalhado pelo pessoal da cidade, para o prédio não ser derrubado e ser transformado em um museu, mas não foi conseguido. O governo de Minas mandou derrubar o prédio. A Estação da Mogiana que era um prédio muito bonito, muito sólido, poderia ter sido transformado em um museu, ou em uma biblioteca, enfim, poderiam ter dado um uso digno para um prédio que teve uma função durante tantos anos, importante, qual a de ser a estação ferroviária de Uberlândia, foi destruída e perdeu-se completamente a memória da “praça da estação” e isso fez com que a cidade perdesse muitos dos seus encantos que poderiam ser considerados tradição e tradicionais.

Eu tive muitos colegas de cor negra e pobres e nós convivíamos na maior cordialidade. Uma de minhas melhores amigas, que faleceu há pouco tempo atrás, estudou comigo no Externato Rio Branco, uma escola particular. O pai dessa menina era funcionário da Companhia Prada, era um funcionário que trabalhava nas redes elétricas, subias nos postes, trocava lâmpadas... eu não sentia a mínima animosidade ou discriminação entre negros e brancos mas hoje em dia, eu acho que existe, se bem que eu acho que a maioria vai vencendo o preconceito e esses movimentos “afro” tem tido um apoio muito grande da cidade, da prefeitura, e a coisa vai melhorando, mas eu não sinto, não posso dizer que o choque entre os uberlandenses e uberlandinos cria essa...eu nunca parei pra analisar isso, nunca prestei atenção. A Igreja Nossa Senhora da Abadia é uma igreja que é freqüentada por todo mundo e a igreja Nossa Senhora do Rosário é visitada pela população da cidade inteira. E aí se fala num sincretismo religioso muito grande e nós temos até padres que rezam a missa com alguns elementos da igreja afro e faz o que acha que deve fazer pra agradar os negros, então acho que não existe muito preconceito não.

Classe A**Faixa etária: 41 a 60 anos**

Entrevistado: 1A002

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 60

Profissão: médico

Nível de escolaridade: Superior completo

Data: 10-09-2005

A maioria da população uberlandense é de fora. Não é daqui. O motivo maior dessa “recepção ruim”, é porque uberlandense mesmo é muito pouco. Se você for fazer um apanhado, em termos de crescimento, Uberlândia a cada 10 anos, dobra a sua população. Isso não tem condições de acontecer por meios “normais”, ou seja, reprodutivos. Não são os filhos de Uberlândia que aumentam a essa velocidade, essa população. Então você tem de Uberlândia mesmo, 30, 35% do total dessa população. Os restantes são pessoas que vieram de fora e que imprimiram esse cunho de “receber mal”. Você pode reparar em qualquer situação. O atual prefeito é de Uberaba, não é daqui... sério, estou te contando... os representantes da cidade, políticos, o deputado federal que ficou, ou o que restou, o do PT, é de Tupaciguara. Os três deputados estaduais são de fora... Luiz Umberto é de Tupaciguara, não é daqui, o João Bittar é de Ituiutaba, não é daqui e o Leonídio Bouças é do Sul de Minas, aí ó...Então você vê que o fato de ser inóspita, foi criado por eles mesmos que vieram de fora e transformaram isso aqui. Tenho certeza absoluta, você pode pegar a Câmara dos Vereadores, 90% da Câmara é de gente que veio de fora e não tem nenhum vínculo com a cidade e aí transforma a cidade em uma cidade inóspita com certeza.

Eu tenho uma visão diferente para o fato da não preservação...A elite que comandou Uberlândia por muitos anos era uma elite rural... uma elite despreparada culturalmente e ela não têm essa coisa de preservação de nada... por isso é que talvez eles tenham feito essa “deterioração”. Não é pra competir com Uberaba, ou pra competir com qualquer outra cidade circunvizinha não...Uberlândia teve o apoio de um cidadão que foi governador chamado Rondon Pacheco e que trouxe para cá o centro de cruzamento do tráfego, seja ele rodoviário, aéreo, e até o fluvial, não é? Porque passam dois grandes rios e Uberlândia fica... e tem mais, Uberlândia é quase que o centro geográfico do país, do Brasil. É entre Uberlândia e Tupaciguara. Esse centro que seria Brasília, que seria instalada aqui, foi mudado de local porque o governo de Goiás deu uma área muito grande pra que ela fosse instalada lá. Mas, então, foi a oligarquia rural que comandou Uberlândia a vida inteira, não foram os comerciantes que comandaram Uberlândia... então o Sindicato Rural é quem decidia as

eleições. Você pode reparar que os vários prefeitos que Uberlândia teve, não tem nenhum que emergiu da área comercial ou industrial, nenhum deles. Você pode buscar, o Zaire Resende é filho de João Resende, oligarquia rural na cidade, fazendeiro, se formou médico, é verdade, mas isso não quer dizer nada...Virgílio Galassi, da mesma forma, Paulo Ferolla, idem, Renato de Freitas também veio de uma oligarquia rural, de outro ramo político mas também, rural. Então Uberlândia, nunca teve um administrador que fosse industrial, nem um intelectual, talvez por isso não se preservasse, sei lá...digamos assim... os “pré-históricos”, não se preservasse a cultura e a memória. Eu não vejo como competição, eu vejo mais como falta de aptidão ou de condição de quem administrou a cidade.

Primeiramente, você tem que entender o seguinte... você tem que entender os regionalismos. Se você pegar os interioranos de São Paulo, na região de Sorocaba, ele tem um sotaque muito mais arrastado do que o mineiro. O mineiro tem um jeito, tem um trejeito... eu mesmo não me sinto mineiro. Mineiro é predador... mineiro é aquele que tira o metal, tira o minério e vende bruto e não quer saber se vai ter, o que é que fica, o que é que sobra. Ele ganhando algum ta bom demais... Nós somos de uma área, do Triângulo, onde se produz muito... daqui se tira muita comida... certo? Pra poder abastecer outros mercados lá fora... o triangulino, ele traz um tipo de vida diferente porque ele faz a terra produzir. É muito produtor de leite, muito produtor de soja, de frutas, então é diferente do mineiro em si. Então quando você me pergunta o que é ser mineiro? Eu me sinto até meio ofendido quando me chamam de mineiro...com certeza, eu prefiro ser triangulino...mas de qualquer forma, nós estamos hoje em um contexto, até fomos levados, há 180 anos, ou um pouco mais, nós fomos levados à condição de mineiros, já fomos goianos, já fomos paulistas... Na verdade nós temos muito relacionamento é como o sul/sudoeste goiano e com o norte... que seria a região da Mogiana paulista e você pode reparar que você vê o cidadão de Franca conversar, de São José do Rio Preto, de Ituverava e Igarapava, de Ribeirão Preto, de Itumbiara, eles falam do mesmo tipo que nós falamos aqui no Triângulo. Diferente do mineiro da capital ou do mineiro de Cataguases, Leopoldina, Juiz de fora porque lá eles falam “concês”, “vosmecês”, “nós” e aqui a gente puxa muito mais para o “nóis”, quer dizer, nós damos um acentozinho a mais no ó e parece que colocamos um i...não é? Até as nossas comidas típicas são diferentes das comidas dos mineiros. Eles comem muito porco pururuca, lingüiça... a cozinha mineira, até aqui faz sucesso...quando nós comemos aqui um produto que é mais da região, que é a guariroba, o piqui que é típico de Goiás. Até a pamonha aqui é diferente do que se faz lá. Eu me lembro quando estudava interno em Juiz de Fora e a gente saía às vezes e ia comer milho verde, ia comer pamonha, até o tipo de servir deles é diferente do nosso, das nossas pamonhas daqui...

as nossas festas aqui são diferentes das festas deles... algumas daquelas que são nacionais, tudo bem, mas nós temos festas regionais que são totalmente diferentes das deles. É o caso das “cavalhadas” é o caso dos “quilombos” que nós iremos ver agora dia 15 de novembro, vários grupos folclóricos desfilando pela cidade que traz as danças típicas e as roupas típicas, e em Minas não se cultua isso... então me sinto muito mais triangulino que mineiro.

Eu acredito que a característica do uberlandense seria pela própria representação da cidade, ele é mais desafiador, ele é mais investidor, ele é mais... ele se lança mais ao perigo e Uberlândia só se tornou maior do que as outras cidades que eram mais velhas, tipo Araguari, tipo Uberaba, Coromandel, Estrela do Sul, Paracatu que são muito mais velhas, porque Uberlândia é mais atirada entendeu? Busca-se mais em Uberlândia, do que em outras cidades, então Uberlândia é um centro, é um foco de toda a região. Você pode reparar que no início vinham pra cá só os pais e os filhos que faziam faculdade, que vinham de outras cidades que não tinham, a não ser Uberaba que já era um centro também universitário muito mais antigo que Uberlândia, só que, talvez, pelo conservadorismo de Uberaba, não tinha espaço pra ficar lá dentro e saíam... e Uberlândia não...Uberlândia recebeu esses que vieram de fora e os agasalhou...Pra você ter uma noção... na minha turma que é a primeira turma de formandos de medicina ficaram 39... não foram embora, portanto quase 40% ficou em Uberlândia, não buscou outros centros, talvez pela pujança e esse vir de fora ajuda também, apesar da gente poder até sentir, mas ajuda sim...Você fala que a cidade é hostil, inóspita como muitos gostam de dizer e eu te pergunto: quem é mesmo o reitor da Universidade de Uberlândia? É de fora... a maioria dos seus alunos é de fora... então são coisas assim que a gente vê com muita tranqüilidade... Uberlândia recebe muito bem. Você não faz conta, não tem ciúmes do pessoal chegar e ocupar cargos que, digamos assim, deveriam ser da cidade.

Hoje, o problema maior da cidade chama-se segurança porque, baseado em informações aqui do delegado regional Dr. Ramon, que é paciente meu, Uberlândia nos últimos 5 anos, multiplicou por 1000 o índice de violência da cidade. Então, você tem hoje um índice de criminalidade que você já não consegue cercar mais. Tem bairros inteiros dominados por “gangs” aonde... vou citar apenas um exemplo e repetir as palavras dele... o entregador da Bhrama só pode fazer entrega naquele bairro se deixar uma caixa de cerveja em um bar tal do sr fulaninho...pra eles tomarem depois... eles dominam por completo e ali eles exploram drogas... etc. Não só isso mas por ser uma rota de cruzamento de todo o tráfego rodoviário do país e de certa forma, muito bem servida de aviões, faz com que aqui se torne um centro das quadrilhas... de grandes quadrilhas... os “chefões” dessas quadrilhas estão aqui, morando aqui... isso facilita muito o ir e vir deles, porque você anda 500 km e já está em São

Paulo, ou Goiânia, ou Mato Grosso e isso facilita muito as fugas, então a gente paga um preço muito alto por isso... Por outro lado, a população uberlandense está pagando, hoje, pelo ônus de ter que arcar, muitas vezes, com assistência médica de toda a região e até de fora da região... o Hospital das Clínicas de Uberlândia recebe um volume tão grande de doentes de fora... não é só do Triângulo que tem convênio não, são 70 e tantas cidades que o reitor fez convênio...os prefeitos municipais de outras cidades, ao invés de montarem uma estrutura pra atender os seus munícipes, compram ambulâncias ou vans pra jogar aqui os doentes deles, pra serem atendidos aqui e isso sobrecarrega porque o direcionamento do hospital escola foi projetado pra cidade e um número de cidades em volta, que corresponde no máximo, em 1 milhão de habitantes. E o hospital de clínicas atende a uma população de quase 3 milhões de habitantes. Tem paciente que vem de São Luiz do Maranhão pra ser tratado aqui. É mais fácil dar a ele um bilhete aéreo pra vir se tratar aqui do que ter o ônus de ter que tratar desse indivíduo lá. O prefeito lá gasta menos pagando a passagem de avião do que se internasse o indivíduo que iria custar muito mais caro... então isso é um ônus pra nós...são problemas que a cidade tem... e atrás disso vem o quê? Vem a mendicância...o indivíduo que não tem nada pra fazer na terra dele... olha... ouve um caso de uma denúncia que teve... de um cidadão que trazia pedintes, recrutados em cidades menores daqui de perto, tipo Indianópolis, tipo Douradoquara, tipo Grupiara, etc, que vinham de ônibus... ele esparramava esses pedintes pela cidade, nas portas dos bancos, se concentrava entre as avenidas do centro de maior fluxo de população e cada cidadão desses ganhava em média 100 /120 reais por dia, dava metade pro cidadão que explorava isso e se ele, trazendo 30/40 pessoas por dia, você imagina o que ele não levava de segunda a sexta, da cidade... quer dizer, ele vivia de trazer pedintes pra cá...e as pessoas que se prestavam a isso, viviam de esmolar... um indivíduo na rua, em Uberlândia, tira entre 800 a 1000 reais por mês...Isso é ruim pra nós. Nós temos que acionar a Secretaria de Ação Social pra que ela assuma um pouco mais sua responsabilidade, porque todo sinaleiro da cidade virou um ponto de pedágio da mendicância...é através de indivíduo que joga pra cima, sei lá, bola de fogo, correntinha...não importa o quê, mas na improvisação você configura também a mendicância, não é só a panfletagem... e o código nacional de trânsito, que deveria coibir isso tudo, só serve pra punir, pra multar, pra tomar dinheiro de quem tem carro... então, não existe um código nacional de trânsito, existe um código nacional de extorsão do proprietário do veículo... Por que que não coibir essas pessoas de ficar no sinaleiro, os pedintes? Então são coisas assim que a gente tem que modificar, tem que mudar... urgentemente, porque nós estamos criando uma população... e eu vejo garotos que deixam suas escolas, deixam os livros escondidos ali perto, em uma árvore qualquer, e vão

mendigar... “não... quero levar dinheiro pra minha mãe” e muitas vezes eles não vão levar dinheiro pra mãe nada... eles vão é gastar com drogas...e aí a gente precisa coibir isso tudo...sem contar o desemprego em Uberlândia por causa do excesso de mão-de-obra.... mão-de-obra que vem de fora e que tem que comer a qualquer custo... isso avilta aqueles que estão no mercado de trabalho...muitas vezes o profissional liberal que tem competência...não consegue porque tem um outro que faz o trabalho dele muito mais barato que ele. Isso é comum também em países mais ricos como nos Estados Unidos... você vê lá vários “cucarachas” que é o centro-sul-americano que trabalha por um salário aviltante, e faz o serviço que o americano não quer fazer... vai lavar latrina... aqui ele é economista mas lá não...ele é entregador de pizza... o americano não aceita ser entregador de pizza... não aceita! Porque o americano quer o salário que é estipulado dentro da lei...e o nosso vai daqui pra lá e aceita...isso acontece aqui também.

Não...aí o uberlandense vai pra fora... procura um outro centro maior...você pode ver que os “filhos de Uberlândia” têm todos, expressões lá fora... são repórteres de nome... não é? São pessoas que se projetaram na moda, são pessoas que se projetaram em grandes empresas internacionais... se você quer saber, o diretor da área de logística ferroviária do Banco de Boston é de Uberlândia! É da família Pedreiro... sabe onde mora? Nos Estados Unidos! O diretor da área de captação de recursos do Morgan Bank é de Uberlândia... é Freitas! Fez economia em Brasília mas não teve espaço aqui e foi embora e esse é outro fator porque as empresas de Uberlândia, as grandes empresas de Uberlândia, não pagam um salário a seus diretores, aos diretores daqui... não importa a mão-de-obra caríssima que vem de fora... não, porque lá tem... e porque não aproveita essa daqui, porque que não prestigia essa aqui. Eu vejo aí os diretores que vêm, das mega empresas de Uberlândia, das 7 maiores... são todos de fora. Raríssimamente você vê um de Uberlândia... então você vê todo esse contexto... o indivíduo que vem, vem pra trabalhar, ele vem na segunda e volta na sexta. Ele não deixa a sua base. É muito difícil um indivíduo vir e trazer a família, sendo um diretor desse nível. O salário bom vai embora, não fica aqui. E aí você tem problemas porque você deixando o salário de menor valia, de menor valor pra ser gasto na cidade, gira menos dinheiro, gira o dinheiro do assalariado e não quer dizer que não seja muito importante... é. Só que você precisa de novos investimentos, você precisa daqueles que trazem, também, recursos. Antigamente se falava em “buscar indústrias”, o prefeito, pra ser bom prefeito tinha que trazer indústrias, senão seria um péssimo prefeito e você vê que a mentalidade do empresário, do mega empresário de Uberlândia, também vai buscar fora a mão-de-obra. O último que

aproveitou aqui, que eu me lembre...foi o pessoal da CTBC que aproveitou alguns engenheiros formados aqui, mas na hora de buscar o “big boss”, buscou de fora.

Eu sou suspeito pra falar do movimento separatista, até porque eu fui contaminado no útero da minha mãe pelo vírus da separação, da emancipação... emancipação não... chama evolução... você falou de que nós não temos, digamos assim, a preservação em termos de prédios, em termos de patrimônio... não é que nós não temos, não...eu acho até que temos... mas o vínculo nosso que poderia ter sido feito com Minas Gerais quando nós fomos “doados” da Capitania de Goiás para a Capitania de Minas Gerais e a doação foi feita já através de um suborno, por um ato de corrupção... agora está até na moda, o governo do PT institucionalizou a corrupção...então, foi pago a Maria Louca que era filha de D. Pedro, 30 kg de ouro para que se transferisse essa região que era goiana, para que não houvesse o julgamento de um fulano da coroa que teria praticado um crime em nossa região. Pra inocentar esse indivíduo, pra que não houvesse o julgamento desse indivíduo pela Capitania de Goiás, era preciso tirar essa área de Goiás porque então esse indivíduo que praticou o crime aqui iria responder aqui, sob a jurisprudência da Capitania de Minas Gerais. Só que, pra convencer na época os administradores, de tudo isso, subornaram a filha, a famosa Maria Louca. Então foi feita a separação por um alvará régio. Pois bem... nessa brincadeira, nós ficamos vinculados a Minas Gerais sem que houvesse a vontade daqueles que aqui estavam. Ora, se mudamos de paulistas pra goianos e de goianos pra mineiros... eu te pergunto...sempre querendo uma identidade, por que não tê-la, por que não reivindicar isso, por que não buscar essa identidade? Qual é o vínculo que temos com Minas Gerais? Impostos que nós pagamos. Qual o retorno desse imposto? Em termos de administração pública, nós hoje, dizem as más línguas, nós contribuímos com 23% do total do ICMS arrecadado em todo o Estado de Minas Gerais. Olha só que força que tem essa região. A nossa população é em torno de 10% da população de Minas Gerais. Ora, se nós produzimos 23%, o dobro, nós valemos o dobro dos mineiros, com certeza, em termos de produção. Se você paga 2, o mineiro deveria estar pagando isso e não está. Muito bem. Vamos pro lado agora da assistência, que seria, do retorno do benefício desse dinheiro, porque imposto deveria ser retornado em benefício pra população... Qual é o Hospital Público Estadual que você conhece na região... eu não diria Uberlândia não, na região inteira do Triângulo Mineiro...não existe. Então veja você, vamos só na área de saúde para o funcionalismo da rede estadual. Educação. Só professores. Dizem que a região tem perto de 15000 professores da rede estadual. Se eles tiverem um apêndice qualquer e quiserem ser tratados por um hospital público do Estado que é a famosa assistência médica de Minas Gerais que é o IPSEMG, eles vão ter que andar. Se for professor da Iturama ou de

Caveslândia, ou de Santa Vitória, eles vão ter que andar quase 1000 km pra chegar em hospital do Estado. Ora, se tiver apendicite e tiver que andar isso tudo, já morreu, porque a apendicite supura e não tem como. Eu estou citando “um” caso na área de saúde. Mas você pode dizer... Não, mas o IPSEMG tem convênio com os hospitais daqui. Ta, mas só isso não é o bastante. O sujeito quer a segurança de que ele vai ser atendido. Tem o convênio... não quer dizer com isso que vai ser pago... não quer dizer com isso que vai ser atendido... Não é uma coisa sua, particular. Ta bom, você sabe que tem cidades no Triângulo que não tem ligação asfáltica? Com todo esse dinheiro que nós mandamos pra Belo Horizonte, você tem que chegar por terra, esburacada, na época da chuva é lama... então são coisas assim que você começa a analisar e vê que o Estado como pai é padrasto, como mãe não existe, ta? Porque eles só beneficiam quem? “Não... precisa muito mais na região da seca”. Mas eu não tenho nada com isso. Isso aqui não é um clube de serviços!! Entendeu? Eu quero retorno do meu dinheiro!! Então faz o Norte produzir. Faz investimentos lá... não somos nós que somos responsáveis pelo Norte e não tem nenhuma... aí vem a teoria daqueles que acham que tem que fazer tudo igual pra todo mundo, engano... você tem que fazer sim mas tem que cobrar, porque se você der o peixe ele não vai nunca aprender a pescar e o que nós fazemos aqui, e o que nós sabemos aqui sempre é que somos bons de pescaria. Agora, queremos a região emancipada pela sua pujança, pela sua condição cultural, pela sua condição de estrutura... o vínculo que nós temos de pagadores, de fornecedores... quando que você soube de algum político do Triângulo que foi eleito pelo voto, por Minas Gerais pra ser o Governador? Nunca. Rondon Pacheco foi o único e foi escolhido pelo regime militar lá em Brasília e era Ministro da Casa Civil e se tornou governador de Minas Gerais. E foi o melhor governador que Minas Gerais já teve. Foi reconhecido, foi homenageado agora na Associação Comercial de Minas Gerais como o melhor em 150 e tantos anos. Foi o homem que industrializou Minas, que abriu Minas, que botou energia em Minas pra que viessem as indústrias e aqui se instalassem. Tinha visão como administrador. Agora, depois dele, o que nós estamos assistindo em Minas Gerais? Corrupção, roubo, desvio de verba... tudo que é falcatura no Brasil, Minas está incluído. É isso que você quer? Não. A nossa aptidão por produção é diferente... se isso aqui tivesse sido emancipado seria um oásis dentro do Brasil, com emprego pra todo mundo, com tranquilidade, com estradas maravilhosas, com assistência médica porque o dinheiro daqui seria aplicado aqui. Por nós. Eles acham que nós não temos capacidade para administrar o nosso dinheiro do nosso imposto. O que eles não sabem é que isso aqui um dia vai ser nosso, com certeza absoluta. Nós tivemos o 11º movimento, em 1988, quando, na constituinte, nós tivemos a oportunidade de fazer um levantamento na região, onde mais de 2 milhões

assinaram pra pedir essa separação. Foi a segunda maior proposta.. Então eles podem aguardar...muito antes do que eles esperam isso aqui será Estado e vai fazer parte da União. Nós não queremos sair do Brasil. Nós queremos ser nós mesmos. Porque o que nós sabemos é produzir e produção gera riqueza... A cada, digamos, a cada seis meses, você pode tirar da terra aquilo que ela produz e ela produz o quê? Riquezas, divisas. Nós não somos extrativistas. Nós somos produtores. É diferente do mineiro. O mineiro é extrativista. Ele tira minério de ferro e vende pra Ásia, pra China, pra onde quiser e não quer saber o que é feito com o minério de ferro... e fica o quê em Minas Gerais? Buraco, cratera. Porque daquela região que tirou o minério não se produz nada. Tirou-se o ouro de Ouro Preto, de Diamantina, de Sabará e o que ficou no lugar? Cada caverna que é uma loucura. E o produto que você pode extrair da terra, plantando... e é isso que nós sabemos fazer... e essa diferença... a gente não quer desfazer de ninguém não, mas eu acho que já está mais do que maduro o momento de nós nos tornarmos independentes sim. E colaborarmos mostrando como isso pode ser feito. O Brasil ta muito grande. É inadministrável, Minas Gerais, com 950 municípios, se não me engano, vai pra mil. Um mandato de governador são quatro anos. Então seria aí 1400 e poucos dias. Se ele for passar em um município por dia, ele não vem duas vezes no mesmo município. Eu estou falando “um” dia do seu mandato de quatro anos. Como ele não faz isso, ele não vem é nunca e quando vem é vaiado com aconteceu aí né? Não, mas é verdade... Ele acha que de BH ele ta comandando... Não é, você não vai comandar não... Então a gente tem que colocar a cabeça no lugar e saber que o Brasil é inadministrável se ficar do tamanho estratosférico territorial que está. Quanto menor, melhor de ser administrado. Isso está provado. Os Estados Unidos tem 57 departamentos. São Estados.O Brasil tem 20 e poucos e está achando ruim fazer a divisão. Como ter aspiração pra “chegar lá”? Como ser uma grande nação? Aí vem interesses particulares que jogam contra. Hoje, deputados que estavam conosco na luta pela emancipação, que eram repórteres chegam lá e falam que não é o momento, não é mais hora, porque “puxam o saco” do governador. “Puxa saco” é o nome desse cara, não é deputado, não é estadista, não tem a magnitude da região, que a região precisa. A grandiosidade, entendeu, de ser um indivíduo que defenda, não... ta no palanque, então essa pequenez de indivíduo que nós temos hoje como nosso representante e aí o movimento fica a querer, a desejar, porque não acha ninguém que tenha a idoneidade moral pra poder levantar isso e não querer nada a não ser a emancipação...

Classe A**Faixa etária: 21 a 40 anos**

Entrevistado: 1A003

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 28

Profissão: advogada

Nível de escolaridade: superior

Data: 12/09/2005

Pra mim, a cidade de Uberlândia é uma cidade promissora e ela tem campo pra quem batalha, pra uma pessoa que não desiste porque, a princípio, quando você vai procurar qualquer coisa, geralmente, na maioria das vezes, você não se dá bem, ou tem algum problema. Mas a partir do momento que você insiste, vai atrás, que você é persistente, você consegue alguma coisa, acredito eu, em qualquer área. É uma cidade aparentemente hospitaleira, no sentido de receber bem as pessoas, e ser amável, no entanto tem aquele lado mais esnobe daquelas pessoas assim que você conheceu a vida inteira mas que em determinado momento, encontra na rua e a pessoa não te cumprimenta. Então tem essa questão. E são pessoas da própria cidade mesmo, nascidas e criadas aqui em Uberlândia. Mas é uma cidade que eu gosto muito, tenho muito carinho e pretendo crescer e fazer a minha vida aqui em Uberlândia.

Ser mineiro é um orgulho. É um orgulho porque é...a própria palavra te trás uma sensação boa, lembranças boas, tem muita história, pessoas importantes que fizeram a história, tem uma cozinha diferente, apesar de não ter praias, tem cidades muito aconchegantes com locais interessantes pra se conhecer e eu tenho orgulho de ser mineira.

Uberlândia não é uma cidade tipicamente mineira...ela tem mais influências de outros Estados como Goiás e São Paulo do que das raízes mesmo como Ouro Preto, Belo Horizonte, Mariana, e outras cidadezinhas... Eu me considero uma mineira típica, sim, em razão do Estado não é? Por eu estar no Estado de Minas Gerais, porque a cidade é um pouco atípica por causa da comida, você não encontra tanto aqui a comida mineira, a arquitetura... aqui em Uberlândia, praticamente, destruíram tudo, construíram coisas novas que eu, particularmente, detesto... eu sou muito, eu gosto muito da arquitetura antiga que tem no Fundinho e em algumas coisas lá no centro.

O uberlandense nativo mesmo, pra ser muito sincera, eu tenho pouquíssimo contato. Meus maiores amigos e meus melhores amigos, vieram de fora. A maioria desses uberlandenses nativos eu conheci na escola mas, hoje, eu tenho pouquíssimo contato com eles. Eu fui criada pra ser muito educada com as pessoas, polida, levar as pessoas pra onde

tenho que levar, dar carona, fazer favores, servir lanche da tarde... pelo menos eu fui criada dessa forma...Mas a maioria das pessoas que eu conheço são assim, mais secas, não têm aquela hospitalidade do pessoal da roça, mais do interior...Eu acho que o motivo é a criação... são poucas as gerações que ensinam... como eu posso te dizer, como eu posso explicar... por exemplo, no meu caso, a minha mãe ela sempre gostou de receber as pessoas e meu pai também, porque foi criado na roça... “Olha, quando chegar, tem que servir um café, tem que servir alguma coisa” e briga se não servir direito mas, ao conviver com outras pessoas, com meus amigos, eu não vejo muito isso... “Ah abre a geladeira, pegue o que você quiser, fique a vontade...” uma coisa mais informal...então eu acredito que é mais de formação... foi ao longo do tempo... pelo fato de ter saído da roça pra vir pra cidade... foi isso também

A cidade tem um espírito de garra, empreendedora, porque tudo que vem pra cá vai pra frente e tem uma marca... por exemplo, a CTBC quando lançou o celular, o Peixoto, o Arcom que são grandes empresas de distribuição de mercadorias... elas têm um diferencial, questão de tecnologia... são pessoas que batalham... aquele Ricardo que faz o “site” humorístico, o Alexandre Pires... então têm as “pratas da casa” que fazem a cidade crescer, ser lembrada em outros lugares... pra mim têm mais pontos positivos que negativos. Os negativos seria a cultura das pessoas no sentido de limpeza, de não manter a cultura, não manter as tradições, não manter a história, comprar um terreno e destruir uma casa antiga a casa ao invés de manter a fachada e só modificar por dentro... até mesmo por parte dos governantes que não se preocupam com isso e são também os grandes responsáveis nesse sentido. Não me agrada o fato que, há um tempo atrás, houve uma propaganda entre aspas pra que outras pessoas de outros Estados viessem porque aqui era emprego, uma cidade promissora, etc... e o que se vê hoje são várias mini favelas ao redor da cidade... foi uma propaganda “enganosa” e também por causa dos próprios dirigentes que não fizeram nada... “Olha, estou te dando essa passagem pra você voltar pra sua cidade porque aqui, realmente, não tem emprego” alguma coisa assim...

Não tenho nada contra o movimento separatista...é uma idéia interessante e, pra cidade, ela ia trazer muitos benefícios na questão de impostos, de progresso... porque a gente sabe que Uberlândia sustenta outras cidades de Minas que não tem... que não geram a arrecadação, não produzem, e a gente perde com isso porque não vem pra cidade o que a gente arrecada. É uma forma de você estar progredindo sem deixar de ser mineiro porque seria “Triângulo Mineiro”. Então, eu não tenho nada contra e se precisasse assim de assinar alguma coisa pelo movimento separatista, eu assinaria. Isso seria uma forma de demonstrar

que eu sou a favor, nesse sentido do progresso, porque a gente não perde as raízes pelo fato de serem Estados diferentes, apesar das culturas serem diferentes.

No orkut tem uma comunidade chamada “Uberlândia é a capital” tem uma chamada “Eu odeio Uberlândia” e as pessoas que me convidaram e que eu entrei por curiosidade pra ver quem estava, são pessoas que eu conheço e que vieram de cidades de fora, por exemplo, Curitiba, São Paulo, e que quando chegam aqui, principalmente quando somos adolescentes, tem aquela questão de serem mais frios. A maioria é mais esnobe. Eu falei da questão da hospitalidade porque fui criada assim, mas no meio, se você for procurar, as pessoas são mais esnobes. Então porque que odeiam Uberlândia? “Ai... Uberlândia é um bando de esnobes!” Porque o pessoal é desse jeito... ficam preocupados com o carro que você anda, com a roupa que você usa, com o cor do seu cabelo, qual a universidade que você estuda, qual o emprego que você tem... então é bem assim, seletista. Então a partir de uma certa idade assim tipo de 16 até uns 20 e poucos, é bem elitizada, seleciona bastante.

Classe B

Faixa etária: 61 anos ou mais

Entrevistado: 1B001

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 62 anos

Profissão: radialista

Nível de escolaridade: superior incompleto

Data: 12/09/2005

Por algum tempo convivi com alguns espiritualistas, que crêem que de um plano inteligente, os espíritos para se reencarnarem se reúnem conforme suas afinidades e experiências nas vidas passadas. Se fossemos dar crédito a essa teoria, penso que o núcleo pensante de Uberlândia tem origem entre os Fenícios ou outros povos voltados para o mercantilismo e exploração além quintais. O nativo uberlandense, é criativo e não consegue se manter dentro das fronteiras do município, provavelmente pelo que lhe foi imputado desde a chegada da Ferrovia na transição do século IXX.

Esse bordão de mineirismo não se aplica ao Norte de Minas. O mineiro de alguma forma é mais folgado que os demais brasileiros. Se do sul ou do centro, sempre conviveu com as riquezas do ouro e de outros metais, que deu a ele, algo mais para seu conforto, além de bastante água, terras para produzir carne, leite, cereal e outros insumos naturais permitindo-lhe sobreviver dos recursos do quintal, precisando para sua sobrevivência, buscar fora apenas

a instrução e parâmetros para sua mineiridade. Além disso, muito próximo de expansionistas com São Paulo e Rio de Janeiro, pode dar abrigo aos viajantes em busca de outras paragens.

Uberlândia não é uma cidade “típicamente mineira”. Uberlândia ao receber a Cia. Mogiana de Estrada de Ferro tornou-se o portal para o desbravamento do centro-oeste. Até na década de 50 do século passado, o sal usado no Mato Grosso saía de Uberlândia. Sem falar de remédios e outros insumos básicos para o desenvolvimento social, como veículos e combustíveis, além de ter sido base de formação cultural, entreposto para os jovens que passavam pelo Ginásio Mineiro, Colégio Brasil Central e Liceu, como cursos intermediários. Porém, Uberlândia só veio ter um contato maior com o Estado de Minas Gerais no meio da década de 70, quando funcionaram as estradas BR-262 e BR 452. Até então, era muito mais fácil estar em São Paulo que Belo Horizonte. Tanto, que o sotaque do uberlandense primitivo, não tem aquela carga de erres e outros trejeitos da linguagem caipira do sul de Minas. Menos comprometida com o “tradicional mineirismo” e pensada pelas necessidades usuais de uma região isolada, se formou num pólo mercantil expandindo seus limites para o norte e oeste, se firmando nesse nicho de distribuição de produtos, que faz dela hoje, o grande centro de atacadistas do País.

Não me considero esse mineiro típico. Sou mineiro nascido na Av. Fernando Vilela, esquina com Rivalino Pereira em Uberlândia e no ano de 1940. “Esse mineiro típico” é tinoso, medroso, inseguro e por isso é bem mais poderoso economicamente. Sempre poupador, por temer o futuro caso lhe seja cobrado algum conhecimento maior, ele acaba se fazendo frio negociador, seja nos negócios e na política. Esse outro tipo de mineiro uberlandense é mais arrojado, desprezado e tem consciência de suas possibilidades.

O uberlandense primitivo foi mais arrojado em decorrência das necessidades e oportunidades que lhe chegaram como entreposto para o centro-oeste, antes da criação de Brasília. Mas mesmo ao se criar Brasília, Uberlândia foi sólido apoio para sua construção. Tanto que, grandes nomes em Brasília, Goiânia e Mato Grosso têm raízes em Uberlândia, a partir dos supridores como Casa Capparelli, Teixeira Costa, J.Alves Veríssimo, depois Irmãos Alves, Pneus OK, Armazém Martins, muitos distribuidores de medicamentos e outros que surgiram da antiga Associação dos Viajantes Profissionais do Brasil Central, que comemorava estrondosamente o Dia do Viajante, primeiro de outubro. O uberlandense tornou-se um caixeiro viajante.

Creio que Campina Grande na Paraíba e Curitiba no Paraná, observados os traços culturais de cada região, mais se aproximam dessa tendência uberlandense.

Dado a essa característica de caixeiro viajante, adquirida no início e depois com a expansão na aplicação dos recursos pecuniários advindos do trabalho de mercador, quando em casa, o uberlandense não tem muito tempo para mesuras com estrangeiros, salvo se for num atendimento comercial. O que ele quer e precisa é estar com sua família e amigos, nativos, que falem a linguagem sentimental e profissional dele. Por isso dizem que o uberlandense é fechado nos seus grupos e a sociedade uberlandense tem o nariz empinado e não é hospitaleiro. Ora, o cidadão viaja todo o tempo e quando volta pra casa ele quer distância de outros viajantes.

Uberlândia passou por várias gestões de governantes donos de imobiliárias. Então, quando mais expandida a cidade, mais terreno se venderia. E nessa ótica perversa, vender terreno passa ser um bom negócio para os “uberlandinos”, os migrantes que acabam por se fixarem na terra. E esses migrantes vieram na maioria dos casos, aplicarem sua mão de obra não especializada em obras que poderiam ser realizadas num período normal, mas por questões políticas se realizavam em até um quarto do tempo previsto num cronograma normal. Ocorre que no final das obras, esses migrantes ficando sem trabalho, passavam aviltar o mercado, se corrompendo e degradando uma condição comunitária que teve melhores dias. Uberaba nos anos 50 era maior que Uberlândia e hoje é a metade em população e tamanho. Porém a qualidade de vida lá é infinitamente melhor que a de Uberlândia. O uberabense é uberabense e cuida melhor de Uberaba. Em Uberlândia o número de nativos é cada vez menor e o patrimônio social é cada vez mais degradado, porque mesmo tendo a excelente rede hoteleira, *shopping* e outros atrativos que rendem a uns poucos algo mais, os problemas sociais se avolumam exatamente pela sensação que sente o migrante, de que isso ou aquilo não é de sua propriedade.

As gestões políticas feitas por alguns, foram excelentes quando se buscou escolas superiores, centralização da malha viária e industrialização do município. Outras gestões foram desastrosas, quando se passou a permitir o uso dos equipamentos urbanos da comunidade, para o uso regional acelerando a desordenada migração. Também, os problemas causados em se transformar a vila de mercadores e artesãos em canteiros de obras, importando mão de obra para vender terrenos, fizeram a cidade pacata com uma “sociedade de nariz empinado” se transformar numa comunidade amedrontada e se fechando ainda mais por trás de muros, cercas elétricas e grades, somando-se a isso o pavor de andar pelas ruas, como se fazia antes.

O movimento separatista do Triângulo rendeu excelentes frutos, quando apoiado pela TV Triângulo e os que a apoiaram, fez o Governador Rondon Pacheco e as vias de ligação do

Triângulo com o então vizinho Estado de Minas Gerais. Mesmo sendo uma utopia, penso serem expressivos os benefícios nesta região que se fez rica, sem depender o estado vizinho, aproveitando o patrimônio hídrico com que foi agraciada e lições permutadas com outras regiões fora de Minas Gerais.

E eu gosto de falar de Uberlândia de antigamente!E como “Forrest Gump”, o contador de histórias vivido por Tom Hanks, vivi também, excelentes momentos na história da minha terra.

Eu trabalhava na Drogasil nos anos 50 e num sábado próximo do meio dia, (falava-se “sábado inglês”), fui fazer uma entrega no Hotel Goiano, na João Pinheiro com a Teixeira Santana, quando encontrei no hotel um primo de Goiás que veio comprar uma caminhonete novinha em folha, na Ford do Seu Zezinho Guimarães. Ali naquela Sibipiruna encostei minha bicicleta, saí com o primo de caminhonete e voltei para buscar a bicicleta na segunda-feira sete horas da manhã. Montei nela e fui para o trabalho.

Na Rádio Educadora eu era sonoplasta da “Boite Ile D’Amour”, um programa que desfilava de segunda até sexta feira, das 22h as 23h a sociedade uberlandense, no clima romântico de boate como foi nos “anos dourados”: Excelentes orquestras, famosos cantores e muito charme necessário para mostrar a elegância dos casais mais bem sucedidos que começavam surgir como novos ricos na região. Produzido por Remy França a apresentação era do Marçal Costa um jovem talento do jornalismo que criava também, a coluna social do “Correio de Uberlândia”. Os adjetivos usados na descrição de socialites e parceiros da época, ditava de tal sorte a moda que o Sr. Ciro da Goyana, às vezes procurava o Marçal para sugerir que não citasse algum tecido ou adereço, se não elas, as socialites, lhe tirariam os olhos, caso ele não conseguisse os produtos, tal como descrevera na boate virtual transmitida pela Radio Educadora. Essa boate foi imaginada sobre a ilha logo abaixo da Praia, perto da ponte. Muitas pessoas atolaram seus carros próximos do local, buscando a tal boate, (Homero Santos, Renato de Freitas, Zé Carlos dela Pena) tal eram convincentes os efeitos sonoros, temas musicais irradiados e as entrevistas que se fazia durante a hipotética transmissão. Se naqueles tempos os “anos eram dourados” os dias prometiam futuro.

Os bailes juninos do Praia Clube eram esperados como ainda melhores a partir do último realizado. O carnaval, comandado pelo Coronel Hipopota o rei momo “Hipopot premier et unique”, com sua corte formada pelo “Naghetini”, e outros uberlandenses sem preconceitos, criavam um clima de viver bem em torno de fantasias próprias, sem apego a fantasias de outros, não obstante, tudo estar sendo copiado. Isto gerava a diferença que fazia com que outras comunidades não entendessem a solidariedade e a cumplicidade da sociedade

uberlandense, que “se fechava” nos detalhes de felicidade trabalhada, na quebra do isolamento produzido pelos difíceis acessos aos outros centros, na ausência de estradas e outros meios, deixando todo o contato através da estrada de ferro. Um trem chegava por volta das 20h em Uberlândia. Um pouco antes começava a se formar na plataforma da estação um “footing” iniciado pelas pessoas que iam em busca de jornais e revistas do dia, saídos de São Paulo, pela madrugada. As notícias já eram conhecidas pelo “Repórter Esso”, agora, seriam as fotos dos jornais. Assim, eles e elas iam para a plataforma da mogiana tanto para ver os jornais, como para saber quem chegava de outras cidades.

Desbravadores dos sertões do Brasil Central, os jovens uberlandenses como Ulisses da época, deixavam aqui suas Penélopes, e rumavam pelos sertões. Uberlândia foi sem dúvida, uma ilha afetiva de muita criatividade e independência.

Classe B

Faixa etária: 41 a 60 anos

Entrevistado: 1B002

Naturalidade: Natal/RN

Idade aproximada: 51 anos

Profissão: Bancário

Nível de escolaridade: Superior incompleto

Há quanto tempo em Uberlândia: 20 anos

Data: 28/06/2005

Inicialmente eu acho que os mineiros são introspectivos. É uma pessoa que “usa” da introspecção. Ele é fechado. Ele não vai pro lado externo, ele vai pro lado interno. Ele se protege se introjetando. Eles usam a introspecção Isso talvez se você pensar em termos de realidade, de um povo que vive entre montanhas, quer dizer, é uma maneira culturalmente de refletir esse espaço geográfico em que ele vive. Então ele não é uma pessoa atirada, é o contrário do nordestino, que é uma pessoa que vai à luta, que se expõe, que conquista espaço. Não é? Que vai a busca de algo. Então eu acho que a característica básica do mineiro, no meu modo de entender, e por conviver por 20 anos, é a introspecção. Ele se fecha, ele se defende. Eu acho que esta é a questão básica. Uma outra (característica) assim que eu vejo muito forte é uma identidade cultural em que, às vezes, é desconfiado. A desconfiança dele é algo assim que é pontuado. E aí você aprende a não confiar nele também. Porque vc não sabe se ele está de um lado ou se ele está de outro. Você aprende a perceber se o que ele está fazendo é a verdade. Porém o grande medo que eu tenho não é do mineiro em si. É do que veio de fora

pra adquirir esse hábito mineiro. Eu acho que essa coisa do mineiro é algo mais espontâneo mas o que vem de fora e que incorpora isso, aí é que eu acho que é o perigo porque não faz de forma culturalmente mineira mas de uma forma artificial e perversa, quer dizer, faz a pessoa sofrer. Então eu acho que essas duas características básicas, não é?... e se você aliar mais uma terceira que é o permanente jogo, mecanismo de defesa para se proteger. Então eu acho que basicamente são essas três coisas: a introspecção, o mecanismo de defesa e a desconfiança.

A característica mais forte, básica, que eu percebo na cidade de Uberlândia é a questão da dupla personalidade. Você aprende a não confiar nele. Você não sabe se ele esta representando ou maquiando algo. Acho que isso é muito mais forte, muito mais significativo.

Ser hospitaleiro é ser bastante receptivo, é ser aberto, é oferecer condições pra que a pessoa se sinta à vontade. E tentar fazer com que o outro aceite aquilo que você está oferecendo. No meu modo de entender não dá pra falar em “povo mineiro”. Acho que dá pra falar em “vários povos mineiros”. Quer dizer, apesar de eu não conhecer objetivamente como se diz, aqui em Uberlândia o povo não é mineiro. Pode-se dizer que aqui é uma outra realidade, menos Minas Gerais, é uma outra característica, é um outro estilo, um outro padrão... Aqui não existe essa questão de ser hospitaleiro. O povo daqui tem uma tendência a ser mais fechado, de ser mais introspectivo, aqui é muito forte o mecanismo de defesa. Não é a toa que nós que somos de fora, durante muito tempo, na instituição (universidade) nós éramos chamados de forasteiros. Quer dizer, a nossa identidade aqui era como se fosse algo de rejeitado pelo fato de você ser de fora. Você não é daqui, você é de fora. Quem é por exemplo, como no meu caso, de beira de mar, então a questão da beira do mar, você é hospitaleiro pela forma como aquele mundo que oferece de desafio e que você sozinho não vai conseguir enfrentar e aí você faz um certo jogo pra criar condições para que o “outro” se sinta bem em seu mundo, que não é o mundo do “outro”. Então eu acho que aqui não é uma realidade hospitaleira, com certeza.

Existe uma expulsão, na verdade nem é expulsão... o de fora...., eu tenho até um depoimento muito rico sobre isso de uma amiga minha, empresária, carioca que ela quando foi montar uma empresa, teve uma pessoa aqui de Uberlândia que foi em São Paulo pra inviabilizar a empresa dela com os fornecedores, quer dizer, existe já uma cultura de tentar derrubar o outro por vias não muito corretas. Então, isso pra mim é uma forma de expulsar... falando numa linguagem mais técnica, é uma maneira de ameaçar o outro “Se você está me ameaçando, eu tenho que te eliminar”. Eu diria que é uma característica muito específica daqui dessa região e não só eu digo isso mas todo mundo que vem de regiões distintas, percebe que aqui é diferente. Nós que convivemos com as pessoas que vêm de outras regiões,

elas comentam que aqui é diferente. Aqui tem uma outra postura, aqui tem uma outra identidade, uma outra dinâmica. As pessoas às vezes usam de mecanismo aqui que não são usados em outras terras, como por exemplo esse comportamento que expus anteriormente.

Em Ouro Preto. Quando estive em Ouro Preto eu tive uma lição de história. Eu senti a história viva, presente. Eu senti a coisa forte, significativa, marcante, quer dizer, eu percebi a diferença brusca e percebi que aquilo lá é que era Minas Gerais. Isso daqui, Uberlândia, é muito menos Minas Gerais. Para você ter uma idéia, essa região daqui tem muito mais vínculos, quer dizer, é um vínculo muito mais forte com São Paulo ou Brasília do que com Belo Horizonte. Em Ouro Preto eu senti Minas Gerais pulsar. Eu votei 200 ou 300 anos na história, e aqui parece que você sente muito menos.

O aspectos positivos, pra não falar só de coisa ruim, eu acho que é uma cidade ambiciosa, é uma cidade que quer ser moderna, uma cidade dinâmica com certeza, entretanto... quando eu falo cidade eu estou falando da sua elite, entretanto, com tudo isso que ela é, ela tem uma postura que é negativa, ou faz a sua negatividade, que ela é conservadora. Eu acho que é isso “prende” a cidade, é isso que faz com que Uberlândia... (é como se você tivesse uma pessoa de 1,90 m e que tivesse medo de jogar basquete ou voleibol... Ela tem tudo pra jogar basquete mas ela tem medo de pular) Então, a “desgraça” de Uberlândia é o medo que ela tem de acompanhar o seu dinamismo. É como se ela quisesse ir pra frente e dois puxassem pra trás. Ela é conservadora, ela “trava”, ela é bloqueada por ela mesma, quer dizer, parece contraditório... parte que ir pra frente e outra puxa...

Eu acho que o que Uberlândia tem pra oferecer ao visitante seja esta sua face moderna, essa sua face menos conservadora, essa sua face menos tradicional. Eu acho que às vezes, a gente não pode querer ter praia numa terra do interior. Não pode querer ter fazenda numa terra de praia. Então eu acho que cada uma tem sua restrição, quer dizer, cada um tem o seu... por exemplo, aqui você tem um clube que se chama Praia Clube, numa terra do sertão, numa terra do interior. Isso é querer artificializar uma realidade que não existe. Quer dizer, acho que é uma coisa assim muito falsa e eu acho que essa dicotomia, essa esquizofrenia social que descaracteriza Uberlândia, porque isso faz com que a pessoa não seja verdadeira, faz com que a pessoa não seja real e não sendo real, não sendo autêntica, você não pode querer ter desenvolvimento de algo que você não tem “lastro” pra fazer.

Se você tem projetos que valorizem a natureza você está descobrindo o potencial que você carrega. Por exemplo, você está valorizando o seu potencial. Você está valorizando o que você tem de melhor. Aí você revaloriza a riqueza que você tem, você tem lastro, você está utilizando a estrutura que a natureza te oferece.

Classe B**Faixa etária: 21 a 40 anos**

Entrevistado: 1B003

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 23

Profissão: Escriturária

Nível de escolaridade: 2º Grau completo

Data:25/10/2005

Uberlândia é a minha cidade, eu nasci aqui, mas acho que não tem muitas oportunidades de trabalho. Eu penso em mudar daqui quando terminar a Faculdade e ir fazer a minha vida numa cidade maior.

Para mim ser mineiro... bom, ser mineiro é ser assim, sossegado, fumar cigarro de palha, falar uai... mas eu não vejo muita gente assim, não, é mais nos filmes. Mas quando eu vou a Brasília ou ao Rio e falo que sou mineiro, todo mundo pede um pão de queijo ou um cigarro de palha e fala uai.

Não sei, acho que não...aqui o povo é apressado, quase não tem casas antigas, as pessoas gostam mais de aparecer. Aqui não parece Minas, parece mais São Paulo, ou Ribeirão... É, acho que parece com Ribeirão Preto, em São Paulo.

Eu? Não sei... Eu sou mineiro, mas se sou típico, não sei. Eu gosto de pão de queijo, adoro Ouro Preto... quero até fazer faculdade lá, mas não sei se é por ser mineiro.

Ah! Uberlandense é muito metido a besta. Olham as pessoas de nariz empinado, valorizam a aparência. As meninas só querem saber dos carinhas que têm carro, são superligados em marcas de roupa... em beleza... Não é só os velhos, não, as meninas também. Elas, principalmente, me irritam, porque são muito fúteis. Quando a gente acha uma menina com uma cabeça melhor é que veio de fora para estudar. Se for de fora e morar aqui há muito tempo já fica metida também.

Com Ribeirão Preto, em São Paulo. Não só a cidade, mas as pessoas, são muito parecidas.

Recebem, como? Se as pessoas se hospedam na casa delas? Ah, isso eu não sei. Sei como eles tratam as pessoas em geral. Mas acho que esse negócio de receber em casa não tem mais nada a ver. Todo mundo trabalha e corre muito, é melhor as pessoas ficarem num hotel. Veja aqui em casa, não tem quarto de hóspedes, mas mesmo assim as pessoas, meus amigos, adoram dormir aqui. Mas normalmente é difícil ficar na casa dos outros.

Eu já falei... bom, qualidades, é que é uma cidade bonita, limpa, clara. Aqui quase não tem poluição... a Faculdade é boa, as escolas são boas. Ruim é o que eu já falei antes, as

peças serem metidas. Além disso, para quem se forma não tem tanta oportunidade de trabalho, não tem lugar de se passear. Aqui não tem coisas culturais. A gente só pode sair para comer. Quando tem show, é muito caro. Mas já melhorou. Antes era pior. Agora tem alguns eventos que a gente curte, como o último festival de rock no Parque do Sabiá.

Acho uma babaquice. Não tem nada a ver separar. A gente não vai deixar de ser mineiro só porque separou, isso é coisa dos políticos, para poupar o ICMS. Se tivesse um plebiscito, eu votaria contra.

Classe C

Faixa etária: 61 anos ou mais

Entrevistado: 1C001

Naturalidade:Uberlândia

Idade aproximada: 65

Profissão: Porteiro

Nível de escolaridade: Primário completo

Data: 07/09/2005

A minha família é natural da cidade de Prata. Meu pai veio pra Uberlândia mais ou menos em 1937/38. Meu pai trabalhava na fazenda e ele veio procurar melhora de vida. Naquela época Uberlândia era muito famoso, tinha uma fama muito grande... porque as outras cidades era muito “fraca” de serviço. Meu pai era “braçal”. Naquela época a gente falava “braçal”, hoje já é diferente... hoje é “serviço geral” né? Ele chegou aqui e encontrou serviço logo, não um emprego fixo, mas um serviço. Meu pai falava que foi muito bem recebido aqui porque aqui ele teve muitas oportunidades. Na época Uberlândia era muito pequeno mas era muito famoso, tinha pouca coisa, inclusive esse rio Uberabinha aqui tinha só duas pontes, inclusive eram de madeira, nem de cimento não eram. A ponte dos Martins e a Ponte do Val. Era o que nós tinha na época. Ônibus coletivo num existia. Radio tinha muito pouco, televisão num existia. Tinha um clube só dos preto... branco eles não gostava que passasse nem na porta. Chamava “Jandsbar” e era na Mello Viana. No Patrimônio aqui também tinha muito preto, ninguém tinha uma ligação muito boa com esse bairro não. As pessoas dos bairros tinha rixa com outros... por exemplo o Tubalina tinha rixa com o Patrimônio, o Martins também... jovens, não é? Juventude... Por exemplo... se o pessoal do Martins vinha passear no Patrimônio, os daqui não aceitava, implicava ... se os daqui iam pra lá também era a mesma coisa. Existia muita rixa entre os bairros... até hoje ainda existe um pouquinho. Só que agora o pessoal civilizou muito né? igualou muito. Mas existia sim muita rixa... se o pessoal do

Patrimônio tava dando uma festa, eles achavam que eles é que estavam mandando... se chegasse um pessoal de outro bairro tinha que ficar muito bonzinho pra não dar briga. Nós sempre moramos no bairro Martins mas o bairro mudou tudo. Naquela época nós não tinha ônibus coletivo, não tinha supermercado, o que existia era armazém. O primeiro supermercado de Uberlândia foi ali em frente o Santa Genoveva (Hospital), tinha aqui o Mercado Municipal que é o mais velho da cidade mas não era supermercado. Depois veio o Alô Brasil, as Casas Uberlândia, o Martins, o Peixoto, que existe até hoje, o Alcon (Arcon) é o mais novo, Granja Resende, que foi começado aqui em Uberlândia, por uma pessoa daqui, nascido aqui e criado aqui... foi criado pelo Alfredo Resende que é filho de Uberlândia mesmo, família tradicional de Uberlândia.

A gente fazia muita visita. Sempre havia visita pra fazer na casa de amigos, de parentes, porque era uma época de pouca diversão, naquela época quase não tinha diversão, tinha, parece que três cinemas aqui em Uberlândia. Era o Cine Éden, o Cine Uberlândia e o Cine Regente. Era os três que tinha. A praça Tubal Vilela que era famosa, lugar onde o povo ia passear muito. Nos domingos era o cinema e a praça Tubal Vilela... tinha aqui em baixo a praça da prefeitura mas o movimento era bem mais pouco. No mês de outubro era muito movimentada a praça da Igreja do Rosário por causa da Festa dos Congo. Ainda é até hoje, só que é muito mais pequeno... não é nem a metade do que era antes. A festa do Congado era muito grande aqui em Uberlândia. Tinha muitos ternos. Todos bairros tinham um terno. Então hoje ta bem mais pequena.

O centro da cidade era bem mais pequeno... A Estação da Mogiana era no centro da cidade. Era uma época assim... de poucas empresas. O serviço em Uberlândia mais era braçal. O pessoal da cidade saía pra roça pra colher arroz (risos). Ia pras fazendas tirar o leite porque era manual. O pessoal morava na cidade mas trabalhava nas fazendas por perto. As vezes ficavam meses... Eu acho que todo mundo que chegava na cidade era bem recebido sim... só que não tinha muito emprego igual tem hoje, nem um terço... As firmas maior que tinha era o Messias Pedreiro, a Algodoeira Santa Maria, o Nego Amâncio... depois a Granja Resende que chegou a dar emprego pra mais de 3000 pessoas nos campos, desmatamento... era muitos caminhões de gente que saía toda manhã.

Ser mineiro pra mim é “bão demais”. Eu acho que não é só pra mim não... Eu acho que todo mineiro tem orgulho de ser mineiro né? Porque nosso Estado produz muito... é muito farturo... as culturas melhor do Brasil estão em Minas Gerais. Acho bom demais principalmente ser mineiro do Triângulo não é? A nossa terra é muito boa de cultura, muito boa de serviço, muito boa de serviço, nós temos de tudo aqui no Triângulo.

Uberlândia é uma cidade muito mineira. Aqui nós estamos bem no meizinho do Triângulo Mineiro. Não gostaria de ser paulista... e nem goiano!!! Nem nortista e nem baiano (risos). Acho que as pessoas se ligam mais com Belo Horizonte. Tem muita empresa de lá aqui. Eu mesmo já trabalhei em uma firma de lá a Empresa de Segurança Arc. O uberlandense pra mim é uma pessoa muito disposta, de muita capacidade... quem criou a Granja Resende? Um homem de Uberlândia. Assim do nada.

Conheço muita cidade grande como Itumbiara, Ituiutaba, uma cidade boa, Uberaba, uma cidade boa mas não tem o que nós temos aqui não. Nenhuma dessas que eu falei. Industria como a Souza Cruz, não tem, uma Granja Resende, uma Granja Planalto, um Martins que é umas empresonas grande... essas empresas tudo vão dar mais de 1000 empregos... Não posso falar nada que não seja bom de Uberlândia porque é a cidade que me deu tudo que eu precisei né? que eu tenho, por exemplo, apesar de ser pouca coisa mas foi tudo tirado daqui.

Eu gostaria muito de ver capital do Triângulo aqui dentro de Uberlândia. Ela já teve pra vir né? Mas eu não ia deixar de ser mineiro... só ia ser mineiro do Triângulo. Eu ia ser o “mineiro-triangulino”. Eu ia acha muito “bão” se a capital fosse aqui mas se escolhessem Uberaba tava “bão” também... vizinho nosso.

Eu gosto muito quando as pessoas vão na minha casa me visitar, mas é raro... eu ofereço um cafezinho com uma coisinha qualquer. O normal.

Classe C

Faixa etária: 41 a 60 anos

Entrevistado: 1C002

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 35

Profissão: doméstica

Nível de escolaridade: primário

Data: 27-10-2005

Eu não gosto muito mais daqui. Antigamente, eu gostava. Mas hoje, com a criminalidade tão alta, eu tomei medo e eu tenho vontade de mudar para uma cidade menor, porque tenho muito medo, por causa dos meus meninos.

O que é ser mineiro? Ichh!!Vixi Maria, uai! O mineiro fala super-errado e isso tem muito preconceito... A gente nunca conhece a praia, nunca foi no mar... O mineiro é muito

amigo um do outro. A gente nunca sabe dizer não, está sempre pronto para ajudar. Mineiro sempre faz essas coisas...

Mais para o não do que para o sim. As cidades menores daqui de Minas são mais mineiras. Uberlândia não é tão mineirinha, porque ela cresceu muito. Antigamente, tinha aquela moda de viola, que hoje não tem mais; a gente não tem mais aquele jeito caipirinha, de falar tanto uai... mudou muito.

Eu falo errado, mas eu não sei dizer, porque eu não tenho contato com paulistas. Mas eu me sinto diferente da minha família de Paracatu, por exemplo: eles acordam às 6 horas da manhã, às 10 horas eles estão almoçando... Até as roupas são diferentes: as minhas tias usam uma calça e uma saia por cima; uma camisa e outra camisa por cima. Minha avó usava uma calça, uma saia e um vestido por cima, mesmo sendo muito quente eles usam esse tanto de roupa. E todos usam chapéu.

Na maioria, eu acho que o povo uberlandense tem muita garra, muita força de vontade. É otimista, acredita que vai melhorar. O uberlandense corre atrás de crescer na vida, de ser alguém.

É difícil responder, porque eu só conheço Paracatu e Goiânia.; Não sei responder.

Eu acho que a gente trata elas muito bem. A gente é muito família, muito mãezona nessa questão. A gente quer sair, passear, mostrar a cidade, quer tudo. Vai lá no shopping, mesmo se for para gastar nada, mas tem que ir. A gente daqui se arruma para ir ao shopping, mas o povo de Goiânia não... eles vão do jeito que estão... O parque do sabiá é cartão postal de Uberlândia e todo mundo que chega você tem que levar lá..

Em Paracatu eles tratam a gente da mesma forma, com muito carinho, com muita atenção. Querem entupir a gente de comida, tem essa coisinhas do mineiro: um queijinho, um docinho. O pessoal de Goiânia, não, eles são mais tipo assim: uma lasanha e vamos pro clube, vamos pro shopping.

O maior problema ultimamente é a violência, assalto, assassinato, o meu maior medo é esse, sem contar as drogas. Eu acho que a área de lazer é muito boa, os cinemas, o shopping daqui são bons. Aqui tem muita área de lazer, como as cachoeiras (Sucupira, por exemplo). Se uma pessoa cai, as pessoas logo vão lá ver se podem ajudar.

Seria bom e ruim. Bom, porque teria mais emprego, pelo dinheiro ficar mais aqui. Seria ruim, porque iria vir muita gente de outra cidade pra cá e lá vem mais violência.

Classe C**Faixa etária: 21 a 40 anos**

Entrevistado: 1C003

Naturalidade: Uberlândia

Idade aproximada: 23

Profissão: Funcionária pública

Nível de escolaridade: 2º grau completo

Data: 10/09/2005

Aqui em Uberlândia é difícil reunir amigos e sair. Quando isso acontece (raramente), eu gosto de ir a barzinho, geralmente na sexta feira. *Shopping* aqui só pra pati (patricinha). A gente gosta de ir num bar aqui perto da UFU, chamado “Esquinão”. A gente tem um círculo de amizade de dentro da universidade mesmo, aniversário ou evento dentro da universidade mesmo. Grande parte das meninas da Letras costumam namorar os rapazes da engenharia. Não sei porque... deve ser porque os blocos são perto. Grande parte das minhas colegas, é raro quando não é, arrumam namorado dentro da universidade. Meus colegas são na maioria de fora, e se eu for fazer um levantamento das pessoas que vêm de fora acredito que infelizmente talvez dê uma média de 50%, mas, assim, da região aqui de Minas. Das minhas colegas, só eu e a Ana Luíza e a Giovana... não...a Giovana é de Vazante... só eu e a Ana Luíza somos de Uberlândia, os outros são todos de fora... o pessoal aqui de Uberlândia não presta vestibular aqui em Uberlândia... eles querem prestar em São Paulo... Acho que é questão de curso... porque oferece variedade de curso... “diplomacia”, “farmácia”, quer dizer, cursos que são oferecidos por faculdades federais... Particular aqui tem mas o pessoal não valoriza, mesmo se você tem condição de pagar e também eu acho que é por uma questão de mercado. Aqui em Uberlândia já se tornou um mercado saturado, acho que pra qualquer área.

Uberlândia é uma cidade boa, uma cidade promissora, ela está crescendo... ela tem alguns aspectos de dificuldade... não tem emprego pra todo mundo, existe muita violência... eu acho que o desenvolvimento tem seus prós e contras, depende dos objetivos que você espera aqui, eu acho que ela é uma cidade promissora que te oferece o que você procura na medida do possível...

Ser mineiro é você nascer em Uberlândia...? Não...não aqui em Uberlândia especificamente... Ser mineiro é você ser de Minas ou você gostar de Minas? Se ser mineira é nascer em Minas eu acredito que eu seja mineira, agora se ser mineiro é gostar... aí acho que é uma questão...mais particular, como é que eu vou dizer...eu sou mineira porque nasci em Minas mas não porque gosto de Minas, é diferente. Não gostaria de ser paulista também não.

Antigamente eu acho que Uberlândia podia ser considerada tipicamente mineira porque ela guardava os nossos traços aqui mas com esse processo modernização, de industrialização tudo... o processo de informação é muito amplo, então, infelizmente o que é de fora sempre vem. Hoje, infelizmente, Uberlândia não é mineira, tem traços e pessoas... tudo ... de outras cidade que estão aqui hoje. Ela deixou de ter, vamos dizer assim, os caracteres específicos dela.

Não me considero mineira, nem tipicamente mineira. É interessante, mas quando você entra em contato com pessoas que são de fora ainda tem aquela coisa de querer se aproximar do outro e pra se aproximar do outro você pega um sotaque, você usa de um gesto, você acaba usando uma gíria, então você perde seus traços de ser tipicamente mineira. Eu acho que o mineiro, mineiro tem uns traços específicos... eu não sei dizer o que seria...mas hoje em dia, infelizmente, o mineiro não é mais tipicamente mineiro. Hoje ele tem o sotaque paulistano, não sei...até mesmo porque ele sai de Uberlândia e quando ele volta, ele largou de ser mineiro porque quando você tem que se sociabilizar você vai tentar se aproximar do outro e pra se aproximar do outro você tem que ser semelhante a ele.

Pra mim a principal característica do uberlandense é que ele é um chato. Não sei porque mas ele não sabe se sociabilizar e ser receptivo com o outro. Se você chegar em São Paulo, apesar da violência e do pessoal ter medo de falar com você acho que o pessoal de lá é mais receptivo... o uberlandense não. O uberlandense infelizmente não é um povo receptivo, ele é um povo frio. A gente não é amigável...às vezes é o próprio individualismo que faz isso. Eu sou uma pessoa muito difícil de fazer amizade... não sou uma pessoa sociável, às vezes sou em questão de circunstância, quando precisa ser mas partindo da minha pessoa...não. Meus amigos reclamam... Aí eu falo: como vocês jogam na nossa cara que a gente não é receptivo? Aí depois a gente vai convivendo e tal... Eu tenho uma amiga de Perdizes aqui perto, não deve dar 100 km daqui de Uberlândia, e ela fala que não entende porque aqui em Uberlândia nós não somos receptivos... Pra ela a cidade é até agradável e ela justifica falando que talvez é porque a Uberlândia é uma cidade universitária, tem gente chegando de tudo quanto é lado, talvez seja por isso mas ela fica sem entender e acha ruim isso. Acho que Uberlândia é grande e cada um toma conta da sua vida... você querer saber do outro... é uma questão pra se pensar mas é difícil...

Movimento separatista? Como assim? Não... não mexe com isso não...(risos) Tadin, deixa o Triângulo aqui...se bem que não estou por dentro desse movimento, nem sabia desse movimento mas separar só porque nós somos, das regiões de Minas, uma grande região, não justifica.

Moradores Recentes (5 anos ou menos)**Classe A****Faixa etária: 61 anos ou mais**

Entrevistado: 2A001

Naturalidade: Monte Carmelo - MG

Idade aproximada: 68

Profissão: comerciante

Nível de escolaridade: Superior completo

Há quanto tempo em Uberlândia: 5 anos

Data: 28/09/2005

Primeiramente, eu me identifiquei muito, eu me identifico muito com Uberlândia, porque eu sou da região. Nós viemos de Monte Carmelo e Uberlândia era uma cidade que eu já me integrava muito bem com ela, com as pessoas, com o comércio de modo que eu não senti muita diferença quando vim pra cá, quando mudei pra cá... minha família se deu muito bem e eu gosto muito de Uberlândia

Conceitualmente mineiro é quem nasce em Minas Gerais, no entanto, mineiro possui uma “aura” de hospitalidade, de ser hospitaleiro, de ser tranqüilo, de sentar na porta da calçada e bater papo, contar sobre a vida do outro, etc etc... eu acho que mineiro é muito mais que isso... mineiro eu vejo como um pessoal progressista, um pessoal trabalhador, e realmente, nós não temos aquela gana, aquela correria de São Paulo, não é? No entanto nós temos outras características que são peculiares a nossa “mineirice” não é?

Eu acho que Uberlândia tem uma influência muito particular com São Paulo. Ela sofre influência de São Paulo... porque... aliás, todo o Triângulo Mineiro sofre essa influência de São Paulo. Se nós formos analisar Minas Gerais, basicamente, ela começa depois da Serra da Saudade, do lado de lá é praticamente Minas Gerais, do lado de cá tem muita influência de São Paulo e até de Goiás também.

É preciso considerar duas coisas... quando eu estou em reuniões em São Paulo, eles me chamam de “mineirinho” pela tranqüilidade, pelas colocações, pelas opiniões tranqüilas, ponderadas e eles me chamam de mineiro, no entanto é preciso considerar as duas coisas. Eu me considero mineiro... eu tenho um pouco de São Paulo mas eu tenho um pouco da “mineirice” também.

Essa pergunta sua, ela até não é difícil de responder, e, em virtude das respostas que eu dei anteriormente, justamente por causa dessa “leva” de São Paulo, dessa proximidade com São Paulo, eu vejo o mineiro uberlandense um pouco diferente do tradicional mineiro, apesar do Sul de Minas ser também bastante próximo do Estado de São Paulo, e, no entanto, não sofreu tanto a influência de São Paulo quanto nós e até porque se você olhar pela história aquele pessoal que vinha de São Paulo e se embrenhava por Goiás, sempre “fazia ponto” aqui em Uberlândia, então eu vejo essa diferença... o uberlandense ele é um pouco mais “solto”, ele é um menos preso à história da sua terra.

Essa pergunta Márcia, ela é interessante porque realmente paira sobre a cidade de Uberlândia a existência de uberlandenses e de uberlandinos. Os uberlandinos são aqueles que vêm de fora. Então muita gente reclama da recepção dos uberlandenses a esse novo pessoal que chega. Eu, como eu te disse, eu sou da região, eu sempre trabalhei aqui, sempre conheci muitas pessoas, eu não tive a menor dificuldade de integração, e nunca senti essa dificuldade com o pessoal de Uberlândia. Nós já moramos aqui em dois prédios e em todos dois nós nos integramos muito bem e não tivemos dificuldade nenhuma. Então eu não posso... eu e minha família não fazemos distinção entre uberlandenses e uberlandinos.

Eu vim de uma cidade pequena, onde as pessoas se conhecem, conhecem os pais, conhece os avós, conhece toda a família e uma cidade maior como Uberlândia, e esse problema está cada dia se agravando, as pessoas vão se distanciando por uma série de fatores. Então quando nós viemos pra cá, nós sentimos não pelo fato de Uberlândia não ser uma cidade que recebe bem mas pelo fato de ser uma cidade grande e as pessoas extremamente ocupadas, chegam e já entrar no elevador, sobe e diz boa tarde ou bom dia... mas isso é por uma questão de ser Uberlândia mas uma questão de ser uma cidade maior. É igualzinho, por exemplo, as casas. Uma casa na cidade pequena, você participa da vizinhança. Numa cidade maior... até por questões de segurança e com o grande problema hoje por falta de segurança, as pessoas se recolhem em suas casas e isso prejudica a convivência entre as pessoas. Mas eu não vejo isso como um problema exclusivo da cidade de Uberlândia, eu vejo isso como um problema de cidade grande... porque quanto maior a cidade, menos integração das pessoas.

Quando eu cheguei aqui eu logo me associei a um clube, eu passei a frequentar um clube, eu mostrei a minha cara também. E tem pessoas que se recolhem então eu não vejo faz parte da pessoa, da personalidade da pessoa ela querer se integrar à comunidade participando de clubes de serviço, participando de reuniões porque quando a pessoa se recolhe ele automaticamente... “quem não é visto... não é lembrado”.

Isso deve ser olhado sob dois aspectos. A separação tem os dois lados, o positivo e o negativo. Eu acho que para o Triângulo Mineiro essa separação seria altamente interessante porque nós temos uma região extremamente rica, altamente proativa, e eu vejo com bastante positivismo. No entanto, para o Estado de Minas Gerais, naturalmente que eles vão perder uma parte, uma parte muito grande, uma parte muito boa do Estado, eu, particularmente, se amanhã houvesse um referendo, eu votaria a favor.

Classe A

Faixa etária: 41 a 60 anos

Entrevistado: 2A002

Naturalidade: São José do Rio Preto

Idade aproximada: 45

Profissão: executivo

Nível de escolaridade: MBA - Administração

Há quanto tempo em Uberlândia: 4 anos

Data:22-09-2005

Inicialmente, eu acho que a cidade de Uberlândia é bem próspera, é uma cidade que se assemelha, assim, até certo ponto, com o ritmo algumas capitais e ainda conserva uma certa tranqüilidade de cidade do interior. Um outro ponto que eu acho sobre a cidade de Uberlândia e acho que é importante destacar é com relação à distribuição de renda. Eu acho que aqui na cidade, é um pouco diferente de outras cidades do mesmo porte que eu conheço. Eu sei que no Brasil a distribuição de renda é totalmente errada, não é bem feita, tudo bem, só que eu vejo aqui em Uberlândia esse problema com um agravante... aqui é pior do que em outros lugares ainda.

Em suma, Uberlândia é uma belíssima cidade pra se viver e eu gosto muito de morar aqui.

Ser mineiro pra mim... eu tenho inclusive parentes que moravam aqui no Triângulo Mineiro, em cidades pequenas, eu convivi desde pequeno com mineiros. Pra mim, mineiro é uma pessoa que conserva tradições, é uma pessoa receptiva, uma pessoa que tem presteza pra atender e ajudar outras pessoas, então, basicamente o meu conceito de ser mineiro é esse.

Não considero Uberlândia uma cidade tipicamente mineira, ao contrário. Eu acho que Uberlândia pelo fato de ser uma cidade onde tem muitos forasteiros não tem nada a ver com a mineiridade, ou seja, as tradições mineiras, aqui, existem muito pouco aqui, não existem com muita freqüência. Uberaba, por exemplo, é uma cidade tão próxima daqui, eu acho que o

sentido de mineiridade, de ser mineiro é muito mais acentuado do que aqui em Uberlândia, justamente por esse fato não é?, por ser uma cidade de forasteiros.

O tema, pra gente falar a verdade, ele se torna até um pouco chato a gente ter que usar a sinceridade de uma modo geral. Eu sei que estou generalizando mas eu acho o uberlandense um pouco arrogante, muito cheio da razão, não são pessoas receptivas, principalmente quando eles percebem que você não é daqui, que é de fora da cidade, então eu acho que existe uma arrogância muito grande dentro dessa cidade.

Eu falei que ela tem o estilo de vida de uma capital mas eu acho que Uberlândia não se parece com nenhuma cidade do interior que eu conheça. Eu acho que Uberlândia tem uma identidade própria. Uberlândia, devido a esse problema de ser basicamente uma cidade que traz muitas oportunidades para outras pessoas de outras partes do país então acho que há muito tempo já deixou a mineiridade, já deixou de ser mineira, então como eu vou dizer? É uma cidade mesclada de culturas, jeitos, modos, e atitudes.

Eu como já viajei muito por outras cidades e continuo viajando, eu posso dizer que aqui em Uberlândia, existe a hospitalidade por interesse. Quando você vem pra trabalhar aqui, você não é bem recebido na cidade e eu falo até como um exemplo próprio porque aconteceu comigo. Eu já estou aqui há 4 anos e quando cheguei na cidade, que eu vim iniciar o trabalho aqui pela empresa, até mesmo colegas e pessoas que eu já conhecia há mais tempo, muitos viraram as costas pra mim, não me deram a ajuda que eu precisava, então eu tive que descobrir praticamente tudo sozinho, eu não tive o apoio de pessoas de dentro da empresa que, como eu já disse, eram pessoas que eu conhecia há muito tempo, então foi muito difícil o início aqui pra mim. Hoje eu me sinto bem mais à vontade na cidade com relação principalmente a essa parte de trabalho, eu conheço praticamente tudo que eu tenho que conhecer, mas eu não tive apoio de pessoas.

Eu acho que Uberlândia é uma cidade próspera, muito próspera por sinal, e com perspectivas muito boas pro futuro, realmente uma cidade que, a meu ver, está se preparando para o futuro, para um crescimento ainda maior do que vem tendo, do que teve até hoje, então eu vejo com muito bons olhos essa qualidade da cidade em pensar no seu futuro. Ela está se arquitetando para o futuro.

Vamos levar pro lado do humor agora... quando você está em cidades como Uberaba, por exemplo, você está saindo de lá e o pessoal vem e pergunta pra você: "Você está indo pra capital?" ou seja, eles falam: "que vontade que tem o povo de Uberlândia, os políticos, de se tornar capital de Estado, separar do Estado de Minas, formar um Estado do Triângulo e ser a capital" então isso já virou "chacota" na região.

Uma coisa eu sempre comentei com meus colegas de empresas durante as nossas reuniões, eu sempre comentei mesmo antes de conhecer Uberlândia, é que era uma cidade que estava muito na mídia. A gente percebe que tem um interesse muito grande em sempre estar na mídia, enfim, no marketing nacional e eu comentava com meus colegas que eu achava isso muito ruim, por sinal, essa atitude, tanto da prefeitura quanto dos políticos da cidade porque o que isso acarreta pra cidade? Eu acho que o aumento da pobreza, porque você tanto fala na cidade de Uberlândia, por exemplo, que uma pessoa lá do nordeste ouve falar tanto na cidade vem pra cidade e ele acha que vai chegar aqui e encontrar o “Eldorado”... então uma coisa que eu sempre comentei com eles e achava isso totalmente errado e via que a cidade estava tendo um crescimento que não estava preparada ainda. Aí quando eu conheci Uberlândia eu vi que a cidade tem uma infraestrutura, mas eu acho que o crescimento que Uberlândia está tendo, acho que as perspectivas são boas mas eu não sei, em um futuro longo, o que seria Uberlândia, o que vai ser, se ela vai ter estrutura pra isso... pra tantas pessoas chegando de fora. Acho, inclusive, que ela deveria sair um pouco da mídia.

Classe A

Faixa etária: 21 a 40 anos

Entrevistado: 2A003

Naturalidade: Itapetinga - BA

Idade aproximada: 32

Profissão: Advogada

Nível de escolaridade: Superior completo

Há quanto tempo em Uberlândia: 7 meses

Data: 30/09/2005

A cidade de Uberlândia é assim meio diferente de outras cidades de Minas Gerais que eu já morei. Eu morei em Jacinto, no vale do Jequitinhonha e morei em Governador Valadares. O povo de Uberlândia tem um jeito diferente do povo de Jacinto e o povo de Governador Valadares não sei se porque eram cidades menores mas, assim... eram mais acolhedores do que o pessoal daqui. O pessoal aqui é mais “na dele”, é mais fechado.

Ser mineiro é ser diferente do baiano. É ter seu jeito peculiar, sua culinária.... Acho interessante que os mineiros tenham “orgulho de ser mineiros”. O baiano... não é que a gente não tenha orgulho, mas a gente não tem essa cultura de idealizar o povo baiano como o mineiro e o mineiro já têm aquela coisa, aquela cultura de se orgulhar. Parece um pouco que eles se acham superiores por serem mineiros.

O uberlandense é um pouco mais introvertido, um pouco mais reservado, mais fechado e é um povo assim...muito vaidoso. Acho que o uberlandense dá muito valor à cultura ao lazer e isso é interessante. É um povo muito preocupado com estética, com beleza também. Eu acho que o uberlandense, por ser uma cidade maior e uma cidade mais evoluída no sentido de que aqui você encontra de tudo, você vê de tudo, você lê de tudo, então talvez estejam sob a influência capitalista, sob o materialismo que....(risos)

Em Valadares eu tive um acolhimento bom demais, e em Jacinto, por ser uma cidade pequena, também foi muito acolhedor. Já aqui, não, foram um pouco frios no começo... depois a gente vai acostumando com o jeito.

Eu não me sinto um uberlandense mas o interessante é que meu irmão da Bahia esteve aqui essa semana e a gente ia levar ele pro *Shopping* pra passear. Aí ele estava indo de chinelas “Havaianas” aí eu perguntei “Você vai pro *Shopping* ‘desse’ jeito? Se fosse em outra cidade, se fosse em Valadares eu não teria me preocupado, mas aqui...”

A fama de Uberlândia era essa mesma. Eu tinha uma colega que ela já conhecia aqui, o marido dela já tinha morado aqui e ela já havia me falado... “lá você não vai encontrar as mesmas coisas daqui” Lá é diferente... Eu estava um pouco sensibilizada... “Você tem que se preparar porque o pessoal lá não é igual o pessoal baiano que quando você chega em casa já chama pra tomar café, já vai pra cozinha... lá não é assim não...é diferente”. O pessoal aqui não te recebe como pessoal da Bahia, como eu estava acostumada.

Classe B

Faixa etária: 61 anos ou mais

Entrevistado: 2B001

Naturalidade: São Paulo

Idade aproximada: 65

Profissão: Costureira

Nível de escolaridade: Colegial completo

Há quanto tempo em Uberlândia: 3 anos

Data: 29/09/2005

Acho a cidade de Uberlândia, bonita, limpa, eu gosto de Uberlândia, mas não estou acostumando pra morar definitivo, não... fico meio em dúvida se vou voltar pra São Paulo, mas eu amo Uberlândia, uma cidade muito bonita. Não me acostumei muito ainda, acho que é porque eu vivi a maior parte da minha vida em São Paulo do que aqui não é? Lá onde eu morava, no Bairro Vila Mariana, era mais movimentado e aqui eu acho uma “fazenda” isso

aqui não é? Então é por isso que eu estranho um pouquinho, porque eu morava em frente à estação do metrô da Vila Mariana... Nossa Senhora! Então isso aqui pra mim é uma “roça”... mas é uma delícia esse bairro... eu adoro.

Eu acho os mineiros um pouquinho de narizinho em pé... vou falar o que é verdade. Eu só conheço mineiro aqui de Uberlândia, de outras cidades não. Eu não identifico aqueles personagens da TV como povo mineiro não.

Acho que Uberlândia é uma cidade tipicamente mineira devido ao pão de queijo que é famoso, a pamonha, essas coisas, então eu identifico sim. A comida eu acho que é mineira...

O uberlandense é educado, bacana. Não tive nenhum problema aqui... fiz grandes amizades aqui, no praia... onde eu vou eu faço amigos... na fisioterapia. As pessoas aqui te recebem muito bem.

Não vejo diferença entre o modo de receber as pessoas entre paulistas e mineiros.

O que eu vou falar dos defeitos de Uberlândia? Não tenho nada pra falar não...

Eu encontrei aqui o que esperava encontrar mesmo, só que eu acho o pessoal da cidade um pouco orgulhoso. Eu vim assim com a finalidade de costurar aqui, mas não gostei do pessoal que costurou comigo não (freguesas). Lógico que o preço de São Paulo é uma coisa e que aqui é muito mais barato. Eu sempre entrava em contato com costureira pra perguntar qual era o preço cobrado aqui. Ah mas o pessoal “chorava” muito, tanto que eu parei minha filha. Ah “chorava” mesmo... e era só rico que costurava comigo. O pessoal parece que vive de “aparência”... tem carro zero mas na hora de pagar por uma costura não tem dinheiro. Parece que “come mortadela e arrotava peru”... é verdade...o pessoal que vem costurar comigo é tudo gente rica mas chegou uma hora que eu falava assim: “ó, pague o que você quiser”...Não devia nem falar isso não é? Mas se eu tenho o meu preço então você tem que pagar o meu preço não é? Eu desisti, bem...

Lá no praia eu não tenho amigas... lá na piscina, quando eu estou fazendo a hidroginástica, tem aquele pessoalzinho e a gente começa a conversar, dia sim dia não a gente se encontra e só fica naquilo. Não posso dizer que são minhas amigas mas são só conhecidas, elas não vem na minha casa e eu não vou na casa delas. Lá em São Paulo eu tinha muitas amigas, viajava muito com elas...Acho que aqui é falta de tempo, cada um tem seus afazeres, então fica difícil...

Classe B**Faixa etária: 41 a 60 anos**

Entrevistado: 2B002

Naturalidade: Ribeirão Preto

Idade aproximada: 45 anos

Profissão: Promotor de eventos

Nível de escolaridade: Superior incompleto

Há quanto tempo em Uberlândia: 5 anos

Data: 07/07/2005

Uberlândia atrai as pessoas pelos negócios, o *business*. É uma cidade que tem características extremamente empreendedoras e adversas do país como por exemplo... os maiores atacadistas em gêneros alimentícios estão em Uberlândia, a fábrica da Cargill, a fábrica da Souza Cruz, grupos como o Grupo Algar... e isso atrai pessoas, empresários com conhecimentos em tecnologia. Porém a receptividade que a gente encontra aqui é diferente de outras cidades por onde eu já passei. Por exemplo, Ribeirão Preto é uma cidade que tem uma característica muito próxima daqui, tem uma renda *per capita* muito maior do que a de Uberlândia e deveria, talvez, ter um comportamento igual ou pior das pessoas que a gente encontra aqui. O que a gente encontra aqui? É que seu vizinho não conversa com você, não faz questão de conversar com você. É mais ou menos o que a gente encontra nos Estados Unidos quando a gente tá lá. Ninguém tá muito aí pra sua vida. Ao contrário de uma cidade como Uberaba, ou uma cidade como Ituiutaba, que vivi e morei, ou mesmo Ribeirão Preto... eu tenho família em Goiânia, que é uma cidade de porte também significativo, e o meu parâmetro que eu usaria como uma cidade que tem uma animosidade com o forasteiro porque eu pego Ribeirão Preto, Uberaba, Ituiutaba e Goiânia e a gente vê uma diferença que as pessoas são muito mais aconchegantes, se preocupam muito mais com você. Não é meter na sua vida mas se preocupam em te apoiar nas suas necessidades, nos seus percalços do dia. A única visão que eu tenho é essa. Agora Uberlândia como negócios, Uberlândia como projeção, Uberlândia como uma cidade de tecnologia, de valor agregado muito alto é indiscutível, porém existe essa questão... não sei explicar muito bem, se é um paradigma do passado que as pessoas estão mantendo e as pessoas que chegaram não tiveram muito jeito pra mudar isso porque faz parte do meio e eu reluto até hoje com essa situação. Engraçado como eu não tenho raízes de família com Uberlândia, eu me separei de um casamento de 25 anos, meus filhos e minha ex-mulher voltaram pra Ribeirão e eu fiquei sozinho em Uberlândia pelo que me atraiu inicialmente, ou seja, os negócios. A meu ver a principal qualidade de Uberlândia seria a qualificação de mão de obra. Uberlândia tem uma característica no

mercado empresarial, não é uma empresa que não tem uma qualificação... eu consigo enxergar que as empresas que não tem qualificação normalmente não ficam em Uberlândia, elas vão pras cidades vizinhas... o que me atrai em Uberlândia, como eu disse, é a oportunidade de negócios, a oportunidade de projeção... porque você não se projeta em Uberlândia, você se projeta nacionalmente, você se projeta em circuito nacional. Eu sempre coloco como observação que enquanto pra **nossa** capital, **nós** temos dois vôos diários e pra São Paulo nós temos oito vôos diários, quer dizer, a nossa identidade está totalmente invertida para um eixo maior que é São Paulo e não pra nossa capital do Estado. E as características das pessoas de lá são diferentes das características do que se vive aqui em Uberlândia.

Ser mineiro é o “trem bão” o “uai”... é ser gente simples, é ser gente honesta, presa à suas características não é? Ser mineiro é o “uai” mesmo... a gente sempre tem... nas minhas viagens, tanto no Brasil quanto fora, a gente sempre brinca que a gente aqui em Minas, a gente é caipira, Minas e Uberlândia, a gente é caipira... quando os outros chamam a gente pra sentar, a gente agacha, quando a gente chama o outro pra conversar a gente fala nós “vamo proseá”. Então vale uma “boa prosa”... então Uberlândia e a região do Triângulo Mineiro, eu colocaria assim, tem muito as características do mineiro mas é um mineiro “qualificado”. Essa é a diferença do Triângulo em relação a Minas.

Dependendo do ponto de vista, se você olhar pro mineiro de Juiz de Fora, Governador Valadares, que são cidades que estão em Minas e do mesmo porte, lá eles não tem as mesmas características da mineiridade daqui, ou seja, o mineiro de lá é diferente do mineiro daqui. Eu diria que a gente aqui é mineiro “triangulino” com desejo se deixar de ser mineiro e passar a ser triangulino porque, primeiro, nós temos uma questão de logística muito propícia em relação ao resto do país, temos uma característica de influências culturais, tanto do Estado de Goiás, quanto do Distrito Federal, como a São Paulo e da própria BH, e do Nordeste, então nós somos aqui um povo com uma miscelânea muito forte que caracteriza o Brasil. Eu diria pra você que nas minhas andanças, nas minhas observâncias, “a gente sempre enxerga a floresta e vê o ipê roxo”... então eu diria pra você que Uberlândia tem algumas características que tem em algumas cidades do Brasil como Curitiba, como em Londrina, Porto Alegre, Campinas, Ribeirão Preto... essas cidades se destacam no cenário mundial e Uberlândia é uma delas porque tem peculiaridades diferentes do Brasil.

A característica do uberlandense é a criatividade. O uberlandense tem uma noção... vamos dizer assim... é como se fosse uma matilha de cachorro... a matilha de cachorro daqui é “empreendedora”... e até por questão não só genética mas também por uma questão... como também... por de fato... a gente vê coisas aqui em Uberlândia... grandes sedes de grandes

negócios de projeção internacional e a sede e o dono, o empreendedor desses negócios, mora em Uberlândia. Isso não quer dizer que ele é nascido em Uberlândia... ele se arraigou a Uberlândia.

Eu me considero hoje, um uberlandense. Talvez pela identidade profissional que é um marco muito forte em mim, e os desafios que Uberlândia colocou na minha vida profissional, marcou e a minha mola propulsora, até então, foi Uberlândia. Eu estava ontem numa reunião onde eu devo assumir alguns negócios em Campinas, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Barretos. Então tudo indica que o escritório que eu devo tocar e a cidade que eu devo morar seria em Ribeirão Preto que tem uma qualidade de vida muito boa etc...Internamente eu estou resistindo em mudar de Uberlândia.

A maioria das pessoas aqui de Uberlândia se identifica com São Paulo porque a maioria dos negócios daqui são fechados em São Paulo. Então é como eu disse pra você, Uberlândia tem uma característica de “business”... quando eu falo pra você em inglês é porque é a palavra falada no mundo empresarial. Eu posso te falar porque no último dia 26 e 27 nós conseguimos reunir quatro países aqui em Uberlândia e conseguimos trazer em torno de 680 autoridades de renome internacional e nacional e ministros do governo, e Uberlândia proporcionou tanto na logística como também proporcionou na segurança o que nenhuma cidade no país hoje proporciona. Nós fizemos no Centro de Convenções que nós temos aqui e eu posso te dizer que por onde eu andei não tem nada...nos Estados Unidos, no Canadá... ou tem tudo semelhante ao que nós temos aqui. Em lugar nenhum, nem em São Paulo ou Rio, tem uma estrutura que a gente pudesse reunir sem preocupação com a segurança com as autoridades internacionais, onde envolveu Polícia Federal, FBI, Policia Italiana, e aqui foi o melhor local pra se fazer isso.

Eu faço coro... se eu não estiver nas primeiras filas, eu gostaria de estar. Eu acho que o Triângulo Mineiro é independente de Minas com certeza e se um dia isso vier a acontecer a “Minas” vai sofrer muito com a perda dessa região porque ela é e será cada vez mais independente. Ela só não é independente por questões políticas, porque por questões econômicas ela não tem nada a ver com o Estado de Minas Gerais. Nós temos uma influência e as pessoas rotulam, nós que moramos aqui na região do Triângulo Mineiro, rotulam não como Minas mas sim como Triângulo. Quer dizer, o país inteiro conhece. E as pessoas que a gente “conquistou” pelo país afora, refere a nós como Triângulo e não como mineiros.

Classe B**Faixa etária: 20 a 40 anos**

Entrevistado: 2B003

Naturalidade: Uberaba

Idade aproximada: 20 anos

Profissão: estudante

Nível de escolaridade: estudante universitária

Ha quanto tempo em Uberlândia – 2 anos

Data: 28/06/2005

Eu acho que a característica principal é que os mineiros são hospitaleiros. Um povo assim meio que com medo, não gostam de receber muita influência de fora, tipo assim, ___”Ah... carioca é isso, paulista é aquilo”... eles não gostam de ser comparados, eles repudiam isso...

Porque o pessoal de Uberlândia.... porque eu moro aqui mas sou de Uberaba, é perto, mas o pessoal lá do interior de Minas, de BH, “pro” lado de lá, eles falam que a gente não é mineiro que nós somos paulistas mas não concordo com isso não... há uma diferença de cultura né... mas esse negócio de comparar não é legal.

Eu moro numa república e convivo com meninas de outros lugares. Uma das meninas mora mais no interior de Minas, num lugar onde eles falam que é Minas mesmo...Ela fala que aqui é muito diferente, até o sotaque e que Uberlândia não é nem um pouco hospitaleiro e isso é a coisa que mais diverge dos outros lugares, uma das características que diverge, não acho... desculpa, eu não quero generalizar, só que o povo de Uberlândia, na minha opinião, (risos) acha que aqui é a capital, entende? E isso não é só eu que estou falando, todo mundo fala, que o povo de Uberlândia não é hospitaleiro, é metido, principalmente com o povo de Uberaba... o pessoal fala....”sabe aquele bairro ali... o Santa Mônica 3”... (fazendo referência a Uberaba ser um bairro de Uberlândia), fica uma rixa, então não são hospitaleiros, sabe, chega aqui, parece que a gente vai tomar o território deles, porque a gente “precisa” deles porque aqui tem Universidade Federal com vários cursos... em Uberaba também tem mas é só medicina então como a gente vem pra cá estudar eles acham que a gente é um povo submisso a eles, entende?

Pra mim, ser hospitaleiro é você ser bem recebido onde você for. Igual quando eu fui pra BH, eu fiquei super surpresa porque as pessoas me trataram super bem, eu fiquei assim perdida, mas as pessoas me trataram super bem, tiveram paciência de me explicar, não tiveram medo, porque ultimamente as pessoas têm. Em Uberaba também, não é porque é a minha cidade mas todo mundo fala, as pessoas... se você pergunta, se você precisa de ajuda eles estão dispostos a ajudar. Acho que aqui talvez porque seja maior não sei mas lá em

Uberaba também e BH nem se fala, então aqui em Uberlândia as pessoas não estão muito dispostas a te ouvir a estar te apoiando, na minha opinião... é o que eu sinto.

Aqui só a comida pode ser considerada mineira mas com sinceridade hospitalidade não tem né? que é uma característica assim, maior. Ou seria, talvez, a superioridade de Minas que eu penso assim...pelo fato de não sermos tão violentos quanto os outros e termos assim, muitas indústrias igualmente a eles porque Uberlândia é um centro aqui de Minas né? é uma cidade considerada uma cidade pólo, a gente tem muitas indústrias, aqui é um lugar bom pra você viver independente da violência é uma cidade bonita, bem organizada, que são características de Minas né...que pertence à região mais desenvolvida do Brasil. O sul também é mas o sudeste é mais industrializado, creio eu. Eu acho que o Estado que teria melhor qualidade vida é o nosso, então, Uberlândia tem muito disso, é uma cidade pras pessoas tocarem a vida. Pras pessoas correrem atrás aqui seria perfeito porque aqui tem “e m p r e g o” mais do que os outros lugares, tem um oferecimento maior... Aqui tem mais emprego porque até agora a política tem sido melhor. Foi o que eu escutei, quer dizer, a cidade está em desenvolvimento então muitas indústrias se instalam aqui, muitas indústrias procuram aqui. Por exemplo, entre Uberlândia e Uberaba muitas indústrias que eram pra ter ido pra Uberaba vieram pra cá porque aqui o oferecimento de subsídios são maiores, então isso promove o emprego, entendeu?

Os aspectos positivos seriam esses, o oferecimento de emprego, a cidade é muito bem estruturada na minha opinião e os negativos seria a falta de hospitalidade mesmo sabe, a gente sente dificuldade de adaptação mesmo.

Aqui o povo é estressado, nervoso, sabe, não posso generalizar, lógico, de jeito nenhum mas é tipo um “ar” assim... ____ “a minha cidade é melhor que a sua... eu sou ‘a pessoa’...entende, eu tenho um *shopping* que é melhor, tem muitas coisas assim pequenas mas que dá pra você ver nitidamente, assim sabe, então a gente sente é... superioridade mesmo sabe... muita gente brigava comigo ____”ah Uberaba depende de Uberlândia”, sabe... umas coisas bobas assim e eu pensava assim: ”Nossa, meu Deus!” como se Uberlândia fosse melhor que Uberaba...em estrutura Uberlândia é melhor mesmo mas em calor humano lá é sem dúvida melhor... lá você chega em qualquer lugar você é bem atendido, as pessoas gostam de mostrar que você é bem vindo naquela cidade. Acho que aqui, a gente depende tanto daqui como uma cidade pólo da região e que eles sabem que a gente depende tanto deles que aqui é o contrário... eles ficam “por cima” e como em Uberaba a gente precisa das pessoas e não temos, a gente é mais hospitaleiro.

Classe C**Faixa etária: 61 anos ou mais**

Entrevistado: 2C001

Naturalidade: Monte Alegre de Minas

Idade aproximada: 66

Profissão: comerciante

Nível de escolaridade: não informou

Há quanto tempo em Uberlândia: 2 anos

Data: 01/10/2005

Uberlândia é uma cidade grande, tem mais serviço, tem mais trabalho, o comércio é mais forte. No meu caso, eu já estou velho, eu não acho emprego mais, eu não tenho emprego fixo, nem nada, mas eu cheguei aqui e encontrei o que fazer. Trabalho como autônomo, então vou levando a vida porque eu ganho o suficiente que dá pra despesa tranquilo, porque se eu estivesse numa cidade pequena eu não estaria desse jeito. No meu caso... quando se é jovem, ainda se pensa muito em vaidade, na noite e tudo o mais, e eu já não estou assim mais, e a gente pensa mais é no trabalho, no ganha pão de cada dia.

Ser mineiro é um privilégio porque Minas é um estado que oferece tudo não é? Oferece tudo que a gente precisa, além de ter um clima muito bom, clima tropical e eu acho que a gente tem um privilégio muito grande de morar em Minas. Eu acho que o povo mineiro é muito passivo, muito calmo

Eu fui recebido muito bem em Uberlândia porque eu fui recebido no meio dos meus familiares. Também por alguns amigos que me receberam bem, apesar de Uberlândia ter uma fama de que o povo é orgulhoso, mas eu não achei tanto assim não, porque pra mim foi muito bom. É diferente um pouco da cidade pequena porque o pessoal da cidade grande, às vezes é cada um pra si, não é? Então enquanto na cidade pequena você tá vivendo muito junto do vizinho, do amigo, na cidade maior você tá morando aqui e tem um vizinho que você nem conhece, que você não sabe nada a respeito dele... então aqui é “cada um pra si e Deus pra todos” não é?

Eu acho que o trânsito é a pior coisa em Uberlândia porque o trânsito em Uberlândia, eu costumo dizer que é um trânsito burro. O motorista em Uberlândia não tem educação, paciência, principalmente quando estou a pé. De carro não tem problema, até vai bem, mas andar a pé em Uberlândia é o caos porque eles não têm o mínimo de educação, então é a pé que você vê que o trânsito de Uberlândia não tem educação. Você não pode andar no passeio, o pessoal faz a sua garagem e não se importa com os “declives” pra quem está andando, pras pessoas mais velhas... ele não é capaz de fazer o declive só pra garagem dele, ele faz no

passeio todo. Eu saio de carro e saio a pé mas eu acho muito mais fácil andar de carro em Uberlândia do que a pé. Porque você está na esquina e quer atravessar a rua, quando você está no meio da faixa e o sinal está vermelho e de repente o sinal fica verde e se você não terminou de atravessar, eles vêm com carro em cima de você e ainda te xinga. Eles não são capazes de esperar... você é que tem que sair correndo.

Lá em Monte Alegre não tem muita opção não. Mais era visitar amigos e alguma festinha familiar, isso aí... Aqui, se a gente quiser tem muita coisa pra fazer, pra ver, apesar de não ser muito aconselhável não porque você já viu né? Uberlândia é uma cidade perigosa, principalmente à noite. Eu vinha muito aqui para ir nesses bailes, mas eu tinha um pouco de medo.

Antes de mudar pra Uberlândia, mesmo morando em Monte Alegre eu trabalhei aqui 16 anos, porque duas ou três vezes por semana eu vinha pra “fazer o Ceasa”. Eu vinha vender e fazer compras aqui no Ceasa. Monte Alegre é como se fosse um bairro em Uberlândia porque se você morasse em São Paulo, você teria que andar isso pra ir trabalhar.

A característica principal do Uberlandense é... primeiro, se você precisa de uma informação se torna difícil. Não sei se você concorda comigo mas o uberlandense mesmo, parece não gosta de informar o que você necessita e muitas vezes eles dão muito descaso, muito descrédito, principalmente pras pessoas que vêm de fora... porque o uberlandense, ele se sente... porque ... acho que eu posso falar, porque eu já moro aqui há dois anos... eles se sentem como se estivessem na capital e o pessoal da região está no interior. Mais ou menos eu acho que eles se sentem assim. Ele se julga que está morando na capital e que ele é da capital, porque, infelizmente, as outras cidades vizinhas são tudo cidadezinhas pequenas, não é? Pelo menos a maioria, com exceção de Ituiutaba, que hoje já é uma cidade maior... Eu me sinto assim.

Eu acho que uns 30% das pessoas que moram aqui é de fora. É estudante, é gente que chegou pra trabalhar, porque pra você ver, só de estudante.... quando chega as férias e eu tenho esse comerciazinho de congelados, quando chega as férias de final de ano você sente que o comércio “cai” porque todo mundo vai embora e o comércio cai.

Eu acho que Uberlândia é uma cidade tipicamente mineira porque tudo que você conhece dentro de Uberlândia, tem tudo de minas... Uai... é a comida, até o lazer, tudo que você vai ver, não foge da característica mineira não, eu acho que não.

O *shopping* é muito bom. Tudo que você quer você encontra lá, tudo aquilo que você precisa, do bom, do melhor, do inferior, todos os níveis não é?. Eu sou muito simples... não

tenho esse negócio de ter que vestir uma roupa diferente pra ir ao *shopping* não... eu sou uma pessoa muito simples.

Classe C

Faixa etária: 41 a 60 anos

Entrevistado: 2C002

Naturalidade: Goiânia

Idade aproximada: 42

Profissão: cabeleireira

Nível de escolaridade: 1º grau completo

Tempo em Uberlândia: 3 anos

Data:20-09-2005

Bom, como eu sou goiana, e acho já passei pelo país inteiro, já passei por várias regiões, o goiano muito acolhedor, muito simples e muito comunicativo e como “eu caí aqui de para quedas”, não é? Eu acho assim que foi uma das piores cidades que eu já passei, entendeu? Em termos, assim, de mineiro, em geral, mais ou menos no geral, porque eu conheço também Uberaba. O mineiro no geral, ele é bem diferente do goiano apesar de que falam, lá na minha terra, de que você tem a impressão que mineiro é muito semelhante à gente, mas não é. Infelizmente não é. Eles não são nem um pouco acolhedor, mas nem um pouco mesmo, sabe? São muito assim de tirar proveito das coisas, até de um bom dia. Eu sofri demais... Todo mundo fala assim: “Quem bebe água de Uberlândia, não sai daqui”... Não... Eu não saí de Uberlândia, porque quando eu cheguei em Uberlândia, eu estava menos zero, eu não tinha condição de sair, então eu tive que batalhar pela comida mesmo...foi muito difícil. Faz três anos que estou aqui e até hoje, não vou falar pra você que eu estou adaptada. Eu sinto assim... que eu não estou na minha casa, que eu não cheguei na minha casa ainda e parece que aqui não é meu lugar, entendeu? Talvez porque eu não consegui amizade, mal consegui... é um ou outro e você pensa que é seu amigo e depois não é mais...Então, apoio mesmo só quando você está morrendo que vem um e te acode... até outro dia eu reclamei com meus vizinhos: “Oh, se um dia eu feder aí, faz o favor de arrombar a porta pra ver se eu morri, né?” Então, quer dizer, assim... preocupar com a vida da gente em outros termos, sim... são fofoqueiros, não admite que aqui é interior mas não passa de interiorzinho, pra mim, na minha cabeça... então, hoje, tá muito difícil de eu me adaptar em Uberlândia. Eu acho, principalmente, em Uberlândia.

Posso falar bobagem? Você sabe porque mineiro começa com “m”? Porque é “merda” também.

Eu acho assim: Uberlândia... ela tem uma sorte muito grande... eu acredito, porque já observei, deve ter mais ou menos, uns 30% de uberlandense aqui em Uberlândia... e é a sorte dela porque senão ela seria um “buraco” com esses 30% de gente só...porque, infelizmente, “o uberlandense... é aquele que come abobrinha e arrota caviar”! E, às vezes, ele come abobrinha roubada do quintal do vizinho. Eu, por exemplo, estou num bairro aqui que é considerado um bairro nobre da cidade e eu sei o que é a nobreza daqui, entendeu? Então, é o seguinte... eu acho o pessoal muito pobre de espírito. Eles acham que é demais mas não sabem nem ser demais. Eu vou te dar um exemplo de como se comporta o uberlandense.É uma coisa difícil de ser analisada mas em Goiânia, existe um dos melhores *shoppings* do país, não é por nada não mas já saiu na revista isto como um dos melhores... é um *shopping* delicioso de você ir, de estar passando um domingo e tal, e aqui o Center *Shopping* pra eles é “Deus no céu” né? Quando eu vim pra cá, eu morei no Cazeca bem encostado ali no Center *Shopping* e o único lugar que eu tinha pra ir era no SESC... olha, só pra você sentir a diferença, você vai no “Flamboiant” no domingo, de boa, e depois você vem aqui. Aqui eu vinha do SESC, de bermudinha, coisa de clube, e passava lá no Center *Shopping* e aquelas cocotinhas, aquelas burguesinhas, que ficam passeando lá, elas ficavam olhando pra mim como se tivessem nojo de mim, como se eu estivesse em um lugar errado...parecia que tinha um baile de “reveillon” ali, você está entendendo? Quer dizer, Goiânia, não... e você não vê uma sacola na mão...você não vê uma loja cheia, só gente passeando mas de salto mesmo, de paetê mesmo, “plumas e paetês”, sabe? Porque, disso eu entendo, porque é minha profissão. Agora, você chega em Goiânia, no “Flamboiant”, todo mundo de bermudinha, de chinelão, cheios de sacolas na mão... quando você vê a pessoa sair, você vê cada carrão...e você vai conversar, é uma pessoa super simples, é um pessoal bacana e que não está querendo aparecer... e aí é a diferença da sociedade uberlandense com a goiana. Bom eu sou goiana nascida e criada... e endividada na minha terra, e aí eu deparo com isso aí e aí tem que ter críticas, não tem como. Tem exceções muito pequenas, mas pequeníssimas mesmo, porque eu acho assim, a maior decepção da gente é que você tem um tipo de vida e você não consegue ser falsa, você é muito sincera e eu deixei de ser tudo isso...e eu deixei de ser tudo isso, brincalhona, bobagenta, porque tudo que eu falo, sabe, ri como se fosse uma piada e leva pra frente como se fosse uma fofoca, eu sofri muito, caí numa depressão muito profunda....se não fossem os vizinhos me acolherem eu teria morrido mesmo...porque eu fiquei muito mal, fui socorrida no UAI (*Unidade de Atendimento Integrado*), eu já tinha tentado ir ao ginecologista, mas... porque a saúde também é uma merda

aqui, né? mas devido à gravidade do meu caso, eu tive uma assistência muito boa... um psiquiatra muito bom...e ele me passou pra psicóloga e, nessa parte, eu estou tendo uma assistência muito boa. Mas eu vou te falar uma coisa, na saúde, se você for procurar outras coisas você não consegue, mas foi porque eu cheguei, eu tive que ser internada no Pronto Socorro e fiquei trancada aqui 15 dias aqui dentro e enquanto uma vizinha não preocupou... todo mundo achava que eu estava até viajando, que viu que eu estava na cama e que eu não dava conta de levantar mais, aí veio todo mundo, quer dizer... é uma coisa que e sua vizinha de porta... eu acho assim que não era pra ter chegado a esse ponto né? porque, isso, na minha terra, não acontece... não estou dizendo que é tudo muito bom... é a natureza do pessoal, uma simplicidade... quem, lá, menos mostra que tem é o que mais tem... aqui não... aqui tem esse povo enfeitado e chora, pede desconto e quando fica devendo não paga mesmo e se você cobrar, perde a amiga e a cliente.

O uberlandense, pra mim, é aquele que come abobrinha roubada de quintal e arrota caviar e se resume nisso! Eles são metidos e não sabem se comportar de acordo com a coisa... não tem cultura. Eu acho que pra você ser chique, ser uma madame, você tem que ter cultura, uma formação pra aquilo, entendeu? E eles não têm.

Eu acredito que Uberlândia mesmo, ele se parece muito com alguma região do sul. Aqueles que acham que nem brasileiros são. Sabe aqueles que lutam e batalham pra pegar o país assim e dividir? Eu acredito que é mais ou menos por aí, porque realmente, eu não estou pondo todo mundo mas estou pondo 99% tá? Porque infelizmente, essa cidade aqui, ela tem uma fama no país... que ela é boa de comércio, que ela é boa disso e que ela é boa daquilo, certo? E pra mim que meu nome é “trabalho” e meu sobrenome é “hora extra”, realmente ela não corresponde em nas... eu passei fome aqui em Uberlândia... quando começavam a fazer o almoço eu ia pra praça pra não sentir o cheiro, porque nenhum prato de comida me ofereciam. Então é um povo assim , totalmente desnaturado... é eles e pronto.

Os uberlandenses não recebem, eles ignoram... vou te dar um exemplo... na mesma semana que cheguei em Uberlândia, e tinha dinheiro pra pagar só um pensionato mas pela experiência de vida que eu tenho como profissional, eu me considero uma excelente profissional, já fui professora... então uma profissional desse nível não deveria ter dificuldade em arrumar emprego, eu peguei um jornalzinho, sentei na praça e ia passando um senhor e eu perguntei pra ele se ele podia me ensinar onde ficava a rua. Ele falou que não sabia, que ele não conhecia Uberlândia. Tinha um outro homem perto e que me disse: “Aquele homem lá, mora no bairro, ele conhece a rua sim e a rua que a senhora está procurando é a segunda pra baixo”...Outro exemplo foi quando eu fui procurar emprego de manicure na “Lílian Galvão”.

Quando cheguei lá, a moça falou que era pra eu deixar o currículo e as referências e nem olhou na minha cara. Aí eu falei que eu queria conversar, que eu queria contar minha história pra essa Lílian, que eu não tinha referências porque estava chegando, até que a moça que estava me atendendo levou o meu recado pra ela. Eu saí de lá chorando porque essa Lílian, eu escutei, mandou falar que ela não tinha tempo a perder e que, sem currículo, não tinha como nem conversar. A única pessoa que me deu oportunidade foi um “travesti”, que tinha vindo de São Paulo... entendeu? Porque se fosse pelos uberlandenses eu teria morrido de fome debaixo de um viaduto qualquer.

Eu acho o movimento separatista ótimo porque assim fica o “cu” num lugar só não é? Porque eu não acredito que Minas é tudo desse jeito... eu já estive em Belo Horizonte... Uberlândia fala muito de Uberaba, Uberaba fala muito de Uberlândia mas vou te contar viu? É a mesma “panela”... A diferença é que aqui tem mais gente que lá então eles aqui falam mais mal de Uberaba do que eles do lado de cá. Vai ser bom dividir também, porque aí eles podem assumir o nome... Gueilândia, Gueiaba e Gueiri.

Quando eu cheguei em Uberlândia, eu já tinha morado em Campo Grande, no Paraná eu acho que Uberlândia é muito parecida com o Paraná e eu detestei o Paraná. Eu achei que vindo pra Uberlândia não seria tão difícil quanto foi porque em 20 anos de “patroa” eu não tive a experiência que tive em 1 mês de trabalho como patroa aqui. Olha, mineiro é preguiçoso, não tem compromisso, é irresponsável e nem tem palavra [...] As vezes eu tenho que entrar num “chat” pra curtir amizade, essas coisas, porque eu nunca saio, eu não tenho amigos aqui. Outro dia eu estava em frente a minha casa e passou uma moça de carro procurando a casa de uma amiga mas que tinha deixado o endereço em casa e só sabia que era perto de uma Igreja. Ela me perguntou se eu conhecia a tal igreja, eu expliquei direitinho, chamei pra entrar e usar o telefone e tal, e a moça ficou muito agradecida. Quando ela ia saindo ela falou assim: “Você não é de Uberlândia não é? Você só pode ser goiana ou paulista, porque mineiro não faz isso...” Você pode ver que quando a gente vai pra uma cidade que você não conhece nada, a gente precisa de informação na rua, você não acha? As pessoas falam: “Olha , não conheço nada aqui...” E poderia ser uma cidade super boa. Uberlândia tem tudo pra ser uma cidade bonita, acolhedora, um espaço maravilhoso porém, é um lixo...O Parque Sabiá por exemplo, seria um cartão postal e viria pessoas de fora só pra conhecer mas é um lixo, fedendo, aqueles animais que são maltratados, a gente morre de medo de fazer uma caminhada lá porque os marginais tomam conta...Essa avenida aqui, a Segismundo Pereira, os canteiros... ninguém faz nada pra ajudar e ainda querem ser “os mais”...

O meu filho casou aqui e eu tive muita dificuldade porque eu pensei... se o povo usa paetê pra ir ao *shopping* e em casamento então? Então eu fui dar uma olhada nas roupas pra alugar pra usar. Menina, mas eu fiquei uma “perua”. Mas como eu is fazer? Eu não queria perder pra ninguém, mas eu vou te falar, tinha pessoas lá que passou longe de ser padrinho e tava numa arrogância, entendeu? Uberlândia é isso.

Classe C

Faixa etária: 20 a 40 anos

Entrevistado: 2C003

Naturalidade: Bom Jesus de Goiás

Idade aproximada: 23 anos

Profissão: Pedreiro

Nível de escolaridade: 1º Grau incompleto

Tempo em Uberlândia: 1 ano

Data: 15/11/2005

Pra mim Uberlândia é tranqüilo. O desenvolvimento ta bom. A primeira impressão foi de uma cidade grande né? Ninguém conhece ninguém e fica todo mundo perdido. Eu me senti perdido pelo tamanho da cidade e por não conhecer ninguém. A partir do momento que você não conhece ninguém o mercado de trabalho não te dá trabalho... você tem que procurar... no meu caso que sou mestre de obras eu tive que começar trabalhando de servente. Trabalhei quarenta e tantos dias de servente. Se eu tenho um trabalho agora é porque comecei como servente

O uberlandense é meio orgulhoso, a realidade é essa. Exalta com pouca coisa. Qualquer coisinha é motivo de exaltação. A maioria, nem todos... tem muitos que é acolhedor pra caramba mas o mineiro em si é muito “exaltivo”, muito orgulhoso, o orgulho estraga muito o mineiro. Não só de Uberlândia mas de outras cidades como Tupaciguara, Araguari também. Na cidade pequena o pessoal é mais acolhedor mas em cidades como Belo Horizonte e Uberlândia, pelo tamanho da cidade, eu não tiro a razão porque se for dar “moral” pra todo mundo não tem lógica só que... não deixa de aproveitar um pouco da situação.

Tudo que gira em torno de Uberlândia, eu já não concordo com Uberlândia ser uma cidade totalmente mineira porque em Uberlândia 40% do total dela é mineiro, o resto não é. Tem muito nordestino, baiano, de todo lado...goiano, então Uberlândia é uma cidade mista, com todas as “raças” que ta aqui dentro.

Uberlandense é orgulhoso, falso pra caramba porque são pessoas que...não estou falando que é todo mundo mas principalmente no mercado de trabalho principalmente pra quem é comerciante... enfim o uberlandense é orgulhoso e com o orgulho vem a falsidade. A pessoa que é orgulhosa e que se exalta com pouca coisa você pode pensar que ele é alguma coisa e não é que ele é alguém e ele não é... concorda?

Nessa parte eu não posso reclamar porque mesmo com a dificuldade de trabalho no começo e não tendo nenhum parente aqui dentro de Uberlândia... pra uma pessoa que chegou e já conseguiu, eu já estou trabalhando...quantas pessoas que chegam e não estão trabalhando...então nessa parte eu fui bem recebido, inclusive pelo reconhecimento do meu trabalho. A cidade pra mim é uma cidade boa. Uberlândia não é uma cidade ruim. Tanto na saúde, no desenvolvimento... falta um pouco de lazer pra classe média baixa. Pra classe alta tem. Eu vou muito no shopping.

Saúde... 70%... não tá totalmente boa mas tem muito recurso. A cidade é limpa, isso a gente tem que ver. Organização eu não posso reclamar. Moro em um bairro tranqüilo. Não posso reclamar da segurança porque tem muita gente que reclama da violência, da segurança, e isso aqui deixa muito a desejar.

O que eu esperava encontrar, eu até me surpreendi porque eu vim porque minha esposa é mineira, daqui de Uberlândia e eu o que eu esperava eu consegui. Eu não posso reclamar, eu sou realista nisso aí. Eu esperava trabalho, saúde, escola e Uberlândia, pra mim, funcionou.

Não é fácil fazer amizade lá no bairro onde moro. Sempre que a gente vê uma ao outro a gente se cumprimenta. Lá na cidade onde morava, você conhece todo mundo. A partir do momento que um fala bem de você todo mundo tá sabendo... se falou mal... tá "sujo". Mas aqui não encontra os horários. Os vizinhos meus, um trabalha numa firma, outros noutra, um sai 4 horas da manhã, outro às 5... eu saio às sete, então... e hora que chega a noite só quero descansar, então...

Uberlândia pra mim não se parece com nenhuma outra porque uma cidade que cresce "desplanejada" não tem condições de parecer com nenhuma outra. Nunca ouvi falar em movimento separatista não.

A cidade onde eu morava (Bom Jesus de Goiás) tem mais ou menos 25.000 habitantes e o pessoal mexe mais é com fazenda, com agricultura. Eu gosto de ir no shopping nos sábados. Se eu faço alguma compra é pros meninos. A gente vai no shopping porque é mais seguro.

Eu tenho 15 funcionários... eu tenho um funcionário daqui que tem um celular de 800 reais. Sabe o que ele é? Servente... agora você me explica...qual a função de uma pessoa sair daqui pra ir pra casa, de roupa...ele foi ali e só trocou de roupa...ele não tomou banho... ele só trocou de roupa, ele saiu daqui bonitinho, com o celular de 800 reais no bolso, pedalando... isso pra mim é orgulho porque eu vou pra casa do jeito que eu to aqui ó. Se eu vou pra casa de bicicleta, de carro ou de moto, porque eu tenho que me preocupar com os outros? Então um ajudante quer ter as coisas melhores do que até o empregador não é?... eu olho muito isso. Eu ainda não mudei (o jeito de ser) e por isso eu sou uma pessoa que ainda não conseguiu se habituar com Uberlândia. Eu não mudei a minha forma de vida... por enquanto (risos). Porque o mineiro, além de tudo isso, ele não tem a coragem pra trabalhar como os que vêm de fora. É por isso que eles perdem o mercado de trabalho. Você vai no mercado de trabalho de Uberlândia, ver os desempregados, 70% é mineiro de Uberlândia... ficam esperando preço, mordomia. Dos 15 funcionários que eu tenho, 5 são mineiros, 4 nordestinos, 4 goianos, tem um da Bahia, tem um do Mato Grosso.

Anexo 3 - Entrevistas com a Prof^ª. Dr^ª Beatriz Ribeiro Soares e com o Prof. Dr. Selmane Felipe Oliveira

Entrevista com a Prof^ª Dr^ª Beatriz Ribeiro Soares

A questão dos forasteiros está muito mais presente em Uberaba do que em Uberlândia. Porque Uberlândia, acho que desenvolve uma atividade urbana desde os anos 40. E dos anos 40 pra cá, o que acontece? É sempre recebendo gente de fora... os nossos prefeitos são de fora... o Virgílio Galassi é de Franca, casou com uma moça rica daqui mas ele fez parte dessa elite e comandou essa elite durante muito tempo. Então, a falta de hospitalidade, a meu ver, é pra quem não tem renda, pra quem não faz parte da força de trabalho mais qualificada. Porque a gente pode olhar, se você fizer um recorte aí de um tempo, só na coluna social, você vai ver isso... os vereadores... são pessoas que vêm de fora... eu tenho um aluno que fez um trabalho na década de 60 a 80, 60% das pessoas tinham vindo de fora... são dados do IBGE, quer dizer, então é essa população que acaba construindo essa cidade. Nós não podemos falar tanto de forasteiro, assim, todos nós somos forasteiros não é? Em algum momento, alguém é forasteiro nessa cidade... que é diferente de Uberaba que tem os geralistas que desde o século XIX, estão lá... “você é família de quem?” “de quem você nasceu”...eu dei aula em Uberaba e eu tinha uma aluna que veio do Rio de Janeiro e o tempo todo, Márcia, ele perguntavam... “de que família você é”, “quem é seu marido” pra ela alugar um imóvel... e ela ficou indignada com aquilo porque ela não era absolutamente nada e eu que aqui em Uberlândia, não existe isso. Você não tem esse sentimento... e você tem a universidade federal que vem gente de fora o tempo todo, em todos os cursos, quando ela se federaliza. Nós estamos localizados numa área muito central, então isso atrai muito... pessoas que vêm de São Paulo, que vêm de Goiás quem vem da Bahia, que vem do Rio de Janeiro...aqui no Instituto (Geografia) eu fui, durante 25 anos, a única nascida em Uberlândia, todos os outros eram nascidos fora... então, hoje, você tem uma geração mais nova de ex-alunos que já nasceram aqui. Então, nesse estudo que eu fiz pra saber qual era o projeto de modernização dessa elite, lógico que eles estão preocupados em construir a cidade e aí você vê que não tem partido político, que não tem...o que interessava era a cidade... e alguns ficam de fora... pessoas que não tem renda, que não se qualificaram, que não se inseriram... eu penso que é mais ou menos isso com relação à cidade. Então quando você me pergunta o que eu penso... eu fico imaginando que tem uma coisa... e

mesmo que vêm de fora... quando eu fiz meu doutorado há dez anos atrás e aí eu quero te falar o tanto que a cidade muda nesses dez anos... eu fiz umas entrevistas com gente de baixa renda, que também vem pra cá e acham que chegam meio que ao “Eldorado”. Um senhor que eu fiz uma entrevista, que foi até meu funcionário que falou... “Olha eu cheguei aqui com uma troca de roupa com 4 filhos nas costas... hoje eu tenho uma casa...meus filhos estão empregados... quer dizer... eu consegui tudo que eu queria.” Eu fiz essas entrevistas, eu tenho funcionários que vêm e conseguem acumular alguma coisa no “mundo deles”... os filhos estão na escola, são atendidos no hospital...as necessidades deles também são completamente diferentes daqueles que compõem a elite ou daqueles que dão sustentáculo a ela, não é? Não tem ninguém que tenha vindo pra cá (na Geografia) que não tenha ficado... talvez um ou outro... inclusive têm alguns que se aposentam e ficam por aqui mesmo não é? Nunca ficou em lugar nenhum... passou por Maringá, passou por São Paulo... agora... é lógico que essa cidade no contexto que eu escrevi há dez anos atrás, você tinha esse imaginário, essa imagem que se construiu dela, era muito mais efetiva... eu acho que essas sucessivas crises econômicas... a cidade também assume um patamar de mais de 500 mil habitantes e com 500 mil habitantes começam a aparecer outros problemas...essa expansão periférica enorme... agora, que eu acho que ela é uma cidade muito fragmentada ela é... muitíssimo fragmentada. Porque o que acontece? Ela cresce pela expansão periférica, “enxuga” o Triângulo Mineiro todo e as pessoas vêm pra cá...então aqui tem uma Estrela do Sul, tem uma Lagoa Formosa, tem um Tiros, um Carmo do Paranaíba, quer dizer, tem mais população de lá aqui do que na própria cidade e se a gente pensar, essas cidades são “a cara” dessa região, então vieram pra cá e vão “se esconder” na periferia. Essa fragmentação é visível pra todos nós. Então a cidade com 300 mil e com 500 mil... não sei se você já percebeu isso mas a cidade mudou de uns 10 anos pra cá e mais ainda de uns 3 anos pra cá... o trânsito, os indicadores de violência... não era nada disso quando eu fiz o trabalho há 10 anos atrás... hoje é a terceira cidade mais violenta de Minas Gerais. Agora a gente tem que lembrar também que isso é tudo “construído” não é Márcia... eu fui dar uma palestra na PUC Minas e eu saí de lá até meio constrangida porque o povo me perguntava... “Você é daquela cidade das 5 empresas? Que 5 empresas são essas? Então eles me falaram... era a Resende, a ABC Algar, Martins, Arcom e tinha uma outra, não sei se era a Peixoto que comandam a cidade... que todos têm carro zero mas que todo mundo tá encalacrado em dívidas... quer dizer você tem que vive um modo de vida específico, agora... a gente não pode deixar de considerar Uberlândia sem pensar nesse contexto regional e daí são as pessoas que vêm das cidades pequenas que acabaram fazendo essa cidade e que ela muda muito nos últimos tempos, no meu entender, ela muda

demais. Nesse contexto ela tem ares de cidade grande mas, ao mesmo tempo, tem ares de cidade pequena. Então essa elite da qual a sua família fez parte, que a minha também fez parte...a família Freitas que também fez parte dessa elite... ela quase desaparece perto desse pessoal todo que vem de fora... é uma universidade que tem 1000 professores que pelo menos 800 são de fora, são esses grupos empresariais que chegam e precisam de técnicos que vêm de fora, são essas grandes empresas que são de capital local e que tem abrangência nacional e eu acho que isso muda... esse conjunto dessa elite muda um pouco não é? Acho complicado você entender isso no seu trabalho mas que são duas ou mais Uberlândias...não é? Acho que é isso que você precisa colocar no seu trabalho, é essa coisa... e essa hospitalidade é pra quem também... é pro turista? Eu viajo muito, eu vou muito pra banca em vários lugares, então o que a gente vê nos aviões... o pessoal elogiando a cidade... todo mundo conhece o Armazém Martins, todo mundo conhece aquela cidade que “aparece na televisão” constantemente... eu tenho um amigo no Ceará que pergunta “o que é que a sua cidade faz que vira e mexe aparece na televisão?” Então são essas coisas que eu acho que é parte daquele projeto daquela elite... de modernização dessa cidade. E aí ela perde pra Uberaba e pra Araxá, que a mulher cobra de você aqui... essa coisa tradicional, que é característica de uma sociedade agrária e a nossa é uma sociedade urbana, industrial... e aí ela tem que criar uma outra cidade mesmo... Lembrome daquela história de “cidade jardim”... de cidade jardim, não tinha nada mas cria esse imaginário, acho então que é isso... essa eficiência dessa elite que tem um pé no campo mas não tem como a de Uberaba que faz questão de mostrar que é. (Falo da entrevista com o Chico Humberto que fala que a elite rural era culturalmente ignorante) Você não fala isso não... pelo contrário, eu acho que essa elite que fazia parte... e que tinha um pé no rural... eram muito “modernizados” não é?

Aqui a gente tinha o solo pobre... tem um livro lindo Márcia “Abrindo os baús” de uma socióloga de BH em que ela mostra a sociedade da mineração e a sociedade da pecuária... então ela mostra a permanência da pecuária... a permanência daquelas grandes parentelas, que vêm e que chegam... e que o mundo gira em torno da propriedade...na mineração o mundo vai ter que girar em torno de uma cidade, de alguma coisa que é moderno. Eu tenho um aluno que fez um trabalho sobre Estrela do Sul e que a mulher que veio pra banca, da USP de São Paulo, disse pra ele que Estrela do Sul já era moderna no século XIX. Então essa sociedade rural como a nossa, ela fica voltada pra ela mesma... só que Uberlândia não tem terra fértil, então como é que você vai fazer... não tinha o cerrado, já ocupado, transformado, nada disso... você tinha o cerrado que não valia nada...meu bisavô tinha 1000 e tantos alqueires e morria um monte de gado... então quer dizer, era preciso se voltar pra

cidade. Aí é preciso criar a “cidade jardim”, o aeroporto, a água... aí você tem algumas figuras interessantes como o Cel José Teófilo Carneiro que inclui Uberabinha naquele momento em que ele trás a estrada de ferro aqui e essa estrada de ferro não liga a nada, ele tem que fazer um outro tipo de ligação e faz a ligação com estradas de rodagem não é? E aí já vira um entreposto comercial, então eu acho que tudo isso vai criando essa sociedade meio que urbana. A população do município já era, na década de 40, mais urbana que rural, tem mais gente na cidade. Então eu acho que tudo isso faz com que a cidade vá investindo, se abrindo, vá se mostrando pra fora não é? E na década de setenta, quando então o cerrado é modificado, vêm essas políticas agrícolas, ela já é um centro regional que disputa com Uberaba. E a universidade federal, não pode esquecer o papel dela na década de 70, que vem todo esse pessoal de fora e acaba mudando um pouco a mentalidade da cidade.

Ah... nesse trabalho aqui tem o número de gente que veio de fora...Tem um outro trabalho que mostra o papel que teve Uberaba no século XIX e que quando chega a estrada de ferro, Uberaba começa a dividir poder, porque Uberaba era tudo isso (o Triângulo inteiro) quando chegam os trilhos Uberaba tem que dividir com Araguari e depois vai ter que dividir com Uberabinha e assim vai dividindo poder...Tem uma outra aluna que fala de Ituiutaba... a ascensão que tinha Ituiutaba até a década de 70 e o que ela perde por conta dessa sociedade agrária que se instala lá...os grandes fazendeiros que não querem que a cidade cresça mais...Chega a Nestlé e a Nestlé modifica as relações de produção e as relações sociais e o que virou Ituiutaba... uma cidade de 88 mil habitantes fora desse circuito de desenvolvimento, fora de rodovias também e aí você tem que lembrar também da rodovia que liga à Brasília.

Eu penso Márcia que a cidade, nos últimos dez anos, acabou perdendo de um lado porque cresce demais e com isso vem um monte de problemas junto. Ela perde porque no início dos anos 90, todos tem água, quase todos têm luz, ruas asfaltadas, criou-se vários conjuntos habitacionais, toda essa coisa e é um “chamariz” pras pessoas que vêm de fora. Me lembro do governo Zaire, quando ele cria o Bairro Tocantins, a quantidade de gente que vinha, não é? Que largava a sua casa, eu mesmo conheço gente que largou casa, com laje, piso e veio embora pra cá, pra morar lá no Canaã...no fim do mundo...porque tinha trabalho. É essa coisa desse imaginário que se criou sobre a cidade, que a cidade tem emprego, que a cidade é muito rica e que a mídia também ajuda, que a mídia acabou ajudando... então eu acho que tem esse contexto, agora... o que falar das famílias antigas com as famílias que chegaram depois... se elas tinham classe e dinheiro, se elas tinham capital e se elas tinham algum tipo de relação, elas foram incluídas. Você não pode falar hoje em um conjunto de famílias tradicionais como tem em Uberaba, não tem mais... porque você olha pelos casamentos que aparecem nos

jornais... é um filho de um professor da universidade que é alemão que casa com a filha de uma cara que é dono de uma empresa... não tem mais essa coisa tão fechada...

O lado histórico... não tem memória, destruiu tudo não ficou nada da cidade... mas também os prédios daquele período (século XIX) eram prédios muito simples, de uma arquitetura muito simples, então “vamos derrubar, não vamos deixar nada pra mostrar” e é em um determinado momento que é aquela lógica do crescimento mesmo... é preciso tirar uma casa do fundinho pra fazer um edifício, não é? e quando a gente não tem nenhuma suntuosidade que é preciso deixar pras gerações futuras, fica tudo mais fácil... eu acho que “história” ela tem, acho que o que falta um pouco é a “memória”, não ficou aquela coisa que ficou registrada.

Eu acho que o movimento separatista vem das elites e eu acho que a gente não tem identidade mesmo é com Minas não é? A gente é muito mais paulista e goiano que mineiro e eu acho que esse movimento aparece em momentos em que o Triângulo Mineiro é deixado de lado e ele é deixado de lado ao longo da sua história toda, não é? Cada vez mais ele é deixado de lado, então esse movimento veio mesmo foi pra criar essa identidade regional de alguém que vive no Triângulo Mineiro.

Eu acho que não é que o dono não tivesse essa visão do que seja patrimônio mas quem ia construir, tinha. Pode ser que alguém que morasse na casa não tinha essa idéia mas quem comprava tinha. A Encol por exemplo, a Simão, todas aquelas empreiteiras, elas não estavam preocupadas em preservar a memória não é? Eu não concordo com o Chico quando ele fala que só tem fazendeiro aqui não... Acho que tem a fazenda sim... mas a fazenda não é o modo de vida... O Alair Martins tem fazenda mas a atividade dele é muito urbana não é? Então essa elite, tem gene também do comércio... Outro dia eu estava conversando com o presidente da Unimed e ele estava me contando que eles se uniram no “grupo dos sete”: a Unimed, a maçonaria, a Sociedade Médica, ABC Algar... são 7 grandes empresas e instituições que estão tentando colocar rastreamento no centro, questão de segurança... como foi em 1959 que eu conto da “Comissão de defesa dos interesses da cidade”... “vamos pensar a cidade... aí não tinha partido político, não tinha ocupação profissional, não tinha nada, entrava médico, entrava engenheiro, entrava deputado de partidos diferentes, não é? Eu acho que é mais ou menos o que eu falo afinal... era um projeto de modernização da cidade mesmo, não é? E aí não dá pra comparar com Uberaba... então essa questão de porque ela ser tão diferente dentro de um contexto tradicional é que é exatamente isso, ela sempre foi voltada pro urbano, ela tem sempre atividades urbanas desde o começo, ela é sempre voltada pro mundo... com Inácio Paes Lemes, com Fernando Vilela, quando eles criam aquela Cia Mineira de Auto Viação

Intermunicipal, quer dizer, eles estão olhando pra fora, eles não estão olhando pra dentro...tem uma coisa que eu falo... “ela nasce sob o signo das estradas de rodagem” pensando num “Brasil pra frente”.... eu acho que é essa cara que ela tem, que ela se destaca. Quando você pergunta qual a característica fundamental do “uberlandense” é do nativo ou do que vem de fora e que “incorpora”... Quando você vem de fora, você larga suas raízes lá e precisa construir outras aqui. Ao construir outras aqui, você constrói meio que um emaranhado com outras raízes e dá uma coisa diferente. Veja meu pai... ele nasceu em Campo Grande, mas é muito mais uberlandense do que minha mãe que nasceu aqui.... é só o registro dele que é de outro lugar...Eu acho que incorpora porque você chega e é bem recebido, você é bem recebido na empresa, você é bem recebido na sociedade médica, você é bem recebido no Camaru, e você faz parte daquilo não é? Eu não vejo até hoje, com esse pessoal mais qualificado, com mais renda, nenhuma exclusão, eu não vejo nenhuma exclusão... Claro, na universidade, os petistas, naquele momento...agora não, não é? Veja o caso da UNITRI, acho que a UNITRI é um bom exemplo pra você dar é que o dono da UNITRI é senador por Minas Gerais... quer dizer, ele veio pra Uberlândia e hoje é senador e no entanto, ele é carioca... então eu acho que é uma coisa meio que meteórica...como que a UNITRI foi sendo incorporada pela cidade... de repente, era melhor que a universidade federal...todas essas universidades que chegam hoje, pra UNIMINAS, o que tem gente de fora que vêm pra cá...e o reitor vem de onde... vem de Patos, da UNITRI, vem do Rio.. só pela lógica dessas universidades, como as pessoas se sobressaem. Eu acho que não tem exclusão por partido político, por nada disso. Acho que é bom você mostrar que mesmo pra baixa renda essas pessoas encontram trabalho e, na medida que encontram trabalho, melhoram de vida. Melhoram de vida e reproduzem o discurso... aquela coisa do Castoriades que acaba sendo um imaginário social quando ele passa pra todos eles.

Uma coisa que eu acho interessante é que ela sempre se pautou na iniciativa privada e na atividade urbana. Quando ela cria o entreposto comercial na década de 30, ela acaba fazendo isso, então era tudo fruto da iniciativa privada, tem a infraestrutura e alguns políticos não é? você não pode se esquecer do Rondon... Acho que você poderia conversar com o Rondon...porque ele é uma pessoa muito importante na construção de tudo isso não é? E quando a gente por exemplo, isso que sai na mídia, quando fala do Alair Martins, desse pessoal que tem aí hoje, que comanda a cidade... você percebe isso não é? Essa abertura, essa hospitalidade aos que vem de fora...

Acho bom você mostrar que está trabalhando também nessa hospitalidade gerada por um grupo social... não dá pra você trabalhar tanto a pessoa que vem lá de Goiás, que vem pra

trabalhar aqui porque aí eu acho que é muito complicado...mas pra esse grupo que vem, que comanda, que dá base pra esse comando da cidade... porque na verdade você tem uma elite que comanda e um conjunto de gente em volta, não é? De jornalistas, de classe média, de intelectuais que acaba consolidando esse discurso não é? Se você quiser ver esse outro lado, faz como eu fiz no meu trabalho... coloca umas falas das pessoas... eu fiz umas entrevistas com alguns professores da universidade e eu acho que eles se acham uberlandenses... tem aquela história dos uberlandenses e dos uberlandinos.

(Tramas de sociabilidade) Essas festas do Uberlândia Clube existem mais no imaginário, as festas do Cajubá... isso não existe mais porque a sociedade também mudou, a sociedade também muda muito, mas os eventos permanecem... o Camaru, a Feniub... aí eu acho interessante você mostrar que a Feniub muda de feira de indústria pra feira de negócios, ela vai acompanhando o tempo todo porque o tempo inteiro essa elite quer acompanhar o que tem de moderno, é o estádio? Vamos fazer um estádio, é o tecnopolo? Vamos fazer um tecnopolo... é a cidade universitária? Vamos fazer uma universidade... mesmo que não tenha nada, vamos construir alguma coisa não é? Se você olhar no jornal, você vai ver que não tem nada daquelas famílias....

Essas redes de sociabilidade de migrantes, por exemplo, quando chegam os gaúchos e criam essas redes de sociabilidade, é muito mais como identificação deles, não é? Ou de nordestinos... eu fui numa banca aqui que fala dessas redes de sociabilidade mais especificamente dos migrantes de Caldas Novas, eles criaram uma rede de sociabilidade entre eles mas a partir de suas necessidades, de moradia, de água, de luz, de exclusão social, eles se juntaram... agora, se for pensar em redes de sociabilidade como aquela antiga... como voluntariado... aqui em Uberlândia você tem hoje muita coisa em termos de voluntariado mas eu acho que isso é abrir demais... ou você trabalha essa coisa dos migrantes que chegam pra ser incluídos na cidade dentro desse conjunto, dessa sociedade uberlandense com mais renda é um caso... estudar a outra, você pode dar alguns exemplos de como que isso entra no imaginário social mas trabalhar as duas, acho muito complicado. Você pode dar umas pistas no final que esse discurso acaba sendo incorporado por todos não é? Mas deixe só umas pistas também... ou você aqui faz essa sociedade que se cria que se abre pra quem vem de fora por esses indicadores da universidade, das empresas e depois você pega esses discursos que a classe trabalhadora mais pobre incorpora, porque eu acho interessante você mostrar que não fica... passa então pra esse imaginário social... ele não é incluído mas ele se inclui, ele acaba se incluindo. Por que tem oportunidade de trabalho, atendimento de saúde, os filhos que podem ser educados, a mulher que isso pra ele basta porque essa é a necessidade dele.

Entrevista com o Prof. Dr. Selmane Felipe de Oliveira

Tem uma discussão interessante que eu levanto no meu livro que é que eu tenho uma postura diferente do livro da Maria Arminda que, no livro dela ela fala que os movimentos de separação do Triângulo e do Sul de Minas não seriam importantes porque Minas seria sinônimo de integração etc, e a minha tese é o contrário da dela. Tanto é importante que em determinado momento um político da região que vira governador de Minas por causa do movimento separatista. Ele não foi eleito. Tanto que quando Rondon Pacheco foi candidato ao Senado, ele não ganhou. Naquele livro azul eu falo muito do Rondon Pacheco exatamente isso, quer dizer, ele inovou em Minas Gerais e se isso foi bom ou não já é outro problema, mas ele inovou quando ele saiu daquela retórica de político mineira e passou pra uma retórica industrial. Quer dizer, esse foi o cara que implementou o CDI em Minas Gerais, que são os distritos industriais. Então isso, gerou um incômodo extraordinário, ele era criticado, os jornais de Minas colocaram nomes pejorativos nele... o “pavão misterioso” eu acho...porque ele foi imposto, e pra BH isso é o fim da picada, quer dizer, de uma região que quer se separar de Minas, e porque que eles não querem que a gente separe? Porque dá muita grana pra eles e por outro lado, pegar um cara desses e impor como governador, pro Estado de Minas, pra Associação comercial de Minas, pra FIEMG isso é o fim da picada, ter que engolir isso. Claro que eles não estavam nem aí pra estratégia do governo pra enfraquecer o sentimento separatista. Então essa contextualização é necessária. Se você não quiser chamar de contexto pra amenizar, você chama de outra coisa.

Dentro da questão do Triângulo, das microrregiões e tal, você pode até, se for o caso, você pode até pegar os mapas que eu utilizei no meu trabalho e acho que isso ajuda.

O critério da escolha das pessoas tem que ficar claro porque de repente, parece que essas pessoas estão dizendo assim “você vai escolher aleatoriamente algumas pessoas que moram na cidade e outras de fora e contrapor essas opiniões que dá isso.” Nesse sentido eu acho problemático... eu acho que você tem que explicar direito e não só “a pessoa tem 80 anos, ela é pobre, rica”, porque você está usando dois parâmetros, que elas estão te dando sugestão que é as pessoas mais antigas e se elas são de Uberlândia ou se elas são de fora. Como você vai chegar nessas pessoas? Como você vai explicar na sua tese em termos de metodologia. A questão toda é que você tem que explicar tudo na metodologia. Você tem que explicar, definir o que você define como classe. Um ponto fundamental é que eles são de fora ou se são uberlandense. Acho que seu entrevistado tem que ter nascido em Uberlândia, porque as pessoas que nasceram em Uberlândia, têm uma visão e as que não nasceram mas moram

aqui em Uberlândia, tem uma outra visão. Então acho que tem que ser três categorias: nascidos, moram há muito tempo e moram recentemente. Porque quando eu falo que nasci em Uberlândia é como se eu tivesse autoridade pra falar e as pessoas que moram há muito tempo, não vão ter isso. Se fosse um cara de Uberaba falando de Uberlândia isso ia dar uma confusão enorme, por causa do bairrismo, etc e na verdade do ponto de vista da ciência, isso é um dado irrelevante se ele nasceu aqui ou não, mas do ponto de vista dele, isso é um dado relevante.

A questão da identidade regional e da hospitalidade está relacionado com em ser mineiro e depois você diluir isso no capítulo vai ser o x da questão.

Dados do IBGE, você pode ir ao escritório do IBGE, inclusive nessa questão da escolha da sua população, talvez eles te auxiliem nisso.. eles devem ter esse mapeamento das pessoas de baixa renda. De repente eles tem um mapa de Uberlândia, colorido, que pode te auxiliar a chegar nos caras pra entrevistar.

Essa coisa da identidade regional já dá uma discussão enorme, essa coisa do entorno da cidade, definir o que é esse entorno, e eu acho que é interessante quando você faz esse mapeamento, porque você tem o mapeamento político, que é a região do Triângulo e Alto Paranaíba, você tem o mapeamento econômico que é por ex o Shopping Center, o SanDiego... e vai dizer assim que Uberlândia está numa localização que envolve não sei quantos quilômetros, corresponde a não sei quantos consumidores com poder aquisitivo tal. Então é essa coisa de definir o que é o entorno, então eu defino o meu entorno político, o meu entorno econômico e defino também o que eu quero e o que eu não quero. Então a partir do meu entorno político e econômico eu defino a minha identidade regional, que ela poderia ser Goiás, um pouquinho do Mato Grosso, Minas, mas o que eu quero é São Paulo. Quer dizer, do ponto de vista econômico tudo bem, vem um pessoal de Catalão fazer compras no Shopping, tudo bem. Mas pra você fazer compras aqui você tem que se comportar como uberlandense. Você pode vir de ônibus mas você vai ter que entrar no Shopping de salto alto porque, nós uberlandenses somos assim. Nós achamos que os paulistanos assim como os novaiorquinos agem dessa maneira. Quer dizer, até pra você vir comprar aqui você vai ter que ser aceito, o que é uma bobagem. Outra coisa, vocês vão embora, porque vocês são feios, vocês vão ter que embora porque vocês são do sul de Goiás. Pra comprar tudo bem mas morar aqui e etc, só se vocês vierem pra cá e incorporarem esse sentimento. Então eu acho que essa discussão do entorno, da definição do que é Uberlândia, como Uberlândia influencia no seu entorno vai depender um pouco... eu acho que a própria discussão da identidade regional vai estar relacionada a isso. Do ponto de vista geográfico, econômico, social e do ponto de vista... o que eu acho mais importante... eu vou chamar de ideológico, que é a coisa do imaginário, do

discurso, que é como as pessoas se vêem. Então por exemplo, em Araxá eles gostam de Uberlândia e odeiam Uberlândia como todo mundo mas uma coisa interessante é que eles acham que aqui em Uberlândia as pessoas são muito bem vestidas. Eles ficam impressionados é que as pessoas vão ao Shopping segunda feira à tarde, de salto alto... eu tenho alunas que só andam de salto alto, de salto muito alto e elas têm 18 anos e se você encontra com elas segunda feira no shopping à tarde elas estão desse jeito! Como se elas estivessem saindo sábado à noite e isso chama a atenção dos Araxaenses, por exemplo, porque elas podem até andar de salto alto mas todo dia não. Isso mostra um pouco essa coisa da identidade. Eu acho que essa coisa da identidade, ela não é tema, ela é problema. Ela não é temática, ela é problemática... quer dizer... não existe uma identidade regional... existe a construção de uma identidade regional. Porque, na verdade, quando você fala de uma construção de uma identidade regional você está admitindo a construção de várias identidades regionais. Eu falei só do ponto de vista geográfico, político, social, ecológico (que não existe) histórico etc e isso não quer dizer que são várias identidades regionais, social, geográfica... porque é pouca ainda. Só econômica tem 400 mil. Por exemplo, a construção de identidade econômica do ponto de vista de Uberlândia é uma, de Uberaba é outra e de Araxá é outra. E dentro de Uberlândia, do ponto de vista de quem é dono do Martins é uma, quem mora no Mansur é outra, apesar de que eles vão querer, ideologicamente, se comportar e defender que são a mesma coisa. Essa incorporação desses valores, é exatamente o que estou te falando, quer dizer, eu tinha um aluno que era negro e a maneira como ele falava pra mim, ele ficava irritadíssimo... “como você fala mal de Uberlândia”...ele se comportava como se fosse dos Martins... quer dizer, numa cidade preconceituosa, que trata mal os migrantes, que trata mal as pessoas... as pessoas se tratam mal aqui... porque elas fingem que conhecem, elas são falsas, elas te dão três beijinhos mas estão te achando horrorosa, estão falando mal do seu carro, falam mal do seu apartamento. Isso existe em qualquer lugar mas qual é a diferença? Em Araxá as pessoas são fechadas, elitistas etc etc... só que essa representação delas, existem lugares pra essa representação.

O que é o máximo da alienação? É quando eu me vejo no espelho e vejo um cara loiro de olho azul, que mora em Berlim. Eu adoro a cidade de Berlim, mas eu não sou alemão e não quero morar lá. Sou latino americano, tenho boca de negro, sangue de índio, a minha pele é assim porque a minha origem é essa e não sou nem melhor nem pior do que ninguém mas eu olho no espelho e vejo um latino americano e assumo isso. Agora, o máximo é quando você não consegue se enxergar. Por isso é que a menina coloca o salto alto e vai pro Shopping e desce em um ponto de ônibus antes do Shopping pra não descer na porta porque ela não quer

mostrar pros outros que ela não mora na periferia, que ela é burguesa, que ela é patricinha, que ela é bonita não sei mais o quê. E isso é uma aberração E ai é o que eu te falo... esse indivíduo que é forasteiro e que incorpora esses valores acaba chegando nessa aberração, ela acaba esquecendo que ele é de fora... mas ele esquece entre aspas mas na verdade ele está sendo “formado” pra isso. Eu posso falar mal de Uberlândia em qualquer lugar porque eu vou explicar porque. Coisa que outras pessoas não tem. Então elas acabam tendo duas posturas, ou ela simplesmente nega e não sabe porque e ela é maltratada ou ela aceita que é o que a maioria das pessoas faz.

Quando você fala de identidade versus hospitalidade, toma muito cuidado com isso porque quando você fala em “versus” você está trabalhando com discursos homogêneos como se existisse só um discurso de identidade, como se existisse só um discurso de hospitalidade e que existisse só uma hospitalidade em Minas, entendeu? Na verdade, procure trabalhar, e isso tem que ficar claro no texto, não como temática mas como problemática mesmo. E mesmo essa coisa de hospitalidade mineira também é um mito... desce lá na rodoviária de BH pra você ver... é o lugar mais perigoso que tem. Que hospitalidade mineira é essa? “Ah mas é marginal...” Marginal não é mineiro não? Quem que é mineiro? O seu pai, a sua tia? Porque construíram uma imagem da família mineira que não existe... aquela coisa do mineiro, de tomar cafezinho... aquilo lá é propagando do Marcus Valério, do Duda Mendonça... inclusive eles vão pegar atores de São Paulo pra fazer aquilo, porque mineiro não é aquilo...você não vai achar aquilo... você construiu um mito... igual a Maria Arminda falou... isso é complicado porque quando você fala alguma coisa os outros falam que você falou porque você é mineira, se você está calada eles falam que você é calada porque é mineira, e se você fala demais eles falam que você fala demais porque é mineira... se você toma posição você tomou posição porque é mineira... se você ficou em cima do muro, é porque você é mineira. Eles lá de São Paulo estão te lendo como mineira assim como você pode ir em Paracatu e tem um cara na porteira que pode estar com “laptop” na mão e aí você fala... “ah ele ta com um palitinho no canto da boca porque é mineiro” quer dizer, você quer lê isso, você já vem com o preconceito de que mineiro é desse jeito. Você tem que tomar cuidado com isso senão você vai procurar aqui em Uberlândia... olha que coisa maluca... você vai eleger o que é ser mineiro, que é um mito mas você vai eleger isso e vai procurar aqui... no campo de futebol, no fogão de minas, no vocabulário, no comportamento, o que é que é ser mineiro, como se existisse uma maneira correta de ser mineiro, que é o cara que torce pro Atlético ou pro Cruzeiro, que gosta do Milton Nascimento, do Paulinho Pedra Azul...o professor Vianey... ele é cruzeirense roxo, ele adora MPB, é músico, é um cara que tem uma visão muito crítica, ele dá aula de antropologia,

vê essa questão cultural, minorias... “ah então ele é mineiro mas o professor Felipe não é não...” O Felipe gosta de Berlim, adora rock, adora Shopping, mas eu sou tão mineiro quanto o Vianey... porque que tem que ter uma hierarquia... eu realmente não suporto Beto Guedes e Paulinho Pedra Azul... prefiro comprar um cd do metálica... então, claro que aí vai existir um mito... político mineiro é autoridade... não existe essa autoridade e aqui em Uberlândia ela é quebrada.

A construção do discurso...nessa construção entra o poder publico, aí entra a elite, você pode não usar o conceito de elite mas eu uso, a Beatriz Soares usa, e a gente fala assim... é a elite uberlandense que ta inventando ta inventando essa imagem, que ta inventando que é periferia o que é centro, o que é ruim, o que é bom...Araxá tinha footing também, mas essa história de footing... passeio pra branco, passeio pra negro, no Cine Uberlândia... lugar pra branco, lugar pra negro, barrar Pelé no Praia... não é que Uberlândia é a única cidade racista mas aqui em Uberlândia você vai ter vários elementos que vão estar contribuindo pra a construção dessa identidade. Aí é a minha tese. A construção dessa identidade tem um interesse econômico por trás. Então você tem a família Algar, a família Martins, vai passar um final de semana na Turquia, em Nova York... essa elite não faz compra no Shopping Paulista, quem faz compra no Shopping Paulista sou eu que sou Zé Mané, quem vai ver show do White Snake no Pacaembu sou eu. Se eles quiserem, eles vão ver o balé não sei das quantas lá em Londres, entendeu? No fundo, você tem a ACS, com regime de escravidão, que rende não sei quantos milhões, só as empresas de celular. Não é por acaso que você tem a construção de um discurso que tenta ser hegemônico, que é esse discurso da separação etc, etc, então acho que esses autores aí devem ser identificados. E aí não vai ser só esse discurso econômico mas isso não quer dizer que não existem outros discursos, outras construções, mas não dá pra negar também, e suas entrevistas estão comprovando isso, que mesmo essas pessoas que não tem esse poder econômico, elas se identificam com isso. Mal e porcamente, quer dizer, a pessoa finge que é burguesa só no sábado à noite. Quem vai no shopping sábado à noite como é o meu caso, ou porque mora no Tibery como eu e precisa comer alguma coisa ou quem não tem outro dia pra ir no shopping. Antigamente, as pessoas falavam que iam à cidade; periferia não era cidade. E pra ir à cidade tinha todo um ritual, eu tenho que ir com uma roupa boa; eu não posso ir como eu fico no bairro, na vila. Pra você participar disso você tem que incorporar essas representações. Aí você passa a representar mesmo... Os meus amigos, por exemplo, tinha o Bar da Mineira que era o melhor bar da cidade... e a gente tinha que descer no ponto da praça... por que eu não podia descer no ponto em frente ao bar? Porque eles vão pensar que a gente veio de ônibus, mas a gente veio mesmo!!... mas eles vão

pensar que a gente é pobre... mas a gente é mesmo !!...aí vem a preocupação... e isso é Uberlândia... outras cidades podem ser também mas em Uberlândia a preocupação é mostrar o que você não é. Essa representação é de tal forma que as pessoas...por exemplo: o menino do Mansur que encontra a garota do Sta Mônica 25 sábado à noite no Shopping, os dois estão fantasiados. No fundo eles sabem que um é do Mansur e o outro é do Sta Mônica mas eles fingem um pro outro e pras outras pessoas. Na verdade, o nível de representação é tamanho que mesmo quando eles viram namorados e vão ao shopping sábado à noite eles agem como se eles não fossem da periferia. Claro que eu chamo de esquizofrenia porque chega num ponto que você está num baile à fantasia. O seu mundo é em função da fantasia, porque você passa trabalhando de segunda a sábado pra ter a grana pra ir ao shopping sábado à noite, então você não vive o seu cotidiano, você vive em função do sábado à noite. E você não se relaciona com as pessoas, você se relaciona com a fantasia delas e você não quer que elas se relacionem com você. Você quer que elas se relacionem com a sua fantasia. E a esquizofrenia tá aí. Chega num ponto em que você fica... tem um nome que o Marx chama... alienação. Essa alienação é quando você não toca na realidade... o que é não tocar na realidade? É o negro que critica o outro por estar tomando sol.

Anexo 4 - Depoimento da Sra Esmeralda de Castro Maia, filha do chefe da Estação Ferroviária de Uberlândia, em 1934

Nós mudamos para Uberlândia, de São Joaquim, hoje da Barra. O trem passageiro passava lá por volta das dez horas e deveria chegar em Uberlândia entre dezoito e trinta, dezenove horas, porém nunca chegava no horário. Havia, na Estação de Uberlândia, o restaurante da Gasparina. O carro restaurante que acompanhava o trem e os carros leitos ficavam em Uberaba. Até Uberaba o trem mantinha mais ou menos o horário, daí para adiante, só Deus sabia o horário que ele chegaria pois, em quase todas as estações, o trem demorava enquanto não vendesse tudo: frutas, bolos, queijos etc. Teve uma ocasião que o trem chegou por volta das nove horas do dia seguinte, quando estaria voltando de Araguari, pois era o mesmo trem que ia e voltava. Vou anexar cópias de fotos da Estação. A primeira foto é a antiga estação que existia quando mudamos para Uberlândia. Tem o papai, o engenheiro da estrada com a família; a segunda, a casa em que morávamos e, a última, a nova estação que construíram ainda quando morávamos aí. Depois, quando não estávamos mais morando em Uberlândia, construíram uma outra estação, creio eu, lá para os lados do curtume do Clarimundo Carneiro.

Quando mudamos para Uberlândia, no pátio da estação, o Cesário Crosara utilizava as áreas de estacionamento de carros (particular e aluguel) das pessoas que iam viajar, colocando arados e outros utensílios agrícolas pintados para secar. Papai tentou, inutilmente, retirá-los de lá mas, infelizmente, não conseguiu. A casa do chefe da estação ficava em frente da pensão dos Capparelli e da moradia, ao lado da pensão, do Elias Simão. No jardim da casa do chefe existiam dois pés de ciprestes que papai mandou cortar e arrumar o jardim. No local ele plantou dois ou três pés de Acácia Régia. Acredito que ainda tem uma delas, na avenida que abriram no lugar da casa. O quintal era grande e tinha muitas frutas: uva, jabuticaba, amora, laranjas etc. Atrás da casa, numa passagem que existia para facilitar a ida das pessoas que iam da cidade para a vila, após as linhas e instalações da estrada de ferro (moravam do lado da vila, os Melasso e a família da Arminda e Lourdes Simão), papai plantou duas enormes paineiras que ficavam lindas quando floriam e o papai colhia as painas quando estavam boas pra não cair nas pessoas que por ali transitavam. Debaxo da paineira, mais perto da casa, papai construiu um jogo de bocha. Na “estação velha”, como a chamávamos, além do restaurante da Gasparina, nos fundos existia uma construção, creio que para depósito, onde

moravam a Gasparina, marido e duas filhas. Do outro lado da linha, beirando o lado da vila, existiam casas de moradia dos funcionários da Mogiana, tais como o auxiliar do chefe, conferentes, manobristas etc. Depois, quando foi construída a nova estação, foram construídas casas melhores para eles e um novo pátio de estacionamento, não pondo ali os arados do Crosara que ficaram na antiga estação que ainda existia, e que servia como depósito de mercadorias chegada ou para embarque. Creio que o seu pai pode contar alguma coisa no tempo em que a estação ficava na antiga localização, pois ele gostava de ficar esperando o trabalho de embarque e desembarque de mercadorias. Nas casas novas para os empregados mais graduados, existia uma das casas que ficava em frente da “Praça do Liceu”, onde morava o engenheiro da estrada e família, na época o Dr. Eládio Junqueira Simões.

Em uma ocasião até mãe com dois filhos (eu), tiveram que atravessar uma ponte provisória entre Uberaba e Uberlândia pois o trem não podia passar, sendo que uma composição ia até perto e as pessoas atravessavam nos trilhos e madeiras que fixavam os mesmos, pra o outro lado e daí pegavam outra composição que estava esperando. Fizemos isso à noite, com os empregados nos guiando pelo caminho, com lanternas. Hoje, acredito que onde era a Estação nova e as moradias para os empregados é onde existe uma avenida e o fórum da cidade. Acredito que tanto o seu pai quanto a tia Maria poderão falar bastante a respeito da Estação nova porque ficava em frente a Pensão dos Capparelli.

Existia um fato muito interessante que ocorria na estrada de ferro e que encantava os viajantes. Entre as estações de Canindé e Aramina (uns diziam que era entre Calafate e Aramina) um casal de gaviões que acompanhava o trem, pois o cozinheiro ficava na janela balançando muchiba de carne e os gaviões vinham pegar (vide fotos que eu tirei da janela do carro restaurante). Quando o trem estava chegando na estação, o cozinheiro deixava as aves pegar a comida. Isto acontecia tanto na ida quanto na volta do trem.

Onde existia as duas paineiras costumávamos, os de casa e os Crosara, brincar de assustar as pessoas colocando lençóis na cabeça e saíamos de trás das árvores assustando os outros. Uberlândia era uma cidade violenta por ocasião em que mudamos para lá. Lembro-me que, certa vez, chegou um sitiante para falar com o genro que trabalhava na oficina dos Crosara. Houve briga entre eles e o genro acabou matando o sogro e o cavalo ficou ao lado do cadáver. Em outra ocasião um passageiro desceu do trem para almoçar no restaurante e tinha uma pessoa aguardando-o pois deixou o carro em que veio bem em frente a nossa casa. Atirou no passageiro e correu pegando o carro e fugindo. Na Av. João Pinheiro sempre havia sinal de sangue de pessoas feridas vindas da vila que vinham para a Santa Casa procurar socorro.

Outra curiosidade que existia era que as pessoas (principalmente as moças) vinham na estação passear. As moças não pagavam ingressos para entrar na Estação mas os homens sim, isto é, fora os que passavam pela roleta. Iam pela manhã e à noite quando o trem não atrasava muito. As moças daquela época, se saíam de manhã (missa), iam com uma roupa, à tarde com outra e à noite com uma terceira ou quarta roupa. Não saíam com a mesma de forma alguma. Também não carregavam pacotes; as lojas mandavam entregar, mesmo os pacotes pequenos. Existia a loja “Cearense” que mandava as peças de tecido para as donas de casa escolherem a que mais fosse do agrado. Quando os alunos da Escola Marista de Uberaba iam a Uberlândia fazer competições esportivas era uma festa. A Estação ficava cheia para vê-los pois saíam em desfile com banda tocando e eram rapazes muito bonitos. As disputas não eram muito amigáveis, sempre ocorriam brigas, principalmente se havia baile. As moças não dançavam com os rapazes de Uberaba e nem de Araguari, o mesmo ocorrendo com os rapazes se vinha alguma moça desses lugares.